

A woman with long, wavy red hair is shown from the back, looking over her shoulder. She is wearing a green, sleeveless, floor-length gown with a sequined bodice and a full skirt. The background is a deep blue night sky filled with stars and nebulae. The title is written in white serif and script fonts across the center.

UMA NOITE
SOB O
Céu

OLGA SALAR



Uma noite sob o céu

Um beijo autorizado nunca valo tanto quanto um beijo roubado.

Guy de Maupassant.

Uma Noite sob o céu

© 2019 Olga Salar.

Primera Edição Novembro 2013

Segunda edição: Fevereiro 2019

Tradução e revisão: Tuyla Maia

Desenho ©Munyxdesign.

www.olgasalar.com

Veneza, dezembro 1738

Baile de natal da corte del Dux

Sou a mulher mais feliz do mundo. Conheci o homem mais charmoso e cortes de Veneza...Meu coração e minha cabeça acelera quando penso nele.

Desde que chegamos na cidade, o pai nos fez ir a todos os bailes que seus amigos fizeram. Esta noite ordenou que eu me arrumasse com esmero, soube que este baile seria mais importante que os anteriores. Na carruagem soube que assistiríamos ao baile que Dux daria no palácio de festas. Nesse momento meu animo caiu por terra, era impossível que não fosse encontrar ali pessoas que eu não desejava ver. Meu desanimo melhorou um pouco quando minha melhor amiga, Isabel, veio ao meu encontro, meu pai, como sempre, nos abandonou quando cruzamos a linha final do salão. Isabel nos informou os últimos mexericos da corte, porém não pude ficar tranquila, sabia que Ruspoli não podia andar longe.

Para afastar-me dele, eu olhei para o salão, foi quando esbarrei com o olhar mais ardente e doce que já vi. Por alguns segundos me perdi naqueles olhos, até que minha mãe e Izabel se deram conta da minha perturbação e eu recuperei o juízo. Minha amiga sorriu quando viu o motivo do meu olhar de fascinação:

— Se chama Matteo Colonna, é marchese de Vurano – Me explicou com um sorriso -. Segundo entendi está buscando uma esposa que possa lhe prover um herdeiro.

— A quem se refere? — Eu perguntei com as bochechas coradas —. E de qualquer maneira sua seleção de palavras foi bastante inapropriada.

—Minhas palavras foram devidamente escolhidas, já sobre a pessoas que me refiro estou segura que você ‘e capaz de saber.

Mamãe não disse nada, fingiu não entender a brincadeira da minha amiga e virou-se para conversar com a baronesa de Lampedusa.

Instantes depois que Izabel nos deixou, o marchese a cercou para solicitar que ela lhe apresentasse a duquesa de Sciascia. Um delicioso tremor que me fraquejou os joelhos, visto que, parecia estar interessado em conhecer minha mãe, dentro de mim sabia que não era ela que queria conhecer, já que não havia deixado de olhar-me desde o nosso primeiro contato visual. Quando o vi caminhar até mim com aquele porte e aquele sorriso, estava a ponto de desmaiar.

Após uma breve conversa cortes, para minha surpresa, se uniu ao meu pai, dançamos juntos, por isso passamos alguns minutos conversando sobre qualquer coisa e praça a ele não tive que dançar com o arrogante do Giuseppe Ruspoli nem uma vez em toda a noite. Já sei que será duca, que ‘e atraente e que sua família ‘e uma das mais influentes de Veneza, meu pai

repetiu isso toda vez que tivemos a m'a sorte de encontrá-lo. Não obstante, não posso evitar sentir medo quando está perto de mim. 'E tão perfeito, tão atento...tão de mentira.

Porem hoje meu pai calmo e me permitiu passear pelo salão sem ter que dançar com cada peça com um pretendente diferente. Estou segura que foi porque Matteo Collona é o marchese de Vurano e está a altura de Guiuseppe Ruspoli, porém isso não me importa. A única coisa que me interessa 'e que estou feliz.

Prólogo

Veneza 1739

Duas mulheres estavam sentadas, uma de frente para a outra, em volta do fogo crepitante da lareira, que as banhava com a cor do fogo dourado que se desprendia das chamas. A mais velha estava entretida em seu trabalho de costura, a menor, tocava seu volumoso ventre, que a julgar pelo tamanho, estava perto de dar à luz.

A casa estava iluminada por dez candelárias de bronze dourado, dividido em cada uma das quinas do salão privado da marchesa¹. O décimo-primeiro estava em cima da mesa em que a donzela havia servido o café que ainda fumeava nas taças, misturando-se com o cheiro das velas de cera de abelha que impregnava na sala.

Nenhuma das duas parecia interessada em tomar a bebida quente. Cada uma estava distraída e si mesma, perdidas em suas próprias preocupações.

Que as duas mulheres eram parentes se adivinhava pelos seus traços. Apenas o tom do cabelo era distinto, dourado o da mãe e caramelo o da filha.

A mais jovem, ao contrário, parecia mais doce e delicada, até demais. Dava a sensação de que estava demais naquele ambiente carregado e fastuoso que impregnava cada polegada daquele quarto.

Seus pés descalços e inchados pela futura maternidade repousavam sobre uma rica almofada em tom azulado que combinava com as espalhafatosas cortinas de damasco que rodeavam o pequeno salão, impedindo desde modo a entrada da luz natural do meio dia banhasse o salão com seu calor saudável. Desde que Constanza havia ficado grávida, o marchese a havia obrigado a viver em uma redoma que não entrava luz do sol nem a fresca brisa da manhã, rodeada por um cárcere de pedra que havia se transformado sua casa.

Um choro abafado, como se viesse de muito longe, tirou a concentração da duchessa² na agulha.

— Mãe, ouviu isso — perguntou Constanza ficando de pé com dificuldade, como se estivesse disposta a buscar lá fora o choro que havia escutado tão perto.

—A criança, esta que chora em seu ventre. É um bom sinal, minha filha — disse como se a coisa não fosse incomum, que alguém que não nasceu fosse ouvido de dentro do ventre materno —. Não tem nada a temer.

— Matteo não gostará. Você sabe que ele faz parte da Ordem de São Marco — comentou a jovem, aflita -. Foram queimadas mulheres por muito menos que isso. Disse ao mesmo tempo que protegia com seus braços seu bebê.

— Não conte nada, Constanza. Se contar a menina perderá seu dom e

estará em grave perigo – explicou Lucrecia levantando-se da poltrona macia —. Ninguém pode saber o que se passou nesse salão. Escuta-me bem, temos que protegê-la, sobre tudo do seu marido.

— Minha filha, mãe – perguntou Constanza, surpreendida pela segurança com que Lucrecia falava do sexo do bebê.

— Sim, sua filha é uma menina – anunciou acariciando com carinho sua barriga -. Creio que deva chama-la Aria. Seu choro é um tanto musical...

—Eu gosto. Havia pensado em chama-la de Lucrecia, porém se prefere Aria, será Aria – concedeu Constanza —. Além do mais, se é uma menina Matteo não vai se opor que eu escolha seu nome. Estou segura de que, se é uma menina, ele não se interessará por ela nem o mínimo. Ele mudou tanto, mãe. —a dor em sua voz não havia passado despercebido por Lucrecia, que a olhava com profunda tristeza por pena de sua única filha e raiva contida pela atitude de seu genro.

Constanza não duvidou da certeza com que sua mãe disse que seria uma menina, havia aprendido desde pequena que ela sempre tinha razão. Quando falava e dava opinião segura, era porque sabia cada uma das palavras que ia pronunciar. Havia sido educada para ser uma perfeita dama e Lucrecia sabia que havia convertido em sua máxima.

— Que o não se interesse por sua filha possa nos favorecer, Constanza. Tem que pensar que é uma menina.

— Eu sei.

— Minha mãe também teve o dom – comentou Lucrecia, pensativa – com toda a certeza Aria terá como ela cabelo vermelho como as chamas e caráter forte e decidido. E esses serão os motivos que devemos nos preocupar. Devemos afastá-la da Ordem...

— Espero que possamos ir embora daqui...Se pudermos fugir de Veneza. Eu gostaria tanto que Aria crescesse em Torello, em Casa.

— Nós faremos, filha, nós iremos. Quando o bebê nascer e você se recompor o suficiente, voltaremos ao nosso lugar. Em apenas algumas semanas poderá estar tranquila e deixar a frieza que se respira nesse maldito palácio. Lá pensaremos o que fazer depois dessa situação. Como conseguir que Matteo te deixe em paz.

— Mãe, ele jamais me deixara partir. Se é uma menina, ele vai querer que eu volte a engravidar até que por fim de a ele o herdeiro que ele tanto almeja.

— Não se preocupe agora com isso. Deve estar tranquila e feliz, eu me encarrego de tudo. Se Matteo quer herdar as posses que não estavam unidas ao título quando seu pai morrerá, terá que fazer o que eu disser, senão eu largarei toda a minha fortuna para sua filha e vou me encarregar que ele nunca seja bem recebido por seu primo Arturo, herdeiro do ducado de Sciascia.

— Não faça, mãe. Se não conseguir dinheiro, vai querer controlar a criança e nunca a deixará viver em paz.

— Isso é o que veremos, Contanza. Isso é o que veremos.

— Espero que não tenhamos que fazer, mãe.

Quinze dias depois

Desde que soube que o bebê que esperava era uma menina, em nenhum momento havia duvidado de Lucrecia, já que todos os bebês da família que choravam antes de nascer haviam sido mulheres, Constanza vivia entre a alegria do que descobriu e o temor a reação do marido, Matteo Colonna, Marchese de Vurano, obcecado em conseguir um herdeiro e um substituto para o caso da criança morrer mais cedo.

Suas palavras a respeito eram frias e distantes, como se estivesse falando de móveis e não de filhos. Depois de tudo que havia lhe custado engravidar e o abordo que havia sofrido há poucas semanas, sabia que a criança que gerava em seu ventre ser uma menina não ajudaria a estabilizar seu maltratado casamento.

Uma união por amor que havia acabado por culpa de uma tão desejada gravidez que nunca chegava ao final feliz. Apesar de tudo, Constanza repousava feliz, Aria seria a alegria que tanto havia precisado em sua vida de

casada.

A marquesa levou um susto quando sentiu uma dolorosa contração na parte debaixo da barriga e nos rins. Fechou os olhos com força e esperou que a dor diminuísse.

Durante os segundos que durou o chicote de dor rezou em silêncio, ainda não era tempo, sua filha tinha que ficar em seu ventre um pouco mais, o necessário para que ela fosse uma criança sã, além da sua alegria ela não desejava mais nada no mundo.

— Não posso resistir mais – se queijou Constanza, esgotada pelo esforço e pelas horas que levava o parto. Havia passado quase um dia inteiro com contrações, mas a criança não decidia nascer.

A parteira saiu em silêncio do quarto enquanto a mão colocava panos frios sobre a testa de sua filha.

O rosto de Lucrecia estava velado por preocupação e cansaço. Já que ela estava as mesmas horas grudada na cabeceira da cama.

Enrichetta reparou que o pai não havia ido ao quarto em nenhum momento perguntar sobre sua mulher ou pelo seu filho e que, na verdade, não o via em nenhum lugar.

O mordomo foi ao seu encontro quando a mulher por fim terminou as escadas:

— O que precisa Enriquetta? – perguntou, visivelmente preocupado

com a saúde de sua senhora.

— Falar como Marchesse. Não tente me impedir, Paolo. É um assunto de vida ou morte – exigiu a velha.

— O Marchesse está ocupado – contestou seco o mordomo, que como organizador do palácio, conhecia com perfeição a tarefa que mantinha seu senhor longe da sua esposa.

A biblioteca estava fechada e ao passar em frente a ela para aproximar-se das escadas e cortar o caminho da parteira, tinha ouvido inequívocos sons, que lhe davam uma ideia bastante acertada do que fazia o senhor Marchesse nesse instante. Nem sequer a presença da sua sogra, a duquesa, que havia deixado seu decrépito marido para assistir e acompanhar sua filha na reta final de sua gravidez, tinha conseguido que ele controlasse sua luxúria, e o seu desejo doentio de conseguir um herdeiro custe o que custar.

— Com toda probabilidade tem que escolher entre a vida da marquesa e a do bebê, o melhor será que lhe deixe saber o que está acontecendo, isso é grave – explicou a boa mulher levantando a voz, demasiada alterada pelo que estava acontecendo no quarto que acabava de sair.

A marquesa levava muitas horas de parto e estava tão esgotada que quase não podia manter os olhos abertos, quando finalmente o bebê precisava das forças de sua mãe para vir ao mundo, esta seria incapaz de encontrá-las e lhe empurrar.

A porta da biblioteca se abriu enquanto Enriqueta e o mordomo permaneciam no último degrau: a mulher preocupada com o curso dos acontecimentos, e o homem trêmulo sob a perspectiva de atrapalhar seu senhor ou perder sua senhora.

— Por que tanto grito? Perguntou o homem desalinhado que havia saído da biblioteca, ainda abotoando a camisa e descalço.

— Senhor marchesse, Enriqueta precisa falar com você – anunciou o mordomo com os pulsos serrados e com a formalidade devida ao marchese.

— Já nasceu meu filho? Perguntou, impaciente.

— Não, a marquesa está muito debilitada, é possível que não se possa fazer sem ajuda. Precisamos de um médico – explicou a parteira.

— Faça o que puder pelo meu filho, se é um menino precisa nascer perfeito. Se não for, de prioridade a mãe, que terá de me dar o herdeiro que preciso. Fui bem claro?

— Mas senhor marchesse...Isso não podemos saber até que... — protestou a mulher

— Que nada se atreva a me atrapalhar até que tenha nascido meu filho! Ou pagará muito caro! – exigiu ao mordomo e virou-se a Enriqueta – Se quer que a Ordem continue sega com suas qualidades curativas, deixa-me em paz mulher. – Enfurecido deu a volta e voltou a entrar na biblioteca fechando a porta com chave.

Necessitava de um herdeiro para o marquesado. Constanza teria que dá-lo, custasse o que custasse.

Não havia outra possibilidade, poderia alguma de suas mulheres lhe dar um menino, porém a Ordem jamais aceitaria um bastardo em suas filas. Era sua legítima esposa a encarregada de dar-lhe um herdeiro, havia jurado isso diante de Deus e teria que cumprir sua promessa.

Algumas horas depois o mordomo chamou com suavidade a porta da biblioteca, preocupado com a reação do seu senhor ao saber a notícia que o traria. A voz bêbada do marchese o mandou entrar.

— Já nasceu meu filho? Perguntou servindo-se de outra taça de conhaque. Não havia rastro da criada que horas antes estava trancada com ele naquele mesmo lugar, mas pelo cheiro repugnante era sinal que ele não estava errado com suas conjunturas.

— Sim, senhor. É uma menina, senhor – anunciou o mordomo, se escondendo atrás de uma máscara de indiferença, e parecer que lhe dava uma boa notícia. Esse homem não merecia nada do que desejava, a signora era boa demais para a maneira que era tratada pelo marchese.

Matteo se perguntou se o que se via no fundo dos olhos de Paolo era um brilho triunfal ante sua derrota, porém descartou a ideia ao recordar que seu mordomo era quase mecânico, havia sido educado para ser serviçal e não para pensar ou opinar. *Devo ter imaginado*, disse a ele mesmo.

— Minha esposa ainda vive? – perguntou de repente mais interessado na resposta do que no álcool.

— Sim, senhor. Está fraca, mas Enriquetta disse que ela sobreviverá.

— Bem, assim poderá me dar de uma vez meu herdeiro – murmurou para si e afirmou em voz alta -. Pode sair Paolo, já está tudo terminado por hoje.

— Sim, senhor.

O servente saiu fazendo uma estudada reverência e trancou a porta atrás de si com cuidado. Matteo, levou a taça concentrado aos seus lábios, mas no último instante, pensou melhor e decidiu descarregar seu mau humor sobre ela. Com toda frustração e a raiva que sentia a lançou contra a parede da casa.

Para maior desgraça do marchesse seu ataque de ira não conseguiu solucionar seus problemas, seu filho nascido seguia sendo uma menina. O destino continuava negando-lhe o herdeiro que ele tanto desejava.

Capítulo 1

Torcello, 1758.

— Nobilodonna³, sua avó está te procurando desde manhã quando chegou para tomar café e você havia partido – avisou uma jovem criada ao cruzar com ela no pátio.

— Eu estava lendo um pouco no jardim, onde está minha avó? – perguntou Aria desviar o olhar o caminho que ansiava recorrer.

— No seu gabinete.

Nesse instante teria algo importante para fazer e sabia que sua avó não a repreenderia por fazê-la esperar um pouco mais. Na verdade, sua avó te permitia quase qualquer coisa que quisesse fazer.

— Pode dizer a ela que vou falar com Leo e depois vou vê-la? Será apenas um momento. Preciso dizer-lhe que Cloris manca um pouco.

— Sim eu digo, nabildonna.

— Aria.

A jovem donzela sorriu com timidez.

— Como quiser, Aria.

Aria escondeu o sorriso e seguiu seu caminho pelos estábulos.

Quase desde o seu nascimento ela havia vivido com sua avó nas

propriedades da duquesa viúva em Torcello. Ali, Aria havia crescido rodeada de gente que a protegia e a mimava, alheia e ignorante as intrigas dos nobres, que dirigiam o Dux e se desenvolviam em Veneza, marcando com eles o caminho dos que estavam abaixo deles.

Sem conhecer o destino que seu pai lhe avia imposto.

O marchese era mais um entre os nobres que dirigiam a república. E que, precisando, não hesitaria a possibilidade de usá-la como peão para conseguir seus fins.

Feliz com sua ignorância foi em busca de Leo. Desde que Leonardo havia aparecido quando ela tinha oito anos e ele onze, para servir a casa de sua avó, esse caminho era o habitual para Aria a cada manhã. E por muito que se tivesse empenhado em evitá-lo nesse dia, refugiando-se nos livros e no jardim, no final não pode resistir a tomá-lo de novo. A tentação de comprovar se algo havia mudado era maior que seu desejo de manter-se afastada.

À medida que se aproximava dos estábulos, ele estava consciente, pela primeira vez, de que não havia forma de se opor ao que sentia por ele.

Atravessou a porta cruzando os dedos para que dessa vez fosse diferente, para que ele por fim a notasse e deixasse de vê-la como uma importuna e desocupada nobre que passava o dia pegada em suas botas, pendente em cada um dos seus movimentos. Quem sabe era só questão de tempo, talvez as coisas mudariam algum dia e a amizade que haviam

compartilhado quando mais jovens voltaria a renascer.

Não o bastante, antes de ver Leo, deveria cumprir uma tarefa diária com seu amigo Tomaso. Com toda certeza o velho estaria mais surpreso ainda que não tivesse ido buscá-lo. Mas era praticamente impossível buscar Tomaso e não encontrar com Leo nos estábulos. Se sentiu culpada por ter descuidado e apressou o passo, picada por sua má consciência.

Quando entrou no quarto onde trabalha Tomaso, se relaxou por instinto. O cheiro de feno e o couro das montarias a tranquilizam como um bálsamo. O velho criado a recebeu sorrindo quando cruzou a porta do estabulo.

— Bom dia, nobilodonna, hoje se pregaram os lençóis. — O sorriso desdentado do velho moço do estabulo lhe sorriu em resposta.

— A verdade é que estive pensando em não vir — confessou com a coluna e a cabeça erguida — ainda que tivesse te procurado igual, Tomaso. De todo modo, desculpe por ter demorado muito.

O velho mudou o gesto risonho por uma genuína preocupação.

— O dia em que você não vier, eu morrerei de dor nos ossos, não de esse susto ao meu pobre coração — a pediu com os olhos brilhantes por alguma emoção que Aria não soube identificar, gratidão, talvez.

— Tem razão, Tomaso, sempre virei por ti. Por mais que me irrite com Leo, sempre te acudirei. Foi muita desconsideração vir tão tarde. Ainda mais

porque no final renunciei e aqui estou – disse sorrindo – senta-se, por favor, Tom.

— Obrigado, nobildonna. Se não fosse por suas incríveis mãos e seu grande coração...E quanto ao rapaz, é muito cabeça dura para ver só o que quer ver. Estou certo de que acabará por abrir os olhos.

— O que quer dizer, Tom?

— Nada. Nada de nada, sou velho e as vezes falo coisas sem sentido. – Se justificou evitando olhá-la nos olhos.

Aria o observou desconfiada, mas não continuou perguntando sobre o assunto. O resto de Tom se contraiu quando um espasmo de dor se abriu caminho em seu veterano corpo com uma violência extrema que ela conhecia bem.

— Não contou a ninguém nosso segredo, não é verdade, Tom? Perguntou com intenção de fazê-lo irritar e esquecer do sofrimento que o dilacerava.

— Claro que não, sou um pobre criado, mas sou um homem de honra. Jamais a traição. Isso é tão certo como o céu é azul e seu cabelo vermelho.

— Tem razão, Tomaso, te peço desculpas. Não deveria nem mesmo ter pensado nisso – disse enquanto posava com suavidade suas mãos sobre seus ombros encurvados.

O homem suspirou com alívio ao sentir o calor das mãos da jovem

sobre ele. O calor de suas mãos atravessou o tecido de sua camisa, ao mesmo tempo que a dor que o manteria paralisado a maior parte do tempo sumia. Seu rosto abandonou a expressão dura e se relaxou, mostrando a serenidade ao saber que mal-estar tinha passado.

Haviam passado vários segundos em que parecia que não ia responder ao pedido de desculpa da jovem até que por fim falou:

— Você não deve pedir desculpas, nobildonna. Você é um anjo de deus e nunca poderei pagar-lhe tudo que faz por mim.

Aria riu pelo paradoxo escondido no comentário de Tomaso.

— Alguns me taxariam de bruxa em vez de anjo – disse sorrindo apesar de ter consciência que tinha verdade em suas palavras-. Me alegra que você não é um deles.

— Só os tolos. Só os tolos. – Se controlou a língua para não dizer os *tolos como seu pai*.

—E isso não ajuda muito – disse correndo os dedos entre uma mecha ondulada de seu cabelo vermelho.

— Seu cabelo, nobildonna, é a coisa mais bonita que esses cansados olhos já viram. E acredite que esses pobres olhos já viram mais do que tivesse querido. — A voz de Tomasso de repente soou solene e seria, refletindo com ela os anos que pesavam sobre seus ombros.

Aria se agachou sobre o velho moço do estabulo e o deu um suave

beijo no alto de sua grisalha cabeça.

— Tenho que ir, Tom. Mas prometo vir amanhã mais cedo – lhe disse sorrindo.

— Quando puder, minha menina. Eu estarei aqui quando vier. E acrescentou em tom confidencial -. Não está muito de bom humor, será melhor que a avise que vai entrar em seus domínios.

— Obrigada pelo aviso, Tomaso, mas não penso em desistir.

Uma gargalhada brotou do peito do homem.

— Com esses cabelos, era impossível que não fosse obstinada e decidida – lhe disse atrevendo-se a ela porque estavam sozinhos e ninguém podia repreendê-lo por tomar tanta confiança com a marquesinha.

— Guarda-me este segredo, Tom. Enquanto pensarem que sou uma doce donzela, sempre contarei com a vantagem da surpresa – lhe pediu rindo, ao tempo que entrava nos estábulos procurando por Leo.

Enquanto o velho gargalhava com a piadas de Aria, a doce jovem não só curava suas dores físicas, mas também alegrava seu coração.

Quando Aria chegou até Leo, ele estava escovando os pelos de um dos cavalos da duquesa, estava inclinado sobre o animal como se estivesse falando baixinho, enquanto acariciava o lombo dele.

Ela parou na entrada, observando-o a prazer, já que ele ainda não havia dado conta de sua presença. Leo parecia muito mais relaxado com os cavalos

do que quando estava com ela, ainda mais porque quando Aria estava por perto, seu rosto adotava uma expressão indiferente e apenas lhe dirigia a palavra, ao menos era assim desde que sua amizade esfriara. Quando ele decidiu pelos dois, quando pode comprovar o que era capaz de fazer e se afastou dela para sempre.

O cabelo loiro de Leo se enrolava até a nuca devido ao calor do sol que se infiltrava pelas tabuas de madeira do estabulo. Sua camisa branca, ainda que desgastada pelo uso, se via imaculada. A levava enrolada nos braços que deixava descoberto com a pele bronzeada e firmes antebraços. O suspiro de admiração que escapou dos lábios da jovem entregou sua presença. No instante que cruzou com os olhos verdes de Leo cravados com o dela.

— Aria – disse como se custasse um mundo pronunciar seu nome —. Achei que não viria hoje.

—Eu também – confessou

Dias atrás visitava a Tomasso e Leo nos estábulos e recebia o mesmo: o carinho e agradecimento de um e indiferença e desdém do outro.

— Seria o melhor para si. – Deu a volta e continuou escovando o cavalo—. Não é apropriado que venha aqui. Já devia saber.

— Sei de muitas coisas, mas desconheço as que mais me importam.

Ele girou a cabeça, surpreendido pela veemência com que ela contestou.

v Nesse caso procura a Frey Manuel. Estou certo de que ele ficará encantado em satisfazer sua sede de conhecimento – comentou antes de voltar ao trabalho.

— Por que me despreza? Por que não quer que voltemos a ser amigos? Nei sequer sei a razão porque deixamos de ser.

Esta vez a surpresa foi muito mais intensa, tanto que seu indiferente mostrou uma emoção que não pode controlar. Com o gesto, notou-se que conseguiu uma pequena vitória. Leo era muito formal, muito controlado. Poucas vezes deixava antever seus pensamentos. Razão pela qual, com o passar dos anos, Aria se tornou uma expert em ler o que se escondia no brilho de seus olhos, na expressão de seus lábios...

Ainda que seu rosto se mantivesse indiferente, em seu olhar brilhava a faísca de seus pensamentos como um farol iluminando o caminho de um navio que volta ao porto.

— Não te desprezo.

— Agora está mentido. -Se queixou a jovem.

— Não minto, Aria. Simplesmente fico no meu devido lugar, no lugar que se espera de mim. O que eu não compreendo é porque te custa tanto se manter no seu. – Havia desespero em sua voz, também dor e algo mais...

— Porque é meu único amigo, Leo. Não há ninguém mais da minha idade com que eu possa falar. Porque tenho saudades de você.

— Quer que sejamos amigos. Acredita que é correto ser amigo de um criado?

— Não me importa se é correto ou não.

— Deveria se importar, Aria.

— Esqueça por uma vez o dever. Preciso que voltemos a ser amigos – pediu segurando as lágrimas que brotavam em seus olhos.

— Por quê? Por que é tão importante sermos amigos? —Leo havia se virado por completo e estava de frente para ela.

— Porque as vezes a amizade nada mais é que uma porta aberta para o amor – confessou com firmeza. Sem rodeios.

— Aria, não. — A voz de Leo soou longe. Havia tristeza nela, mas também havia raiva e dor.

— Porque te quero. – Seguiu fazendo frente ao que sentia. Ao que havia lhe confessado. – Sempre te quis, Leo. Ainda que a você não importe.

Lucrecia tentou se concentrar na carta que estava lendo, mas a raiva que estava sentindo nesse momento, o medo e a incerteza, a impediam de assimilar as palavras que havia escrito sai querida amiga, Isabel Doglio.

A condessa de Lamarte, acabou de romper seu coração com a carta. Nela a colocava a par da última moda da nobreza veneziana segundo as palavras, a única filha do marchese de Vurano ia se converter em a prometida

do herdeiro duque de Lido. Notou que as mãos tremiam e deixou cair sem forças sobre a mesa de seu escritório. A filha de marchese de Verano não era outra que sua Aria, a luz de sua vida, a [única coisa que restava de sua querida filha, Costanza.

Amassou a carta com tanta força que pulsos ficaram brancos com o gesto. Apertou como se com isso pudesse fazer desaparecer as palavras e seu temido significado.

Uma suave batida na porta a tirou de seus pensamentos. Afrouxou o punho e quando se sentiu um pouco mais dona de si, disse:

— Entra.

A cabeça castanha de uma criada, a mesma que havia encarregado de encontrar sua neta, espreitou pela porta.

— Onde está minha neta, Maria: — pediu Lucrecia com a voz rouca. Antes que a criada falasse.

— Senhora, ela não pode vir comigo – se desculpou em seu nome-. Me encarregou que quando terminar o assunto que tinha com Leonardo, virá atendê-la.

— Obrigada, Maria. Pode se retirar.

— Sim, senhora – se despediu a criada com um aceno de cabeça e uma tímida reverência.

Lucrecia pensou nesse instante em Constanza e em como ela estaria

orgulhosa de sua filha. A doce donzela não havia chegado a ver Aria completar cinco anos, depois de um aborto e um parto complicado, havia falecido uma semana depois, deixando sua mãe desolada e o marido a caça de uma substituta para gerar seu tão ansiado herdeiro, já que o menino não chegou a sobreviver nem dois dias depois de sua mãe.

Os rumores dos criados e a ânsia do próprio Matteo, havia conseguido que nenhuma dama de bom berço que atrevesse a ser sua esposa, conscientes de que havia levado a morte a marchesa. De nada adiantou seu dinheiro e suas amantes, já que o herdeiro deveria ser legítimo. A Ordem jamais permitiria que alguém fora do santo matrimônio herdasse o título vinculado a eles. E para orgulho e pesar de Matteo Colona o marquesado de Vurano estava unido a Ordem praticamente desde a sua criação.

E tudo parecia indicar que a história poderia voltar a se repetir. O marchese não contente em ter matado sua esposa, obrigando-a ficar grávida arriscando sua delicada saúde, agora buscava casar sua filha para que ela desse a luz ao herdeiro que não havia conseguido.

Um menino que jamais herdaria o marquesado, mas o ducado de seu avô e de seu pai. Um menino que não resolveria seus problemas, só restauraria seu maldito orgulho, e com toda certeza iria vingar a ordem que tantos danos havia feito aos Sciascia.

Se as fofocas estivessem certas, e Lucrecia não duvidava da veracidade da

informação de sua amiga, Aria teria que se casar com um jovem que não conhecia, e que estava segura de que jamais iria amar.

Se si tratava de uma boa pessoa, talvez aprenderia querê-lo, talvez lhe teria carinho...mas isso não era amor, o amor era muitíssimo mais do que se conformar em viver em paz. E se não estava engada Lucrecia, sua neta já havia elegido o dono de seu coração.

Aria era transparente demais para ocultar sentimentos. A duchesa no momento não havia dado importância, crendo que se tratava de um namoro infantil, de maneira quando se deu conta dos profundos laços que os uniam, já era tarde demais para enviar sua neta com sua madrinha e força-la a entender qual era seu dever.

Desde o instante que constatou que não era uma simples queda o que Aria sentia por Leonardo, a duquesa tentou reparar o estrago da melhor maneira que pode. Por isso lhe incentivou a estudar com Frei Manuel e se refinar, apesar de haver sido sua eleição, sua educação nobre a atormentava pensando que o filho do ferreiro nunca seria digno da neta e filha de um marchese.

Sem embargo, os sentimentos de Leo eram um mistério para Lucrecia. O jovem sempre havia sido correto e respeitoso, por[em também era frio e distante. Não tinha apenas relação com o trabalho, por isso não tinha nenhuma fonte a recorrer para descobrir o que sentia ou o que esperava de

seu futuro. Com os únicos que conversava de vez em quando era Aria e com Frei Manuel.

Em contadas ocasiões lhe viu conversando com Luz, a criada de sua neta, precisamente a criada que não podia permitir-se interrogar se queria não queria ser descoberta por Aria.

Por essa razão, Frei Manuel havia se encarregado de instruí-lo junto a Aria. Lucrecia havia disfarçado à pouco ortodoxa petição alegando que necessitava que Leonardo tomasse conta de suas contas quando ela não pudesse ver bem, mas a verdade era outra. Necessitava que Leonardo fosse um homem culto e formado por se Aria alguma vez decidisse tomar conta de seu destino, e fazia honra com isso às matriarcas Sciascia que a haviam precedido.

A verdade é que por muito Lucrecia enganou-se a si mesma com a ideia que sua neta sempre será uma garotinha que ela tem que atender e cuidar, Aria era uma jovem bonita e em idade de casar e seu pai usaria isso sem levar em conta seus sentimentos. Um pai que havia visto no dia de seu nascimento e no dia de sua partida de Veneza, duas semanas depois, quando Constanza, Aria e ela mesma Lucrecia abandonaram a cidade para se refugiarem na casa desta última.

Como ia sobreviver Aria a isso? Era demasiada inocente para viver em Veneza, e seu genro jamais permitiria que ela o acompanhasse em sua

viagem.

Enquanto sua filha crescia ela serviu para cuidar e fazer cargo de suas necessidades, porém agora que Aria servia a seus planos, ele a manteria separada de seu amparo por temor que ela sabotasse seus propósitos. Sabendo que jamais aceitaria que fosse usada como moeda de troca.

Teria que pensar em algo depressa, antes de Matteo a mandasse chamar e estivesse tudo perdido.

Torcello, janeiro 1738

Sinto tanta falta dele...Conhecê-lo foi o melhor que me aconteceu.

Valentina ri de mim quando digo, minha criada crê que uma vez não basta para se apaixonar, porém já sei que sim.

Sinto aqui dentro, em meu estômago, que se retorce enquanto dezenas de mariposas dançam nele. Como as que visitam os bosques a cada verão e rodeiam minha casa.

Recordo-me com precisão a sensação que me transbordou quando pegou minha mão e a levou a seus lábios, não era a primeira vez que um homem fazia, mas sim era a primeira vez que eu sentia como o calor de seu beijo subia por minha mão até meu peito...instalando se em meu coração.

Pode soar novelesco, mas estou segura de que é. Se uma hora é

suficiente quando se encontra o homem da sua vida, imagina uma noite.

Em segredo e para mim mesma estou disposta a admitir que um insignificante minuto é o bastante se é a pessoa certa, e eu estou segura de que encontrei...

Valentina segue rindo enquanto escova meu cabelo e te conto meus segredos, querido diário.

Capítulo 2

Seguiu correndo sem deter-se quando Tomasso a chamou, preocupado, ao vê-la sair tão alterada dos estábulos.

Seguiu e seguiu correndo até que estivesse suficientemente longe para suportar sua vergonha, até que as densas ervas do bosque a ocultassem de si mesma.

Por que não podia ser uma dama? Por muito tempo se esforçava em ser dócil e recatada, sempre terminava em falar demais da conta.

Sua avó sempre a desculpava, Tomasso falava da paixão inerente ao seu cabelo vermelho, mas apesar do afeto que estava rodeada, ela sabia que nunca havia sido o que seu pai queria. Não era um menino que levaria o título, nem tão pouco era a filha que ele sentia orgulho, a que apresentaria a sociedade veneziana com a que havia escolhido viver. Não era suficiente educada e atrativa para que ele exigia ou para que Leo a quisesse.

Por muito se esforçava para ser delicada e bonita como havia sido sua mãe, Aria sabia que nunca seria como Constanza.

Sua beleza Angelical: o cabelo loiro avermelhado, em Aria era um vermelho intenso e deslumbrante, os olhos verdes de Constanza, se haviam transformado em azul escuro em sua filha. Uns olhos que se escureciam ou se clareavam dependendo de como sombrio estava seu ânimo. Nesse instante

eram tão escuros que estavam mais parecendo preto que azul.

Aria nunca conseguiu interessar-se por assuntos próprios de moças. Não gostava de bordar, tocava de modo aceitável piano, e as conversas sobre assuntos superficiais a cansava. O único em que conseguia se destacar era no canto. Tinha uma voz melódica e doce, quando cantava essas qualidades de afinavam que era impossível a quem assistia não se emocionar com sua voz, mas uma única habilidade era insuficiente para a filha de um marchese da categoria de seu pai.

No mesmo lado da balança estava sua afeição pela leitura, uma queda que Lucrecia permitia complacente enquanto Frei Manuel consentia porque não tinha mais remédio, já que na sociedade não se via bem uma mulher que desviava de suas obrigações, a saber: dirigir a casa e ter decência.

Para acabar de rematar sua impropriedade existia o poder que escondia em suas mãos. O dom que sua avó tanto sabia como havia se esforçado em ocultar. Um dom que estava mais para maldição, quando escutava a dor de seus semelhantes, e o medo unido ao respeito que sentia por sua avó[o a impedia de ajudar-lhes. Apenas três pessoas compartilhavam esse segredo: Lucrecia, Tomasso e Leo.

Os dois últimos souberam no mesmo modo e no mesmo instante. Tomasso sempre havia sido encarregado das quadras de duca. Havia sido chefe dos estábulos, mas apesar de seu cargo, sempre era quem se

encarregava de domar os cavalos, sobre tudo os mais selvagens. É que ninguém tinha tanta mão com os animais como Tomasso. Leo era o único que podia ser colocado a sua altura, e naquela época nem sequer tinha nascido.

Tomasso havia caído tantas vezes de cavalo e havia recebido tantos coices, que tinha os ossos moídos. Alguns deles mal soldados por não haver permanecido em repouso o tempo necessário para que se curassem. Razão pela qual quando chegava na época de chuvas e humidade era mais forte, tinha que cair tombado em seu colchão até se acostumar com a dor e poder levantar novamente para fazer suas tarefas. Esse foi o motivo por qual Lucrecia mandou trazer Leonardo, o filho menor do ferreiro, para ajudar o velho e fiel Tomasso em seu trabalho.

Leonardo estava com onze anos quando chegou ao ducado Sciascia, Aria tinha dois a menos, e encontrou o que seria um bom companheiro de jogos. Os demais da casa eram os filhos dos criados que estavam desamparados na vila, e que sua avó empregava mais por caridade do que por precisar de serviçais. Em qualquer caso, crianças que mostravam desde o começo que era ela a signorina a que deveriam respeitar e obedecer, e que eram incapazes de vê-la como uma companheira de sua idade avida por compartilhar seus jogos.

Não o bastante, a situação de Leo era diferente. Seus pais não estavam ali para cortar lhe os atrevimentos ou para mostrar as diferenças entre ele e

sua nova miga, e em qualquer caso, sua família não servia a nenhum nobre. Seu pai era o ferreiro da vila, foi dali que Leo aprendeu tanto de cavalos, visto que era seu pai e seus irmãos os encarregados de colocar ferraduras em todos os cavalos da duquesa. Se não havia permanecido com eles para aprender o ofício, foi porque os cinco filhos aprendendo-o, a ferraria já estava mais que assegurada.

Ao enviá-lo para a duquesa estavam dando a oportunidade de prosperar, de encontrar seu lugar fora daquele ambiente familiar que infelizmente não tinha lugar para ele.

A amizade entre Aria e Leonardo foi quase instantânea, nada a ver com a distância fria que mantinham nesse momento. Como se fossem duas crianças com a mesma condição social corriam juntos, riam e perturbavam o pobre Frei Manuel com seus jogos e travessuras, até que um dia tudo mudou.

Aria havia escutado Tomasso queixar-se muitas vezes, havia visto como ele se contraía de dor mais forte do que vinha sendo habitual, porém aquela manhã o som de seus lamentos havia se instalado em seus ouvidos de um modo que estava insuportável.

Insuportável porque sabia que um suave toque de suas mãos terminaria com a dor de seu amigo. Desobedecendo pela primeira vez sua avó, entrou nos estábulos e se foi em silêncio ao quarto que Tomasso chama de lar:

— Nobildonna, o que faz aqui? Se notava em cada sílaba o esforço que

estava fazendo para falar.

— Vou te ajudar, Tomasso – disse a ele.

— Ajudar-me com os cavalos? É que agora mesmo não posso me ocupar de...

— Não, Tomasso. Ajudar-te com sua dor. Vou te confessar meu maior segredo, mas tem que prometer-me por tua honra que jamais contará isso a alguém.

— Tem a minha palavra – aceitou o ancião com solenidade, incorporando-se com dificuldade o colchão em que estava tombado.

— Ninguém melhor que você sabe que não sou como as outras garotas – lhe disse com carinho.

— É por isso seu cabelo vermelho. – comentou o homem com um gesto de dor.

—Quando tinha cinco anos, minha avó me contou uma história que vou dividir com você:

Era uma vez uma menininha pequena que chorava porque não podia estar com sua mamãe. Sua avó era muito boa e a queria muito, mas ela necessitava ver a sua mãe, estar perto dela, notar o calor de seus beijos e abraços...

Mas essa menina era especial, podia fazer coisas que ninguém mais podia e sua mãe a queria muito, a mantinha retirada para que o malvado

marchese não pudesse causar nenhum dano. Porque se ele chegasse a descobrir a pequena se encontraria em grande perigo.

—Pobrezinha. O que se passou

— Pergunta mais bem, por que essa menina era tão especial que não podia estar com sua mãe:

Veja, Tomasso, ela poderia eliminar a dor dos que sofriam, inclusive os casos mais leves, seu poder conseguia eliminar a enfermidade por completo. Só teria que tocar no enfermo com suas mãos e seu dom atuava libertando o sofrimento.

Sem deixar de olhá-lo se agachou junto a ele na cama, e colocou suas mãos sobre o enrugado braço de Tomasso. O tremor do ancião parou de imediato, abrindo os olhos com excesso, vermelho pelo choro. Durante vários minutos continuou assim, ninguém disse nada, ninguém cortou o contato, ambos sabiam que era Aria quem havia dado trégua ao seu mal. A marquesinha notou como os olhos do velho se enchiam de lágrimas de agradecimento.

— Nobildonna!

— Não tenha medo de mim, Tomasso. Por favor – lhe rogou em um sussurro -. Apenas quero ajudar-te.

O criado pareceu surpreendido ante ao pedido da dama.

— Nunca poderia treme-la. É a pessoa mais boa e doce que já conheci.

Obrigado, jamais poderei pagá-la pelo que fez por mim. -As lágrimas brilhavam no rosto enrugado do ancião.

— Não fiz nada, Tomasso. Lembra-te do que te pedi.

— Sim, nobildonna. Agora vá antes de chegue alguém, você já é quase uma mulher e há muita gente má intencionada, não fica bem ver você no meu quarto.

— Quase uma mulher?

— Com quinze anos qualquer camponesa já é, com você deixaremos o quase. – Acenou com um sorriso

Aria começou a rir.

— Me alegra ver que está melhor, Tomasso. Voltarei amanhã. – Se despediu, apertando-lhe a mão em um gesto de carinho.

Deu a volta para ir embora, sentindo pela primeira vez na sua vida que possuía um dom e não uma maldição, e ficou petrificada ao ver o olhar pasmo de Leo, que a observava como se nunca tivesse a visto. Aria sentiu como se tivessem a golpeado no peito, por que seu amigo lhe olhava assim? Seá que ele havia visto o que ela fez por Tomasso? Ele a rechaçaria por isso?

— Leo. – disse ela, nervosa.

— Tomasso, está bem? Vim ver se precisava que trouxesse algo – disse ele, sem responder a Aria.

— Está tudo bem filho. Não preciso de nada – disse o velho admirando

a força do jovem, já que ele mesmo depois de tantos anos vividos demorou pra assimilar o que acabava de descobrir.

— Leo. -Voltou a pedir Aria.

— Volte para casa, Aria, este não [e lugar para uma dama. —Sua voz destilava frieza.

— Leo?

Seu amigo deu a volta e saiu do pequeno dormitório de Tomasso, com Aria no seu encalço e o chamando com a voz embargada de lagrimas que trancavam sua garganta.

Quando chegaram ao último compartimento, longe de possíveis ouvidos que escutassem sua conversa, ele virou-se para enfrenta-la.

— Viu, Aria! Não me escutou? Esse não é lugar para você.

— É pelo que me viu fazer? Acredita que sou uma bruxa? Que sou malvada?

Léo enrugou a testa. Confuso com sua pergunta.

— Do que está falando?

— Do meu dom, do que você viu. Que posso diminuir a dor com as minhas mãos – explicou entre soluços.

— Acredita que eu te rechaçaria por isso? – parecia ofendido e dolorido, tudo ao mesmo tempo.

— Por acaso não está fazendo isso agora mesmo?

— Sempre soube que era especial, —confessou incomodo-. Não se trata disso Aria, já não podemos ser amigos porque nós não somos mais crianças. Como bem comentou Tomasso, você já é uma mulher. Nossa amizade é inapropriada. Estou certo que sempre foi, mas agora é mais impossível que nunca.

v Como pode decidir algo assim? Como se atreve a pensar que nossa amizade é inapropriada? -exigiu com os olhos cada vez mais escuros-. O que passa é que me despreza pelo que posso fazer.

— Eu nunca te desprezaria. Não se comporte como uma criança mimada, já que não é, Aria.

— Por que repete tanto?

— Porque é verdade. Você é uma dama e eu sou seu criado, nossa relação a partir deste momento se limitará a isso, você manda e eu te obedeço. Cada um tem que recordar qual é seu lugar. As palavras de Tomasso me fizeram dar conta da realidade, —Leonardo guardou a razão principal que não podia contar a ela. O medo de repetir a história lhe atentava o peito-. E deste momento se recordará pra sempre – sentenciou, dando a volta e caminhando sem olhar pra traz.

O som das ramas quebrando tirou Aria de seus pensamentos, movida pelo instinto colocou as mãos em seus cabelos, de um intenso vermelho fogo. Sua avó lhe havia advertido que o melhor era esconde-los ante a gente

desconhecida. A intensidade de vermelho e o brilho que desprendiam dele faziam não passar despercebido a ninguém.

Se abrigou mais dentro de si mesma, a fim de passar despercebida a quem quer que estivesse buscando-a. Fazia horas que havia dito a Maria que iria ver sua avó, porém seu desencontro com Leo a fez esquecer por completo, agora com os olhos vermelhos e inchados pelo choro o que menos queria era encontrar com alguém de sua casa. Não tinha nenhuma dúvida que os serventes contariam a sua avó sobre suas lágrimas, e ela teria que confessar seu inapropriado comportamento, ou inventar uma desculpa e uma mentira.

Seguia agachada no mesmo lugar, quando umas botas pretas e brilhantes a passar pela terra húmida se pararam em frente a ela. Sabendo que havia sido cassada levantou a cabeça curiosa e se deparou com os olhos cinzentos como aço, de imediato se levantou, preparando-se para correr se fosse necessário.

Os olhos do desconhecido não deixaram de observa-la, sem nenhum tipo de pudor, assim ela fazia o mesmo.

Era moreno, de ombros amplos e pernas largas, a roupa que vestia era de qualidade, isso havia aprendido com sua avó. De todas as lições que Lucrecia havia tentado ensina-la, essa era a única que havia ficado em sua cabeça, a maneira com que se distinguia o bom decido e o mau. Seguiu

correndo com os olhos até que chegou ao rosto. Um calafrio subiu a espinha quando seus olhos viram a cicatriz que marcava o rosto direito, era evidente que se tratava de uma cicatriz antiga, já que tinha a mesma cor esbranquiçada das que Tomasso tinha em seus braços e pernas.

— Não se assuste, nobildonna. Não sou de atacar juvenzinhas desvalidas, por mais bonitas que estas sejam. – Disse com uma voz profunda e ao mesmo tempo melódica-. Nesse momento só estou interessado nos pequenos vermes que meu facão pode caçar—explicou levantando o braço com uma luva de couro.

—O que aconteceu no seu rosto? — um instante depois de perguntar colocou a mão nos lábios, mas já era tarde demais, seu pensamento havia se materializado em palavras.

O rapaz desconhecido riu se divertindo com a pergunta. Com sobriedade e sem deixar de olhar para ela, tirou um brilhante cabelo preto que lhe cobria o rosto e deixou-o descoberto.

—Eu conto se você contar a razão de suas lágrimas – propôs, se ajeitando para sentar-se junto a ela.

—Não creio que este encontro é apropriado – refutou, incomoda por sua proximidade, e fascinada por cada um de seus movimentos e com a naturalidade com que a tratava.

—Estou de acordo, mas eu não direi nada se você assim fazer. E quase

posso te assegurar que estamos salvos das comadres fuxiqueiras.

—Quase?

—Infelizmente há comadres fuxiqueiras por todas as partes. Acredito que são uma praga – desdenhou mostrando um sorriso com dentes perfeitos.

Apesar do que dizia o senso comum Aria sorriu, esquecendo por um instante seus problemas.

_ Nesse caso, vamos rápido antes que elas apareçam. Quem vai começar primeiro? – perguntou aceitando desse modo a sua oferta.

—Preciosa, valente e com senso de humor. Você, preciosa, é uma autentica joia.

—Quer começar você? – insistiu de novo, incomodada com seus galanteios.

—O correto seria que a deixasse fazê-lo, porém como a educação não está em nosso trato, começarei eu.

—Suponho que, de algum modo retórico e confuso, é o correto – reconheceu ela.

Ele sorriu como se tivesse recebido um elogio.

—Nesse caso, fiz essa cicatriz quando tinha seis anos. O falcão preferido do meu pai me atacou enquanto saímos íamos a caça. Estava com ciúmes e achou que se acabasse comigo teria toda atenção de meu pai só pra ele. Mal sabia que isso já era dele sem precisar fazer nenhum esforço. – Aria

notou certa emoção em seu tom de voz ao pronunciar a última frase, mas havia desaparecido com tanta rapidez, que não pode determinar qual era.

—E apesar disso, segui caçando com os falcões – comentou apontando sua luva.

—Meu pai me ensinou que o medo não é uma opção – disse enigmático, para mudar o assunto com habilidade -. Agora é sua vez, por que chorava?

—Aria titubeou, porem recordando as últimas palavras do homem que estava em frente a ela falou:

—Alguém a quem tenho muito afeto tem ignorado meu carinho — confessou, descobrindo como fácil havia sido expressar seus sentimentos ante um desconhecido que estava certa de que não veria novamente-. Embora, para ser sincera, não sei se chorava pelo fato dele ter me ignorado ou pela vergonha de ter confessado o que sinto.

—Pois vejo

—De verdade?

—Apostaria minhas botas que essa confissão o assustou – sentenciou com segurança -. E não é de se estranhar tratando-se de uma mulher tão bonita como tu, nabildonna.

—Obrigada, acredito – disse com timidez.

O falcoeiro riu com a ocorrência.

—Não me agradeça. Vou cobrar o galanteio a minha maneira.

—E que maneira é essa? – perguntou surpreendida por manter a esse modo a moralidade. Estava falando com um desconhecido, um desconhecido atraente, apesar da cicatriz que cortava o seu rosto, um desconhecido que tinha alguns anos a mais que ela. Um homem que a olhava intensamente, e que apesar disso conseguia se sentir confortável ao seu lado. Segura de si, mas também temerosa e até maravilhada.

—Com um beijo, acredito.

—Não se assuste. Me conformarei com um beijo casto em troca de seu nome, se não será outro muito mais.... pessoal.

—A única coisa que te permitirei beijar será minha mão – anunciou com altivez.

Uma gargalhada satisfeita brotou da garganta do caçador que estava desfrutando do seu inesperado encontro com a daminha.

—Não cederei a esse ponto. Se não podem ser seus lábios será mais próximo deles ou seu nome, você decide.

Um estremecimento a sacudiu ao pensar nele. Jamais havia estado com nenhum homem e de algum modo pouco convencional e estranho, a possibilidade de que ele exigisse um beijo pessoal parecia algo perigoso e tentador.

—Você vai me dizer o seu?

—Mas temo que meu nome não entre no trato.

—Isso não é muito justo – enrolou ela para ganhar tempo e esticar a conversa.

—Pode ser, mas é tudo que conseguirá de mim, sem contar claro o beijo, que garanto que não esquecerá facilmente.

Aria riu assustada de quanto o caçador era convencido de si mesmo.

—O que faz pensar que quero conseguir algo de você? Quem está me implorando um beijo é você e não eu. – A tristeza anterior havia desaparecido do seu rosto e seus olhos brilhavam azuis de novo.

Agora foi a vez dele rir. Implorar? Jamais imploraria, sem dúvida a menina exagerava, como todas as mulheres a que havia tido o prazer de conhecer.

—Implorar é uma palavra muito intensa, que indica certo grau de amizade. O que acha de usarmos solicitar? – propôs com um sorriso capaz de fazer desaparecer a cicatriz em seu rosto, ou ao menos deixa-la em segundo plano. Uma cicatriz, que de algum modo, em vez de deixa-lo mais feio, o fazia ainda mais interessante e atraente. Ainda mais por o deixar com um ar de perigo que Aria pressentia estar muito perto da realidade.

Engoliu a saliva, nervosa ante a perspectiva do beijo e sentindo-se culpada pelos rumos que estavam tomando seus pensamentos.

Não, não era atraente, se disse, censurando-se. Leonardo era atraente, o

cavalheiro que tinha diante dela era misterioso. Mesmo que soubesse que era uma mentira contada a ela mesma.

—Está bem, me chamo Constanza – mentiu. Se ele não ia dar-lhe seu nome, então ela poderia dar-lhe um nome falso.

—Agora o beijo e estaremos em paz. – Havia conformismo na maneira com que encolheu os ombros.

Com deliberada lentidão aproximou os lábios suaves a bochecha dela. Ela sentiu o cheio de sua pele quando se aproximou. Cheirava a couro, a cavalo e hortelã...Ele prolongou a carícia mais que o correto. Deslizando sua boca pela bochecha e beijando a mandíbula, para parar no contato dos seus lábios.

Podia sentir cada centímetro do corpo do falcoeiro colado ao teu. Sentindo-se tonta pelo seu contato e pelos seus lábios, fechou os olhos e ao fazer seu sentido de olfato se acentuou: o cheiro de hortelã ficou gravado em sua mente, era o cheiro que persistia entre os demais.

Um assobio ressoou no prado e fez com que ele levantasse a cabeça e olhasse a distância. Com certeza se tratava do sinal com que os caçadores se comunicavam, pensou Aria, porque depois desse instante ele começou a se despedir.

—Encantado de conhecer-te, nobildonna. Espero que o destino volte a coloca-la em meu caminho. Talvez em Veneza.

—Duvido que alguma vez saia daqui – disse com uma mescla de ressentimento e segurança.

—Isso seria uma lastima. Uma verdadeira lastima.

Após a declaração partiu com a mesma rapidez que havia aparecido.

Aria levou a mão a bochecha, desconcertada, no entanto, por ter permitido que um completo desconhecido lhe dera seu primeiro beijo. Um beijo que nem de perto era como sempre imaginou que seria.

Capítulo 3

Ficou uma semana sem entrar nos estábulos para lá da zona onde Tomaso a esperava. Sentia-se com muito envergonhada para encontrar Leo e não se tratava só de ter confessado seus sentimentos em um desafortunado arranque repentino de sinceridade, seu mal-estar ia mais além, se cruzava com o sentimento de culpa cada vez que lembrava do encontro com o caçador e do beijo.

O homem com a cicatriz no rosto, que apesar de ocupar boa parte de sua bochecha direita, lhe havia parecido uma das pessoas mais atraentes que já viu. Talvez foi por isso que lhe permitiu ser beijada. Em todo momento foi consciente de que ao fazê-lo estava quebrando todas as regras de decoro que havia sido instruída, mas era essa parte dela que a fazia preferir estudar grego antigo do que costura ou manejo do lar, se havia imposto a todo o resto.

O beijo do caçador havia sido suave e inocente, ainda assim não deixava de ser perturbador, nem tão pouco conseguia apaga-lo de sua mente. Esse havia sido o primeiro real encontro que tinha com um homem, a exceção de Leo, mas sua amizade não havia passado de pegar na mão e corre pelo bosque para ajudar-lhe a subir nas árvores.

Por outro lado, estava com cheiro do desconhecido, uma essência que recordava com intensidade, uma mescla de bosque e hortelã...E que queria

sentir com demasiada frequência.

Colocou a mão sobre sua bochecha, como se apesar de uma semana ter se passado o beijo seguisse em sua pele. Fantasiou com a ideia de procurar Leo para comprovar se sentia o mesmo cada vez que se recebia um beijo.

Não estava certa da razão pela qual havia se sentido tão confortável ao seu lado, como se estivesse acostumada a se movimentar na sociedade e falar com desconhecidos fosse algo de seu cotidiano. Não podia explicar porque, mas havia chegado a pensar que talvez estivesse sendo compensada por todas as carícias que a vida a devia.

A duchessa era uma avó atenta que a mimava do seu jeito, mas não era necessariamente carinhosa. Lhe haviam educado para ser uma duquesa e estar acima de todo o mundo. Embora o título que ostentava seu pai era de conde, sua família e sua linhagem eram os mais antigos de Veneza. Por esse motivo seu pai e seu sogro acordaram o compromisso na tenra idade de seis anos. Esse compromisso a levou ser educada por rigorosas instruções que formaram o caráter e a inculcaram as diretrizes que guiavam sua vida. Somando-se a essa educação a morte de sua mãe quando Lucrecia tinha apenas nove anos. Y ainda que Aria soubesse Lucrecia se esforçava para diminuir essa distância que havia entre o mundo e ela, a jovem não poderia evitar a sensação de que era inadequada. Jamais seria como sua mãe, delicada e obediente, e por essa razão, seu pai não a queria ao seu lado.

Estava indo para seu quarto se trocar para o jantar quando sai avó saiu de seu escritório, notando sua presença profunda a chamou.

—Aria, querida, pode vir aqui um momento: Por favor – pediu a duchessa.

Firme caminhou até ali. A jovem fixou a tensão palpável da postura de sua avó que tentava ocultar com um sorriso forçado. Lucrecia se sentou na poltrona em que despachava e lia as cartas que recebia. Quando pegou uma delas nas mãos e começou a apertou o papel sem se dar conta, Aria deduziu que sabia o conteúdo da carta recebida e o que a havia deixado de mal humor.

Depois de um momento de silencio, em que se debateu pensando a melhor maneira de contar o que sabia a sua neta, Lucrecia se obrigou a falar:

—Aria, isso – disse mostrando os papéis que tinha nas mãos – é uma carta do seu pai. E ela me informa que de que se requer sua presença imediata em Valencia – Lucrecia deu uma pausa, mais para recuperar-se do que para manter a tensão -. Te foi acertado um casamento com o herdeiro do duca de Lido.

_ Que?!

—É o que disse seu pai...

—Te escutei com perfeição, avó —explicou levantando-se precipitadamente-. O que não significa que compreenda uma só palavra do

que acaba de dizer.

—Lamento te dizer que não há muito para entender.

—Deve haver algum erro, ele nunca quis saber nada sobre mim. Estou certa de que há entendido errado. É impossível o que está dizendo, por que iria querer me casar com alguém que nem sequer me conhece? – sua voz mostrava o medo que passava por cada parte do seu corpo.

—Não há erro, querida, e você sabe. Sempre soubemos que seu pai mandaria chamar por você quando fosse do interesse dele, não nos enganemos querida, esse sempre foi nosso temor. Que após completar dezoito anos ele não tivesse nenhuma consideração por você. Só estava esperando o momento adequado.

—E porque tenho que deixá-lo fazer isso? Quem é ele para mim? Nada, não é nada. Nem o conheço e ele tampouco conhece a mim. Não pode achar que vou obedecer-lo. Avó, não o farei! Não quero fazer, minha vida é aqui, com você e com...Se calou antes de dizer algo que a comprometeria.

—Sei como se sente, eu passei pelo mesmo. – Lucrecia se levantou e se foi perto de sua neta para darem as mãos -. Aqui está minha mão para te ajudar, mas você deve começar a assumir que este é seu destino.

—Não pode ser, não posso casar-me com alguém que não conheço, a quem não amo – soluçou cada vez mais alterada-. Não posso deixar todos aqui...Não suportaria fazê-lo.

—Dê uma oportunidade. É a única coisa que pode se fazer nesses momentos. Conheça seu prometido antes de enfrentar seu pai. — Lhe pediu tentando acalma-la, enquanto sua mente trabalhava buscando uma saída.

—Quem é ele? É velho?

—Se chama Alessandro Ruspoli, é um visconde de Mon e filho de um dos ducas mais influentes de toda Veneza, tem quase vinte e três anos e...

—Igual ao Leo...

—Aria, querida. Não é boa ideia pensar nisso agora. — Lhe aconselhou Lucrecia sentindo um vazio no estomago.

—Avó, o que vou fazer? Perguntou com a voz entre lágrimas silenciosas que escorriam por suas bochechas.

A duquesa não chegou a responder, nesse momento se escutou vários golpes na porta: o som das juntas batendo no carvalho grosso.

—Entre. — Convidou Lucrecia, levantando a voz para ser escutada.

—Excelência, mandou me chamar? —Perguntou Leonardo, incomodo ao ver que Aria estava no salão com sua avó. Seu incomodo se transformou em tranquilidade quando viu as lágrimas que caíam do rosto da jovem.

—Sim, Leonardo. Aproxima-se, por favor — Olhando para sua neta que ao ver o jovem entrando tentava conter, sem conseguir, seu choro -. Vá descansar um pouco, querida. Mandarei Luz mais tarde para que te acorde para o almoço, que ainda demorará mais uma hora para ser servido.

Aria acenou, incapaz de falar e saiu do escritório deixando a duquesa e Leonardo.

—Te chamou porque recebi uma carta do pai de Aria, em que informa do desejo dele para que Aria volte a Veneza. Ele acertou um casamento vantajoso para a família.

Não o bastante, a razão pela qual te chamei, ainda que relacionada, é outra. Sei que minha neta e você são bons amigos e sei que ela te confiaria a vida sem duvidar. É por isso que preciso que a acompanhe nessa viagem. Quero de dirija a escolta que a acompanhará até Veneza e quero que uma vez que cheguem ao destino seja seu protetor. Preciso que seja seu chefe de guarda pessoal. É um jovem instruído tanto nas artes sociais como nas armas. E também, não seria estranho que alguém como Aria, neta de um duca e filha de um marques tenha um guarda pessoal, nem tampouco que seja você o encarregado de dirigi-la. Está a ponto de fazer vinte e três anos, é forte e inteligente, um excelente montador e maneja muito bem a espada. Mas essas não são as únicas razões pela qual coloco em suas mãos a coisa mais importante que tenho na vida, faço porque sei que se importa muito com Aria. Sei que jamais permitiria que algo de mal lhe aconteça.

—A protegerei com minha vida—Sentenciou muito sério, ao ver que sua senhora continuava falando.

—Eu sei. Não duvido disso. Sem rodeias, há algo mais...O perigo que a

acercará em Veneza é grande. O pai de Aria tem amigos muito influentes, mas também tem inimigos da mesma categoria. Minha neta nunca estará a salvo por lá, é por isso que desejo que...

—O que precisa excelência? Perguntou, surpreendido para que voltasse a ficar em silêncio.

—Aria pode contar comigo e com meu apoio financeiro. Há lugares em que ninguém a reconheceria, ninguém obrigaria a voltar. Se ela amar outra pessoa e for correspondida por ela...Eu...apoiaria sua decisão. Sem pensar. Me entender, Leonardo?

—Sim, excelência.

—Acredita que isso é possível? Que Aria amaria a outra pessoa e fosse correspondida por ela? – perguntou esperançosa.

—Não sei, excelência.

—Poderia checar para mim: mas rápido, o tempo joga contra nós.

—A suas ordens, excelência.

—Pode se retirar. Te mandarei chamar novamente, esperando que tenha a resposta.

Ele se curvou em uma perfeita reverência, deu a volta com todos os músculos e tensão, e saiu dali em dois passos.

Lucrecia se deixou cair na poltrona. A única esperança para felicidade de sua neta era que Leonardo tivesse compreendido e estivesse disposto a

arriscar tudo pela jovem.

Lucrecia estava realmente alarmada por sua viagem a Veneza. Suas ideias e sua atitude rebelde a traria inimigos, e não era uma boa jogada ter Matteo do lado oposto, nem aos membros da ordem pendentes de cada um dos seus movimentos.

A cor de seu cabelo era outro problema. Que além de ser vermelho, não ajudava em nada passar despercebida e manter, com isso, seu segredo. A reação de Matteo quando descobrisse seria agressiva.

A ordem escondida atrás da fingida santidade e fachada de defensora dos enfermos, havia queimado mulheres por razoes muito mais banais que a cor de seu cabelo.

Junto com a tão temida carta de seu genro, também havia chegado as respostas as cartas que havia enviado a seus amigos mais íntimos, o barão de Montreal e a condessa de Lamarte. Havia sido a última que lhe havia avisado do futuro matrimônio.

Lucrecia lhe havia escrito com uma ideia clara, conseguir toda informação possível sobre seu futuro neto. Porém, não havia deixado ido claro. Enquanto para o barão ele era um jovem educado, instruído e um perfeito cavalheiro; sua querida amiga condessa, o via como um jovem mulherengo e um incondicional fiel da Ordem de San Marcos, igual ao que seu pai era e seu próprio genro.

Lucrecia colocou as mãos no rosto e se deixou levar pela esperança. Com todo seu dinheiro e todas as influencias que havia trabalhado por anos e era incapaz de ajudar Aria a não tomar o mesmo caminho de Constanza. Para maior desespero, o único que podia fazer era um jovem criado que não se mostrava muito entusiasmado com a ideia.

Aria estava desmaiada sobre sua cama, só havia tirado os sapatos e ainda assim estava gelada, um frio glacial se abria entre sua carne e seus ossos. Sentia como se o sangue congelasse em suas veias. Estava perdida, não sabia nenhuma saída para ela. Se fugisse, onde iria? Com quem? Ainda mais, se fugisse, como deixaria sua avó, a única família que lhe restava no mundo, sem contar seu pai que mal conhecia.

Se sentou na cama e secou as lágrimas. Já não era uma criança desprotegida e não podia se comportar assim. Teria que aprender a lutar suas batalhas e chorar nunca serviu para solucionar seus problemas. Se tinha uma oportunidade, por remota que fosse, estava disposta a lutar por ela.

O faria, viajaria a Veneza e faria o impossível para convencer seu pai que não era uma moeda de troca, que era muito mais que isso, que era sua filha, um ser humano que sentia e pensava por si mesma.

Não se casaria apenas para satisfazer seu pai. A única razão pela qual aceitaria um casamento era muito simples, e nem por isso menos complicada: por amor.

Torcello, fevereiro 1738

Esta manhã, pai me mandou chamar por carta. Entrei temerosa que fosse repreender-me, já que todas as vezes que foi solicitada minha presença tem sido porque Frey Manuel lhe informou meu pouco interesse em gramática ou porque a governanta reclamou da minha falta de jeito com os pincéis.

Meu pai sorriu para mim, e naquele instante, senti que algo estava errado.

— Costanza, sente-se, filha. Tenho algo importante a dizer.

— Sim, pai.

— Vai se casar, parabéns!

Minha visão ficou nublada por alguns segundos, até que eu ouvi uma voz vindo de trás de mim, entrei com o olhar fixo em meu pai e não percebi que eu não estava sozinho.

— Costanza. — Disse com suavidade, e essa pequena palavra acelerou meu coração, e fez desaparecer meu medo.

Capítulo 4

Aria tinha tomado uma decisão que pensava levar a cabo até as últimas consequências, fossem quais fossem.

Perante os novos acontecimentos não lhe restava mais remédio que deixar de lado suas fantasias românticas, e tentar demonstrar-se a si mesma que era capaz de travar suas batalhas. O pai tinha-a solicitado e não pensava esconder-se atrás das saias da avó. Viajaria para Veneza e convenceria o seu progenitor de que um casamento de conveniência não era algo que estivesse disposta a aceitar sem dar a sua opinião. Por uma vez na vida, sentiu que o seu carácter era mais uma bênção do que uma maldição.

Depois de pensar nos seus planos durante grande parte da noite, levantou mais animada. Não foi necessário que Luz, sua criada, a acordasse; quando ela chegou, Aria já havia se levantado da cama, tinha se lavado sem esperar pela água quente, e estava prendendo o cabelo com um discreto laço. Uma tarefa difícil dada o seu comprimento, razão pela qual grandes madeixas vermelhas escapavam-lhe por todos os lados.

A criada escondeu um sorriso e apressou-se a ajudá-la. Com seus dedos ágeis e treinados trançou o cabelo, e o recolheu no alto da cabeça com garfos. Não estava com disposição para passar horas em frente ao espelho permitindo que Luz a penteasse, por isso optou por um laço simples e rápido. Tampouco

aceitou o vestido que sua criada havia escolhido para essa manhã e se vestiu com o traje de montar com intenção de sair a cavalgar.

Pronta, olhou-se no espelho antes de sair, o azul cobalto do seu fato de montar realçava a cor dos seus olhos do mesmo tom.

Sem passar pela sala do café da manhã foi para os estábulos. Preparava-se para se perder na floresta, afastar-se da segurança do palácio, e permitir-se um momento de solidão. A ideia de encontrar de novo o caçador dançou por sua mente, mas a prioridade dos últimos acontecimentos, apagaram-no com rapidez.

Entrou nos estábulos e comprovou que Tomaso não estava à vista, agradeceu que fosse assim, adorava o velho moço, mas nesses instantes ela queria ficar sozinha. Estar rodeada de pessoas só conseguia lembrá-lo que muito em breve teria que deixar a todos, talvez para sempre.

Engolindo a sua autopiedade, aproximou-se de Cloris e selou-o ela mesma. Tinha visto Leo fazê-lo inúmeras vezes. Este até lhe tinha mostrado, em mais de uma ocasião, como acalmar o animal para que lhe permitisse ensiná-lo e atar-lhe as correias. Um dos serviçais mais jovens aproximou-se para oferecer sua ajuda, Aria agradeceu a oferta com um sorriso

Uma vez que as correias estiveram apertadas com força, tirou Cloris do estábulo e montou nela. Cavalgou durante horas como se fosse perseguido pelo próprio diabo.

Leo não estava nos estábulos quando Aria voltou do passeio, porque a Duchessa lhe chamou de volta ao gabinete. A desculpa que havia colocado a tão distinta mulher, era que precisava falar com ele sobre a viagem e sobre o novo cargo, embora Leo estivesse ciente que a Duchessa esperava muito mais dele.

Durante uma semana tinha-se centrado no trabalho, evitando pensar em Aria e na viagem a Veneza onde ela conheceria o que seria seu marido. O herdeiro de um ducado nada menos que... Como escudo a seus desejos, tinha-se esforçado por recordar muitas vezes naqueles dias, a imagem de Viola.

Ela era a única forma eficaz de ficar longe da Aria, de ter em mente o que acontecia quando nos esquecíamos de qual era o lugar que ela ocupava no mundo. Sabia que não podia esquecer-se para o bem dele e de Aria.

Lucrecia o recebeu sentada atrás de sua mesa. Seu olhar mostrava determinação e autoridade, e Leo soube do que a dama queria realmente falar. Se bem que a Duchessa lhe deu certa margem ao começar falando da viagem: quanta gente ia levar consigo para que escoltasse a Aria, e o que fariam quando chegassem ao palazzo do Marchese.

—Tem algo mais a acrescentar? Pensou no que falamos? — perguntou com expectativa de saber uma resposta.

—Não há nada mais a dizer, excelência. — A firmeza da voz de

Leonardo deu mais informações a Lucrecia do que suas palavras.

—É essa a tua decisão, Leonardo?

—É sim, Excelência.

—Sinto muito em ouvir isso.

—Não o faça. É o mais justo para todos.

— Atrevo dizer que isto é uma confissão? — perguntou Lucrecia, esperançosa de novo.

—Nada importante, excelência. Posso me retirar? — pediu, ansioso por se afastar da tentação.

Sentia cada músculo de seu corpo rígido: os punhos fortemente apertados, a mandíbula em tensão.

—Claro. Obrigada Leonardo, confio em você para manter Aria segura.

O jovem assentiu com a cabeça, sem se atrever a falar, inclinou-se em uma reverência e se virou para ir embora.

Lucrecia admitiu a derrota, tinha perdido a última oportunidade de ajudar a sua neta a escapar do casamento arranjado. Agora devia concentrar seus esforços em ensiná-la a sobreviver.

Aria apreciou o ar fresco contra sua pele e o agradeceu, suas lágrimas secaram antes sequer de que fossem derramadas. Aquele breve instante nos lombos de Cloris era o mais próximo da liberdade do que jamais havia estado

ou estaria. A solidão da floresta, a sensação de que ao lado de Cloris podia superar qualquer obstáculo, ir a qualquer lugar.

Desmontou com a respiração agitada, e a adrenalina correndo por suas veias. O que se encontraria quando chegasse a Veneza? Como seria seu noivo? Como seu pai a receberia?

Dezenas de perguntas se amontoavam em seu cérebro. Conhecia a seu pai tanto como a seu futuro esposo, nada em absoluto.

Pegou as rédeas de sua égua e continuou adentrando no bosque, com cada galope ia afastando-se daquilo que lhe preocupava. Quase sem se dar conta, se encontrou sentada no mesmo lugar onde tinha encontrado o belo desconhecido que lhe tinha roubado um beijo.

Sua cabeça se encheu com a lembrança de seu aroma a couro e a hortelã. A sensação de sua pele arranha por sua incipiente barba quando se aproximou...

Ela recriminou-se dos seus pensamentos, consciente de como era estúpido lembrar-se de alguém que tinha a certeza que não voltaria a ver. Alguém que nem sabia o nome dela.

Era quase meio-dia quando a jovem entrou no estábulo para ver Tomaso e deixar Cloris. O olhar que lhe dirigiu o moço alertou-a de que já conhecia o conteúdo da carta de seu pai.

—Tomaso, lamento não ter vindo antes. — Se desculpou sem querer

olhá-lo nos olhos—. Cloris precisava se exercitar.

—Onde esteve, marquesinha? Nos deixou preocupados esta manhã. —
A repreendeu com carinho.

—Não tinha motivo, só saí para cavalgar. Luz conhecia minhas intenções.

—Ainda assim, estávamos preocupados com sua segurança.

—Em Torcello nunca acontece nada. — Segundos depois de pronunciar as palavras foi consciente de que não eram certas.

A lembrança do caçador e seu beijo coloriram suas bochechas.

—Quando se vai? — perguntou, através do nó que sentia na garganta.

Aria se forçou a se concentrar na conversa.

—Dentro de alguns dias. Você sabe? Você é uma das pessoas que eu mais vou sentir falta. — Confessou a jovem sentada em uma pilha palha ao lado dele.

—Estou certo de que sentirá mais a ausência de outra pessoa do que a minha. — respondeu sorrindo.

—Ela está vindo comigo. Minha avó me disse ontem. Ela vai cuidar da minha segurança. Então, acredite em mim se eu digo que vou sentir muito a sua falta. Seus conselhos sempre me fazem encontrar a solução.

—Minha pequena marquesinha, quando chegou era uma menina linda que não deixava de chorar. Só se calava quando sua mãe a carregava em

braços. Quando ela voltou para seu pai, todos na casa sentiram a necessidade de protegê-la. É por isso que me dá tanto medo que se vá, menina. — As lágrimas brilhavam nos olhos do ancião—. Você desconhece o mundo além destas terras, e fora delas as pessoas são falsas e interesseiras.

—Não tema por mim, Tomaso. Sou mais forte do que pareço.

—É mais do que isso menina, é valente e boa, mas também é teimosa e decidida, e isso me dá muito mais medo. — Confessou.

—Eu não te entendo.

—Eu ...não quero ofendê-la.

—Nada do que você me disse pode ser considerado uma ofensa.

—Deve esquecer-se de Leo. Tem que deixar aberta uma porta a seu futuro marido ou será infeliz toda sua vida —lhe explicou acariciando a bochecha com ternura. O seu pai não vai permitir que lhe desobedeça.

Aria estava consciente da dor que brilhava nos olhos do criado: pena pela perda, e a dor física que oprimia seus músculos.

A carta de seu pai não só a obrigava a renunciar a seus sonhos, mas também devia abandonar aqueles que a amavam e que a tinham abraçado durante dezenove anos. Quem cuidaria do Tomaso se ela fosse embora?

—Não vou me casar com ninguém, meu pai terá que me ouvir. Vou ensiná-lo a me amar.

O velho saltou como uma mola da pilha em que estava sentado. Ficou

tão chocado com a confissão da Aria que nem sequer pensou nas dores dela.

—Seu pai não consentirá. Prometa-me que não o fará. Tem que me prometer que não dirá nada ao Marchese. — Rogou com o temor em seu rosto enrugado.

—Por que tenho que me resignar e obedecer?

—Porque se não o fizer será infeliz sempre. Não há nada que você possa fazer para mudar o que o Marchese decidiu. Tudo o que podemos fazer é rezar para que o seu marido seja uma boa pessoa que a respeite e a proteja. Prometa-me e dê paz a este pobre velho que a ama como a filha que nunca teve.

—Prometo, Tomaso. Não falarei com o meu pai, mas isso só significa que tentarei que o meu noivo cancele o nosso noivado. Não vou desistir, nunca mais.

Tomaso levou as mãos às têmporas, frustrado.

—Tenha cuidado, minha nobildonna. Não lhe convém alertar o interesse da Ordem, o mais sensato seria aceitar seu destino e dedicar todos seus esforços a ser feliz.

—Não vou me resignar. Minha mãe o fez e quase não a conheci, quero algo diferente para mim. Tenho certeza de que ela também queria.

—É uma mulher, sua obrigação é obedecer a seu pai primeiro, e a seu marido depois.

Aria arregalou os olhos.

—Não estou de acordo com isso, nobildonna, mas essa é a verdade. —

Disse, abaixando a cabeça e olhando os pés.

—É doloroso ouvir você dizer isso.

—Às vezes as palavras ferem mais que os golpes. Não se esqueça, talvez saber lhe seja útil alguma vez.

—Gostaria de ficar com vocês.

—Tomara, nobildonna, que assim seja.

Os preparativos para a viagem foram feitos com rapidez, ninguém queria incomodar o Marchese prolongando a estadia de Aria em Torcello, não porque lhes importasse sua opinião senão porque temiam que este descarregasse seu mau humor, pelo atraso, sobre a sua filha.

Foi acordado que em dois dias a comitiva se poria em marcha a caminho de Veneza. O fato de a cidade estar invadida pelo carnaval foi um dos motivos pelos quais decidiram acelerar a viagem. Lucrécia conhecia Matteo demais para adivinhar que estaria tão envolvido na confusão das festas que ignoraria Aria até que estas acabassem. Dessa forma, a jovem disporia de alguns dias para se adaptar à sua nova vida e suas obrigações. Com esse fim Lucrécia havia escrito a sua amiga a Condessa para que a tomasse sob sua asa, e a colocasse a par sobre o funcionamento da corte.

A Duchessa estava plenamente consciente de que a sua presença em

Veneza não seria bem-vinda. Matteo tinha muito ressentimento por ela, e impor-lhe acabaria prejudicando a sua neta.

Lucrecia mandou chamar sua neta em seu gabinete. Quando a jovem entrou sua avó estava de pé olhando através das janelas. Ela virou-se assim que ouviu os passos dela pelo tapete. Sem dizer uma palavra, aproximou-se dela e entregou-lhe uma pequena caixa de veludo vermelho.

—O que é isto, minha avó?

—Abra-a—disse, misteriosamente.

A jovem a abriu com cuidado e ficou maravilhada ao ver seu conteúdo.

—É lindo! — exclamou

—É muito mais do que isso. Ele irá protegê-lo. Use-o sempre. Nunca o tires e se alguma vez fores perseguida pela Ordem, mostra isso ao assistente que se encarregar do teu caso. Se o teu pai perguntar por ele, diz-lhe que é uma lembrança da tua mãe.

Aria gentilmente tirou o anel. No centro, sustentado por dois ferozes dragões havia um delicado rubi que brilhava com tanta intensidade como o fazia o cabelo de Aria.

—Prometa-me que nunca o tirará. — pediu Lucrécia com um fio de voz.

—Eu prometo, vovó, mas por que é tão importante? O que faz você pensar que pode me proteger? — Aria perguntou ante a fé que Lucrécia

depositava no anel.

—Acredite, é melhor não saber. Tens de o usar sempre, e se alguém perguntar por ele, podes dizer que é uma relíquia de família, afinal, é a verdade.

Sem perguntar mais nada sobre o anel misterioso, Aria o colocou no dedo médio de sua mão esquerda, e comprovou que estava indo perfeito.

—Agora sente-se, vamos começar com sua instrução. — pediu Lucrécia com seriedade. Diante da cara de espanto de sua neta, acrescentou —o que vou te ensinar jamais o aprenderá com Frei Manuel.

Lucrécia levou as mãos para as têmporas e massageou-as com força, ao mesmo tempo que centrava sua mente em toda a informação que devia compartilhar com Aria. Tinha-se enganado pensando que a vida dissipada de Matteo acabaria com ele, acreditando que jamais teria a oportunidade de procurar a sua filha.

Enganou-se pensando que, se evitasse pensar nas possibilidades, estas não se materializariam, mas não tinha sido assim e agora sua neta pagaria por sua imprudência. Se o seu juízo não estivesse nublado, teria aproveitado aquela semana para investigar o jovem Lido, em vez de lamentar a sua má sorte. E em preparar a jovem para o que a esperava. Não devia mantê-la desinformada, desejando que suas esperanças se cumprissem. Deveria ter sido realista, e ir advertindo-a pouco a pouco de seu destino. Quem dera que

não tivesse sido tão cega. Agora tinha apenas dois dias para preparar a jovem contra seu pai, contra a Ordem, para predispor-la em favor de seu noivo, e consolá-la frente à rejeição de Leo, por mais que suspeitasse que não era mais que um capricho infantil por parte de Aria.

Eram muitas notícias chocantes para um caráter confiante como o de sua ingênua neta, uma prova muito dura para uma jovem superprotegida em excesso. Não tinha certeza de sua reação, e a temia.

Não deveria ter esperado tanto. Agora tinha que compensá-la e ensiná-la a ser como eles... A cidade estava em pleno alvoroço provocado pelo Carnaval, dispunha de dois dias e tinha que espremê-los ao máximo.

Veneza, abril de 1738

Amanhã vou me casar, e minha mãe me deu uma cópia exata do anel de noivado que meu pai lhe deu no dia em que celebraram sua festa de noivado. Cresci a vê-lo no dedo, talvez seja por isso que os dragões se tornaram um símbolo que me traz à cabeça segurança e afeto.

Graças a ele, sinto-me mais protegida e unida a minha família do que nunca.

Capítulo 5

A dois de deixar Torcello, Aria foi chamada ao gabinete de trabalho de Lucrécia, onde despachava todos os assuntos importantes. Enquanto se dirigia para lá, recordou como no dia anterior tinha sido instruída sobre o que podia esperar de sua nova vida junto a seu pai.

A Aria que eu conheço, lhe dizia Lucrécia —não sobreviverá em Veneza. Vai ter que me mostrar a mulher corajosa e determinada que sempre acreditei que foi e que vive debaixo de todas as camadas que vestiste para se proteger.

Sei que acha que é culpa sua o seu pai não te ter amado, mas não é verdade. Também não o teria interessado se tivesse sido um gênio da pintura ou do bordado. Nada teria conseguido chamar sua atenção, pode soar cruel, mas é a verdade. Ele queria um homem que perpetuasse seu sobrenome e que se unisse à Ordem de São Marco. Foi o seu fanatismo por isso que matou a sua mãe, e é justamente isso que pretendo evitar-lhe: uma morte prematura propiciada pelo desejo de poder de seu pai ou inclusive de seu marido.

Mas para isso você precisa mudar. Você é muito transparente, suas emoções se refletem em seu rosto com a clareza da inocência. Vai ser muito fácil para eles machucá-la se descobrirem suas fraquezas. E você nunca será capaz de jogar seu jogo se você não aprender a esconder o que você pensa ou

sente.

Também terás que erradicar a tua natureza confiante, nunca acredites em afagos ou lisonjas. São meros enfeites, tentativas de conseguir aproximar-se de ti e fazer-te sentir segura, para que não se dê conta de que está a fazer o que eles desejam que faça. Não penses que estou a exagerar ou a basear-me nas minhas próprias experiências para te explicar isto agora. Acredite, sei do que falo, já o vi e vivi e agora preciso que se lembre desta conversa, que antes de agir pense em cada uma das minhas palavras. A tua vida não vai ser fácil, a partir do momento em que pisar naquela cidade vai ter que medir cada um dos teus passos. A única pessoa em quem podes confiar quando lá estiveres é a minha amiga Isabel Doglio, Condessa de Lamarte. Se tiver em apuros, recorre a ela, a ninguém mais que ela. Isabel velará por ti e te acolherá como faria eu mesma se pudesse te acompanhar. Procure-a nos bailes e escute suas sugestões, pode ser que fazê-lo seja a diferença.

—Você se lembrará de tudo o que lhe digo, Aria? — perguntou Lucrecia.

—Sim, sim, minha avó.

E assim continuaram toda a tarde, Lucrecia falou-lhe sobre os costumes venezianos e sobre tudo aquilo que considerava que Aria devia conhecer.

Nesses instantes voltava a estar sentada escutando as últimas advertências de sua avó, já que a viagem era iminente. Concentrou-se no que

a rodeava, tentando conservar a memória para sempre. Certa de que sua avó jamais lhe escreveria, não porque quisesse abandoná-la a seu destino, mas porque as duas sabiam que seu pai jamais voltaria a lhe permitir manter o contato com ela.

Após sua promessa a Tomasso, e o temor de Lucrécia a Matteo, a única opção que lhe restava a Aria era apelar a seu futuro marido para que aceitasse dissolver a loucura de seu casamento.

Distraída tocou no anel de rubi que levava no dedo, e que tanto poder parecia fechar. Na noite anterior tinha tentado descobrir por que era tão importante, que poder possuía um objeto tão pequeno para lhe salvar a vida, mas sua avó tinha-se fechado como uma concha e tinha evitado com sutilezas responder a sua pergunta. Ao contrário, não tinha evitado explicar-lhe tudo o que dizia respeito à Ordem de São Marco. Segundo a informação de que dispunha Lucrécia, a família de seu futuro esposo pertencia à mais alta hierarquia da Ordem, era lógico supor, que Alessandro também seria um fanático da instituição tal como era seu próprio pai, e seus ancestrais antes dele.

A ideia de compartilhar sua vida com alguém a quem seria obrigada a mentir desde o primeiro encontro, produzia-lhe não só rejeição, mas também desgosto. Não o bastante, Lucrécia tinha sido clara neste ponto, não importava quão amável ou formoso fosse seu marido, ela nunca, jamais,

deveria lhe contar nada sobre seu dom.

O mais acertado para sua segurança seria limitar o contato físico com as pessoas que a rodeavam. Para tornar mais verdadeira sua farsa, tinha de ser arrogante com os criados e com os nobres de menor patente. Desse modo conseguiria também que os assistentes da Ordem a vissem como uma mais entre suas fileiras. Não era segredo que a alta sociedade da república fazia parte da elitista Ordem de San Marco. Uma sociedade que excluía qualquer um que não tivesse um título nobre antigo e uma boa fortuna que o acompanhasse.

Era *vox populi* como a Ordem movia os fios da política, eram eles que eliminavam os oponentes do Dux⁴ sob o lema da ordem: *Deus, honra et Vènetà*. Um lema por detrás do qual se escondia a tortura, o fanatismo e a ânsia de poder.

Ninguém estava a salvo de ser acusado de heresia ou traição, não se com isso a Ordem assumisse mais poder do que já dispunha.

Depois de passar a tarde escutando os conselhos de sua avó, saiu ao jardim tentando limpar sua cabeça de tudo o que acabava de conhecer. As perspectivas que se lhe abriam eram obscuras e pouco encorajadoras. Tinha sido tão feliz em Torcello que saber que devia separar-se de tudo o que conhecia e amava a deixava preocupada e melancólica. No entanto, a sua decisão de mudar o seu destino estava viva na sua mente, lutando para se

impor à memória de um beijo.

Nem sequer fingiu surpreender-se quando seus passos a levaram até as quadras, mesmo sem estar consciente disso seu caminho sempre desembocava no mesmo ponto: Leo.

Parou na porta, debatendo-se entre entrar ou não. A prudência e o tarde da hora terminou de decidir, não entraria. Deixaria que a tempestade de ideias que pairava na sua cabeça esclarecesse e depois, enfrentaria o Leo e descobriria a razão pela qual tinha aceitado escoltá-la até ao seu noivo. Por que não aproveitava a oportunidade que lhe brindava o destino para se afastar dela?

Não precisou esperar o dia seguinte para saber as respostas.

—Aria. — A voz lhe chegou do lugar oposto ao que esperava.

Virou-se com pressa para topor com seus olhos brilhantes.

Não deu nenhum rodeio do que precisava saber, lhe abordou de repente, consciente de que, se lhe desse tempo para pensar, para reagir, jamais descobriria a verdade que precisava conhecer.

—Vovó me disse que você vem para Veneza comigo, eu quero saber por que. Por que você está vindo comigo, Leo? Adoras Torcello, esta é a tua casa e se vieres comigo é provável que nunca mais voltes.

A surpresa que apareceu no rosto masculino deu lugar imediato à confusão. Durante vários segundos, permaneceu em silêncio, Aria

comprovou como ia escurecendo-lhe o olhar até que seus olhos verdes se fecharam por completo. Já não haveria maneira de descobrir o que pensava, só escutaria o que ele estivesse disposto a lhe dizer.

—Estou ao serviço da Duchessa, meu dever é obedecê-la. — Justificou-se falando atrozmente, embora sua mente repetisse um nome como um mantra: Viola, Viola...não posso permitir que acabemos como ela.

—Preciso saber a verdade. Sua resposta não é mais que uma desculpa. —Ele aproximou-se com lentidão a ela, expectante.

—Essa é a verdade, não procure onde não há, Aria. Cuidarei de você porque minha senhora me pediu, cuidarei de você porque a um tempo foi tudo o que tinha. Cuidarei de você porque é o que se espera de mim. E quando o fizer, quando estiver onde deve estar, retornarei a Torcello, porque isso é o correto. O que tem de ser feito.

—E você sempre faz a coisa certa – replicou ela, sarcástica.

Leo encurtou uns passos mais a distância que os separava, tinha os punhos apertados, —estava furioso com ela por provocar-lhe e consigo mesmo por lhe permitir que o fizesse, ainda assim, manteve-se em silêncio, comedido, distante.

Ela sentiu sua raiva como um golpe no estômago, nada do que fizesse ou dissesse começava uma resposta real. A explosão de raiva que descobriria a verdade.

—Você é um covarde. E não se atreva a negá-lo. Você é.

—Só porque não sinto o mesmo que você, não significa que seja um covarde. —Ele revidou, consciente de como suas palavras haviam soado frias.

Nesse instante a advertência de Tomaso ressoou em seus ouvidos, às vezes as palavras ferem mais que os golpes. Ela inspirou-se a tentar juntar todas as peças que acabaram de se partir. Em um último impulso de dignidade ergueu a cabeça sobrepondo-se ao estoque.

—Não é que não sinta o mesmo que eu. É que você não sente nada.

Capítulo 6

Depois de vários contratempos durante a viagem chegaram a Veneza muito mais tarde do que tinham planejado. Seu atraso os fez encontrar-se com os carnavais em seu ponto mais alto. Uma vez que chegava a noite a cidade se punha em movimento, e não havia forma humana de cruzar ao outro lado antes que a madrugada anunciava o novo dia.

Por isso foram forçados a passar a noite em uma das pousadas do outro lado do canal. Tentar atravessar as ruas com a carruagem e a escolta era uma ideia louca.

Não haviam dado conta que era feriado e foram informados pelo hospedeiro a sorte que tiveram ao conseguir quartos livres. Do mesmo modo ele lhes falou dos carnavais e de como as classes humildes, podiam sentir que eram considerados iguais aos poderosos, e as classes altas se liberavam durante uns dias das ataduras morais próprias da aristocracia. Aria encolheu o nariz ante as últimas palavras do discurso do homem, porém, se absteve de fazer algum comentário.

Sabendo que a tagarelice do hospedeiro podia provocar uma pequena catástrofe, como que Aria quisesse conhecer em primeira mão os afamados carnavais, Leonardo tomou conta da situação e o calou com sutilezas.

As escoltas levaram os cavalos e a carruagem aos estábulos enquanto

ele alugou um quarto para Aria e sua donzela.

—Onde você vai dormir? — perguntou Aria, preocupada que passasse a noite fora ou com os cavalos.

—Não vou dormir. Ficarei de guarda na frente de sua porta. A cidade está cheia de bêbados e pessoas que só querem se divertir, escondidos atrás de uma máscara que esconde seus atos. Não te deixaria sozinha por nada do mundo.

—Sinto-me segura ao seu lado. — Disse-lhe com sinceridade, embora as palavras que precisava pronunciar fossem outras.

O Leo sorriu como não sorria há muito tempo, pelo menos para ela.

As duas mulheres seguiram o hospedeiro até ao quarto que lhes fora atribuído e, tal como tinha prometido, Leo sentou-se no chão encostado à porta e esperou que amanhecesse para mudar tudo.

— Senhorita, não é boa ideia. — Tentou dissuadir a Luz— além disso Leo não o permitirá.

Aria apercebeu-se de como ficou chateada ao ouvir a Luz a usar o seu primeiro nome.

—Não vou sozinha, Luz. O signore Cosimo me acompanhará. — Replicou irada.

Nunca tinha se referido a Leo desta maneira tão formal, mas de alguma forma a familiaridade com a qual Luz tinha falado dele tinha-lhe provocado

uma pontada de ciúmes.

Disposta a desfrutar da confusão que invadia a cidade, embora para isso tivesse que ir sozinha, pediu-lhe um vestido a Luz. A roupa era verde escura e muito mais ousada do que ela usava, o decote era largo de maneira que deixava a descoberto grande parte dos ombros. Ainda assim, não aceitou o lenço que sua donzela lhe tendia para que cobrisse sua pele. Levaria um xale e isso deveria ser suficiente para cobrir seu pudor.

Com a ideia de manter sua identidade em segredo soltou-se o complicado penteado que levava e que a catalogava como aristocrata, e deixou seu longo cabelo vermelho solto às costas. A única coisa que ela guardou no dedo, foi o anel que ele tinha prometido levar sempre consigo, as outras joias ela guardou na pequena bolsa que Luz tinha preparado para passar a noite.

—Se a duquesa Lucrécia a visse certamente mandaria que me açoitassem —Queixou-se a donzela, exagerando a reação de sua avó.

Aria riu pela ocorrência, ela jamais trataria assim seus servos.

—Se minha avó me visse agora, certamente concordaria comigo.

—Não creio, nobildonna. — Apontou a donzela com excessiva confiança.

—Bom Luz, isso também não importa, já que não está aqui —disse Aria resolvendo o assunto.

—Mas o signore Cosimo sim que está e tenho certeza —remarcou as duas últimas palavras— de que não vai gostar do que está planejando fazer.

—Boa noite, Luz —se despediu. Não a deixaria ser repreendida pela sua criada, especialmente tendo em conta o seu interesse pelo Leo.

Aquela noite ia ser a sua última oportunidade de fazer o que quisesse e pensava aproveitá-la. Além disso, estava segura de que, apesar de seu caráter sério e responsável em excesso, Leo não iria se opor a acompanhá-la. Não só pela lealdade ou afeto que lhe tinha tido, mas porque sempre tinha sentido a mesma curiosidade que Aria pelo que havia além dos limites de Torcello.

Abriu a porta do quarto com cuidado e saiu ao patamar, segura e com o olhar à frente. Não pensava em se intimidar. Leo estava sentado no chão e encostado contra a parede. Tinha os olhos abertos. Alerta e com a mão no cinto onde levava sua espada, uma arma feita na bigorna de sua família.

Não foi necessário que falasse para que ele se desse conta de sua presença, de um ágil salto se pôs em pé. Aria não pôde deixar de notar a força de suas pernas, nem o modo como seus músculos se esticaram quando saltou para se levantar.

O pensamento ruborizou suas bochechas. Mas o embaraço passou a um segundo lugar quando viu que, tal como tinha esperado, ele abriu os olhos com exagero ao ver o que levava posto.

Não sabia se pela surpresa ou por algo mais, embora fantasiou com a

ideia de que fosse admiração ante tanta pele exposta.

—Aria, é tarde, precisa de algo? E o que faz vestida assim? — perguntou com as bochechas acesas—. O vestido que usa não é próprio de uma dama.

Ela ignorou o comentário mordaz que desejava lhe responder. Mas em um arranque de bom senso soube que não era o momento de provocá-lo. Não se esperasse que ele apoiasse o seu plano.

—Necessito que me acompanhe a ver os carnavais. — Pediu com mais serenidade do que sentia em realidade.

—O que? Você está louca? É perigoso, neste momento ninguém é o que parece. Nem mesmo você parece uma dama com essas roupas.

—Perfeito, porque estou cansada de não ser nada mais do que o que pareço —Disse desafiando-o a contradizê-la.

—Aria.

—Não, Leo. Vou sair, contigo ou sem ti. Preferiria que me acompanhasses, mas, ainda que não o faças irei igual. Amanhã terei que enfrentar quem sou na realidade, o que se espera de mim. Mas hoje quero esquecer tudo, preciso esquecer tudo! Hoje sou apenas mais uma mulher que quer desfrutar de um pouco da liberdade que lhe foi negada toda a sua vida.

—Está bem. Te acompanharei —decidiu com firmeza.

Leo estava consciente de duas coisas naquele instante: estava decidida

a desfrutar das festas e não ia poder detê-la, e passar com ela a noite fingindo que eram outras pessoas ia requerer de todo seu autocontrole.

Tal como a Aria disse, era uma noite para ser alguém diferente, para aliviar as preocupações e desfrutar da liberdade de ser quem quiseses.

—Está realmente disposto a ser visto comigo? Não será impróprio segundo seu afiado código moral? — suas palavras pretendiam feri-lo, ou talvez provocá-lo a reagir. Qualquer coisa que a libertasse do destino ao qual ele a escoltava.

O Leo ficou sem fôlego quando viu como estava bonita com os olhos brilhantes de emoção e o seu sorriso deslumbrante. Seu cabelo cobria seus ombros como um véu vermelho que realçava ainda mais a pele branca e delicada de seus seios.

—Realmente. Mas primeiro fique aqui. Eu tenho que conseguir máscaras.

—Não, te acompanho. Não quero ficar sozinha no meio do corredor.

—Me referia a seu quarto —explicou, aborrecido porque pensava que descuidava sua proteção.

— Para que possa me trancar e não me deixar sair até amanhã? Não obrigado. Te acompanharei.

Franziu a testa, sabia que se discutisse com ela a respeito só ia gastar suas energias, e, em todo caso, era melhor que lhe acompanhasse.

—Tudo bem, mas fique comigo.

Aria assentiu tremendo pela emoção e o seguiu em silêncio. Para sua surpresa, ele a pegou pela mão enlaçando seus dedos. O calor de sua palma subiu por seu braço até seu peito, apertou os lábios para abafar o som que se lhe formou na garganta.

Antes de descer ao refeitório ouviram os sons do ambiente festivo. A pousada ficava bastante longe da zona onde se celebravam as festas, mas, ainda assim, parecia que o carnaval tinha invadido todos os cantos da cidade.

Quando chegou ao térreo, Leo evitou entrar na sala de jantar, levando Aria a uma porta traseira que dava para os estábulos. Essa zona da rua estava relativamente calma, embora a música e as risadas seguissem escutando-se por toda parte.

Puxou-a gentilmente para se juntar às pessoas que vagueavam pela rua principal. Ambos notaram o interesse que despertavam, pois eram os únicos que não escondiam seus rostos atrás de máscaras.

Aria ficou admirada pelos trajes que levavam os cidadãos. Alguns muitíssimo mais elaborados do que tinha já visto. As máscaras eram variadas e coloridas, algumas cobriam o rosto por completo, outras deixavam as bochechas à vista. Não obstante, o disfarce que mais chamou a atenção da Aria era o conhecido como *Dottore Peste*, uma máscara com um longo nariz.

Embora a fama dos carnavais de Veneza tivesse chegado até Torcello,

o que estava vendo não se parecia com o que havia imaginado, quando Frei Manuel lhes explicava a origem da festa. Essa festividade teve seu início nas festas bacanais e Saturnais do Império Romano, onde o desenfreio popular requeria o uso de máscaras, para poder desfrutar com maior liberdade, e sem o temor a ser reconhecidos, dos próprios prazeres.

Depois de caminhar vários minutos entre a multidão, entraram em uma taverna muito mais barulhenta do que a estalagem da qual haviam saído. Os paroquianos mascarados riam e bebiam com grande algazarra. Era impossível distinguir quem era um nobre e quem pertencia ao povo simples.

Sem soltar a mão de Aria, Leo se dirigiu até o lugar onde o hospedeiro, vestido com uma estranha vestimenta turca: uma máscara dourada e um complexo turbante na cabeça, repreendia uma garçonete.

— Hospedeiro, precisamos de máscaras. — Informou Leonardo, com firmeza.

—E eu preciso de um descanso, e aqui estou atendendo a todos esses bêbados. — Fez um gesto com a mão abrangendo os presentes.

—Estou disposto a pagar com generosidade por elas.

—Rapaz, agora falou o suficientemente claro para que possa te entender. Siga-me —pediu indicando a parte de trás onde se via vários casais contorcerem-se no meio da escuridão.

Leo achou melhor que Aria esperasse em vez de arriscar levá-la

consigo e ver cenas impróprias para a sua inocência.

—Espere-me aqui e não se mova até que eu venha. Passe atrás do balcão, assim ninguém te incomodará.

Olhou para o hospedeiro pedindo-lhe permissão. Este concordou com um gesto afirmativo com a cabeça. E pediu que um dos seus garçons, que mais parecia um pirata que um garçom, que vigiasse a moça que havia chegado com seu acompanhante.

—De acordo – aceitou, sentando-se no barril que lhe indicou seu protetor pirata.

Leo se afastou pouco convencido, virando-se a olhá-la enquanto adentrava nas sombras.

Sem nada para se entreter, Aria observou a jovem que estava servindo ao seu lado. Usava uma máscara verde e prateada em forma de borboleta, pareciam asas prestes a voar. Suas roupas eram descaradas e caras. Perguntou-se até que ponto o guarda-roupa adequado podia fazer de ti uma pessoa diferente.

Estava tão egocêntrica a observar as pessoas que não percebeu que Leo tinha regressado até que passou para o outro lado e voltou a segurá-la pela mão, para que se levantasse e o seguisse. Inexplicavelmente se sobressaltou ante o gesto, sua mão era muito mais cálida e suave que da última vez que a tinha tocado, ela notou que ele esboçou um sorriso sensual que a deixou sem

respirar. Desde quando é que o Leo sorri assim? Diante de sua paralisia, voltou a puxá-la, no entanto, não se moveu, ficou onde estava observando-o como se fosse a primeira vez que o via.

Seu amigo usava uma capa escura que tapava sua cabeça e uma máscara branca que cobria seu rosto até o final de suas maçãs do rosto. A mandíbula e os lábios estavam expostos. Sem dizer nada lhe estendeu uma máscara vermelha e dourada que lhe ajudou a pôr-se, amarrando-lhe as fitas e acariciando-lhe a nuca ao fazê-lo. Sentiu o nariz a aproximar-se do cabelo.

Aria estremeceu, mistura de desejo e de desconcerto. Estava acariciando-a?

Com a mesma atitude silenciosa que tinha desde que regressou com as máscaras, tirou-a do balcão e daquele local. Uma vez na rua continuaram andando até o lugar onde se reunia mais gente, as tochas iluminavam o ambiente e davam um ar sonhador à cidade, como se naquela noite mágica tudo fosse possível.

O canal estava inundado de gôndolas onde pessoas disfarçadas desfrutavam de romances anônimos e fugazes. Os músicos tocavam nas ruas, as pessoas desfrutavam do vinho enquanto dançavam ao luar, e os casais se beijavam como se fosse a última vez que fossem fazê-lo.

—Isto é fantástico! — disse Aria—. E muito mais tentador do que Frei Manuel nos contou. Da vontade de unir-se a eles.

Leo voltou a mostrar o seu sorriso sensual, mas não respondeu.

—É a verdade, agora mesmo posso ser quem eu quiser ser. Porque a ninguém importa quem sou na realidade.

—A mim importa —Ele murmurou em um sussurro.

—O que foi que você disse?

Ele repetiu no mesmo tom sussurrado e Aria teve que chegar muito perto de sua orelha para ouvi-lo. Seus lábios roçaram sua carne e o fôlego esquentou sua pele.

— Você não conta. Já sabe quem sou —disse, enquanto em sua cabeça ferviam as perguntas e em seu estômago se concentravam mil emoções.

—Venha para cá.

Tomando-a pela cintura, dispôs-se a guiá-la até uma das gôndolas que estavam vazias. O gondoleiro os ajudou a entrar sem sequer olhá-los, estava muito acostumado aos casais que buscavam a solidão do canal.

Com cuidado foram colocados em uma das extremidades, Leo passou o braço pelos ombros para atraí-la até ficar colada em seu corpo. Quando o fez, o lenço que levava para proteger-se do frio lhe escorregou, mas Aria nem sequer o notou, o corpo dele ao seu lado a mantinha quente.

A noite estava sendo uma aventura deliciosa, inclusive a atitude fria e distante de seu acompanhante havia se tornado em galante e cálida. Era como se também tivesse sido contagiado pela magia do carnaval em que as pessoas

deixassem de ser o que deviam para se tornarem o que queriam.

Voltou a sentir o nariz dele no cabelo, mas desta vez não parou aí: desceu pelo pescoço e continuou a descer até chegar à clavícula. Aria abriu muito os olhos, surpreendida pela ousadia, mas não se afastou e tampouco disse nada. Com valentia lhe passou as mãos pela nuca, e lhe acariciou os tufo de cabelo que se enredavam nela. As mãos de Leo pousaram com delicadeza em sua cintura, o nariz foi substituído pelos lábios, que roçaram sua garganta com lentidão subindo por ela até chegar até o oco detrás de sua orelha. O estômago dela virou-se, consciente de que havia algo que não batia certo na forma como se comportava com ela.

Por muito que tentasse nunca conseguiu que a relação com seu amigo voltasse a ser fluida e fácil e agora que estava a ponto de levá-la ante seu noivo se mostrava tão afetuoso?

Não pôde continuar com o fio de seu raciocínio, os lábios de Leo a tiraram de repente de seus pensamentos, quando pousaram com delicadeza sobre os seus. Começou como um toque, uma tímida carícia enquanto esperava a reação dela a seu gesto. Com paciência esperou-a que abra a boca, tentando-a para que o fizesse: mordiscando seu lábio inferior, lambendo o superior... A surpresa fez com que atingisse o seu objetivo. A boca feminina se abriu para formar uma ou perfeita, instante que aproveitou para introduzir-lhe a língua e saboreá-la com prazer.

Ele era doce e inocente e seu sabor ofuscava seus sentidos.

O suspiro que escapou dos lábios de Aria lhe deu a pista que precisava para continuar, e o contato se tornou mais intenso, mais ardente. As mãos de ambos seguiram os lábios. Sentiu um estremecimento de prazer quando notou sua língua na boca, e imitava seus movimentos, e sabia que se não quebrasse o beijo estaria perdido.

O fogo do beijo fez faísca no cérebro adormecido de Aria. Hortelã, Leo cheirava a hortelã.

Capítulo 7

— Você! — exclamou Aria, lançando-se para trás, de um modo instintivo.

O cheiro de hortelã não podia vir de Leo. A única pessoa que cheirava assim era justamente a última com a que esperava voltar a encontrar-se, e em troca o destino voltava a pô-lo de novo em seu caminho.

—Costanza, quanto me alegra que me recorde —comentou o falso Leo, tirando o capuz da capa e a máscara que cobria seu atrativo rosto.

Durante vários segundos foi incapaz de reagir, enfeitiçada ainda pela paixão que haviam despertado seus lábios. Sentindo o agradável formigamento produzido por seus beijos.

O caçador a tinha beijado. De novo.

O sorriso sarcástico que lhe dedicou trouxe-a de repente à realidade.

—Quem é você? — perguntou, afastando-se dele.

—Essa é uma pergunta muito perigosa, preciosa.

Aria franziu a testa e ele sorriu ao ver a confusão em seu bonito rosto.

—Poderia te perguntar o mesmo, quem é na verdade, a nobildonna que conheci em Torcello, ou a empregada que acabo de beijar?

—Por que não posso ser ambas? — respondeu, recuperando uma parte de sua inteireza.

—Ninguém disse que você não pode ser. Eu gosto de ambos. Seus beijos são igualmente deliciosos seja quem for. Ainda que para que fique tranquila, te prometo que amanhã continuará sendo tão virginal como é agora. Não tenho intenção de seduzir-te. Pelo menos, não esta noite—brincou com ela.

—Você é um descarado!

—Sabe que não vou negar isso.

—Quero voltar para a taverna. Agora mesmo —exigiu com altivez.

—Definitivamente não é uma criada —brincou ele, mas creio que o melhor será que não me responda. Que seja uma noite sem perguntas, vamos honrar a festa.

—Quero voltar, e te exijo que me diga o que fez com meu acompanhante. — Não pensava ceder ante ele.

Tentou levantar-se, mas uma mão rápida agarrou-a pelo braço, impedindo-lhe o movimento.

—Não lhe fiz nada, e será melhor que fique quieta ou cairá no canal. E a água além de estar muito fria, está muito suja. Acredite, não é uma boa ideia se mover.

—Eu tenho que sair daqui. Leo deve estar louco, me procurando e...

—Não se preocupe tanto, seu amigo sabe que você está comigo. Disse ao Renzo para lhe dizer quando saíssemos.

—Renzo? — perguntou confusa.

—Meu criado.

—Está louco, Leo sabe que não conheço ninguém em Veneza, nem sequer conheço a.... Sabe que é impossível que tenha ido por minha vontade com alguém.

—Isso não é bem verdade, você me conhece. Claro que seu namorado entende que você decidiu desfrutar do carnaval com um velho amigo. Além disso, meu empregado é geralmente muito dissuasivo quando ele propõe. — Por muito que tentasse mostrar impassível, falhou-lhe a voz ao referir-se ao menino que a acompanhava, a ira e a necessidade de saber quem era fundiram-se com o prazer que tinha sentido ao voltar a vê-la.

—Você o machucou?

— Eu? — fingiu estar chocado com a pergunta— Como eu vou machucá-lo se eu estou aqui com você?

— Seu criado, ele vai machucá-lo?

— Claro que não será necessário. Acredite em mim, Costanza, seu namorado estará bem. E você está com um amigo —acariciou a palma da sua mão em uma tentativa de acalmar seu medo, mas o gesto teve o efeito contrário, ambos lembraram do beijo.

Aria sentiu que sua pele ardia bem no ponto em que ele a havia tocado, e ele sentiu a necessidade de atraí-la de volta ao seu corpo.

— Leo não é meu namorado, e você não é meu amigo. Apenas nos conhecemos. — Mordeu a língua, incomoda. Por que lhe dava explicações? Ela tinha sido enganada, e ele não parecia muito disposto a acompanhá-la de volta à cantina.

Cada vez mais zangada, deu-se conta que apesar de si mesma, o caçador, supondo que era já que na lógica nenhum caçador dispunha de criados, lhe resultava interessante e sua companhia muito mais que meramente agradável.

— Uma notícia fantástica — sussurrou por baixo. Aria não soube a qual das duas afirmações se referia.

— Deixe-me descer, preciso voltar à pousada para averiguar se Leo voltou lá para me esperar — pediu Aria, preocupada.

— Faremos uma coisa, me dará duas horas. Duas curtas horas de seu extenso tempo e depois, eu mesmo te acompanharei à pousada ou a procurar o seu...

— Ele não é meu namorado, cortou lhe irritada — e não tenho de ficar contigo, não confio em ti.

Ele riu com vontade, não só era linda, além disso tinha caráter.

— Claro que pode ir quando quiser, mas sei que não o fará. — Comentou com picardia, inclinando-se para aproximar-se mais dela. — E a respeito de não confiar em mim, nós dois sabemos que está mentindo.

— Se engana em tudo, assim que chegarmos a terra firme vou sair o mais longe de ti que possa.

— Eu acredito que não. — Apoiou o polegar sobre sua bochecha, como se estivesse valorizando suas palavras.

— E o que te faz supor isso? — A curiosidade impregnou sua voz.

E ele soube naquele instante que a batalha era sua.

— Porque se ficares comigo, mostro-te o melhor da cidade e dos seus famosos carnavais. Ao meu lado desfrutará da festa, e além disso não tentarei descobrir quem é. Contentarei em saber que te chamas Costanza e que vives em Torcello. Nem sequer te perguntarei o que faz em Veneza.

Aria olhou para ele em silêncio por pelo menos um minuto. Como ele percebeu tão cedo o que ela queria? Estava lhe oferecendo a oportunidade que andava buscando, deixar de ser a filha de um Marchese, a neta de um Duca, a prometida de um homem que não conhecia e ser por uma noite outra pessoa: Costanza, a mulher que ela queria ser.

— Por que devo confiar em você? — perguntou, ainda indecisa.

— Porque se quisesse magoar-te, teria feito quando estávamos sozinhos na floresta e não no meio de Veneza, com as ruas cheias de gente. Além disso, sei que confia em mim – se aventurou – Você acaba de me devolver um beijo. E acaba de arrancar-me a promessa de não te seduzir essa noite.

—Te beijei porque não sabia que era você – protestou.

—Talvez não no início, mas você sabia que eu não era quem você pensava e me deixou beijá-la novamente. Vem comigo! Veneza pode ser maravilhosa com a companhia certa.

—Está se tornando um hábito muito incômodo ceder a todos os seus pedidos. — A lembrança de seu primeiro beijo na floresta voltou a sua mente.

—Eu, por outro lado, estou encantado que o faça.

—Suponho que uma autêntica dama agradeceria sua proposta e depois a recusaria. — Comentou, debatendo-se entre o dever e o desejo.

—Você se engana. Uma dama educada a aceitaria —lhe disse, com um piscar de olhos, malandro—. Mas você está muito preocupada com o tal Leo para ser objetiva. Só espero que não seja a mesma pessoa que te fez chorar em Torcello. Reconheço que se fosse assim me decepcionaria, tinha chegado a pensar que era uma mulher com caráter.

—O que está insinuando? — perguntou a ponto de estourar de raiva. Como se atrevia a julgá-la sem sequer conhecê-la?

—Exatamente o que eu disse. Por alguma razão, que não consigo compreender, tinha acreditado que era uma mulher com mais orgulho e dignidade, e em troca, resulta que é tão dócil como todas as damas que tive o duvidoso prazer de conhecer. Capaz de correr atrás do homem que a rejeita em lugar de desfrutar de uma noite com um desconhecido sem ataduras nem promessas. — A cara de estupefacção dela encorajava-o a continuar a

provocá-la.

Queria desfrutar de sua companhia e não pensava render-se, embora para isso tivesse que recorrer a táticas pouco adequadas em um cavalheiro.

Aria, por sua vez, ficou chocada com a atitude do caçador. Uma pequena parte dela estava disposta a dar-lhe uma lição sobre o perigo que era se aventurar. Por outro lado, ficar seria uma lição dupla, Leo também beberia de seu próprio remédio, a indiferença.

Estava decidido, aceitava a proposta.

—Você me convenceu com sua eloquência. Eu aceito o seu amável convite. — Pronunciou as palavras ao mesmo tempo que levantava o nariz, altiva.

—O sarcasmo não era necessário, com um eu permaneço, havia mais que suficiente. — Respondeu eufórico pelo triunfo—. Nesse caso, vamos aproveitar a noite sob o céu.

—Só colocarei uma condição.

—Acredite, não se arrependerá —murmurou devagar.

—Ainda não ouviu a minha condição.

—Aceitarei o que tiver a bem solicitar —disse, irônico.

—Já perdi a conta das vezes que me pediu para acreditar em você e das vezes que aceitei.

Um sorriso feroz se instalou em seus lábios delineados. Sua boca era

larga e carnuda, talvez demais para um homem, no entanto, não lhe subtraía nem um pouco a masculinidade de seu rosto.

Aria sentiu um calafrio percorrer sua coluna quando lembrou como esses lábios o haviam feito sentir.

—Preciso mandar um bilhete ao meu acompanhante — pediu preocupada achando que ele negaria.

—Assim se fará. Só espero que de verdade não foi esse Leo quem te fez chorar em Torcello. Não respondeste a essa pergunta, e a curiosidade é uma das minhas maiores virtudes.

—Se considerar que a curiosidade é uma virtude, não quero conhecer seus defeitos. — respondeu olhando para ele, irada. Nem o tinha feito nem o faria.

Ele riu satisfeito. Desfrutava provocá-la, vendo como demonstrava seu caráter com cada resposta que lhe dirigia.

A Aria tentou esquecer-se da preocupação com o amigo. Assim que saíssem da gôndola, enviaria uma mensagem para que ele soubesse que ela estava bem, e que, de fato, estava com um conhecido. Relaxando deixou-se arrastar pela aveludada voz de seu acompanhante que lhe ia apontando os edifícios emblemáticos da cidade.

O gondoleiro continuou com seu passeio sem se virar para olhar a seus passageiros, sabendo que a descrição renderia aumento na gorjeta que

receberia por seu trabalho.

Em várias ocasiões durante o passeio se encontrou perguntando quem seria na realidade seu misterioso amigo. Ele tinha mencionado um servo, então deve ter sido alguém rico. Ou um barão ou um burguês. Se pertencia à primeira categoria, seria possível que voltasse a encontrar-se com ele, e se for esse o caso, como deveria comportar-se? De fato, recriminou-se seu proceder atual, ao permitir que um desconhecido a acompanhasse por toda a cidade, de noite e sem uma arma adequada.

Nem mesmo sua avó com toda sua permissividade aprovaria o que estava fazendo. Ela foi forçada a lembrar a decisão que tinha tomado ao aceitar sua oferta: amanhã voltaria a ser Aria, mas essa noite era Costanza.

Sorriu ao pensar que o único que a instigaria a desfrutar o momento seria Tomaso, que atribuiria sua temeridade à cor de seu cabelo. Sua vida tal como a tinha conhecido estava a ponto de mudar, esta era sua última oportunidade de ser quem quisesse, no dia seguinte para tudo seria sí signore e sorrisos fingidos. Distâncias e uma vida solitária.

—Como se chama? — ousou, por fim, perguntar.

A interpelação pegou de surpresa o caçador, que continuava apontando uma das pontes que acabam de cruzar por debaixo.

—Pensei que já tínhamos ultrapassado essa parte.

—Como vou me dirigir a você se não sei qual é seu nome? —

comentou, com os olhos cravados em seu rosto.

—Suponho que tem razão. Me chame como preferir, é sua noite.

—Talvez, nobiluomo? — perguntou, tentando descobrir alguma reação que lhe permitisse adivinhar se pertencia à nobreza.

—Muito inteligente, preciosa. Mas como te disse, me chame como preferir. — Havia algum interesse desconcertante no fato de que não lhe dissesse seu nome.

Por que não inventava um como tinha feito ela mesma? A atitude do caçador era surpreendente, e interessante.

—Por que não me diz o seu nome? É tão feio? Ela brincou.

—As pessoas deixam de ser importantes quando o nome entra em jogo. — Sentenciou.

Sem entender completamente a crítica frase de seu acompanhante, assentiu com a cabeça, e deu o tema por encerrado. Se ela tinha decidido naquela noite ser alguém diferente, porque não teria ele o mesmo direito?

—Então te chamarei de caçador —anunciou, com um sorriso malandro nos lábios—. Pensei em você desse modo.

—Você já pensou em mim? Interessante, mas já lhe disse que pode me chamar como quiser, com exceção de Leo. Não volte a me chamar assim. — A expressão sorridente dele mudou ao falar.

Os dois se olharam em silêncio, e continuaram do mesmo modo até

chegou o momento de pisar solo firme, quando o gondoleiro os aproximou até a costa.

Desse lado do canal, os disfarces eram mais extravagantes do que antes. Até aquele instante, Aria tinha contemplado máscaras, capas e algum que outro tocado, mas nada comparável aos chapéus e mascaras que via adiante.

Algumas das pessoas usavam longas camadas sem forma que impediam averiguar se se tratava de homens ou de mulheres o que havia debaixo delas. As cores tocavam toda a tabela de tonalidades existente.

O desfile era interminável, as pessoas se uniam e se separavam dos que avançavam para esconder-se entre as sombras, e deixar-se levar por instintos. Um casal, impaciente por estar a sós, tropeçou com Aria com tanta força que, se o caçador não a tivesse segurado, teria se dado de bruços contra o solo.

Para evitar a queda, segurou-a colada ao seu corpo, Aria sentiu o calor e a dureza dos seus músculos, junto ao familiar cheiro a hortelã que desafiou os seus sentidos. Esquecendo-se das indicações de Lucrécia, encontrou-se a si mesma agarrando-se mais ao corpo masculino que a agarrava. Aria arregalou os olhos quando soube da familiaridade com que lhe tocava. Jamais havia tocado desse modo a Leo. Uma pontada de culpa a forçou a se separar dele.

Notando seu desconforto, o caçador, permitiu-lhe separar-se o necessário para que voltasse a estar a gosto entre seus braços.

Era surpreendente o que o destino havia feito com eles, desde o instante

em que a viu no bosque de Torcello, sob a luz do sol que fazia com que seus cabelos parecessem chamas em movimento, não havia podido deixar de pensar um instante nela. Havia perguntado na aldeia por uma garota chamada Costanza, mas ninguém conhecia nenhuma nobre que se chamasse desse modo, o que lhe fez pensar que talvez fosse só uma humilde criada que vestia a roupa que sua ama havia retirado. Embora o modo educado em que falava indicasse algo diferente.

Nesse instante amaldiçoou seu pai por obrigá-lo a aceitar suas extorsões, mas não podia permitir que Beatrice sofresse por sua culpa. Sabia que ele usaria a irmã como arma para machucá-lo. Não importava o quanto Giuseppe a amasse, seu pai era muito mesquinho e ambicioso para não usar o poder que Beatrice lhe dava sobre ele.

Se consolou dizendo que, de qualquer modo, embora não tivesse outra mulher também não podia tê-la. A linda mulher que tinha nos braços estava apaixonada por um tal Leo que não lhe correspondia.

Umas palavras pronunciadas em sua orelha o tiraram de seus pensamentos. Ele virou-se para os olhos azuis quase à altura dos seus. Tinha-se levantado sobre as pontas dos pés para chegar o mais perto possível de seu ouvido. Ela se deleitou com o cheiro de violetas de seu cabelo quando se inclinou sobre ela.

—Desculpa, não te ouvi.

—Prometeste-me que ia eu ia me divertir essa noite, e para ser honesta, acho-te bastante aborrecido.

Ele riu-se, o seu riso soou rouco e sensual, Aria reparou nos pelos do pescoço dele. Mas a provocação havia atingido seu objetivo, que apagasse o gesto de dor que havia em seu rosto enquanto pensava no que o havia afastado de seu lado.

— Que impaciente, nobildonna! Você me lembra minha irmã.

— Você tem uma irmã?

— Você está surpresa?

— Na verdade não. Não nos conhecemos o suficiente para me surpreender. — Disse, rindo.

—Você está ciente de que eu posso interpretar suas palavras como um desafio?

— Faça isso! — Ele soube instintivamente qual seria sua reação à sua provocação.

—Ok, você quis. —Ele murmurou, com a voz rouca.

E sem dar tempo a acrescentar nada mais se jogou sobre seus lábios.

Veneza, julho 1738

Abri os olhos, assustada pelo pesadelo, notei a umidade em minhas bochechas e o pranto preso em minha garganta, mas antes que pudesse

recordar o horror do sonho senti o calor de Matteo ao meu redor e as suaves palavras que derramava em meu ouvido acalmaram meu temor. Um temor que não tinha rosto nem silhueta, um temor que não recordava, mas que, ainda assim, me mantinha tremendo como uma folha que perdeu o abrigo da árvore em que habita.

Um sonho ruim que me assombrava, e que só a presença de meu marido conseguia apagar. Inquieta me deixei embalar por seus braços, de onde provinha meu medo? O que era aquilo que minha cabeça se empenhava em apagar enquanto abria os olhos?

—Não acontece nada, querida. Não se force a lembrar. Não é a vontade de Deus que o faça. —Mateus sussurrou em meu ouvido.

Eu relaxei e acenei com a cabeça.

—Seja feita sua vontade — sussurrei.

Capítulo 8

Aria sentiu como a boca suave e quente do caçador se pousava com ânsia sobre a sua. Antes quando pensava que eram os lábios de Leo que roçavam sua pele, tinha se sentido mais relaxada que naquele instante, apesar do que sentia por seu amigo, o caçador conseguia despertar nela sensações que a assustavam por serem novas e intensas.

Conseguia que se esquecesse de tudo o que os rodeava, embora não só seus beijos tivessem essa qualidade, lhe acontecia o mesmo quando falava. Sua mera presença era suficiente para que Aria se abstraísse de tudo, inclusive de si mesma. Era como se ao fingir ser outra pessoa, Costanza, a jovem misteriosa que ele acreditava ser, conseguisse ser a mulher que Aria pretendia ser, aquela capaz de enfrentar a seu pai e sair vitoriosa. Uma mulher capaz de lutar suas próprias batalhas, sem segredos do meio nem perigos dos quais se resguardar.

— Já nos conhecemos melhor. — Anunciou ele, fingindo uma tranquilidade que estava longe de sentir.

—Não me referia a isto. — Defendeu-se, embora soubesse perfeitamente que o beijo ia ser a resposta. —Eu sei, mas isto é muito mais divertido. Esboçou um tímido sorriso no qual dava a entender que estava de acordo com sua afirmação, conseguindo com isso que o sorriso divertido dele

desse passo em seu rosto a uma careta a cavalo entre a surpresa e o orgulho masculino. Tinha-o cativado por completo, disse a si mesmo, ao mesmo tempo que afastava o olhar dela para poder recuperar a sanidade.

—Está bem? — perguntou, confusa pelo modo em que afastou o olhar dela.

Não conseguiu responder com sinceridade.

—Será melhor você colocar minha capa. Seus cabelos são muito chamativos, e, portanto, difícil de esquecer. — Comentou, ao mesmo tempo que tirava a capa e a colocava com delicadeza sobre seus ombros, roçando-lhe com o gesto o pescoço.

Sentiu o calafrio dela na ponta de seus dedos, e seu estômago relaxou em resposta, ela sentiu o mesmo, se disse. E isso tornava tudo muito mais complicado.

Depois do pensamento, como havia feito durante toda a noite, tomou sua delicada mão e a arrastou entre a multidão. Disposto a cumprir sua promessa de mostrar-lhe a diversão que oferecia a cidade.

Os sentidos de Aria se impregnaram com o cheiro de hortelã-pimenta que desprendia a capa, inalou profundamente, e quase pôde sentir como o sol de Torcello lhe esquentava as bochechas no dia em que se conheceram. Sua conversa se reproduziu em sua mente. Desde o primeiro encontro havia fluido entre eles uma cumplicidade que nunca havia encontrado em ninguém

mais:

—*Com um beijo. Claro.*

—*Um beijo?*

—*Não se assuste. Me conformarei com um casto beijo em troca de seu nome, se não o pagamento será outro muito mais.... pessoal.*

—*A única coisa que te permitirei beijar será a minha mão.*

—*Não cederei nesse ponto. Se não puderem ser teus lábios será o mais perto que possa deles, ou teu nome, tu escolhes.*

Os desfiles improvisados e os bailes na rua seguiram, e ele cumpriu sua palavra, mostrando-lhe os segredos que escondiam os carnavais: por mais tempo do estipulado, Dançaram entre pessoas desconhecidas e beberam bebidas que Aria nunca tinha provado, cumprindo o objetivo da festa ao pé da letra, esquecendo o que teria que renunciar quando o sol saísse de novo e começasse o amanhã.

Horas depois, continuava agarrada à sua mão, quando a levava com segurança pelas ruelas de Veneza de volta à sua vida.

Um casal saiu, subitamente, das sombras da rua, sobressaltando-a. Tinha preferido voltar a pé em vez de tomar de novo uma gôndola, o caminho era mais longo, o que lhe permitiria estar um momento mais próximo ao caçador. À medida que se aproximava o momento de se despedir, sentia-se mais relutante em separar-se dele.

Foi forçada a parar de pensar nisso, sua vida já era muito complicada sem a intervenção de um homem que jamais voltaria a ver. Amava o Leo, e iam obrigá-la a casar com um homem que nem sequer conhecia. Não podia acrescentar nada à sua vida caótica, muito menos preocupar-se com alguém que nem sequer sabia o seu nome.

Sentiu o sangue a acumular-se nas bochechas quando viu o casal que acabou de sair do beco. Vê-los a beijarem-se tornou-se mais embaraçoso porque estava acompanhada pelo único homem que a beijou daquela maneira.

Os dois estavam vestidos de branco e preto, embora ela se distinguisse, além de seus atributos femininos, porque levava o cabelo dourado solto pelas costas. Era tão longo que lhe chegava quase à cintura. As máscaras que levavam eram de cor branca a dela, e negra a dele. Não havia dúvida de que tinha sido premeditado.

Aria tentou tirar os olhos deles enquanto passavam por seu lado, mas a cena que contemplava a tinha fascinada. Se beijavam sem nenhum tipo de pudor, parecia como se quisessem devorar-se um ao outro. Uma mão pressionava seu seio, enquanto a outra descia por sua perna para se perder em seu traseiro.

O caçador a puxou para deixá-los a vontade, mas justo nesse instante, a menina falou. Foi apenas um sussurro:

—Aqui não há, Filippo.

—Onde pois? Não quero esperar mais —explicou ele, voltando a beijá-la, com paixão.

Nesse preciso momento Aria foi consciente de duas coisas:

Que o grau de intimidade entre eles apontava a que estavam casados, e portanto, estavam demais, incomodando-os; e a outra coisa da que se deu conta foi do modo abrupto em que o caçador se tensionou, E parou para observá-los sem dissimulação.

—Beatrice? — perguntou numa voz tão baixa que Aria pensou se teria imaginado. A loira afastou-se do seu acompanhante e olhou para eles através da máscara. Não disse nada, só ficou parada durante uns momentos em que a tensão foi palpável. Seu acompanhante riu, como se divertisse a aquela cena, como se ele fosse um mero espectador.

— Quietos, Filippo —lhe pediu a garota, antes de se virar para responder—. Equivoca-se, nobiluomo.

A jovem falou com um acentuado acento. O mesmo que usava as pessoas do povo que alterava a ordem sintática das frases a prazer.

—Desculpe, signorina. Confundi-a com alguém. — Aceitou-o, com pouca convicção.

Ela não voltou a falar, limitou-se a agitar a cabeça dando a entender que aceitava as desculpas.

Um sentimento desconhecido invadiu Aria, de um modo tão

inesperado, que sentiu a respiração presa no peito. Quem era Beatrice? Por que ficou tão tenso quando pensou que era ela? O casal deixou o canto e seguiu seu caminho. Embora desta vez não se beijaram, nem sequer se roçaram, a interrupção tinha esfumado a magia.

Quando os amantes estavam longe o suficiente, o caçador voltou a tomar a mão de Aria para continuar o caminho até a pousada, mas esta não se moveu de onde estava. Ela ficou parada no mesmo lugar onde pararam.

Sabia que estava sendo irracional, que era perigoso permanecer ali, que não havia razão para se incomodar que ele pensasse em outra mulher enquanto estava com ela. Principalmente porque ela amava outro homem. A imagem de Leo se materializou em sua mente, no entanto, a sensação que sempre lhe evocavam seus olhos verdes não se instalou desta vez em seu estômago, e a imagem desapareceu com a mesma rapidez com que tinha aparecido.

Soltou a mão que o caçador que ainda tinha agarrada, e baixou o capuz que escondia seu cabelo. Precisava que o ar da noite refrescasse suas bochechas, e sua cabeça. Afastar-se do aroma da roupa, limpar sua cabeça de pensamentos que não se podia permitir; A noite já tocava a seu fim.

Não teve que olhar para ela para adivinhar sua confusão. Mesmo assim, ele olhou para os seus olhos cinzentos e descobriu que, naquela ocasião, o aço dos seus olhos parecia ter derretido.

—Quem é Beatrice? — perguntou com a voz firme. Tinha aceito que não lhe dissesse seu nome, mas neste momento não desistiria.

—Por causa da nossa amizade, evitemos as perguntas. Ele respondeu sem responder à pergunta.

—Nós não somos amigos.

—Outra vez voltamos a isso? , acreditava que já tinha ficado claro que o somos.

—Quem é Beatrice? — repetiu.

—Ser teimosa não é uma qualidade atraente para uma dama.

—Não ouse zombar de mim, e não se atreva a evitar a resposta. Quem é Beatrice?

—Não tenho que responder-lhe. — Seu olhar de aço cravou-se nela.

—Ok. Foi um prazer duvidoso vê-lo novamente, mas eu tenho que ir.
— Despediu-se, movendo-se pela primeira vez desde que se encontraram com o casal que se beijava.

—Não pode ir sozinha.

—Eu posso e é exatamente o que eu vou fazer. Eu não gosto de duplos padrões. Eu te disse o meu nome, confiei em ti, e tu não respondeste a uma das minhas perguntas.

—É o melhor para ambos. Permita-me que te acompanhe e não terá que me ver nunca mais.

—não

—Costanza, é perigoso que ande sozinha esta noite. — Um músculo dançou em sua mandíbula. Aria percebeu que tentava controlar sua raiva para não assustá-lo.

—Eu quero voltar. Agora mesmo. — Ela resignou. Poderia lembrar o nome da pousada, mas não sabia como chegar até lá.

Não havia dúvida de que necessitava de sua ajuda, por muito zangada que estivesse ao permitir-se que lhe afetasse sua recusa a lhe falar da garota. Que ela tivesse sido uma tola que tivesse corrido a explicar-lhe que entre ela e Leo não havia nada, não significava que ele iria fazer o mesmo.

—Às suas ordens, nobildonna.

Por um instante acreditou que teria que carregá-la ele mesmo até o lugar onde se alojava. De modo algum lhe permitiria que andasse sozinha por uma cidade tomada pela libertinagem e o álcool.

Compreendia seu mau estar, mesmo assim não conseguia explicar-lhe quem era Beatrice sem descobrir a sua própria identidade. Zangado consigo mesmo por seus complexos, que o impediam de aceitar que o interesse das mulheres ia além de seu dinheiro e seu título, se calou a confissão, e caminhou junto a ela mantendo as distâncias, sabia que Costanza não queria que tocasse nela.

Confusa com a mistura de sentimentos que a embargavam, e que iam

desde a curiosidade, passando pela certeza de saber que uma vez que chegassem a seu destino, e se despedisse dele, não voltaria a vê-lo mais, até o ciúme inexplicável que havia surgido antes de sua recusa de explicar quem era a dama. Sabia que não havia motivo para que os sentisse, dois encontros casuais e uns beijos não justificavam sua atitude possessiva. No entanto, também estava zangada por ter sido tão aberta com ele. Tinha-se apressado a dizer-lhe que o Leo não era seu namorado, enquanto ele nem sequer tinha partilhado o seu nome com ela.

O destino tinha-se mostrado caprichoso, e o colocara em seu caminho mais uma vez, embora fosse pouco provável que voltasse a fazê-lo. Quando amanhecesse voltaria a ser Aria, filha de um Marchese e neta de um Duca.

Seguiram caminhando, cada um tão perdido em seus pensamentos que quando quiseram dar-se conta toparam com as portas da estalagem. Ela não perguntou como sabia que era ali onde se alojava, e ele tampouco deu nenhuma explicação a respeito.

A despedida era iminente e os sentimentos de ambos confusos.

—Foi um prazer em conhecê-la, Costanza.

—Suponho que deveria dizer o mesmo. — Respondeu-lhe com sarcasmo, para dissimular o nó que tinha na garganta.

—Você me fere! — Respondeu, irônico.

—Nesse caso, espero que a vida sorria para você e que seja muito

afortunado, melhor?

—A vida já me sorriu. Duvido que volte a ter tanta sorte outra vez. —
Havia gravidade no modo em que pronunciou as palavras—. E, sim, muito
melhor.

Sem dar opção a que se negasse a que a acompanhasse até a porta de
seu quarto, entraram na pousada. O velho que dirigia o lugar ia dizer algo,
talvez avisá-la de que Leo estava procurando-a toda a noite, mas se calou e se
afastou com a cabeça baixa, no mesmo instante em que o caçador tirou a
máscara que tinha continuado a usar até esse mesmo momento.

As escadas estavam desertas, mas a agitação continuava. Aria
continuou tensa com a possibilidade de que os dois homens se encontrassem,
e houvesse uma briga em que alguém ficasse ferido.

Respirou tranquila quando viu que Leo não estava parado em sua porta,
esperando-a.

—Qual é o seu quarto? — perguntou, como se, como ela, quisesse
alongar ao máximo sua companhia.

—Não é necessário que me acompanhe além deste corredor. Já estou a
salva.

—Não estou de acordo, nobildonna. Não seria um cavalheiro se não te
deixasse na porta de seu alojamento.

Engolindo a réplica que tinha na garganta, apontou-lhe a porta do

fundo. A tensão pelo medo de que os dois homens se encontrassem, junto ao desgosto da despedida, a mantiveram em silêncio. Ele tampouco disse nada, parou diante dela com os olhos cravados em seus lábios, esquecendo as distâncias que se haviam imposto durante o caminho de retorno; tomou suas mãos entre as suas, e com delicadeza levantou a direita até seus lábios, colocando um beijo delicado nos nós dos dedos.

Ele ia largar o gancho quando o polegar dele bateu no anel de rubi que tinha no dedo. O rosto do caçador se contraiu, numa mistura de surpresa e de respeito.

Também havia reverência e esperança no brilho acerado de seus olhos.

—O que acontece? — perguntou, ao notar a mudança em sua expressão.

—Nada, Costanza, agora estou certo de que voltaremos a nos ver. Embora infelizmente nessa ocasião teremos que manter as formas e fingir que não somos amigos —seu sorriso foi radiante, e misterioso ao mesmo tempo.

Mais confiante e menos solene que da primeira vez, inclinou-se sobre sua mão e depositou um rastro de suaves beijos desde sua palma até seu pulso. Parou quando um gemido escapou da boca feminina. Sorriu e foi embora, escada abaixo, sem olhar para trás. Foi-se embora tão depressa que a Aria não teve tempo para se recuperar dos seus beijos, nem para encontrar a voz com que refutar a sua afirmação sobre a sua amizade.

Capítulo 9

Continuava parada, em frente à porta do quarto alugado na pousada, quando esta se abriu, e encontrou-se cara a cara com os olhos verdes do Leo. Sem lhe dar tempo para pedir desculpa por se ter ido embora, ele atraiu-a de um puxão a seu corpo, e abraçou-a com tanta força que lhe fez dano nas costelas. A preocupação tinha enfraquecido a linha que havia traçado entre eles. Aria sentiu as mãos a tremer e o calor do corpo colado ao corpo dela. A sensação era agradável, mas estava muito longe dos sonhos românticos que tinha imaginado.

—Onde você esteve, Aria? Você faz ideia de como eu estava preocupado? — perguntou, separando-se bruscamente dela. O fogo que ardia em seus olhos era a emoção mais intensa que já havia visto neles

—Leo...

Luz foi alertada pela conversa. A donzela suspirou tranquila quando viu que sua ama estava sã e salva, enquanto Leo encadeava uma pergunta após outra, impaciente por saber onde tinha estado, com quem, se tinha sofrido algum mal... Mas em seu atropelamento por descobri-lo, não lhe dava tempo a responder a nenhuma de suas perguntas. Esboçando um sorriso aliviado, a criada voltou a entrar no quarto fechando a porta atrás de si. Leo e Aria eram amigos desde crianças, não havia nada estranho no abraço que tinha visto,

além disso a marquesinha ia ao encontro de seu noivo. Talvez esta viagem lhe permitisse aproximar-se do solitário Leo.

—Me disse que seu criado...

Leo não a deixou terminar, interrompeu suas desculpas levantando tanto a voz que Aria pensou que os paroquianos subiriam para ver a que se devia tanto alvoroço.

—Não te atrevas a dizê-lo. Não te atrevas, Aria. Agora mesmo sou capaz de qualquer coisa se o fizeres. — Ameaçou-a, embora ambos soubessem que eram ameaças vãs, que jamais cumpriria.

No entanto, nesta ocasião Aria não pôde calar-se. Ela acabou de se despedir do caçador, que virou os seus sentimentos de cabeça para baixo, e agora Leo se permitia repreendê-la, a mesma pessoa que a tinha ignorado durante anos.

—Me parece, Leo, que nesta ocasião é você que não sabe se manter no lugar que lhe corresponde.

Comprovou de primeira mão o correto que eram os conselhos de Tomaso: *às vezes as palavras ferem mais que os golpes*, quando viu como o rosto de seu amigo se contraía como se tivesse recebido um murro. Ainda assim, não se desculpou. Manteve as costas retas, e o olhar travado com ao seu.

Como se atreveu a falar assim com ela? Como se atreveu a ignorá-la

durante toda a viagem para agora lançar-se sobre ela como se fosse uma menina travessa a quem tinha que repreender? —Minha obrigação é te proteger. Isso é algo que nunca esqueço. Meu problema é que você não facilita.

—Estou aqui, não estou? E estou bem, tão bem como quando saí.

—Com quem esteve, Aria?

—Já lhe disse seu criado. Um velho amigo com o qual me reencontrei de surpresa —respondeu parecendo indiferente.

—És muito imatura, Aria. Se alguém te tivesse visto terias ficado desonrada. — Seus olhos voltavam a acender-se com as faíscas de sua ira.

—Suponho que se pode dizer o mesmo de Luz. Afinal, quando voltei, estavam os dois fechados em nosso dormitório. O que você tem feito, Leo? — Aria sabia que seus ciúmes eram infundados e irracionais.

Ele era muito cavalheiresco para seduzir a Luz. Não obstante, não estava tão segura de que não existisse um interesse romântico por parte de sua criada.

Incapaz de lhe segurar o olhar durante mais tempo, virou-se e entrou no quarto, fechando-lhe a porta na cara. A paz havia durado tão pouco como suas horas junto ao caçador.

Na manhã seguinte, empreenderam o caminho até a casa do Marchese, entre o mal humor do criado pelo ocorrido na noite anterior, e o temor dela

pelo que lhe esperava. Em um acordo não verbalizado ambos tinham optado por esquecer o ocorrido na noite anterior. No entanto, os acontecimentos abriram um abismo entre eles, e nenhum deles sabia como atravessá-lo.

A carruagem se pôs em marcha enquanto sentia que lhe faltava o ar, a Costanza da noite anterior havia desfrutado sua noite, agora Aria devia enfrentar seu futuro.

As elaboradas máscaras tinham desaparecido e em seu lugar havia novas máscaras, as da vida real, muito menos ornamentadas que as do carnaval, mas igualmente eficazes escondendo a seus portadores.

Era surpreendente a velocidade com que a cidade tinha retomado a normalidade como se a noite anterior nunca tivesse ocorrido.

A comitiva parou em frente à que supunha ser a casa de seu pai. Leo se adiantou abrindo a porta da carruagem, e ofereceu-lhe a mão para ajudá-lo a descer, mas em nenhum momento durante o processo olhou para ela. Contrariamente ao que era habitual o que evitasse seu olhar a fez sentir-se relaxada, não sentia nenhum desejo de ver censura em seus olhos.

Enquanto os criados entravam pela porta de trás, os dois jovens esperaram que um criado os atendesse.

A porta se abriu assim que chegaram a ela, e o mordomo do Marchese, um homem de uns cinquenta anos, de cabelo e olhos escuros, saiu para lhes perguntar o que desejavam quando seus olhos bateram com Aria.

—Nobildonna, Aria? — perguntou, com profunda reverência.

—Sim, disse ela, cortante.

—Adiante, por favor. O Marchese espera sua chegada desde ontem —
Ele se afastou, e os seguiu quando passaram.

Aria e Leo não sabiam para onde ir, então ficaram parados no meio do longo corredor de entrada. A Aria viu o que ia ser a sua nova casa.

A porta de entrada conduzia a uma ampla sala, no lado direito se abria uma nova estadia, que supunha que seria um salão para receber as visitas. Em frente a eles uma escada levava ao primeiro andar e no lado direito, duas amplas portas permaneciam fechadas.

O mordomo se aproximou de uma delas e chamou duas vezes com os dedos. Uma voz profunda o convidou a passar. Quando ele abriu, Aria podia ver da posição onde se encontrava que se tratava da biblioteca. Longas fileiras de livros se avistavam nas prateleiras que tapeavam as paredes.

A conversa que teve o mordomo, com quem estava na biblioteca, foi breve.

—O seu pai pede-lhe que entre —explicou o homem, que fez um sinal a Leo para que o acompanhasse.

Aria olhou para ele pela primeira vez naquela manhã, a implorar-lhe com os olhos para não a deixar sozinha.

—Sou sua escolta —invocou este, pouco disposto a abandoná-la ao

temperamento do Marchese.

—Não precisa de acompanhante para falar com seu pai. — E depois acrescentou, com um tom mais amável—, será melhor para a dama que me acompanhe.

Leo acenou com a cabeça e ela entrou na sala, assustada e ansiosa, igualmente.

O Marchese estava sentado atrás de uma escrivaninha de noqueira cheia de papéis. Demorou mais do que educado em afastar os olhos deles e olhá-la. No entanto, quando o fez manteve sua atitude grosseira.

—Vermelho? — se queixou Matteo, com repugnância—. Será melhor que se acostume a cobri-lo.

—Sim, meu pai.

—Pelo menos você sabe quem eu sou. Algo surpreendente, vivendo com quem você viveu todos esses anos. — O ódio que destilava por Lucrécia Pacelli, duquesa viúva de Sciascia, tornou-se evidente ante tal afirmação. — Pede ao Paolo para te mostrar a casa e apresentar-te aos criados. A partir deste momento és a anfitriã, espero que tenhas sido educada para saber o que deves fazer.

Agora que finalmente estás aqui, poderás assumir as tuas responsabilidades como minha filha e signora desta casa. A empregada irá

lhe dizer tudo o que preciso que faça, como e quando debes fazê-lo.

—Sim, pai. — Sua raiva pelo frio recebimento, contiveram as lágrimas que pugnaram por abrir caminho em seus olhos.

Matteo fulminou a sua filha com o mesmo olhar azulado que ela possuía.

—Espero que saiba dizer algo mais que “sim, pai”

A jovem mordeu a língua, mas não acrescentou mais nada. Matteo esperou alguma reação dela, mas não a obteve franzida, e devolveu sua atenção até os papéis que estava estudando.

Minutos depois, depois de deixá-la em frente a sua mesa, fez um gesto com a mão, indicando que se fosse embora, a conversa tinha terminado.

Por ordem expressa de Paolo, o mordomo, foi-lhe atribuído o antigo dormitório de sua mãe e sua antiga donzela, Valentina, foi a encarregada de acompanhá-la e ajudá-la a se acomodar.

Aria lhe agradeceu com um tímido sorriso, que não foi devolvido pelo criado, que abandonou a toda pressa a sala, depois de sussurrar algo que a jovem acreditava entender como: espero que encontre as respostas.

Capítulo 10

Era quase hora de jantar quando Luz entrou em seu dormitório. Ao contrário do que era habitual nela, sua criada se mostrou distante e silenciosa. Nessa mesma manhã, quando a ajudou a vestir-se e a pentear-se, evitou olhá-la nos olhos e mal falou com ela. Compreendeu então que a Luz tinha ouvido a sua discussão com o Leo na noite anterior, e sentiu as suas bochechas a ficarem avermelhadas com a cor do seu cabelo.

Ele ia pedir desculpa pelos seus comentários, que não tinham tido outro objetivo senão magoar o Leo, quando viu a Luz a largar o cabelo do saco de recolha que tinha usado de manhã, e deixava-o solto nas costas.

—Por que não o trança? — perguntou surpreendida.

—São ordens do seu pai.

—Achava que odiava meu cabelo —murmurou mais para si do que para ela.

—Assim é, nobildonna —respondeu Luz, no mesmo tom.

A Aria perguntou-se se a Luz tinha informações que não iria partilhar. Mas guardou as perguntas e dirigiu-se até ao refeitório, preocupada com o pedido do seu pai de que levasse o cabelo solto.

Matteo estava falando com uma mulher mais velha quando entrou na sala. Ela não sabia, mas Enrichetta era a mesma mulher que tinha ajudado sua

mãe a trazê-la ao mundo.

Os dois se viraram para ela assim que entrou na sala. A velha esboçou um sorriso desdentada enquanto seu pai se manteve impassível.

Já vi o que queria dizer, Marchese. tem o cabelo mais vermelho que já vi.

—Pode fazer algo ou não? — exigiu seu pai.

Aria sentiu que suas pernas fraquejavam, o que pretendia? cortar-lhe o cabelo?

—Meus corantes podem escurecer um pouco a cor do seu cabelo, mas...

—Mas o que? Preciso de soluções, velha.

—Ou as más línguas mentem ou sua filha vai se casar em breve. — Comentou a curandeira.

Matteo assentiu, sem compreender a relação que podia ter com o que lhe estava pedindo.

—Com essa cor tão intensa estou certa de que sua filha tem... o mesmo tom em... outras partes de seu corpo.

Aria cambaleou sobre seus pés ao entender o significado da conversa.

—E o que isso tem a ver? — gritou seu pai.

—Se lhe tingirmos o cabelo, seu marido saberá a verdade na noite de núpcias, e isso o deixará em uma posição ruim —explicou Enrichetta.

Em silêncio, Matteo refletiu sobre as palavras de Enrichetta. A velha era muito esperta, tinha merecido que a Ordem lhe permitisse fazer seu trabalho sem incomodá-la. Na verdade, ela era encarregada de livrar-se das contrariedades que a vida da corte podia causar a certos nobres dissolvidos. Seu raciocínio era correto, aceitou o Marchese. Com certeza Alessandro não iria aceitar muito bem seu engano, e se contasse a seu pai ele perderia o favor do Protetor. Tudo o que podiam fazer era esconder o cabelo, ou até mesmo baixar a intensidade vermelha com uma pomada da velha curandeira, para que ele se estendesse mais ao dourado.

—Você pode se retirar. Não precisaremos de seus serviços, por enquanto. — As últimas palavras foram como um aviso para ambas, tanto para a curandeira como para Aria, que se mantinha em pé graças à força de vontade.

Sem sequer lhe dirigir a palavra, seu pai havia partido deixando-a atordoada e só. Também não foi ele quem o informou de que no dia seguinte conheceria o seu futuro marido. Os criados lhe haviam servido um jantar frio, que havia tomado a sós no enorme refeitório, e ao terminar, Paolo lhe havia comunicado os planos de seu pai, acrescentando também, que se retirasse para descansar porque lhe esperava uma jornada de grandes emoções.

Aria descobriu que não tinha direito a um par de dias para se acostumar com sua nova casa ou momentos para aproveitar para compartilhá-los com

seu pai e o conhecer.

Matteo tinha-se esforçado para se livrar dela, tal como tinha feito desde que nasceu. Fechou os olhos para absorver a pontada de piedade para consigo mesma e se obrigou a recuperar a compostura e recordar os ensinamentos de Lucrécia. Ela não podia se importar, assim como ele não se importava. Aprenderia a superar a dor que desde sempre lhe tinha produzido sua rejeição.

No final adormeceu lembrando o calor de uns lábios sobre os seus.

Veneza, setembro 1738

Estou assustada...Os pesadelos não cessaram, e Matteo mudou tanto desde que nos casamos que temo que minha vida não seja o que sempre sonhei que seria.

Quando veio até Torcello pedir minha mão, acreditei que minhas preces tinham sido escutadas, mas desde então tudo é diferente, sinto que vou enlouquecer, a única pessoa em quem confio nesta casa é em Valentina, mas ela não compreende o que significa a Ordem nem o poder que esta tem, apenas eu estou começando a entendê-lo.

Minha amiga Isabel diz que não devo me preocupar com meu casamento, que ainda é muito cedo, e que para alguns homens é mais difícil que outros a adaptação, mas eu sei que há algo mais, algo que não posso

dizer a minha melhor amiga: Ser o braço direito do Protetor transformou Matteo.

Ontem me fez levantar antes do amanhecer e pôr uma capa dourada para me arrastar em plena noite até quem sabe onde. Sem me dar nenhuma explicação me obrigou a entrar em uma cripta que havia debaixo da casa onde a Ordem se reúne.

Outras pessoas com as mesmas capas que vestimos nos receberam. Estava assustada, mas o meu marido não parecia se importar, porque me mantinha na ignorância mais absoluta. Estava quase a desmaiar quando ouvi a voz do Giuseppe Ruspoli. Relaxei um pouco, já que se um par de Veneza estava ali tampouco podia ser tão mau, e foi ele mesmo e não meu marido quem me explicou sobre o ritual que a Ordem praticava a cada novo acólito, agora eu era um deles por matrimônio. Depois ofereceu-se para ser o meu padrinho no baptismo que me iam realizar, e não pude recusar.

Não o fiz porque fora ele quem me havia tranquilizado, não foi Matteo, que havia jurado diante de Deus proteger-me, foi Giuseppe quem o fez.

Capítulo 11

Ainda não tinha amanhecido quando Luz entrou em seu quarto e a acordou com pressa. Quando Aria finalmente conseguiu libertar-se o suficiente para raciocinar, percebeu que a rapariga parecia assustada.

—O que acontece, Luz? — perguntou, de repente alerta pelo inesperado da hora.

—Seu pai me pediu para acordá-la, nobildonna. Quer que eu vista isso —disse ela, estendendo-lhe uma túnica dourada.

—Quando viu meu pai, Luz?

—Ontem à noite me mandou chamar a biblioteca, para me avisar de que devia cuidar de você e prepará-la para sair. — Aria se perguntou por que seu pai teve tanto trabalho.

Luz a ajudou a vestir-se e a fez sentar no toalete com intenção de penteá-la, sobre ele tinha depositado uma xícara de café para que não partisse em jejum. A cozinheira ainda não tinha acordado. Na verdade, os únicos acordados a essa hora eram o Marchese, que passeava impaciente por sua biblioteca, e elas duas.

Com dedos ágeis trançou seus longos cabelos vermelhos e os amarrou em um laço baixo, Aria ia levantar-se quando sentiu os dedos de Luz sobre seus ombros impedindo-lhe o movimento.

—Seu pai quer que esconda seus cabelos, ainda não terminei de penteá-la, nobildonna. — Colocou a mão no bolso do avental e tirou uma touca escura de pano suficiente que havia tirado da cozinha e que era com toda probabilidade das que usava a cozinheira para cobrir os cabelos.

—O que está acontecendo, Luz? Você está bem? — Aria estava surpresa com a atitude metódica e reservada com a qual sua criada atuava. Estava acostumada a vê-la vivaz e faladora, e nessa manhã parecia qualquer coisa menos vivaz.

—É só que estou cansada. Nada mais.

—Nesse caso, fique aqui, Luz. Ainda é cedo —lhe ofereceu.

—Obrigado, mas prefiro voltar para o meu quarto. Não quero ficar sozinha.

A Aria acenou e saiu do quarto. Evitou fixar seu olhar no espelho, fazê-lo lhe fazia mal, seu pai não a aceitava tal e como era. E ser forçada a cobrir o cabelo era outra forma de lembrá-lo que nunca a quereria.

Quando chegou ao andar de baixo encontrou-se com Matteo que saía da biblioteca, usava a mesma capa dourada que Aria, embora ele não tivesse posto o capuz.

Sem sequer lhe dar bom dia, pressionou-a para que se apressasse, ao que parece chegavam tarde para onde quer que se dirigissem. Fazendo uso do seu senso comum, Aria não perguntou nada sobre o seu destino. Tanto

secretismo lhe fez pensar que estava relacionado com a Ordem, desde menina, Lucrecia a tinha prevenido contra ela; e as críticas palavras de seu pai na noite anterior, a estranha vestimenta e o insólito da hora lhe faziam aventurar que seu destino era a Ordem de São Marco.

Fazendo recolhimento de valor ignorou o calafrio que lhe percorreu as costas, enquanto seu dom fosse um segredo, estaria a salvo. Maquinalmente tocou o anel de rubi. Sua avó tinha dado a entender que poderia salvar sua vida.

Saíram ao frio da madrugada e Aria arrebentou-se na capa, na porta da casa estava parado a carruagem de seu pai, o brasão do marquesado estava pintado na porta. Não havia nenhum criado que lhes abrisse a porta ou que os ajudasse a subir. Só o cocheiro sentado no peixeiro olhava para frente como se não os visse.

Seu pai a observou interessado, possivelmente maldizendo-a por não entrar no veículo e atrasá-los. Aria adivinhou o instante em que seu pai compreendeu a razão de seu estatismo. E pela primeira vez desde que o conheci, um sorriso real se instalou em seu rosto.

—Nobildonna cumprimentou fazendo uma reverência exagerada e abrindo a porta para que ela passasse.

A menina pregou o olhar no rosto de seu pai, à espera que o mal-humorado abrisse caminho em seus traços, mas não aconteceu, na realidade

parecia satisfeito com sua atitude altiva. Voltou a surpreendê-la quando lhe ofereceu a mão para que subisse. Desobedecendo aos ensinamentos de sua avó aceitou sua ajuda, e pousou seus dedos nela. Secretamente se sentiu decepcionada quando não aconteceu nada ao tocar pela primeira vez a seu pai, tinha imaginado que sentiria emoção, algum tipo de conexão com seu progenitor, algo que lhe fizesse sentir que compartilhavam o mesmo sangue. Não obstante, o atrito não lhe produziu nada parecido ao vínculo afetivo que havia esperado.

As palavras de Matteo a tiraram de seus pensamentos.

— Me alegra comprovar, minha filha, que apesar da convivência com sua avó segue sabendo qual é seu lugar na sociedade. É filha de um Marchese e neta de um Duca, tem direito a que se ajoelhem diante de você. E depois do rito, o terá ainda mais.

—Que rito, pai? perguntou, tentando que sua voz não delatasse seu medo.

—Os filhos nascidos entre os acólitos da Ordem são batizados em solo sagrado. A tua avó e a tua mãe roubaram-te esse direito quando te levaram a Torcello a poucos dias de nascer. Chegou a hora do seu batismo.

Aria mordeu a língua para calar a réplica. Achava-a assim tão ingênua para não saber que se quisesse, teria a chamado ao seu lado muito antes?

—Onde está o solo sagrado? — perguntou com suavidade, preocupada

porque sua pergunta acabaria com a frágil trégua que seu pai havia imposto.

—¡Maravilhoso, minha filha! Aproveitaremos o trajeto para instruí-lo sobre a Ordem à qual pertence por direito de nascimento, e dentro de pouco por direito também de matrimônio. A família do teu futuro marido é uma das mais influentes na nossa comunidade.

Calou-se por um segundo, para que Aria assumisse o que acabava de dizer, e continuou com seu discurso. Era evidente pela veemência de suas palavras que seu pai se sentia orgulhoso de pertencer à Ordem.

—Marcos, o Evangelista, pregou em Alexandria e morreu ali mesmo. Mas as relíquias do santo foram roubadas por navegantes italianos que as trouxeram a Veneza, onde hoje se conservam na Basílica de São Marcos, construída expressamente para acolhê-lo, o que as pessoas não sabem é que antes de serem transferidas para a Basílica, foram guardadas pela Ordem. Durante anos protegemos o santo sob nosso teto, e é para lá que vamos agora, essa é nossa terra santa. A terra santa dos verdadeiros venezianos.

—Já fui batizada pai.

—Não para nós, Aria. você pertence à casa de Vurano. E agirás como tal, já que não pode lutar pela Ordem, vai gerar para a Ordem, e é necessário que entres nela para poder casar com o teu noivo. Não há discussão sobre isso. Está claro? — O bom humor que havia reinado durante o caminho havia desaparecido, a ira brilhava nos olhos de seu pai.

—Sim, sim, meu pai.

Assim que a carruagem parou, Matteo abriu a porta e saltou para o chão. Ainda permanecia ágil, os cabelos brancos mal tinham prateado suas têmporas. Voltou a oferecer-lhe a mão para descer, no entanto, desta vez, Aria não esperou nada do contato.

Quando saiu percebeu que o sol começava a nascer naquele instante, a carruagem de seu pai tinha parado em frente a um dos muitos palazzos que povoavam Veneza, similar à casa do Marchese de Vurano que acabavam de deixar.

Não foi necessário que batessem, a porta se abriu e um criado vestido com os mesmos tons dourados das camadas o precedeu o passo para o interior.

O palazzo estava em penumbra, apesar das centenas de velas que iluminavam um caminho estreito, tão estreito e delimitado pela luz que parecia que a sala era só o caminho que o resplendor traçava.

Seguindo o criado entraram nela. Depois de caminhar pelo menos um minuto em linha reta, encontraram-se com umas escadas descendentes. Aria notou o frio, não só nas velas, mas também na sua própria pele. Seu pai caminhava diante dela sem olhar para trás, sem importar se o seguia ou não, ou talvez totalmente certo de que o fazia.

O trecho de escadas os conduziu a um corredor de pedra que

possivelmente estava escavado no esgoto da cidade. A umidade e o frio eram intensos, mas não foi isso que lhe produziu o arrepio que lhe eriçou a pele. Um grito dilacerado surgiu de algum lugar, diante deles. Por instinto aproximou-se mais de seu pai, buscando proteção. Os gritos continuaram a acompanhá-la até que entraram em uma sala iluminada por tochas, e na qual havia pelo menos vinte pessoas ataviadas com a mesma capa dourada que levava.

Aria se encontrou pensando qual deles seria seu noivo, seu pai lhe havia dito que pertencia à Ordem, era lógico pois que estivesse ali.

Matteo se erguia orgulhoso ante o interesse que havia suscitado sua filha. Costanza havia sido uma mulher formosa, de maneira que se esperava o que era próprio de seu descendente, e assim teria sido se seu cabelo não tivesse tido essa odiosa cor. Mas o que se podia esperar da neta de Lucrécia Sciascia.

Engolindo o amargor que lhe dava ao pensar nela, ele entrou na sala e segurou-a delicadamente no braço. Não lhe interessava mostrar seu pouco interesse nela, senão pelo contrário, Aria lhe seria mais útil do que jamais havia imaginado, e Ruspoli devia acreditar que Matteo lhe estava oferecendo o que mais valorizava em sua vida.

Recebeu os assentos a modo de saudação de seus companheiros, uma das máximas da Ordem era a discrição, todos usavam o capuz que ocultava

uma parte de seus rostos. Giuseppe Ruspoli, Duca de Lido e Protetor da Ordem de São Marco, aproximou-se deles, ao mesmo tempo que deixava ao descoberto seu rosto, possivelmente para não assustar a nova integrante.

—Bem-vinda, Aria. você é tão bonita quanto sua mãe.

Ela lhe ofereceu um sorriso de agradecimento, já que não se atrevia a falar e que lhe falhasse a voz.

—Vamos começar. Eu serei seu padrinho, assim como fui de Costanza, sua mãe. Não precisamos de ninguém mais —disse com autoridade.

—É uma grande honra, Protetor —lhe lisonjeou Matteo.

—É o mínimo que posso fazer por sua filha e minha futura nora.

Recordando os ensinamentos de sua avó, Aria esboçou o sorriso mais radiante que pôde.

—Deixe-nos ver-te bem —pediu com amabilidade.

Em silêncio levou as mãos ao capuz da capa, esforçando-se por manter a firmeza de suas mãos e que não se notasse seu temor. Se duvidam está perdida, lhe havia dito Lucrécia. Levantou a cabeça com orgulho.

O chefe da ordem sorriu com lentidão, parecia satisfeito com o que estava vendo e de algum modo seu sorriso tranquilizou Aria.

—Deixe-nos ver seu cabelo também.

Nem sequer olhou para o seu pai para obter a sua aprovação. Com decisão, levou as mãos à touca e tirou os garfos que a mantinham no lugar.

As chamas brilhantes caíram sobre seus ombros.

Um murmúrio quebrou o silêncio da sala, Aria não soube se de horror ou de aprovação. Não obstante, manteve-se ereta com o olhar à frente.

—Bonito, querida. Você é muito bonita — disse Ruspoli, tomando uma mecha de cabelo entre seus dedos -. Bem-vinda a família.

Seu futuro sogro soltou seu cabelo para pegar suas mãos com delicadeza e acompanhá-la até o centro da sala. Os encapuzados tinham-lhe tapado a enorme pilha baptismal que presidia ao quarto, como único mobiliário. Não a viu até que se foram pondo em fila atrás do Protetor, seu pai foi o primeiro a se colocar.

A voz de seu padrinho ecoou por toda a instância:

*Legibus ordinis observare et iuro. Ego pignus meae*⁵

Graças aos ensinamentos de Frei Manuel, Aria dominava o latim, como deveria fazer qualquer outra dama de sua idade, e era consciente do que ia jurar.

—*legibus ordinis observa et iuro. Ego pignus meae* —repetiu com voz firme.

Os dedos do Protetor afundaram-se na pilha baptismal, com deliberada lentidão se aproximaram até seu rosto. Desenhou uma cruz na testa com um óleo perfumado, cujo aroma entrou em suas narinas conseguindo que se sentisse tonta.

—*Gratum est vobis*⁶. — Disse o Protetor com voz grave e solene, e o Salmo foi repetido por cada um dos presentes, que desfilaram diante de Aria repetindo o ritual de lhe desenhar uma cruz na testa.

A Aria estremeceu quando o último dos acólitos terminou a cerimónia. Tinha acabado de se unir e de jurar lealdade à mesma Ordem que não hesitaria em matá-la se descobrissem o que as suas mãos eram capazes de fazer.

Capítulo 12

Aria acordou em seu quarto na casa de seu pai e levou vários segundos para se situar. Tinha tido um sonho estranho em que atravessara um santuário iluminado com velas, para finalmente chegar a uma cripta na qual havia sido batizada.

Sentando-se na cama, passou a mão pela testa. Uma substância oleosa e perfumada impregnou seus dedos e seu olfato. Nesse instante compreendeu que não havia sonhado, as lembranças se amontoaram em sua cabeça. Tudo tinha sido real.

Um grito afogado escapou de sua garganta seca quando os restos do sono se esfumaram de golpe de cabeça. Era muito pior do que isso, tinha-se unido a eles sabendo que jamais comungaria com sua doutrina. Pela primeira vez em sua vida ele estava jogando o jogo favorito da alta sociedade veneziana, o jogo das aparências.

Meia hora depois Luz entrou em seu quarto. Não parecia tão mal como naquela madrugada, quando entrou com a capa dourada e a ajudou a se vestir para sair. O que quer que lhe tinha acontecido para que se mostrasse tão triste e distante, tinha ficado no esquecimento, a julgar pelo sorriso que lhe ofereceu ao comprovar que estava acordada. Suas bochechas voltavam a ter cor e estava animada. Aria lhe devolveu o sorriso.

—Bom dia, nobildonna —saudou do modo habitual

—Bom dia, Luz, são amáveis contigo os criados do meu pai? — perguntou tentando descobrir se era sua inadequação o motivo de seu anterior estado de melancolia.

—Sim, são amáveis. São muito diferentes de meus companheiros de Torcello —riu ao dizê-lo; mas nos aceitaram muito bem a Leo e a mim.

—Leo não é um criado, disse Aria, demonstrando o mau humor que nos últimos dias sua criada fazia aflorar nela.

Com um salto desceu da cama, ignorando o café que Luz lhe havia trazido.

—Eu sei, nobildonna. O que queria dizer é que Leo passa muito tempo conosco.

Aria apertou os dentes quando percebeu como sua reação foi esclarecedora. Tentando mudar de assunto para escapar do desconforto do momento, perguntou à Luz se sabia algo sobre seu futuro marido. Não era segredo para ninguém que os servos eram os que estavam melhor cientes de todos os boatos que circulavam na sociedade. Afinal, eram eles que traziam e levavam as notas para os amantes, e os que estavam presentes na maioria dos momentos. Sempre havia um criado servindo o jantar, quando de repente o marido contava a sua esposa que havia se encontrado passeando pelo porto ao Conte de Onetti com sua nova amante enquanto sua esposa assistia a uma

reunião beneficente.

Depois se colocava pra frente o entreamado com os serventes, um deles falava com o outro, com o próximo e desse modo conheciam todas as fofocas e segredos da alta sociedade veneziana.

— Tem se comentado algo sobre meu prometido? — perguntou com timidez.

Não eera bem visto que uma dama fofocasse com sua criada e muito menos sobre o homem com quem ia se casar, mas precisava saber o tipo de pessoa que ia enfrentar por sua liberdade.

—Sim, nobildonna. — Respondeu com um sussurro.

—O que eles disseram, Luz?

—Disseram que é muito bonito. — A vergonha de ambas era evidente. Ainda assim, a criada continuou falando —Se diz que é tão atrativo que conseguiu roubar a amante de seu próprio pai. Dizem que não chegou a concretizar nada com a dama, e que só o fez por incomodá-lo. As más línguas especulam se a vossa relação é tão perfeita como parece. A cortesã, antiga amante do Duca, cedeu aos encantos do vosso noivo e procurou favores durante vários meses. Mas sem grande sucesso.

Diz-se que Casanova lhe confiou os seus segredos para apaixonar as mulheres e que, como ele, não distingue entre nobres ou plebeias. Dizem que estar com ele é tão assombroso como era ser amada pelo célebre sedutor. —

Luz calou-se abruptamente quando percebeu que tinha falado demais.

Sua intenção era comentar secretamente o que havia escutado sobre o noivo de sua signora, não referir lhe a história completa, que com certeza a teria assustado dada sua inocência.

Aria se ruborizou ante o quadro que lhe estava pintando de seu futuro esposo. Se o seu noivo fosse tão promíscuo como se dizia, seria muito mais fácil conseguir que rompesse o noivado. Afinal de contas, por que iria querer se amarrar a nenhuma mulher quando podia desfrutar de tantas?

— Leo estava presente quando falaram dele?

—Sim, nobildonna. Leo ouviu toda a conversa —respondeu com sinceridade.

Luz suspirou sem fazer quase ruído, até ela era capaz de entender que se a signorina seguisse tão pendente do que fazia ou dizia Leo, jamais seria capaz de ser feliz em seu matrimônio.

Aria deixou a xícara de café sobre a mesa com muito cuidado, tremiam-lhe tanto as mãos que temia derramar o conteúdo sobre seu vestido. Contra todo prognóstico, seu pai havia-se dado por satisfeito com a reação do Protetor, e lhe havia pedido que nesta ocasião não se cobrisse o cabelo.

O Duca tinha ampliado os olhos ao vê-la à luz do dia, com verdadeira admiração. Mostrou-se tão amável e encantador como tinha sido durante a cerimônia do seu baptismo.

Com um sorriso perfeito e encorajador, tinha-o de volta à família, e tinha-lhe apresentado a sua filha Beatrice Ruspoli, uma das belezas mais admiradas de Veneza. De forma inconsciente, Aria sentiu-se desconfortável na presença de sua futura cunhada. Beatrice era bonita e toda sorridente; seus olhos eram brilhantes e ainda que de um azul frouxo, pareciam escuros, frios e calculadores.

Os dois cavalheiros as deixaram no salão tomando o chá e foram ao escritório de seu anfitrião, possivelmente para assinar o contrato de matrimônio que ambos tanto desejavam.

Nem o Duca nem seu pai fizeram alusão a seu noivo pelo que Aria imaginou que logo apareceria para conhecê-la.

Depois de terminar o seu café e tentar manter uma conversa sem fundamento com a sua futura cunhada, esta ofereceu-se para lhe mostrar a estufa. Aria aceitou sabendo que a conversa entre elas estava a acabando e o passeio as livrarias de um silêncio desconfortável.

—Não se incomode em procurá-lo. Alex não está aqui. — Espetou-lhe sua futura cunhada, esquecendo a gentileza com a que lhe havia falado antes.

Beatrice se apressou a acrescentar:

—Tem sorte de que meu irmão não tenha vindo. Assim poderá acostumar-se à ideia de que vai se casar com um monstro. — A doçura com que proferiu essas palavras era enjoativa e fingida. Até os olhos dela

pareciam compassivos, mas uma sensação estranha instalou-se no estômago da Aria.

Beatrice era muito artificial, e não se referia só a suas elaboradas roupas ou a maquiagem de suas maçãs do rosto e lábios... Um sentimento instintivo de sobrevivência a mantinha alerta.

Sua cunhada era uma beldade de cabelo preto e olhos azuis. Ela era muito bonita, se o irmão se parecesse com ela, não seria tão terrível como estava a pintar. Além disso, segundo os mexericos dos criados era um cavalheiro que atraía as damas.

—O que quer dizer com isso?

—Exatamente o que eu disse, meu irmão sofreu um acidente e está desfigurado. Como ninguém pensou em dizer-te, senti-me obrigada a avisar-te. Afinal, vamos ser irmãs —disse ela, ao mesmo tempo que entrelaçava seu braço com o seu.

—Mas as damas se interessam por ele. Segundo ouvi, tem muito sucesso entre as de nossa classe —comentou não deixando-se amedrontar por ela.

O sorriso de Beatrice foi triunfal, antes de responder tomou seu tempo para desfrutar do golpe definitivo que ia lhe acertar a sua cunhada. A ruiva era muito perfeita: sorrisos tímidos e corados. Beatrice estava farta de damas como ela que aceitavam sem questionar tudo o que lhes era ordenado.

Garotas tolas que conseguiam títulos de nobreza sem fazer nada além de acenar e sorrir.

—É verdade —aceitou, mas acrescentou imediatamente, mas não porque é bonito, inteligente ou educado, mas porque é herdeiro de um Duca. Querida, ele é meu irmão e eu o amo, mas como mulher, acho que devemos nos ajudar. Só te estou a avisar para não desmaiases quando o vires. Meu pai não vai gostar se o fizer, e quase posso jurar que o teu também não gostaria de testemunhar esse tipo de reação.

E sem acrescentar nada mais puxou-a com suavidade, mas com firmeza, e a conduziu de volta ao salão onde as esperavam seus respectivos pais com o contrato assinado e selado.

O Duca já tinha inspecionado a mercadoria e apesar do cabelo vermelho como as chamas do inferno, tinha dado o aval a sua nora.

Era a filha de Costanza, não havia mais discussão. Ele não havia podido conseguir a mãe, mas seu filho teria a sua filha, custe o que custar.

Capítulo 13

Aria se sentia mal, o que a sua futura cunhada lhe tinha dito chocava de frente com o que havia sido informada através da Luz. Embora não houvesse razão para que ela mentisse, afinal, de quem falava era de seu irmão, a jovem sentia que Beatrice não era tão encantadora como fingia ser.

Saiu do quarto e foi para a cozinha. Fazia um dia e meio que não sabia nada do Leo e precisava falar com ele, vê-lo para saber que tudo continuava igual.

Ele e Luz eram a única coisa que lhe restava de sua antiga vida em Torcello, e não estava disposta a perdê-los por um ataque de sinceridade ou de ira.

Por outro lado, necessitava de sua escolta posto que estava decidida a cumprir com a palavra dada a sua avó de visitar Isabel Doglio e buscar sua amizade.

Leo estava sentado na grande mesa que presidia a cozinha, o espaço privado dos servos, um menino de uns oito anos estava sentado a seu lado, assim que a viram, levantaram-se de repente e Aria viu que o amigo estava a ensiná-lo a reconhecer as letras.

Ouviu uma porta fechar-se e virou-se para ver como a cozinheira e seu ajudante saíam da despensa com ovos e farinha. Ignorando-os para tornar

credível a altivez que devia representar, fixou o olhar em Leonardo.

—Quero que me escolte enquanto faço uma visita —lhe pediu com firmeza.

Nunca tinha falado assim com nenhum criado e muito menos com ele, mas nesse instante tinha que fingir essa atitude distante que faria mais crível que se negasse a permitir o contato físico com ninguém.

—Como desejar, nobildonna. — A resposta submissa de Leo lhe fez dar um pequeno respingo que esperou tivesse passado despercebido.

—Consegue dois cavalos. Te esperarei no salão.

—Não prefere uma carruagem? — ofereceu ele, com os olhos brilhantes de mau humor.

—Não, signore Cosimo. Quero montar a cavalo, deixemos as carruagens para as ocasiões especiais.

E sem esperar resposta ou despedir-se de ninguém, virou-se e foi-se embora. Os murmúrios a seguiram enquanto virava a esquina e se dirigia à parte da casa que lhe correspondia por direito de nascimento.

Quinze minutos depois, iam a caminho da casa da amiga da Lucrecia. Montar em Veneza era muito complicado devido à estreiteza das ruas, pelo que iam ao passo, o que lhes dava mais tempo para estarem juntos. Aria acreditava que Leo se manteria em silêncio, mas para sua surpresa disse:

—Não creio que seja boa ideia que os acompanhe à festa desta noite.

— Não lhe passou despercebido o modo como se dirigiu a ela, ao que pareceu sua atitude na cozinha o havia incomodado.

—Meu pai decidiu, não posso fazer nada. Além disso, eu gostaria de contar com seu apoio.

—Aria, eu não quero ir.

—O que se passa, Leo?

—Se eu for e concordar com alguém, não poderei manter a compostura —disse sem dar mais explicações.

—Do que está falando?

—Minha irmã, Viola...

—Tem uma irmã? Não sabia, acreditava que eram todos meninos.

—Tinha, morreu. Mas isso não importa. O que importa é que não devo ir ao baile.

—Sabe que não posso ir contra a vontade de meu pai. O que posso fazer é prometer que não permitirei que faça nada incorreto. Você é meu amigo, é verdade que nos distanciamos, mas pode contar comigo.

Leo assentiu com lentidão enquanto Aria sorria com afeto. Alheia ao giro que tinham dado seus sentimentos. Instantes antes quando tinha oferecido seu apoio a Leonardo como amiga, tinha-o feito inconsciente de que desde que o caçador tinha aparecido em sua vida, isso era tudo o que

podia lhe dar.

Isabel Doglio não era nada do que Aria imaginava. Tinha pensado que como amiga de sua avó seria uma mulher de sua idade, respeitável e séria e em vez disso, tinha-se encontrado com uma mulher de uns quarenta anos, elegante, formosa e sorridente.

Isabel a recebeu com muito efeito e foi ela mesma quem lhe contou que na realidade era amiga de sua avó graças a sua mãe. Enquanto Costanza viveu tinha sido sua melhor amiga e após sua morte, Lucrécia tinha ocupado o lugar dela em seu coração.

Graças à Isabel, estava a descobrir um pouco mais sobre a mulher que a trouxe ao mundo, já que só sabia o que sua avó ou os criados lhe tinham dito.

Descobriu também que Isabel era sua madrinha. A madrinha escolhida por Costanza, a verdadeira. Nada a ver com o absurdo batismo que havia protagonizado na Ordem.

Foi ela que lhe contou que os pais se conheceram no baile de Natal do Dux e que ambos se tinham apaixonado profundamente. Poucos meses depois se casaram e começaram os problemas. Costanza não conseguia engravidar e Matteo se desesperava por isso. Chegou o momento em que sua ambição superou o amor que sentia por sua esposa, e foi aí que ocorreu o desastre. Costanza se tornou uma mulher triste e delicada e quando menos esperavam ficou grávida de Aria.

O nascimento de uma menina em vez do desejado rapaz, voltou a criar problemas entre o casamento e tudo terminou naquilo que a Aria já sabia, a morte da sua mãe depois de dar à luz um bebé doente que também não sobreviveu.

Ao ver a tristeza instalada nos olhos brilhantes de sua afilhada, Isabel se inclinou sobre ela para tomar-lhe as mãos em um gesto de apoio e carinho.

—Vejo que sua avó lhe deu o anel. — Disse Isabel, ao vê-lo no dedo de sua afilhada.

—Conhecia-o? O tinha visto antes? — perguntou, tentando esclarecer algumas das incógnitas que encerrava a joia.

Isabel riu.

—Claro, eu tenho o meu. — Disse e levantou sua mão esquerda para lhe mostrar o seu. Só que os dragões de Isabel não seguravam um rubi mas uma esmeralda, de resto, o corte da pedra, a espessura... Fazia-o idêntico ao que a Aria levava.

—Por que uma esmeralda?

—É a pedra da minha família. — A testa de Isabel se cobriu de rugas—
Lucrécia, não te explicou o que significa portar o anel?

—Não, você sabe —exclamou admirada.

—Claro que eu sei. O que eu não entendo é a razão pela qual ele não lhe contou. — Comentou pensativa, —deveria saber o que ele pode fazer por

você, o que significa levá-lo.

—Disse-me que se me visse em algum apuro o mostrasse ou que te buscasse a ti, nada mais.

—Não o entendo. — Repetiu, e era evidente que estava desconcertada. Seu olhar vagava perdida além da permanência.

—Você me contará? — pediu Aria

Isabel levou alguns segundos para responder, durante os mesmos olhou para ela como se estivesse decidindo o que fazer.

—Fazemos um acordo, tu deixas-me conhecer-te melhor e eu conto-te tudo o que quiseres saber sobre esse anel que estás a piscar.

Ia protestar quando compreendeu o que acontecia, Isabel queria estar segura antes de lhe explicar o que prometia ser uma história fascinante.

—De acordo. Preciso de uma amiga.

—Maravilhoso porque você acaba de herdar uma —comentou rindo Isabel.

Aria desceu da carruagem ajudada por seu pai, depois de ter rejeitado a mão do criado. Matteo sorriu ante o que acreditava era orgulho de classe de sua filha.

Enlaçou o braço dela ao seu e com passo decidido começou a andar até adentrar-se no palazzo.

—Pronta para conhecer seu noivo?

—Sim, pai —respondeu tentando não pensar que ia encontrar-se com seu noivo acompanhada pelo menino que amava. Não se virou para verificar que Leo a seguia, não podia fazê-lo, se o fizesse a farsa acabaria por completo.

Matteo rugiu a testa. Aria sorriu-lhe com sinceridade pela primeira vez desde que se reencontraram. Ele lhe devolveu o gesto.

—Chega de sim, pai, está bem?

Aria estava prestes a repetir a frase, mas no último momento se conteve ganhando com ela um novo sorriso de seu progenitor.

O salão de baile estava cheio de gente, seus nervos se apaziguaram um pouco quando se encontrou entre a multidão com o sorriso tranquilizador de sua madrinha, Isabel Doglio lhe mostrava com isso seu apoio mais incondicional.

Matteo a obrigou a cumprimentar um grande número de pessoas com quem foi obrigada a trocar as típicas frases de cortesia. Não obstante, um incidente esteve a ponto de acabar com sua boa reputação assim que entrou na sociedade.

Lívia Benso, uma das muitas baronesas de Contessa que povoavam as grandes danças, abriu caminho até ela para ser apresentada. A razão não era outra coisa senão observar de perto a mulher que ia se casar com o homem

em que estava interessada.

—Nobildonna, que cabelo mais curioso tem —comentou Livia com maldade.

Matteo Colonna a fulminou com o olhar.

—Você crê? Nesse caso me permita que lhe agradeça.

—Por que razão? Nem sequer sei se minhas palavras podem ser consideradas um elogio.

—É claro que eles são, você disse curioso, o que significa original, no... estou feliz de destacar, entre tanto cabelo preto, normal e insosso. — Pronunciou suas palavras com um sorriso, mas não passaram despercebidas suas intenções para ninguém que estivesse escutando.

A cara de Livia acendeu-se de raiva, acentuando mais a cor negra de seu cabelo.

—Parece que preciso de ar fresco. Estou sufocada. Querida, empresta-me o seu braço para irmos apanhar ar? — pediu com intenções pouco claras.

Aria foi tentada a aceitar para comprovar o porquê de sua animosidade, mas lembrou que o contato físico estava proibido para ela.

—Desculpe, eu tenho outros planos. Talvez em outra ocasião.

E dito isto, afastou-se do grupo, ignorando o rosto de profunda admiração de seu pai, que se debatia entre o orgulho porque sua filha sabia defender-se, E a raiva por ter sido a Lucrécia a educa-la para não se deixar

dominar por ninguém.

Aria se virou para verificar que Leo a seguia de perto. Nenhum dos dois havia se atrevido a pedir ao Marchese que o dispensasse de assistir. Este tinha considerado oportuno que Aria usasse escolta inclusive no baile. Sobretudo, porque desse modo podia livrar-se de estar pendente dela e dedicar-se ao que lhe interessava, as lisonjas que lhe permitiam escalar na Ordem.

Estava vestido com a roupa que Lucrécia tinha mandado lhe fazer: a jaqueta era uma mistura do uniforme castrense e das casacas que vestia a nobreza veneziana. Seu porte real e ombros largos faziam o resto. A Aria descobriu que seria muito difícil para o seu noivo estar à altura da atracção do seu amigo.

Matteo não seguiu sua filha pelo salão, mas parou na frente de um grupo e se envolveu para conversar com um deles.

De modo que ela se encontrou parada em um lado sem saber muito bem o que fazer ou para onde ir. Um formigamento na nuca fez com que se virasse para comprovar a que se devia, Beatrice olhava fixamente a Leo que se tinha posicionado a seu lado, mas a atenção de Aria se desviou dela para fixar-se no cavalheiro que acompanhava a sua futura cunhada.

Os seus olhos foram apanhados por um olhar afiado da cor do aço. O coração acelerou no peito, bombeando tão forte que silenciou os murmúrios e

a música da sala.

Beatrice fez um gesto com a cabeça em modo de saudação e se aproximou até onde estavam, agarrada no braço de seu acompanhante.

—Aria, querida —saudou-a —Que alegria poder ser eu a apresentar-te ao teu noivo!

Aria sentiu as pernas enfraquecidas pela impressão, teve de se agarrar ao forte braço do Leo para não cair no chão. Notou todos os olhares pregados neles e soube, sem necessidade de que ninguém dissesse nada, que a alta sociedade estava expectante pela reação dos noivos ao conhecer-se. Tentou se recompor, sabendo que a fraqueza que havia mostrado ao ver quem era seu noivo, seria tomada por todos como aversão por sua aparência e sua cicatriz.

Respirou aliviada quando se lembrou que só ele sabia a verdade.

—Querida, conheça meu irmão, Alessandro Ruspoli, Visconde de Mon e futuro Duca de Lido. Alex, sua futura esposa, Aria Colonna. — Apresentou Beatrice, desfrutando da expressão surpreendida de sua cunhada.

O olhar do Alex estava preso ao dela.

—Sou o homem mais afortunado de Veneza —saudou, com um sorriso ao mesmo tempo que se inclinava sobre sua mão e a beijava.

Alessandro não deixou escapar o músculo que vibrou na mandíbula do criado que a acompanhava.

Torcello, 1741 de dezembro

Os poucos dias que passei em casa fizeram minha alma renascer. Minha filha é linda, e tão doce que me encolhe o estômago cada vez que me lembro que vou ter que deixá-la muito em breve.

Matteo não me deixará desfrutar dela, e a parte menos egoísta que habita em mim se alegra de que ela vá ficar aqui com minha mãe. Em Torcello será feliz, mais do que seria em Veneza se a levasse comigo, mas essa outra parte de mim se nega a renunciar a ela.

Capítulo 14

Tentando aparentar uma serenidade que não sentia, Aria esboçou um caloroso sorriso, soltou-se do apoio de Leo e lhe fez uma elegante reverência.

—Prazer em conhecê-lo, finalmente.

Com um sorriso malicioso nos lábios devolveu-lhe a reverência e tomou sua mão para colocá-la com autoridade sobre seu braço, ao tempo que em sua cabeça ressoava uma única palavra: minha, minha, minha...

—Damos um passeio ou tem outros planos? Ouvi-a comentá-lo à baronesa Benso. — Perguntou com ironia, ignorando seus acompanhantes.

Consciente de que toda a alta sociedade vigiava cada um de seus movimentos para depois dissecá-los em suas fofocas, engoliu os nervos e esboçou um sorriso de aceitação.

—Meus planos eram cumprimentá-lo. De modo que será um prazer passear com você.

Alex se dirigiu até a área que ocupava o quarteto de corda. Normalmente era o espaço mais tranquilo do salão. A música afastava os fofoqueiros que não eram capazes de escutar suas histórias, já que a música impedia a conversação fluida.

Pela primeira vez desde que soube que devia casar-se sentiu que seu destino não era tão horrível como tinha imaginado. Reprimiu o suspiro de

alívio que inundava seu peito, e centrou a atenção em seu noivo, esquecendo-se de que eram objeto de interesse de toda a sociedade assistente ao baile.

—Aria? — perguntou apesar da segurança que eu tive de que era ela—. Ou Costanza, como devo chamar-lhe? — havia divertimento em sua voz.

—Meu verdadeiro nome é Aria. — Respondeu com o mesmo sorriso cúmplice que ele lhe oferecia.

O jovem assentiu com a cabeça, sem perder o contato visual.

—Aria, que nome mais curioso para uma dama, embora deva reconhecer que gosto mais que Costanza.

— Costanza era o nome da minha mãe.

—Há alguma razão para que te chames como uma das partes de uma ópera?

—Minha mãe gostava muito de música respondeu —improvisando uma resposta.

—Tenho que admitir que você é muito mais divertida como Aria do que como Costanza. Eu me diverti vendo você colocar a baronesa no lugar dela. Quem teria dito isso?

—Você a conhece?

—Claro. — Ele respondeu com um brilho malicioso nos olhos.

—Devo imaginar que sua profunda e inexplicável animação por mim, a quem acaba de conhecer, é por sua causa?

—Tanto quanto dever não. Eu jamais te obrigarei a nada. Mas pode imaginar, claro que sim, embora tenha de dizer em minha defesa que a minha participação no seu ataque foi involuntária.

—Isso não é muito cavalheiresco —brincou Aria.

—Seguro que não é, no entanto, é a verdade. E nós já superamos a fase das aparências.

Tiveram que conversar com o ouvido de um colado aos lábios do outro, o que fazia com que todos os olhares recaíssem sobre eles. Embora as suas famílias lhes tivessem dado espaço para se conhecerem, o resto da sociedade estava a vigiá-los de perto, não só Livia Benso estava atenta a cada um dos seus movimentos. Nem mesmo o extremo mais solitário do salão lhes oferecia a intimidade necessária para que a alta sociedade perdesse o falatório de moda.

—Suponho que não posso recriminar a mentira já que eu tampouco te disse quem era —se desculpou.

—Esta situação é muito incômoda. Era mais fácil falar com você quando era só o caçador.

—Que situação, nosso compromisso ou que estamos sendo observados por todo o salão? perguntou Alex sabendo de antemão a resposta.

—Ambas. Suponho.

Sem acrescentar nada, Alex voltou a pegar sua mão e a posou com

delicadeza sobre sua manga. Sem deixar de olhá-la nos olhos a conduziu até a porta que dava para os jardins. Sua intenção era afastar-se dos olhares indiscretos e talvez, aproveitar o momento para voltar a roubar-lhe um beijo. Sentia a mesma necessidade de apertá-la em seus braços desde o primeiro momento em que a viu em Torcello, com as bochechas úmidas pelas lágrimas, e os olhos brilhantes pelo pranto.

E agora o destino se punha de seu lado e a oferecia. Mía, mía, mía.

Alessandro afastou-se dela o mais depressa possível. Foi muito má ideia roubar-lhe esse beijo, quando sentiu a suavidade da sua pele nos lábios esteve a ponto de gemer pela surpresa. A moça era simplesmente preciosa, «e está apaixonada por outro», recriminou-se, mas nem mesmo essa ideia conseguiu que afastasse de sua mente a formosa ruiva. Continuou a andar mais depressa, fugindo da tentação de comprovar se seus lábios eram tão suaves como suas bochechas. Fugiu tão depressa que se esqueceu de Hórus, só pensava em afastar-se.

—Visconte, vamos voltar a Veneza esta noite ou continuaremos aqui mais uns dias? — perguntou Renzo quando Alessandro chegou até ele.

—Sim, vamos ficar alguns dias. Acabei de descobrir que o ar de Torcello me faz bem. — Um sorriso travesso suavizou a cor de seus olhos, frios como o aço de sua espada.

—Pensei que gostasse mais da cidade, signore. — Renzo, o fiel servo

que o acompanhara desde criança e que com ele tinha crescido, respondeu.

—Confesso que sempre foi assim. Mas esta floresta conseguiu me fascinar. — E acrescentou: 'Recolha Horus, voltamos agora ao povoado, necessito que faça umas averiguações.

Renzo assentiu ao seu signore e estendeu o braço em que levava a Lúa⁷. Obediente a ave aterrou sobre seu braço, majestosa e dócil ao mesmo tempo. O criado tirou de sua bolsa um dadinho de carne seca e o ofereceu como recompensa por sua obediência. O falcão sabedor do troféu que ia receber ergueu-se sobre suas patas.

—Você o mima demais. — Queixou-se ao ver o detalhe de Renzo—, vai conseguir que perca o interesse pela caça se você alimentá-la.

—Isso é impossível, Visconde. Está em sua natureza. Um predador sempre será um predador, a natureza não pode ser modificada.

Diante da sabedoria exposta por tais palavras, Alessandro não pôde senão concordar.

Ao chegar ao povoado mandou seu criado para obter a informação que necessitava, Renzo tinha perguntado na pousada, ao padeiro que abastecia de pão a toda a ilha e ninguém em todo o povoado sabia nada de uma garota chamada Costanza. Por muito que tivesse perguntado ninguém sabia dar-lhe contas dela. Era impossível que com seu cabelo vermelho passasse despercebido. Irritado por não encontrar ninguém que lhe pudesse dizer

onde encontrá-la, decidiu tentar de novo o seu destino e no dia seguinte ao seu encontro, tomou o caminho do bosque.

Os seus passos levaram-no ao local exato em que a encontrou, induzido pelo destino. Encostou-se ao tronco de uma árvore e esperou, sem deixar de observar o horizonte para o caso dela aparecer.

Se entreteve recordando o modo em que seu cabelo brilhava como chamas à luz do sol, as sardas que no seu nariz e, inclusive, o tom musical de sua voz. Esperou até que o sol começou a se esconder, durante horas permaneceu nesse mesmo lugar, esquecendo-se de comer. Esquecendo quem era e o que era obrigado a fazer.

Nesse mesmo mês de fevereiro faria 23 anos e ainda fantasiava como quando era uma criança que escutava com atenção as histórias que sua mãe lhe contava todas as noites. Enquanto Beatrice dormia quase imediatamente, ele se esforçava para ficar acordado para ouvir o final da história.

Ele se recriminou pelo absurdo da situação, não podia ficar obcecado por uma garota que nunca mais veria. Não quando seu destino estava escrito e selado. Havia muito mais do que sua própria vida em jogo.

A ordem contava com ele, com sua lealdade.

Enquanto se afastava mergulhado nas lembranças que sua prometida havia evocado, ouviu Beatrice queixar-se, mas nenhum se deu a volta para comprovar o que era o que lhe incomodava a sua caprichosa irmã.

A Aria também não olhou para o Leo e procurou o apoio dele. O caçador era seu noivo, o homem que lhe havia dado seus primeiros beijos, era aquele com quem devia casar-se e seus planos de romper o compromisso se cambaleavam.

Antes de saber que seu noivo e o caçador eram a mesma pessoa, seu coração já havia se pronunciado a seu favor.

Capítulo 15

Alessandro a guiou em silêncio para fora do salão de baile, cruzaram o corredor onde também havia casais que não perderam detalhe de seu passeio, e no final cruzaram umas portas de vidro que conduziam a uns extensos jardins. Estavam bem cuidados e mantinham-se verdes apesar do inverno.

Andar nos braços do seu noivo dava-lhe forças para sorrir a todos aqueles com quem se cruzavam. Por sua vez Alessandro não parou para falar com ninguém, continuou a guiá-la, afastando-os dos curiosos.

Quando ficaram longe o suficiente para falar sem serem ouvidos, seu noivo rompeu o mutismo que havia reinado entre eles desde que deixaram o baile.

—És uma caixinha de surpresas.

—Por me chamar de Aria?

—Não só por isso. Porque você não parece uma garota que aceita sem questionar um casamento acordado.

—Sem resmungar, é algo que se afasta muito da verdade —respondeu ela—Tinha...tenho um plano.

—Por que não me surpreende? — o divertimento era patente em sua voz.

Continuaram andando até que chegaram à pérgula do jardim, onde se

sentaram, retomando sua conversa:

—Então, você não quer se casar comigo? — aventurou Alessandro com os olhos fixos nela.

Não tencionava impor-lhe o casamento, mas também não ia desistir dela.

—Vamos deixar claro que não tenho certeza se quero. Meu plano era que você quebrasse o noivado.

—E como pensava consegui-lo? — perguntou interessado.

—Minha primeira opção foi argumentar com você, pedir com amabilidade, mas me dei conta de que era absurdo esperar que um desconhecido levasse em conta meus desejos. Por isso, escolhi a segunda opção, fazer com que fugisses da minha falta de maneiras e decoro.

—Estou certo de que será interessante saber em que consiste sua falta de decoro —Aria notou a diversão em sua voz.

—Já não sei se quero fazê-lo —confessou Aria—. Meu pai jamais me terá em conta. Melhor você do que outro candidato.

—Estou lisonjeado, minha querida.

—Lamento se soou brusco. O que queria dizer...

—Por que quer ou queria romper o compromisso? Seu amor impossível decidiu te aceitar?

—Não deveria usar contra mim a informação que eu mesma

compartilhei com você – lhe recriminou, incomoda.

—Eu peço desculpas. De qualquer forma, eu não posso fazer isso. Eu não posso quebrar o compromisso.

Aria ficou sem fôlego ao notar a tristeza com que o havia dito, e então compreendeu a verdade, estava tão atado aos planos de seu pai como ela mesma o estava.

—Não posso romper o compromisso, mas tampouco quero que me aceite. A única solução que eu vejo a isto é que se apaixone por mim.

—Perdão? — Não estava de todo segura de ter escutado bem.

—Se te apaixonares por mim, todos os nossos problemas serão resolvidos. Você não terá mais motivo para romper o noivado, e eu não terei que obrigá-la a me aceitar. Acho que o meu plano é infinitamente melhor do que declarar uma guerra aos nossos pais.

Aria não pôde conter-se por mais tempo e explodiu em risadas. Como podia ser tão arrogante e divertido ao mesmo tempo. Alex era a mistura perfeita nas doses certas.

—Que você ria em um momento como este despedaça meu ego — confessou fazendo cara angustiada.

—Duvido, pelo pouco que sei de ti, teu ego é colossal. E como vais conseguir que me apaixone de ti? E o mais importante, e seus sentimentos?
— A pergunta que fazia desde que o vi parado atrás de Beatrice, finalmente

se materializou.

—Tem razão, meu plano manca nesse aspecto. Acho que vamos ter que dividir o trabalho. Eu vou fazer você se apaixonar por mim e você terá que fazer com que eu ame você.

—Me parece justo —aceitou Aria com segurança.

—Temos quatro semanas. O casamento será em cinco. Então nobildonna, a partir deste momento seu tempo pertence-me —anunciou, fazendo um gesto grandiloquente com a mão.

—E o seu é meu, não é, Visconde?

Alessandro a olhou com admiração e deleite antes de responder.

—Reconheço que não esperava alguém como você. Tinha suposto, tolo de mim, que minha noiva seria algo como minha irmã.

—Cruel e manipuladora? — perguntou com falsa inocência.

—touché, querida. Deduzo por suas palavras afiadas que já te cravou um de seus pontiagudos presas.

—Algo assim. — Aceitou com um meio sorriso.

—Ah, não, não. Agora debes confessar, o que te disse esse modelo de virtudes que é minha irmã?

—Ela me disse que você era horrível e que estava desfigurado. Que as mulheres te perseguiram por seu título e não por si mesmo.

—Bem, então seus adjetivos foram exagerados. Beatrice não mentiu

para você.

—Procura elogios, nobiluomo? — perguntou Aria.

Desde a primeira vez que o encontrou, mesmo sem saber quem ele era, lhe havia considerado um dos homens mais bonitos que já tinha visto.

—Não, querida. Embora não rejeitaria outras coisas que vêm do mesmo lugar que os elogios.

Diante da cara de incompreensão da jovem, ele riu, divertido.

—Teus lábios, Aria. O que desejo é um beijo que sele nosso pacto, é a maneira veneziana de fechar um trato, não é que eu o deseje, senão que é...

—De acordo —respondeu ela, o surpreendendo por sua rápida aceitação.

—Tradição —acabou ele.

Sem lhe dar tempo para mudar de ideias, agarrou-a pelos ombros e atraiu-a até ele, fechando-a num abraço delicado, mas firme.

Os lábios dela se moldaram aos seus como peça que se encaixa no lugar que lhe corresponde. O beijo foi doce e terno, sem pressa. Aria pôs em prática as lições anteriores e abriu a boca, permitindo que a língua de Alessandro invadissem sua boca. Imitando seus movimentos, ela fez o mesmo, deleitando-se em descobrir cada parte de sua boca.

Sentiu suas mãos pousarem com delicadeza em seu decote. O vestido que levava deixava ao descoberto a delicada pele. Sua boca engoliu o gemido

feminino que surgiu quando, quase com reverência, Alessandro pressionou um suave mamilo.

—Tranquila. Confie em mim —pediu, mordiscando o lóbulo de sua orelha, e afundando o nariz na curva de seu pescoço.

Alessandro a empurrou com delicadeza para que se deitasse no banco onde estavam sentados, e se inclinou sobre ela, para liberar um seio de seu confinamento. O mamilo rosa tentou-o como nenhuma outra mulher.

Quando lhe propôs fechar o trato não pensou em nada mais que em beijá-la, mas assim que o fez soube que ia ser impossível lhe limitar a um beijo.

—O que devo fazer? — perguntou, Aria, com um fio de voz.

O que desejar respondeu voltando a apoderar-se de seus lábios.

Com uma mistura de timidez e decisão, Aria colocou suas mãos trêmulas sobre o peito masculino. Notando na ponta de seus dedos a dureza e o calor que desprendia seu corpo.

Separaram-se rapidamente quando ouviram os passos de várias pessoas a aproximarem-se da pérgula. Alessandro a ajudou, com dedos hábeis a colocar bem o vestido, e refazer seu penteado. Justo a tempo para encontrar-se frente a Beatrice e Leo.

Por muito que fingissem, os quatro sabiam o que acabava de acontecer ali. O Leo lançou um olhar fulminante ao Alessandro e este devolveu-lhe

com a mesma intensidade.

—Irmão, viemos te buscar a pedido do nosso pai. Quer que entrem para que possa apresentar a sua noiva a algumas pessoas que deve conhecer. Além disso, Renzo está te procurando, tem que te entregar uma nota que acho que é importante.

—Obrigado, Beatrice.

A disposição do caminho lhes obrigou a caminhar de dois em dois, Aria não sabia como, mas Beatrice engenhou para caminhar de braço dado com irmão. Leo lhe ofereceu seu silêncio, apesar da tensão que havia em seus olhos.

Caminhavam de volta ao baile quando Beatrice, deliberadamente, levantou a voz de modo que puderam escuta-la, tanto seu irmão como Leo e Aria.

—Alex, deveria ter pedido a tua amante não te molestar com mensagens esta noite. Afinal de contas hoje era o dia que ia conhecer sua prometida.

Aria esperou que ele negasse, porém a resposta de seu futuro marido não soou negativa:

—Tens razão Beatrice, deveria tomar exemplo de ti e tê-la avisado – respondeu irônico, demasiado rápido sabendo que Aria estava escutando.

A jovem sentiu como Leo estava ao seu lado.

—Estava falando sério quando lhe propôs um trato? Pensava em manter sua amante caso se casassem?

Ninguém voltou a falar até que entraram no salão do baile. Como se tivesse estado esperando impaciente, o criado de Alessandro, o cercou com urgência e com uma bandeja de prata onde continha um bilhete. Ele não esqueceu o olhar que os dois trocaram. Nesse instante Beatrice começou a falar, mas Aria estava muito pendente de seu noivo para se incomodar em atender a suas palavras. O Leo também tinha os olhos fixos no estranho casal.

Em vez de devolver o bilhete à bandeja uma vez lida, Alessandro a guardou no bolso de sua jaqueta, e se aproximou até sua namorada para se despedir.

Deu-lhe um beijo na mão e anunciou que iria ve-la no dia seguinte depois do café da manhã, saiu dali com seu criado.

Sem desfrutar nem mesmo de um brinde por seu futuro matrimônio, nenhum gesto que calaria os rumores que corriam como pólvora: Alessandro Ruspoli, visconde de Mon, havia abandonado sua prometida trinta minutos depois de conhecê-la.

Matteo e Giuseppe se encarregaram da apresentação formal como a futura duquesa de Lido. Independentemente do que havia feito Alessandro ir embora, seu futuro sogro era alegre e risonho, ainda que desprendia de certa

autoridade serena que conseguia que se respeitasse apesar de seu atrativo rosto.

Três quartos de horas depois, seu pai considerou que já não era útil sua presença, seu noivo a havia abandonado meia hora depois de conhece-la, o melhor era voltar para casa e evitar os cochichos que soaria como grosseria para seu prometido.

—Filha, o melhor é que se despeça. Está na hora de se retirar. — Apesar da doçura com que as palavras haviam sido ditas não lhe sobrava outra opção.

Tampouco era da vontade dela ficar, a ideia de que Alessandro havia ido visitar a amante lhe havia deixado de mau humor.

—Claro, pai.

—Leonardo, se encarregue de leva-la pra casa sã e salva.

Ele afirmou com a cabeça e em um gesto de extrema intimidade, colocou a mão sobre a cintura de Aria para guia-la até a saída. Matteo apertou os punhos com força, o que menos precisava era um servente com presunção de cavalheiro.

Quando a carruagem parou em frente a casa dos Colonna, o criado abriu a porta e colocou a escada para que Aria descesse. Só que não era o criado quem espera estendendo-lhe a mão. Para sua surpresa, o assento estava vazio e nem rastro do cocheiro, do mesmo modo a porta do Palazzo esta

aberta e não havia nenhum criado esperando para recebe-la.

—Desde quando conhece teu prometido? Perguntou Leo plantado em frente a ela.

—Faz umas duas horas. Não compreendo sua pergunta.

—Não minta, Aria. Vi quando o criado levou o bilhete urgente que o obrigou a deixa-la sozinha. Sei que é o mesmo que me disse que havia andado com um amigo.

—Não é o que você pensa.

—E o que exatamente eu penso? Que você e seu noivo tiveram um encontro antes de se conhecerem oficialmente? Como isso é possível, Aria?

—Conheci-o em Torcello, não sabia que era meu noivo até esta noite. Nem sequer sabia que ele era nobre.

—Mas ele sabia, afirmou Leo —Por que outra razão te levaria a conhecer os carnavais? Imagino como ele se divertiu fingindo não saber de onde você veio.

—Isso não é verdade. Ele acreditava que me chamava Costanza. Não soube quem sou até esta noite no baile. — Defendeu-o, zangada porque Leo o acusou de tal vileza.

—Que ingênua você é!

—Não sou, e, em todo caso, não compreendo em que pode te afetar a ti meu matrimônio.

—É meu dever te proteger.

—De quem é o meu futuro marido?

—De quem quer que seja, espetou, levantando a voz, e perdendo o pouco domínio que ainda mantinha.

—Não entendo sua atitude, você nunca se irrita, nunca ri e certamente nunca grita. O que há de errado com você, Leo?

—Não sabe? De verdade que não sabe?

—Não.

—Tu, Aria, passas-me tu. Sempre me passaste tu, apesar de não estar bem. Não posso evitar que me continues a passar tu.

O impacto da declaração fez com que ficasse parada no meio da rua, vendo como Leo se afastava caminho da porta de trás, sem mediar nenhuma outra explicação entre eles.

Veneza, abril 1739

Sinto-me tão culpada pela minha dureza inicial com Giuseppe, tratei-o tão mal quando éramos mais jovens, e agora em vez de me dar as costas é ele quem me protege e quem me dispensa de assistir às sessões da Ordem.

Graças a ele recordei aquilo que motivou meus pesadelos, e graças a ele foram desaparecendo. No entanto, lembrar aumentou o medo que Matteo me inspira. Minha cabeça apagou as atrocidades que o vi cometer em nome

da Ordem, a tortura que violou o pobre diabo que prenderam e que julgaram como herege.

Graças a Deus que Aria está longe de tudo isso, e obrigado também por ter colocado no meu caminho Giuseppe Ruspoli

Capítulo 16

Aria dava voltas na cama sem poder dormir. Seus pensamentos fluíam entre Leo e sua velada confissão, e Alex e sua repentina marcha do baile. Descobrir que o caçador era seu noivo tinha-a atordoado durante uns instantes, mas depois da surpresa inicial tinha-se sentido aliviada, poderia inclusive atrever-se a dizer feliz.

Não seria justa consigo mesma se não se confessasse que a firme convicção com que tinha viajado a Veneza, conseguir que seu noivo desfizesse o compromisso, tinha deixado de ser sua máxima prioridade. De fato, quando Leo havia explodido: *você, Aria, me passa você. Sempre me passou você, apesar de não estar bem*. Tinha se sentido culpada e triste em partes iguais. Finalmente tinha conseguido que Leo reagisse e mostrasse seus sentimentos, mas já era muito tarde... porque estes já não eram os que ela desejava escutar.

Tinha sido tarde desde o momento em que conheceu Alex em Torcello, desde o instante em que se reencontrou com ele no carnaval. Ela sempre se sentiu próxima a ele, por isso permitiu que ele a beijasse na floresta, e que lhe mostrasse a diversão de ser outra pessoa em Veneza. Junto a ele, apesar do enorme segredo que levava, tinha-se permitido ser ela mesma, jamais teve que fingir ser perfeita e recatada.

Alex lhe permitiria ser ela mesma sempre, jamais seria como seu pai. Ao menos nesse ponto disporia de certa liberdade. Mas o que acontecia com todo o resto? As amantes, a Ordem, as mentiras que teria que lhe contar

Devia romper o compromisso e arriscar-se à ira de seu pai? Seria melhor o próximo pretendente que lhe impusessem? Porque uma coisa estava clara, Matteo a casaria atendendo a seus próprios benefícios, jamais ao bem-estar de Aria.

A resposta às suas dúvidas deixou um certo sabor agri-doce. Sem dúvida, casar com Alessandro era sua melhor opção. O mau seria ter que lhe esconder quem era realmente Aria Colonna.

O pensamento trouxe consigo uma picada de dor que agulhou sua consciência.

O sonho a venceu enquanto em sua cabeça se travava uma batalha entre a verdade e a mentira.

Como prometido, Alessandro apareceu depois do café da manhã. Aria usava um vestido azul escuro que acentuava a palidez de sua pele e a cor de seu cabelo. Seu pai, com quem tinha se cruzado quando deixava o salão, arregalou os olhos ante sua escolha de figurino, mas contra todo prognóstico tinha reservado suas opiniões para si mesmo.

Depois de receber a saudação de seu noivo, o havia acompanhado até as cavalariças para que pudesse deixar seu cavalo. Os acontecimentos da

noite anterior e os sentimentos contraditórios que se aglomeravam na sua cabeça faziam com que se mostrasse mais fria do que Alessandro estava acostumado a receber dela. Mesmo quando não se conheciam, tinha-se mostrado mais acessível do que na altura.

Em silêncio chegaram até as cavalariças do Marchese. Ambos ficaram parados na entrada quando viram Leonardo arregaçado até os cotovelos, escovando Cloris. O animal cabeceava e tentava morder sua mão, encantada com o trato que estava recebendo.

—Bom dia. — Saudou Alessandro— poderá encarregar-se de que cuidem bem desta preciosidade? — perguntou, apontando para seu puro sangue.

— Esse não é meu trabalho, respondeu Leo com altivez.

— Leo, por favor pediu Aria

Alessandro ficou tenso.

Na noite de carnaval em que a tinha raptado mostrou-se preocupada em excesso porque seu criado se assustara ao não vê-la, tinha-se burlado de seus temores acusando-a de um noivado com o citado, mas nem sabia quem era esse Leo ou a idade dele. No momento em que a viu entrar na taberna, tinha estado tão concentrado nela que não tinha percebido que o indivíduo em questão era um homem jovem. Sua mente foi associando ideias, lágrimas e sua confissão quando a conheceu, o tom doce e confiante com o qual acabava

de se dirigir a ele, o mal-humorado do criado na noite anterior... E tudo se encaixou de repente.

Leo sabia que sua reação com o noivo de Aria tinha sido impertinente e fora de lugar, mas pela primeira vez em sua vida não se importou em quebrar as regras. A fraqueza dele na noite anterior, quando deixou sair o que ele escondia há tanto tempo, libertou-o de alguma forma.

Tinha passado a noite nos estábulos, respirando o cheiro de palha, a cavalo e a couro. O cheiro que lhe lembrava qual era seu lugar no mundo. Não era mais que um criado, e se propunha não esquecer jamais.

Conhecia em primeira mão o que acontecia àqueles que não sabiam quais eram seus limites. A sua irmã Viola esqueceu-se e pagou por isso. Com apenas 15 anos, tinha sido tão inocente que tinha acreditado nas palavras de um homem casado.

O barão a havia enganado com falsas promessas e doces palavras, Viola se havia entregado a ele, e este se aproveitou dela enquanto sua esposa estava visitando sua mãe em Veneza. No entanto, uma vez que esta regressou, o barão, temeroso de ser descoberto, a expulsou de sua casa sem nenhum remorso carregando em seu ventre o fruto de seu engano. Sua irmã, envergonhada demais para contar o que aconteceu a seus pais, lançou-se ao Adriático, acabando assim com sua vida e com a do bebê que esperava.

Pouco depois, Leo foi solicitado pela duquesa para entrar a seu serviço.

Tomaso, o chefe dos estábulos era muito velho para carregar sozinho o peso do trabalho. Foi instruído por ele mesmo para aprender o ofício e dirigir aos demais trabalhadores, quando seus ossos não lhe permitissem levantar-se da cama. Embora, durante os primeiros anos, tenha concordado em fazer amizade com Aria, quando a jovem cresceu o suficiente para que a sua relação pudesse induzir a equívocos, cortou todo o contacto com ela. Por muito que a Aria tenha tentado recuperar os seus antigos laços, ele fechou-se. Nada seria capaz de apagar a memória do corpo inerte e inchado de sua irmã nem de sua vergonha.

— Claro —concordou em se curvar como um pedido de desculpas.

Com a cabeça erguida aproximou-se para tomar as rédeas do cavalo de Alessandro sem voltar o olhar para Aria.

A jovem percebeu que tinha cedido por ela, mas, mesmo assim, recusou-se a olhá-la e entrou nos estábulos com o animal do seu noivo. Alessandro não comentou a atitude do criado, nem a Aria. De fato, nada quebrou o silêncio até que não ficaram confortavelmente sentados em uma gôndola.

—Outra vez vais tentar impressionar-me com um passeio de gôndola? Que pouco original! — acusou-o com um meio sorriso.

Apesar do mau momento que tinha passado, apesar de sua preocupação por não saber onde tinha estado na noite anterior, não podia evitar sentir-se

bem com ele. Sentir a necessidade de desafiá-lo para ver a faísca que brilhava em seus olhos cinzas.

Alessandro franziu a testa, divertido pela atitude desafiadora dela.

— Não vamos dar um passeio de gôndola, temos um destino estabelecido.

—E qual deles é?

— Nada de original, só vou te levar para conhecer a mulher que me fez te deixar ontem sozinha na festa —disse com aparente indiferença.

Os joelhos da Aria começaram a tremer, e ela deu graças por estar sentada e evitar a vergonha de cair.

—Meu Deus! — exclamou perplexa.

— Sei que ouviu as palavras de Beatrice e acho que o melhor para esclarecer suas dúvidas é que a conheça pessoalmente.

Tenho certeza que você vai adorar. — Seu sorriso safado se transformou em riso quando viu a expressão de desgosto dela. —Não duvido que ela goste de ti.

Capítulo 17

O palazzo que tinha à sua frente era o mais espetacular que tinha visto desde que chegou à cidade. Era impossível aceder a ele por terra, já que estava ancorado quase no meio do canal, erguendo-se imponente frente a eles. As amplas janelas espaçadas na imponente fachada apresentavam uma decoração de tabuleiro de mármore rosado e branco, enquanto o pórtico do andar térreo se apoiava em colunas com ricos capitais decorados.

Alessandro desceu de um salto e estendeu a mão para ajudá-la a descer, Aria sentiu o delicioso calafrio que sempre acompanhava o contato de seu noivo. A faísca elétrica que se acendia sempre que se tocavam, conseguia que perdesse o fio de seus pensamentos, uma sensação que nada tinha a ver com seu dom, senão que saía de outro lugar distinto, da parte mais recôndita de sua pele.

Antes de chegarem à porta principal esta se abriu e um velho servo saudou a Alessandro com familiaridade e fez uma reverência a Aria para posteriormente lhes franquear o passo dentro do palazzo.

—A signora está esperando por vocês. — Anunciou enquanto os conduzia até um pequeno salão.

— Obrigado, Cicero.

Aria caminhava junto a Alessandro, fingindo que não lhe incomodava

ter que conhecer a sua amante, e desconcertada, ao mesmo tempo, por confiar tanto nele como para acompanhá-lo por sua própria vontade.

O mordomo, alheio aos pensamentos da moça, os instruiu a sentar-se anunciando que a signora desceria em alguns minutos. Mantendo a inteireza e evitando lhe olhar, aceitou o convite e se sentou no elegante sofá, em concreto no canto mais afastado da porta pela qual ia entrar a mulher, que era sua rival. Perguntou-se como seria ela, seguramente jovem e bonita, e, sem dúvida, muito rica, despreocupada e casada.

Uma voz cascata pela idade a tirou de repente de seus devaneios.

— Alex, você é um sem vergonha. — Ele foi repreendido por uma mulher muito mais velha que Lucrecia.

—Vovó! Eu vim para trazer minha namorada para conhecê-la. Não me repreenda na frente dela.

Aria relaxou e sentiu-se estúpida ao mesmo tempo. Tinha estado preocupada sem motivo e Alex tinha permitido que acreditasse que ia conhecer a sua amante, piada que não ia perdoar com tanta facilidade. Lançou lhe um olhar fulminante, justo no instante em que ambos a estavam olhando, a signora da casa tinha cruzado o salão e se tinha sentado no sofá que havia junto a ela, mas Aria estava tão focada em planejar uma vingança contra Alex que nem percebeu.

Ele levantou-se imediatamente e fez uma vénia à mulher.

O rubor manchou suas bochechas, o que fez com que voltasse a fulminar seu noivo por colocá-la em semelhante situação. Sua nova avó política explodiu em risadas motivadas pelos olhares maliciosos que se dedicavam seus netos.

—Eu gosto de sua noiva, Alessandro. Querida, sou Francesca Carbone. Meu neto foi educado por meu genro, você tem que perdoar sua falta de maneiras.

—¡Que descortês fui! Mil desculpas formosas damas. — suplicou pegando da mão a sua noiva, que seguia de pé frente a sua avó—. Aria esta preciosidade é minha avó, a Marchesa de Alassio —um sorriso travesso se instalou em seus lábios, estava consciente do que Aria estava imaginando durante todo esse tempo. Nonna, esta encantadora signorina é minha prometida, Aria Colonna, filha do Marchese de Vurano.

—Prazer em conhecê-la, nobildonna. — Saudou com respeito.

— Por favor, me chame de Francesca, logo seremos família. Venha, sente-se comigo, querida.

—Obrigado, Francesca. — Aceitou, sentando-se junto à marquesa.

A Marquesa assentiu contente por seu neto, mas uma fugaz sombra cruzou seu sorriso.

—O que acontece, avó? — a preocupação tingia a voz de Alessandro, quem se aproximou pressuroso até a poltrona em que se tinha sentado a

idosa.

—Minha cabeça dói. Nada novo, mas temo que não sou muito boa companhia.

Sem pensar no que estava fazendo ou nas consequências que levaria seus atos, Aria tomou a mão da mulher entre as suas, sentiu nas pontas dos dedos como seu dom flutuava até ela.

Francesca a olhou com estranheza, embora seus olhos refletissem uma inteligência e uma compreensão que jamais tinha vislumbrado em ninguém antes. Não havia nem apreensão nem rejeição. Teria se dado conta do que estava fazendo ao tocá-la? A resposta que Aria esperava se materializou com o silêncio, Francesca não fez nenhum comentário sobre a inesperada cura de seu mal-estar nem retirou sua mão de entre as suas.

A Aria rezou para que mantivesse o seu segredo mais do que alguns minutos. De todos os conselhos que recebera de sua avó, estava disposta a correr o risco e transgredir um deles, talvez o mais importante de todos, mas não ia viver o resto de seus dias mentindo ao homem que amava.

A autoconfissão a pegou de surpresa, num instante tinha reconhecido que estava apaixonada por Alessandro... De repente, parou de ouvir a conversa da sala para ouvir apenas os batimentos cardíacos acelerados. Sentiu o interesse de Alessandro sobre ela e viu a preocupação que enrugou sua testa, os firmes dedos dele acariciaram a mão que tinha livre. Sua respiração

acelerou para parar de repente quando ao levantar o olhar se deparou com que mão de Francesca exercia pressão na que lhe tinha agarrada. A mulher a olhava com preocupação, a mesma que supunha no rosto de Alessandro, mas ainda não se virou para ele, seu interesse estava fixo no anel com uma safira guardada por dois dragões dourados que Francesca levava no dedo anular de sua mão esquerda. O mesmo anel, pedra diferente.

—Querida. Você gostaria de dar um passeio comigo? Tenho certeza que meu neto pode se divertir sozinho por um tempo. — Comentou Francesca com um claro tom de advertência—. E você precisa de um pouco de ar fresco.

—Claro, vovó. Eu esperarei por você aqui. — Concedeu Alessandro, relutante em deixar Aria, mesmo que fosse com sua avó.

As duas mulheres levantaram-se e encaminharam-se para uma nova permanência da casa, Francesca tomou o braço de Aria como apoio enquanto começava a contar-lhe a história do palazzo. Alessandro suspirou resignado, quando começava com essa história não havia nada que a detivesse até chegar ao final.

Quando saíram da sala, Aria pensou ter ouvido uns passos e até visto uma sombra a afastar-se. Como se houvesse alguém escutando atrás da porta, no entanto, não podia assegurá-lo, de modo que esqueceu o pensamento e se concentrou em atender a sua nova parente.

Francesca Pacchiani, viúva de Alassio, estava preocupada com o caráter de sua futura neta, desde o momento em que soube quem era seu pai, mas depois de conhecer a jovem, todas as suas dúvidas haviam sido dissipadas. O anel que a Aria tinha no dedo e o gesto corajoso de lhe pegar na mão tinham conseguido mais do que o teriam feito várias semanas de tratamento cordial.

— Bom, já é suficiente sobre a história familiar —lhe disse enquanto a fazia entrar em seu salão privado—, falemos agora do importante.

Aria sorriu com timidez.

— Por que está sorrindo? — perguntou curiosa.

— Você me lembra minha avó.

Desta vez foi a Francesca que esboçou um sorriso.

—Dentro de pouco serei sua avó de verdade, e me alegro muito. Além disso, Lucrécia é uma mulher maravilhosa e muito competente.

— Não sabia que a conhecia.

—Por isso queria falar com você, o que sabe sobre o anel? Vi a surpresa no seu rosto quando viu o meu e notei que você usava o da sua família.

—Não sei nada. Confessou, sentia o pulso nas têmporas. Nervosa ante a possibilidade de Francesca lhe contar o segredo que guardava a joia.

— O que queres dizer com isso?

—Justo isso, não sei nada dele. Minha avó me deu e me disse que me protegeria, mas não me explicou o que significa possuí-lo —explicou com sinceridade.

—Nesse caso vai sendo hora de que saiba. O que não compreendo é a razão pela qual Lucrecia não lhe contou isso.

— Ela acha que estarei mais segura se não souber o que está acontecendo.

—Pelo contrário, a sua segurança depende de conhecer perfeitamente o jogo em que participa. E como logo serás da minha família, sinto-me no direito de te contar nossa história: o primeiro padroeiro da cidade, antes de que nos impusessem a San Marco, foi São Teodoro de Amasea, mas com o poder do império bizantino em decadência, os venezianos decidiram que ter como padroeiro um santo grego não era razoável. Ao mesmo tempo, Roma estendia sua influência sob a proteção do apóstolo São Pedro, pai da igreja. De modo que alguns mercadores venezianos idealizaram um plano: viajaram ao Egito e roubaram as relíquias de São Marcos, camuflando os restos mortais do evangelista entre pedaços de carne de porco para que os muçulmanos não pudessem descobri-los, porque o porco é proibido pela sua religião. E assim foi como no ano 828 São Marcos se tornou o padroeiro de Veneza, onde se ergueu uma luxuosa basílica em sua honra, Basílica suportada por aqueles que tinham pago aos mercadores para que arriscassem

suas vidas só para levantar-se com o poder. A mudança do padrão lhes deu uma desculpa para fundar a Ordem e se camuflar nela em busca desse poder que lhes permitiria governar a República nas sombras. O que não esperavam era que os devotos de São Teodoro de Amasea se unissem e fundassem uma contra-ordem cuja única finalidade era resgatar a todo infeliz que caísse em suas mãos. Desde então temos agido desde o anonimato, a única coisa que nos distingue como Teodorinos são os anéis que ambas luzimos.

—E os dragões? — perguntou, disposta a aproveitar que Francesca estava disposta a lhe contar a verdade.

—Teodoro alcançou uma grande fama em sua época depois de derrotar um perigoso dragão. Daí que o símbolo seja o dragão. A pedra está presa por dois dragões que simbolizam a ordem e a pedra faz referência às famílias que protegem Veneza da Ordem, daí que cada uma seja de uma cor diferente.

— Quantas famílias há em sua Ordem?

— Muitas. Nós não somos tão elitistas como a Ordem de São Marco, qualquer um que esteja disposto a ajudar tem um lugar em nossa casa — explicou com um sorriso cansado.

—Alessandro...? Seu pai é...

Isso terá que perguntar a ele. Não posso falar por meu neto, além disso logo será seu marido, tem que confiar um no outro.

—Mas...

—Não tenha medo. Alessandro é muito melhor pessoa do que seu pai ou sua irmã são. E agora vamos voltar, estou cansada. Outro dia poderá me fazer todas as perguntas que desejar.

Aria levantou-se para ajudar Francesca a ficar de pé com a cabeça em alvoroço. Tinha muita informação para assimilar. Uma ideia cruzou em sua mente arrasando com todo o resto.

— Franchesca, por que confiou em mim?

—Porque você fez o mesmo comigo. — respondeu com emoção. Sabia que havia pessoas que podiam aliviar a dor, mas nunca tinha conhecido ninguém que o fizesse. Obrigado por me mostrar, sou velha, mas ainda valorizo as coisas que valem a pena e você é uma delas.

Aria não soube o que responder, a emoção lhe subiu a garganta. Francesca mostrou-lhe mais afeto do que alguma vez imaginou.

—Fala com Alessandro. — Aconselhou-o ao mesmo tempo que a tomava do braço e se encaminhavam para o salão onde este as esperava. Meu neto não é como seu pai. Nem sequer se dão bem. Ruspoli matou a sua mãe e Alex não o esquecerá jamais. Como tampouco eu o farei.

—A matou? — O horror tingia sua voz.

— Não pude provar, mas sei aqui dentro, disse cravando o punho no peito.

Sem dizer mais nada, Francesca arrastou-a para a sala onde o

Alessandro as esperava.

A Marchesa e a história sobre a contra-ordem haviam causado uma profunda impressão a Aria, tanto que havia esquecido durante esses momentos a brincadeira de Alessandro de fazê-la acreditar que iria conhecer a sua amante.

Durante a refeição mal tinha participado na conversa, pois tinha estado perdida em tudo o que tinha acabado de descobrir. Até que voltaram a estar na rua... e a presença de seu noivo apagou tudo o que lhe preocupava. Durante a viagem em gôndola se manteve calada, atenta a qualquer coisa que lhe ajudasse a não olhá-lo. Mas Alessandro não pensava render-se. Disposto a esclarecer as coisas e possivelmente se desculpar com a calada jovem que tinha ao lado, pediu ao gondoleiro que os deixasse na ponte dos suspiros, perto do piombi⁸, uma zona pouco transitada a essas horas. Se chegassem mais longe e a deixasse ir para casa com raiva, perderia tudo o que ganhara nos seus breves encontros.

O gondoleiro se aproximou de terra para que pudessem descer. Consciente do mau humor de Aria, Alessandro permitiu que fosse este quem a ajudasse a descer.

— Por que descemos aqui?

—O que há de errado com você? — Respondeu, em vez de responder à

sua pergunta.

—Que você é detestável. Isso é o que acontece comigo. — Acusou, incomoda ao recordar sua armadilha.

—Isso não é verdade. Agora mesmo está encantada comigo por eu n'ao ter uma amante. — Sussurrou igual que o tinha feito Aria.

—Você é um pouco convencido.

—Não espera que eu negue, não é?

—Você é detestável. — Exclamou cada vez mais irritada.

—Ok, mas eu estou certo. Aria, tenha cuidado, você está muito perto da borda!

Ela não respondeu, continuou recuando sem olhar para onde pisava, tão absorta nos impropérios que lhe dirigia que não se deu conta de que caía no vazio até que foi tarde demais e a água do canal a engoliu.

Capítulo 18

Sentiu como se lhe estivessem a espetar uma centena de agulhas afiadas em cada curva do seu corpo. O frio e o choque na água tiraram-lhe todo o oxigénio dos pulmões, enquanto a garganta começou a encher-se de água escura e malcheirosa. Não pôde determinar o tempo que havia passado enquanto se afundava mais e mais profundo quando uns braços a agarraram pela cintura e a puxaram com força, sua vista se nublou, tingindo-se de negro; ia perder a consciência por falta de ar, Quando o Alessandro acabou de os trazer à tona.

A cidade parecia escura e abandonada, a zona em que estavam era deprimente e solitária, ninguém os ajudou a sair do canal. Alessandro agarrou-a pelas axilas e puxou-a, mas a água tinha encharcado sua roupa e era quase impossível que pudesse levantá-la sem sua ajuda. Aria se forçou a mover seus músculos dormentes, mas o movimento fez com que ficasse tonto, seu estômago expulsou toda a água escura que havia engolido, junto com a comida do meio-dia, que havia provado na casa de Francesca.

Quando finalmente se livrou da porcaria do canal o seu corpo ficou consciente do frio. Abriu os olhos atordoada e encontrou a cara angustiada do seu noivo.

—Aria, mexe-te. Se ficarmos aqui parados morreremos de frio. —

Instou-a, puxando-a.

—Não posso —se queixou começando a notar que o sono atordoava seus sentidos.

—Claro que você pode. Você é uma lutadora. Não me decepcione agora —pediu com a voz carregada de emoção.

—Muito bem, Alex, obrigado.

—Aria, por favor. Se mova agora ou não terá servido de nada se morrermos os dois de uma pneumonia.

—Para onde estamos indo?

—Temos que nos desfazer da roupa molhada e entrar em calor, explicou.

—Meu pai estará preocupado. — Seu cérebro ainda atordoado não discernia bem.

—Não seja ingênua, Aria. Seu pai ficará encantado de que esteja comigo. Sobretudo, se nossa ausência justifica adiantar o casamento.

Aria parou de repente, tremendo de frio e chocada com a brutalidade do seu tom.

—Vamos, não pare. A casa de Renzo está perto.

—Quem é Renzo? — o frio o impedia de articular com clareza.

—O meu empregado.

—Teu criado não vive no palazzo? — perguntou confusa.

—Sim vive no palazzo, embora Renzo é um servo especial. Tem sua própria casa.

Não acrescentou mais nada, unicamente puxou-a com mais força para acelerar seus passos e chegar o quanto antes à casinha que Renzo possuía nessa zona da cidade.

Depois de caminhar durante vários minutos, pararam em frente a uma casa baixa construída entre uma padaria e um artesão do qual Aria não soube determinar qual era seu ofício. Sem perder um segundo, Alessandro vasculhou um vaso pendurado nas grades da janela e pegou uma chave. Assim que entraram notaram a diferença, não é que a casa fosse quente, tratava-se antes de que os abrigava do ar gelado de fora.

Depois de trancar a porta, Alessandro ajoelhou-se diante da casa e começou a empilhar troncos para acender um fogo que aquecesse seus corpos e secasse suas roupas. O gesso estava seco, por isso não demorou a acender a chama.

Inconveniente e gelada pela roupa molhada, encontrou-se a si mesma pensando que apenas algumas horas depois de beijá-la do modo que o fez na noite anterior, se encontrava a sós com ele, numa casa onde a mobília mais vistosa era a enorme cama que se encontrava à esquerda da entrada.

Obrigou-se a falar para não pensar nisso.

—O que quis dizer com Renzo era um criado especial?

Alessandro ficou carrancudo e tirou o casaco.

—Você melhor que ninguém deveria saber, não é Leo um criado especial?

—Não te compreendo. — Respondeu ficando vermelha.

—Não é ele por quem estás apaixonada? Acaso não me falaste de um amor não correspondido em Torcello? E depois quando te encontrei no carnaval, estavas desejosa de voltar para ele para que não se preocupasse.

—Não é tão fácil, Leo é o único amigo que já tive.

A jovem se perguntou o porquê de sua reação. Depois do seu desentendimento com o Leo nos estábulos, mostrou-se tão sarcástico, divertido e arrogante como sempre, por quê o seu ataque?

—Aria, tire a roupa e aproxime-se do fogo. Deixemos esta conversa para quando estivermos secos e de melhor humor. — Disse que enquanto arranjava uns copos toscos e uma garrafa do grande baú colocado aos pés da cama.

—Toma, bebe. — Ordenou-lhe que estendesse o copo com um líquido ambarino dentro—. Isto fará com que entre em calor.

Seguindo o exemplo, levou seu próprio copo aos lábios e bebeu de um só gole seu conteúdo.

Consciente de que devia tratar-se de álcool, armou-se de coragem e apurou seu copo com a mesma rapidez. Um ataque de tosse se apoderou dela,

no entanto, o calor queimava em sua garganta e se ia abrindo caminho pelo resto de seu corpo que agradeceu a bebida.

—Muito bem. — Animou-se —Agora despe-te e logo entrará em calor.

— Não posso fazer isso na sua frente. — Ela reclamou quando suas cordas vocais pararam de queimar.

—Claro que você pode. Vamos nos casar, lembra? Mas se sua natureza tímida se impõe, eu vou virar —ofereceu.

Aproximou-se da cama e arrancou o cobertor que o cobria para a deitar à Aria, que tremia como uma folha.

Tira pelo menos o vestido e cobre-te com isto.

—Não posso fazê-lo sozinha. Os botões estão nas costas.

Alessandro suspirou, exasperado. Já era bastante vê-la molhada, com seu vestido colado a cada curva de seu tentador corpo, agora além disso ia ter que tocar sua pele. Ainda não era capaz de controlar seus nervos e o medo que tinha sentido quando a viu cair ao canal, o desespero que lhe havia invadido quando foi consciente de que poderia perdê-la. Nesse instante de agonia sua mente traiçoeira se perguntou então se na realidade a tinha. Era sua noiva sim, mas estava apaixonada por outro homem, estaria sempre ou aprenderia a amá-lo? E tudo o que tinha que lidar naquele instante, as circunstâncias e o destino que se empenhavam em uni-los, punha-a frente a ele, mais tentadora do que nunca numa casa onde ninguém os encontraria.

—Então dê a volta —pediu com secura.

Aria obedeceu em silêncio, o frio que sentia o impedia de mostrar-se recatada, necessitava desfazer-se das roupas molhadas e aproximar-se do fogo ou perderia por completo a sensibilidade de seus dedos. Não assim do resto de seu corpo, assim que Alessandro desbotou o primeiro botão da fileira que ia da nuca até a cintura, sentiu que seu sangue voltava a circular em suas veias.

Com habilidade e rapidez desabotoou todos os botões, e a instou a tirar os braços do vestido.

—Precisa de ajuda com o espartilho? A Aria não deixou escapar a rouquidão com que lhe fez a pergunta. Por muito que se tenha dado ao trabalho de a esconder, estava tão abalado como ela.

—Sim.

Sentindo cada respiração dele em sua nuca, enquanto desatava os laços em suas costas, começou a invadi-la a mesma sensação de necessidade que tinha sentido na pérgula. Seus dedos roçavam sua pele, mas não o suficiente para que sentisse o calor de sua palma. O calor da sua respiração aqueceu-lhe as costas, mas não foi o suficiente. Um nó de desejo se instalou em seu estômago, enquanto lutava contra a necessidade de lhe pedir que a tocasse do mesmo modo que tinha feito da última vez que estiveram juntos.

Alessandro estava desejoso de trocar os dedos pelos lábios, mas não

queria assustá-la nem obrigá-la a aceitá-lo se houvesse outro homem. Tal como lhe havia dito na noite em que se conheceram no final como eram, a filha do Marchese de Vurano e o filho do Duca de Lido, tudo o que queria era conseguir que ela o amasse. Embora a sedução fosse um caminho direto ao casamento, não lhe asseguraria seu afeto. Podia levá-lo ao que queria evitar, fazê-la sentir-se obrigada a casar com ele.

—Pronto. Se aproxime do fogo.

—Por favor, poderia... — Aria se virou e a saliva ficou presa em sua garganta. Tinha tirado o casaco e a camisa, de modo que a pele dourada de seu peito ficava ao descoberto. As calças ainda estavam no lugar e a Aria descobriu-se entre fascinada e com medo que ela decidisse livrar-se delas também. No entanto, manteve as formas e deixou-as para trás

—Aria? O que você ia dizer? — perguntou com curiosidade.

—Eu não me lembro.

—Muito bem, está bem.

Procurando no baú, Alessandro encontrou duas camisas. Colocou uma delas e estendeu a outra a Aria.

—Tire a camisola molhada e ponha isto. É o suficiente para que resguarde seu pudor, além disso pode te envolver no cobertor depois.

Ela acenou com a cabeça e ele virou-se.

—Quanto a Renzo, não é meu segredo, não posso te explicar. Os

segredos que afetam mais pessoas que a mim mesmo não poderei compartilhá-los contigo. Em vez disso, prometo dizer-te sempre a verdade sobre os meus assuntos. Você será minha esposa, não desejo que a mentira e o engano façam parte de nossa união. Não quero um casamento como o de meus pais.

Aria terminou de se trocar e se aproximou do seu lado junto ao fogo.

—Eu devo confessar-te algo... — Depois de sua conversa com Francesca, a jovem se deu conta de que tinha que se arriscar, dar o primeiro passo para que essa pessoa também confiasse em você.

—Não, Aria. Deixemos as confissões para outro momento, agora mesmo não me sinto capaz de ser comedido e paciente.

—Não tem que ser. Só preciso que me escute

Depois do acidente que acabara de sofrer, em que podia ter morrido se não fosse por ele, tinha-se esquecido da história sobre a contra-ordem e centrado seu interesse apenas em seguir respirando. Depois disso tinha-se visto envolvida pelas sensações que Alessandro lhe despertava e se tinha perdido nelas, de modo que o único importante nesse instante era chegar até ele, embora para isso tivesse que lhe confessar seu segredo mais perigoso. Sabia que podia perdê-lo se o fizesse, ou mesmo colocar-se em perigo, mas uma parte dela acreditava que não podia haver nada real entre eles com uma mentira como essa no meio.

—Por favor, implorou, libertando-a temporariamente da sua perigosa confissão.

—Alex —sussurrou Aria com o olhar nos olhos.

Ele engoliu saliva, tentando parar o impulso de envolvê-la em seus braços e beijá-la até que seu ardor por ela cessasse.

—Aria, não posso ficar perto de você sem imaginar mil maneiras diferentes de te beijar, de te tocar, e agora mesmo isso é o único no que posso pensar. Vamos deixar as conversas para quando eu puder controlar o que você desperta em mim.

—Não se controle. — A ordem foi pronunciada em um sussurro, mas teve a mesma força que um grito.

Puxando-a com rapidez e delicadeza, sentou-a sobre suas coxas ao mesmo tempo que capturava sua boca em um beijo presa de uma necessidade transbordar-te.

Um beijo que foi mudando conforme se entregava.

Capítulo 19

A Aria perdeu-se naquele beijo. Sua mente deixou de funcionar e seu corpo se aclimatou ao calor que desprendia seu noivo, desfazendo-se do frio que até o momento a havia atacado. O que tinha começado com um tímido toque de lábios transformou-se numa necessidade urgente de se perder no outro, de se fundir num só corpo.

Apesar de sua inexperiência, Aria pôs tudo o que era na carícia, deixou-se levar, esquecendo-se de tudo o que não era o corpo que a segurava; estremecendo por completo ao sentir suas quentes mãos mover-se por suas costelas e avançar por seu estômago em cadenciosa dança.

Disposto a cumprir a sua palavra, bateu-lhe com mais força no corpo, a camisa que ambos usavam não era suficientemente espessa para separá-los. Aria sentia o batimento cardíaco acelerado contra sua própria pele. Com timidez, mas com decisão enrolou os braços ao redor do pescoço e se apertou mais a ele. A pele da nuca queimava os dedos enquanto brincava com o cabelo. Sem ser mal consciente disso, o cobertor deslizou ao chão, contornando as barreiras que os separavam

—Aria, Aria... — murmurou colado à sua boca—. Deus! Não posso separar-me de ti nem sequer para respirar.

—Não faça isso.

—Você não sabe o que está me pedindo.

—Só sei que sem você sinto frio e não só no meu corpo, mas também dentro de mim.

—Não diga isso, isto já é bastante difícil. Desejo tanto fazer as coisas bem contigo explicou afastando-se um pouco mais da tentadora visão de Aria rosada por seus beijos e coberta tão somente por uma fina camisa.

—Sinto muito por isso.

—Não se desculpe! — exclamou voltando a aproximar-se dela. É preciosa e eu estou louco por você. Não cabem desculpas entre nós.

—Eu gosto de seus beijos —comentou entre envergonhada e decidida.

Alessandro sorriu e pegou uma de suas mãos entre as suas.

—Às vezes esqueço como você é inocente. Você viveu protegida por sua avó no campo e não sabe nada disso. E apesar de toda a tua inexperiência, fazes com que a minha pele arda de desejo e que a minha cabeça ferva com o som da tua voz. Me enfeitiçou, bruxa de cabelo vermelho, estou em suas mãos.

—Não diga isso! Não se trata de magia...

—É mágica, Aria. E eu sou seu, para sempre.

Prendeu a respiração por um instante, assombrada pelas palavras que Alessandro acabava de lhe oferecer. Por uma vez, a sua magia não estava nas suas mãos, mas no seu coração.

Com cuidado de que a camisa não revelou mais do que a conta sentou-se sobre seus joelhos ficando quase à altura de sua garganta. Com deliberada lentidão se inclinou sobre ele, e imitou os beijos que ele lhe havia dado quando se fizera passar por Leo, uns beijos que tinha guardados a fogo em sua memória. Seus lábios roçaram o pulso que batia em sua garganta, seguiram o arco do pescoço até chegar à bochecha, deslizando com suavidade por sua cicatriz, pela comissura de sua boca para deter-se finalmente em seus lábios.

Sabendo-se perdido, Alessandro a empurrou com suavidade para que repousasse suas costas sobre o improvisado leito diante do fogo, e deslizou com delicadeza sua mão direita pelas coxas de Aria, que tinha fechado os olhos com força, enquanto a sua boca entreaberta emitia suaves gemidos mistura de surpresa e prazer.

Uma vez que a teve tombada como ele queria, se colocou entre suas pernas e com extremada lentidão foi subindo a camisa que lhe cobria até os joelhos. Ela deu um sopro ao sentir o fôlego dele em suas pernas:

—Confie em mim —ele pediu com doçura.

—Sempre.

Sorrindo por sua resposta, pôs seus lábios na delicada pele de suas coxas, e continuou escalando por seus vales enquanto deixava um rastro de beijos em seu caminho.

A luz do fogo se refletia em sua perfeita pele, úmida por suas atenções. Quando sentiu que ia perdendo o pudor, separou-lhe com cuidado as pernas e instalou-se entre elas. A reação dela foi instantânea, voltou a ficar tensa e tentou se levantar.

—Calma. só vou te beijar.

—Não creio que... — Queixou-se com um fio de voz.

—Shhh!

Suas mãos tremiam tanto que temia machucá-lo. Nenhuma de suas experiências anteriores o havia preparado para ela. Tão inocente e confiante, compartilhando com ele novas sensações para ela. Sentiu-se honrado e orgulhoso de ter ganho essa confiança, o direito de ser ele quem a tocasse desse modo. Um direito que não tinha nada a ver com o casamento arranjado pelos pais, mas com a sua relação.

A ideia de tê-la como ninguém havia tido antes, nem a teria depois enalteceu ainda mais seu desejo. Não obstante, não faltaria a sua promessa, só vou beijá-la, prometeu, a saboreá-la.

Seu perfume era inebriante, e desde esse instante, soube que estava perdido.

Com cuidado acariciou a zona mais sensível de seu corpo, quando estava seguro de que se havia acostumado a seu tato, separou seus lábios e a lambeu, temeroso de que seu sabor fosse tão viciante como seu cheiro.

Um gemido de surpresa e de prazer, escapou da garganta feminina. Alessandro sorriu sobre sua pele, e repetiu a ação enquanto seus dedos pressionavam o delicado botão escondido entre suas dobras.

Continuou beijando-a e acariciando-a, perdendo-se nela. Depois a segurou enquanto ela descobria todo o prazer que encerrava um beijo.

—Aria, desperta. — A sacudiu com suavidade.

Tinha adormecido enquanto suas roupas secavam, algo que Alessandro havia agradecido ao céu. Não se sentia capaz de recusar a tímida exploração de sua noiva, mas tampouco queria adiantar a noite de bodas. Aspirava a fazer as coisas certas com ela, de maneira que sempre estivesse em sua mão a possibilidade de escolher.

Aria foi a primeira pessoa que amou sem reservas após a morte de sua mãe, e estava disposto a ir pouco a pouco. Primeiro tinha que apagar de seu coração a marca do homem sobre o qual lhe havia falado em Torcello, e depois a ganharia para si mesmo.

Afastar a boca de seu corpo tinha sido como se o rasgassem por dentro. Não obstante, os acontecimentos do dia a haviam esgotado tanto que tinha adormecido sobre seu ombro.

—Aria.

—Há quanto tempo durmo?

—Pouco, apenas uma hora. Mas estivemos fora o dia todo. É hora de

voltar. Vou me virar para que possa se vestir, sua roupa já está seca.

—Obrigada.

—Não, não me agradeça. Na verdade, é um gesto egoísta e sem cavalheirismo. Duvido que fosse capaz de ver como se troca sem me jogar sobre ti —comentou entre o sarcasmo e a sinceridade.

Aria riu por ele voltar com as piadas. Foi muito mais fácil estar com ele naquele momento. Sua partida na noite anterior a tinha surpreendido, já que até esse instante sempre tinha encontrado o Alessandro brincalhão e seguro de si mesmo. Perguntou-se até que ponto essa segurança que mostrava era mera fachada para os outros. Da mesma forma que sua própria altivez não era mais que uma máscara para esconder seu dom.

—Não ria de meus desvelos. — Pediu de um modo teatral.

—Não o faço, é só que me alegro de que seja você... — Disse confessando nessa curta frase muito mais do que aparente.

—Eu também estou feliz. — Disse Alessandro novamente sério.

Quando partiram, era tarde demais para evitar os que passeavam pela cidade, e muito cedo para a família não estar em casa. Até Matteo havia ficado surpreso ao ver o desalinho do casal, mas o brilho malicioso de seus olhos se intensificara conforme Alessandro lhe relatava o sucedido, as palavras proféticas deste acudiram a sua mente:

Seu pai ficará encantado de que esteja comigo. sobretudo, se nossa

ausência justifica adiantar o casamento.

Aria rezou para que seu pai não sugerisse, não podia ser tão ruim.

Capítulo 20

Aria acordou no dia seguinte, sentindo todos os músculos do corpo doendo. O incidente no canal tinha lhe provocado um resfriamento que agora estava pagando. Rastejou entre os cobertores, sem vontade de abandonar o calor de sua cama e deixou-se arrastar pelas lembranças.

Demasiado cansada para enfrentar o seu pai e as suas conjunturas sobre o que tinha acontecido entre eles durante as horas em que estiveram desaparecidos, retirou-se para o seu quarto em busca de um banho e um pouco de espaço para se deleitar nas recordações dos momentos vividos junto ao homem que tinha começado a amar.

Alessandro havia se despedido dela com um casto beijo na bochecha e a promessa de visitá-la no dia seguinte, cancelando desse modo os planos que tinham para assistir, nessa mesma noite, ao baile dos barões de Occhetto.

Assim que ela entrou na banheira, os músculos dela se revelaram, a água quente relaxou-os, mas em troca, tornou-o consciente de cada um deles. Depois de quase meia hora na água, saiu com a pele enrugada e muito cansada para descer ao refeitório para jantar.

Consciente de que seu pai não se incomodaria por sua ausência, já que vivia sua vida como se ainda estivesse sozinho, colocou a camisola e uma bata em cima e subiu à cama com um livro nas mãos. Cinco minutos depois,

compreendeu que ia ser incapaz de ler uma só linha, sua mente se empenhava em voltar à casa de Renzo e aos beijos que Alessandro lhe havia mostrado. Levou a mão aos lábios e fechou os olhos para se concentrar melhor nas memórias.

— Alessandro —murmurou para si mesma. Saboreando o nome como havia feito com suas carícias.

Desde o instante em que se encontraram no bosque de Torcello, com sua luva de caçador, suas maneiras e seu engenho, se sentira atraída. Fascinada pela forma como conseguia que as palavras dissessem muito mais do que parecia a olho nu. Nem sequer havia sido incapaz de negar-se a seu convite na noite de carnaval, apesar de ser um desconhecido, da preocupação de Leo ou de seus próprios sentimentos...Não pôde ir porque não sabia se haveria uma próxima vez, se o destino voltaria a uni-los. Contra todas as indicações de Lucrecia e do seu bom senso, tinha-se mantido a desfrutar da sua companhia como nunca tinha feito com ninguém. E depois, quando descobriu quem era o noivo, o peso que tinha no estômago, tinha desaparecido. Assim como sua decisão de fazê-lo mudar de ideia. Nesse instante não compreendeu a magnitude dessa decisão, nem sequer foi consciente dela. Mas havia algo sobre o qual não se podia enganar, sentia-se atraída por ele até o ponto de que esse amor indestrutível que acreditava sentir por Leo passou a um plano platônico. Irreal. E com ele se foi sua

infância, nos poucos dias que levava em Veneza tinha amadurecido mais do que havia amadurecido em seus dezenove anos.

Umas batidas suaves a tiraram de suas reflexões.

— Vá em frente.

A cabeça de Luz apareceu pela porta.

— Trago-lhe o jantar, signorina. Imaginei que não se sentiria com forças para descer ao refeitório —comento a donzela.

—Obrigado, Luz. Deixe-o ali mesmo —pediu apontando a mesa de café na qual tinha tomado café da manhã. — Precisa comer.

— Agora não tenho muita fome. Mas eu tomaria um pouco de leite quente com mel.

— Em seguida eu trago, mas coma algo consistente para recuperar as forças. — A nobildonna parecia pálida e cansada, então parou de insistir.

Deitou-se nas almofadas, sem fazer nenhum movimento para se aproximar da mesa. Era verdade que não tinha apetite, estava muito cansada para ter fome.

Não passaram nem três minutos quando voltaram a bater à porta. Maravilhando-se pela eficiência da Luz voltou a convidá-la a entrar e fechou os olhos tentando desconectar de tudo. Não tinha forças para ouvir outra bronca da donzela porque não tinha provado nada do que lhe tinha trazido. Sentiu que ela entrava no quarto, mas continuou fingindo que descansava.

—Aria? Você está dormindo? — sussurrou.

Aquela voz não era da Luz.

Abrindo os olhos de repente sentou-se na cama. Leo estava em frente a ela, o desconforto apoderou-se de Aria. Não estava bem, não era correto que estivesse ali. Além disso, Leo respeitava muito as convenções sociais para as ignorar sem motivo. Ele imediatamente pensou em sua avó.

—O que aconteceu? — a voz lhe saiu entrecortada pelo temor de que fora portador de más notícias.

—O que queres dizer com isso?

Essa não era a resposta que esperava.

—Aconteceu algo com minha avó? por que está aqui?

—A qual das perguntas queres que responda em primeiro lugar? — a tensão de sua mandíbula disse a Aria que estava zangado. Embora fossem seus olhos que falavam alto e claro. Neles brilhava a centelha da raiva contida.

—Leo...

—Aria. Como pôde ser tão desajeitada? Dá-se sequer conta de que poderia ter morrido? — lhe espetou sem nenhuma delicadeza.

—Eu estou bem!

Ele ignorou seu comentário.

—A partir de agora você não vai a lugar nenhum sem mim. Está claro?

Sua avó me colocou sob seus cuidados e isso é exatamente o que eu vou fazer.

—Estava com meu namorado —Não suportava sua atitude possessiva e mandona, quase preferia que voltasse a ignorá-la.

—É evidente que seu namorado é incapaz de evitar que se meta em problemas.

—Ele salvou minha vida! — ela o defendeu com paixão.

—Teria sido melhor se não te tivesse posto em perigo para ter que te salvar.

—Leo, eu não sei o que está acontecendo com você, mas você está agindo de forma muito estranha. Alex não teve culpa —comentou com a testa franzida.

—Está dizendo que não sabe o que está acontecendo comigo?! Você poderia ter morrido, me deixado para sempre. — Ele percebeu tarde demais que havia pronunciado as palavras em voz alta.

—Leo, eu sinto muito.

—Não lamente. Depois de tudo é o que sempre esperou de mim. Que te dissesse o quanto me importo com você, bom, pois já sabe. Infelizmente para nós, que saiba não muda nada. Você é a filha de um Marchese e eu o filho de um ferreiro.

—Isso nunca me importou. Sempre fomos só Aria e Leo.

—Mas a mim sim me importa. E também conheço seus sentimentos por seu noivo, não estou cego, sabe? Vejo como ele te olha.

—Sinto muito por isso.

—Acho que será melhor para nós dois esquecermos esta conversa. — Pediu Leo com firmeza.

Nem sequer o fato de reconhecer diante de si mesmo e diante dela que estava apaixonado, ia fazê-lo desistir de fazer o correto. Devia-o à Viola, devia-o à sua irmã e inclusive a si mesmo.

—Eu não posso, eu te amo, não como antes, mas você ainda é importante para mim —ela disse descendo da cama para se aproximar dele.

—Esqueça, Aria. Nada mudou. Boa noite. — Não chegou até ele. Leo partiu antes que o fizesse.

—Boa noite —se despediu Aria no vazio.

Apesar do esgotamento estava resultando uma tarefa titânica conciliar o sono. Os pensamentos dele voaram de Alessandro para Leo, e o quanto ele mudou sua vida em apenas algumas semanas. Pensou em Tomaso e tentou imaginar o conselho que o velho lhe daria, segura de que o certo seria que seguisse seu coração, que era o único que sabia o que era melhor para ela.

Ela sorriu ao imaginá-lo, Tomaso era uma parte importante de sua vida que havia ficado em Torcello, junto com seus sonhos juvenis e a crença de

que o mundo era justo e perfeito.

No final, tinha adormecido, coberta pelas recordações da ilha e dos seus habitantes.

Nesse momento era tempo de enfrentar um novo dia, não podia ficar escondida para sempre.

Capítulo 21

Tinha dormido pouco durante a noite, e além disso tinha acordado quando ainda não tinha despontado o amanhecer. Entre o encontro com Alessandro e o desentendimento com Leo não havia sido capaz de relaxar o suficiente para descansar.

Esgotada pelo cansaço, ficou quieta na escuridão do dormitório, o mesmo que tinha ocupado sua mãe. O pensamento a fez mover-se, Costanza havia morrido muito jovem, apenas havia começado a desfrutar da vida. É por isso que Aria sentia que devia aproveitar a sua pelas duas.

Recriminando-se de sua relutância, ela foi encorajada a enfrentar o dia com otimismo. Dando um longo suspiro levantou-se da cama e acendeu a palmatória que repousava na mesinha de cabeceira. Descalça aproximou-se até seu armário, a fim de escolher um vestido com o qual impressionar seu noivo. As lembranças de seus beijos esquentaram suas bochechas e lhe disparou o pulso... Tentando se concentrar no que fazia, estendeu a mão, para abrir as portas do descomunal armário que continha seus pertences.

Seus vestidos estavam dobrados e colocados nos baldes, sorriu ao comprovar que Luz os tinha distribuído por cores, os tons mais escuros à esquerda, os claros à direita.

Seu olhar vagava em busca de algo adequado para vestir-se quando o

pano carmesim atraiu sua atenção. Surpreendeu-o encontrar no seu guarda-roupa um vestido tão vermelho como a cor do seu cabelo. Nem sabia que tinha um vestido tão vistoso. Com curiosidade esticou o braço para pegá-lo, mas não chegava até o balde que o continha, disposta a fazê-lo, arrastou a cadeira do pequeno escritório e a pôs frente ao armário, subiria a ela e conseguiria obter o troféu.

Sentiu o suave veludo da peça em seus dedos

Sentiu o suave veludo da roupa em seus dedos, e soube por instinto que o vestido não lhe pertencia, com um cuidado quase reverencial aproximou-o a seu nariz e aspirou o aroma a limões que desprendia.

—Mamãe —murmurou com um nó na garganta.

Com cuidado para não cair desceu da cadeira, com o vestido abraçado a seu peito, uma vez em solo firme o desdobrou e ouviu o ruído surdo que emitiu o objeto que caiu ao chão a seu lado. Abaixou-se para ver do que se tratava e descobriu um livro velho com as tampas de couro desgastadas pelo uso. Com mãos trêmulas foi passando páginas. A maioria estavam escritas, só ficavam em branco algumas no final.

Voltou a fechá-lo para abri-lo pelo começo:

“Veneza, dezembro, dança de Natal da corte do Dux.

Sou a mulher mais feliz do mundo. Conheci o homem mais bonito e cortês de toda Veneza... Ainda me acelera o coração quando penso nele”

—Mamãe —pronunciou com uma intensa emoção na garganta.

Os passos de sua criada quebraram a bolha em que se encontrava. Ele trancou o armário e arrastou a cadeira para o seu lugar e depois deitou-se na cama e escondeu o livro e o vestido debaixo do travesseiro.

A moça entrou sorrateira acreditando que ainda dormia, seus passos ficaram amortecidos pelo tapete, separou as cortinas e abriu as portas das janelas para que entrasse a luz da manhã.

—Bom dia, nobildonna, se sente melhor hoje? — perguntou com amabilidade.

Aria sabia o motivo da pergunta. Luz tinha regressado carregando o leite com mel enquanto Leo estava no dormitório de sua signora, a donzela havia ficado na porta impedindo que ninguém entrasse e os descobrisse, e só se atreveu a entrar uns minutos depois dele ter ido embora.

Tinha-lhe dado tempo para recuperar do encontro e não tinha feito nenhum comentário a respeito. Se não fosse pelo fato de ter ouvido Leo falar com ela quando saiu do quarto, nunca teria sabido que a Luz estava lá, a protegê-la, apesar do que ela sentia por ele.

—Muito melhor, obrigado, Luz.

Também nesta ocasião ambas sabiam que lhe estava agradecendo muito mais que a preocupação por sua saúde.

A criada sorriu timidamente como resposta.

—A signorina Beatrice Ruspoli veio visitá-la —Ela comentou centrando sua atenção no vestido azul pálido que estava escovando. Não havia nada que Aria mais desejava do que vestir o vestido carmesim que havia pertencido a sua mãe, e que tinha escondido, mas não podia fazê-lo nesse momento.

A pergunta de quem havia posto o diário envolto em sua roupa acendeu-se em sua cabeça como uma chama. Teria sido seu pai? Duvidava, Valentina? Ou Paolo que tinha sido o encarregado de escolher seu dormitório?

Ela manteve as dúvidas e voltou a chamar a atenção da sua criada.

—Tão cedo? — perguntou. Recuperando o fio da conversa.

—Disse que estava preocupada com sua saúde, que não pôde dormir pensando no que lhe havia acontecido. Paolo a acompanhou ao salão, então ela perguntou por Leo, e lhe mandaram chamar. Ele estava na cozinha quando um dos criados foram buscá-lo, foi ele quem nos contou como aconteceram as coisas.

—Que estranho! Para que quererá Beatrice ver Leo? Mal se conhecem —murmurou pensativa.

—Não seja ingênua, Nobildonna. Sua cunhada gosta do nosso Leo, qualquer um pode ver —espetou Luz, a olhos vistos incomoda pelo interesse da nobre dama.

—Luz, não seja atrevida —a repreendeu, de repente incômoda com a ideia de que a Beatrice tivesse algum interessasse em seu amigo.

—Com licença, por favor.

—Rápido meu vestido! Tenho que descer para atender a minha visita.

—Sim, sim, minha senhora.

—Esse vestido não, Luz. Prepare-me o amarelo do decote pronunciado.

— Pediu saltando com pressa da cama para escovar o cabelo—. Não há tempo para recolher, é melhor deixá-lo solto.

—Como quiser, nobildonna.

Aria demorou apenas 15 minutos para ficar pronta. Desceu as escadas com pressa, incapaz de conter o desconforto que lhe provocava pensar em Leo e em Beatrice juntos, sua cunhada era muito cruel e interesseira para ele. Ainda sentia recente o episódio em que lhe havia falado de seu irmão em termos pouco lisonjeiros só para assustá-la.

O que realmente a surpreendeu foi que Beatrice poderia enganar alguém com sua atitude de boa menina. Até o seu irmão lhe tinha confessado na noite anterior, quando tinham brincado sobre os mexericos que despertariam com a sua aparência depois de caírem no canal, que a única razão pela qual amava e protegia a sua irmã era porque Beatrice era o único que lhe restava de sua mãe.

Uma mãe que seu noivo havia adorado e cujo carinho havia sido substituído por Francesca, que lhe dera todo o afeto que se havia perdido com a prematura morte de sua mãe, e o aberto desdém de seu pai.

À medida que se aproximava da sala de estar, ouvia-se as vozes abafadas de uma conversa. Caminhou com lentidão para que seus passos não ressoassem no corredor e agudizou o ouvido, sentiu-se como uma traidora, espiando a seu amigo, mas consolou-se a si mesma alegando que Leo e Beatrice não tinham nada em comum, o que tornava improvável que trocassem confidências.

Ela segurou o fôlego ao ouvir a pergunta de sua cunhada.

—Por favor, perdoe minha ousadia, mas compreenderá que me preocupo com meu irmão... você e Aria, são amigos desde crianças, certo?
— seu tom era inocente, mas escondia o veneno como a abelha seu ferrão.

—Somos. Além de sua escolta, sou seu amigo mais fiel.

Aria viu-se dividida entre dois sentimentos opostos, alívio porque Leo a defendeu e teria aceitado sua amizade, e desgosto ao ouvir a familiaridade que havia entre eles.

Sua mente se ativou buscando algum momento em que pudessem cultivar essa amizade que parecia haver entre eles. Embora fosse verdade que Leo a acompanhava às festas, tampouco os tinha visto juntos, a exceção do instante em que conheceu Alessandro e os dois foram buscá-los à pérgola.

Ela foi forçado a voltar ao presente e tentou acompanhar sua conversa.

—Eu já imaginava isso.

—Não gosto do seu tom —censurou Leo, irritante ao ler nas entrelinhas.

—Não, não pense mal; era simples curiosidade, não pretendia te ofender. A tua amizade é muito importante para mim, desculpou-se, e pelo tom de sua voz, Aria compreendeu que era sincera.

—Mal nos conhecemos, Beatrice, não dramatize —pediu com um toque de humor na voz.

Beatrice, em vez de ficar com raiva da provocação, manteve sua atitude mansa e suave.

—Talvez te sintas assim porque és a única pessoa que me compreende.

—Talvez seja porque eu sou a única pessoa que tentou fazê-lo. Você não é tão complicada —brincou minimizando suas palavras.

—Meu pai não pensa igual a você, e Alex... Meu irmão só me tolera. Embora para ser sincera, não me tira o sono.

—Isso não é verdade Ele a contestou

—Afinal, parece que você não me entende tanto quanto eu esperava.

Aria continuava em silêncio, parada na porta do salão quando notou o toque de uma mão sobre seu ombro. Ela virou-se para trás, com um grito de surpresa, enfiou a mão na garganta ao mesmo tempo que se virava para

enfrentar a vergonha de ser apanhada a espiar, e deparou-se de frente com os olhos cinzentos do seu namorado.

—Alex!

Ele não respondeu, agarrou-a sem olhares e puxou-a para longe da porta. Em silêncio atravessou o corredor até ficar no meio do corredor, sem dar tempo a replicar nada, abriu a porta da biblioteca de seu pai e entrou arrastando-a com ele.

Ficou na frente dela, olhando com interesse.

—Como sabia que porta era a biblioteca? — perguntou, tentando apagar o mal-humorado que se lia em seu rosto.

Era mais do que evidente que ele sabia quem ele estava espiando, era até provável que ele estivesse lá alguns minutos antes de se decidir a fazer notar sua presença. Também não tinha que ser muito inteligente para adivinhar o que ele teria deduzido da cena, que Aria estava espiando a Leo porque seguia apaixonada por ele e estava ciumenta de sua relação com Beatrice. Como se alguma vez tivesse estado, disse a si mesma.

—Foi aqui que assinei o contrato de casamento pelo qual me pertence —seu tom foi tão frio que Aria sentiu um arrepio no pescoço.

—O que há de errado com você? Por que me fala desse modo tão seco?

—Não sei. Diga-me você, Aria. O que há de errado comigo? Por que falo assim?

Por mais que tentasse entender a reação explosiva de Alessandro, jamais chegaria a saber o perdido que se sentia seu noivo. Pela primeira vez em sua vida tinha-se permitido apaixonar-se, a menina o havia cativado desde o primeiro momento em que tinha posto seus olhos nela. Na tarde de ontem tinha-se sentido esplendido, tinha começado a sonhar com que ela lhe correspondesse. Com essa ilusão tinha ido vê-la essa manhã, para encontrá-la espiando a seu antigo amor, porque já não lhe restava nenhuma dúvida de que o homem por quem chorava em Torcello era Leo.

Nesse instante se sentira traído, acreditava estar acostumado a isso, sua irmã e seu pai o haviam traído de diferentes formas ao longo de sua vida, mas a dor e o medo que estava sentindo nesse instante, medo de perdê-la e dor ao sentir que nunca a tinha tido, superava de longe qualquer mal passado.

—Não é o que você está pensando – se defendeu ela.

—Ah, mas você não sabe o que estou pensando, igual que tampouco sabe o que me passa. Não é verdade, querida?

—Está sendo cruel sem motivo —queixou-se sem saber como fazê-lo ouvir.

—Será porque sou, sou tão cruel e te tratei tão mal que é lógico que siga apaixonada de seu criado. Sou tão cruel que te ofereci tudo o que sou, tão tolo que confiei que isto —se assinalou a cicatriz do rosto, não te importava. Que poderia chegar a me querer, que seria honesta comigo.

—Não diga isso. Por favor, não diga isso. Você é bonito. — Era, mesmo que ele não pudesse vê-lo.

—Querida, procura alguém que acredite em ti. Não, espera. Já o tens, tens o teu Leo.

—Alex, por favor —implorou ao ver que ele estava indo para a porta.

—Esta noite falaremos, Aria. Vais com o teu pai ao baile dos Piccino?

Ela concordou, incapaz de falar, presa pelo nó da garganta.

—Nesse caso, vemo-nos lá.

Conseguiu ficar de pé até ouvir a porta a fechar-se atrás dela. Então se deixou levar pelo desgosto e se deixou cair ao chão, entre uma confusão de seda amarela. Não podia ser, por que se tinha mostrado tão intransigente, nem sequer lhe tinha permitido explicar-se, embora, por outro lado, quem podia culpá-lo. Desde que o conheceu em Torcello e lhe confessou que estava apaixonada por outra pessoa tinha cavado sua própria cova, o amor que ele lhe tinha confessado na tarde anterior, era a terra que a cobria. Não ia acreditar tão facilmente, estava muito envolvido.

Não podia negar como estava decepcionada porque Alessandro não confiava nela, sobretudo depois da tarde tão maravilhosa, afogamentos frustrados à parte, que tinham passado juntos. No entanto, como um dos dois tinha que ser maduro e era evidente que não ia ser ele, decidiu que nesta ocasião cabia a ela ceder. Embora não pensasse em deixá-lo ir embora,

pensava explicar-lhe ponto por ponto o dano que lhe tinha feito que não confiasse nela, embora para isso tivesse que esperar que estivesse receptivo e razoável.

Sentada no chão frio, ela rodou os joelhos com os braços e balançou-se, não ia deixar-se levar pelo desespero, a nova Aria não fazia isso. A nova Aria enfrentava seus problemas desde a razão e procurava soluções. Pensaria em como consertar tudo, estava decidida e tinha claro que amava a seu noivo. Convenceria Alessandro de seu amor, embora ele não quisesse acreditar. Só tinha que imaginar o que teria feito Lucrécia se estivesse em seu lugar, o que Tomaso lhe houvesse aconselhado, e então agir em consequência. Se deixasse levar pelo medo de o perder, jamais conseguiria fazê-lo compreender a magnitude de seus sentimentos, a seu lado o carinho que tinha sentido por Leo era um simples de crianças.

Além disso, pela primeira vez em sua vida contava com sua mãe, com as palavras que Costanza havia deixado escritas em seu diário, o mesmo que permanecia escondido em sua cama, e que lhe devolvia, ainda que um pouco, o carinho com que tantas vezes havia sonhado. A imagem do diário a fez levantar com agilidade do chão e sair disparada até seu dormitório. Devia colocá-lo a salvo.

Capítulo 22

Matteo deixou sua filha sozinha assim que entraram no salão de baile e foram anunciados pelos lacaios. Durante todo o trajeto só tinha falado do barão de Benevello, pelo que Aria deduziu do monólogo de seu pai, tratava-se de um cavalheiro abastado cuja baronia pertencia a uma das mais antigas da Itália. Razão pela qual a Ordem lhe pretendia, e estava disposta a fazê-lo comungar com suas ideias. Matteo havia sido designado para tal tarefa, por isso estava tão preocupado em cumprir sua missão com sucesso. Uma missão em que Aria e seu cabelo flamejante atrapalhavam.

Suspirou entre resignada e aliviada por livrar-se da companhia de seu pai, e dispôs-se a buscar o rosto de seu noivo entre a multidão. Com as palavras de sua mãe em suas mãos, tomou uma decisão; contaria a Alessandro seu segredo, confiaria por completo nele, se colocaria em suas mãos e talvez desse modo conseguisse convencê-lo de que seus sentimentos eram reais e mais profundos do que ambos jamais imaginaram que seriam.

Sorriu educadamente a quantos se encontrou a seu passo e se levantou para falar com os que a solicitaram. Após quinze minutos de sorrisos forçados, Isabel Doglio veio em seu socorro.

—Querida. Está linda esta noite —Ela a saudou com afeto.

—Obrigado, madrinha.

—Onde você deixou o jovem atraente que está sempre com você? Surpreende-me que seu pai te tenha deixado vagar sozinha pelo salão, é muito formosa e muito valiosa para suas ambições. — Isabel se mostrou arrependida quando viu o gesto de dor no rosto da jovem. Ainda era demasiado confiante para seu bem. Talvez tivesse que ser brusca com ela, mas era determinante que compreendesse em que ninho de víboras se tinha adentrado.

—Eu não vi Alessandro desde esta manhã, na verdade eu estou procurando por ele —respondeu, ignorando a segunda parte do comentário de Isabel—. Esperava encontrá-lo no baile, já que me disse que viria, mas depois de dar várias voltas terminei por desistir, o melhor será que ele me encontre.

O sorriso da senhora foi aumentado com o gesto que lhe marcara um buraco na bochecha esquerda.

—Falava de sua guarda pessoal, querida. Não de seu noivo —explicou sem perder o sorriso.

—Oh!

—Não se preocupe. Estou muito feliz por você. Só peço que mantenha os olhos abertos, de acordo?

—Sim, sim, madrinha.

—Bem. Você já escreveu para Lucrecia para atualizar sua estadia na cidade? — perguntou fingindo desconhecer a resposta.

Aria ficou vermelha, por um segundo baixou o olhar para suas mãos, mas se recompôs quase que instantaneamente.

—Escrevi à minha avó, mas não me atrevo a ser totalmente sincera com ela. É possível que meu pai leia as cartas antes de enviá-las. E seguindo seus conselhos, tento não mostrar minhas fraquezas.

Isabel pareceu pensativa ante a confissão da jovem.

—É incrível que por uma vez seu pai tenha feito algo bem. Você é o único que jamais poderemos reprová-lo.

—Não é tão ruim como imaginei.

Isabel abriu os olhos, surpreendida pelas palavras de sua afilhada.

—Querida, seu pai é pior do que parece. Te venderia à ordem sem nenhum remorso se com isso tirasse algum benefício. Na verdade, foi isso que ele fez quando arranjou o teu casamento. Não confies nele, e o mais importante, não te afeiçoes a ele ou ele aproveita-se disso, tal como fez com a tua mãe.

—Mas é meu pai —protestou.

—Querida menina, você é muito mais inocente do que parece. É uma pena que Lucrecia tenha te mimado tanto... — lhe acariciou a bochecha com doçura e Aria pensou que o gesto era com certeza o que as mães tinham com suas filhas—, não estou te pedindo que não lhe ame, estou te pedindo que não acredite em tudo o que te diga. Questione tudo.

—Eu te prometo, madrinha.

Isabel sorriu-lhe com autêntico carinho, mas então seu sorriso tornou-se travessa quando vislumbrou entre a multidão o homem pelo qual sua afilhada perguntava uns momentos antes.

Acabo de ver alguém que acho que estava procurando.

A jovem virou a cabeça na direção em que olhava Isabel, e encontrou os olhos de aço de Alessandro. Impaciente por falar com ele despediu-se sem muita consideração de sua interlocutora, que ficou sorrindo divertida, e se aproximou com o coração acelerado até ele.

A tinha visto desde o momento em que pôs um pé no baile dos Piccino, percebeu como seu pai a deixava sozinha, mas se manteve afastado dela, com a única intenção de verificar se a acompanhava seu fiel guardião. Esperava que as suas palavras da mesma manhã a tivessem empurrado a pedir-lhe para não acompanhá-la ao baile naquela noite. Sabia que estava sendo egoísta e desconsiderado, mas a quem queria enganar, o amor era egoísta e reclamava para si o que almejava.

De qualquer forma, ele estava feliz por se importar o suficiente para que o pedisse.

—Boa noite —Ela o cumprimentou com timidez.

Sem responder tomou sua mão direita e a levou aos lábios, não lhe dava bem pedir desculpas, pelo que esperou que o gesto dissipasse seus temores.

Seus olhos se abriram pela surpresa e seu sorriso se ampliou. A ansiedade abandonou seu rosto dando lugar à garota que lhe havia roubado a alma.

—Já não estás zangado?

—No

—Bom, porque quero te contar uma coisa. Podemos dar um passeio?

—Não vejo porque não, estamos noivos.

Sem esperar que Alessandro lhe oferecesse o braço, Aria se enforcou dele. Ela mesma se surpreendeu pelo decidida que estava se tornando. Tinha tomado a decisão de se abrir completamente a ele. Ele ia seguir o seu coração e ignorar o conselho mais importante que a sua avó ofereceu, revelar-lhe a verdade. O amor tinha que se cimentar sobre a confiança e a sinceridade.

Precisava que ele confiasse nela, e foi a Francesca que lhe mostrou, com o seu gesto, que se entregar, e se permitir ser você mesma, recebe o mesmo que oferece. Era hora de oferecer isso ao homem que amava.

Sentiu-se confortada pelo seu toque, não falaram enquanto tentavam sair do apinhado salão. Uma vez na porta do salão encontraram que a casa dos Piccino não tinha jardins, nem sequer estufa.

O Alessandro aproximou-se de um dos lacaios à porta, enquanto a Aria fingia ouvir o quarteto de cordas. Quando voltou, disse-lhe que os Piccinos tinham uma galeria de arte onde os retratos dos seus antepassados partilhavam espaço com obras dos mais eminentes pintores renascentistas.

Seguindo as indicações do criado caminharam pelo corredor em busca da sala:

—Quero que me prometa que jamais repetirá o que vou te dizer, a ninguém. É muito importante que me prometa —pediu Aria com solenidade.

—Prometo-te, ainda que o mais prudente seria que esperasses para me dizer o que quer que seja que queiras dizer-me a que estejamos em outro lugar menos público. Estes corredores estão muito lotados. — Fez um gesto com a cabeça apontando aos convidados que, como eles tinham saído do salão em busca dos jardins ou de qualquer canto onde prodigalizar seus afetos. Não era segredo para ninguém que, nas festas da nobreza italiana, a correção era apenas aparente. Ninguém recusava a oportunidade de se divertir.

—De acordo —aceitou, compreendendo que era o mais inteligente.

Quando entraram na galeria comprovaram que estavam sozinhos, os outros convidados tinham procurado cantos mais cômodos para passar a noite.

Aria ficou comovida diante de uma tela de Tiziano. Era a representação da deusa Flora. Sua beleza se mostrava não só em seu rosto, mas também na serenidade de sua postura.

—É autêntico? — perguntou a Alessandro que havia parado ao seu lado.

—Tenho a certeza que sim. A família Piccino é uma das mais influentes da Ordem, pode ser que só seja um barão, mas sua família pertenceu ao Maggior Consiglio desde que se fundou.

—A Ordem —disse Aria em um suspiro.

—O que está acontecendo? Pode confiar em mim. Eu confio em você, não deveria ter ficado com raiva de você esta manhã.

—Há algo que você não sabe e que preciso te contar. Algo que posso fazer e que me põe em perigo diante de vocês.

—Nós? — perguntou confuso.

—A Ordem. Seu pai é o Protetor, você é o próximo no cargo e eu, sou diferente...

—É culpa minha, devia te contar na noite em que nos encontramos nos carnavais, quando vi seu anel. Aria, eu não...

Não pôde continuar, Matteo entrou como um vendaval na galeria. A seriedade de seu rosto pôs em aviso a sua filha que começou a repensar até que ponto havia querido prevenir as faltas de seu pai, seria tão perigoso como Isabel Doglio lhe havia dito?

Aria olhou para o noivo e pediu-lhe para se calar. Sua conversa tinha sido interrompida, mas não sem que ela tivesse deixado meio clara sua aversão pela ordem. Alessandro pegou a mão do anel de dragões e o beijou, em um gesto que rebelou mais que as palavras.

Lembrou-se do último comentário de Francesca.

Fala com Alessandro. meu neto não é como seu pai.

Sentindo que seu peito se libertava da carga que estava segurando, relaxou. Seu pai podia dizer qualquer coisa, mas nada faria que pudesse desfrutar desse momento de libertação, Alessandro sabia da existência da contra-ordem, talvez até pertencesse a ela.

—Passei a noite inteira procurando por vocês, temos que sair da festa imediatamente. Uma reunião urgente foi convocada. Deus, honra et Vèneta, a ordem nos chama.

—O que aconteceu? — Alessandro perguntou com firmeza.

—Há que fazer um traidor falar —sentenciou Matteo com um tom que deixava claro o muito que desfrutaria com isso

Veneza, agosto 1741

Por minha culpa morreu uma mulher inocente e é possível que também por minha culpa morra Matteo. Enganei-me tanto com o Giuseppe Ruspoli que me sinto responsável pela obsessão doentia que tem comigo. Chiara deixou seus filhos órfãos por minha culpa, e Matteo correrá a mesma sorte se não fizer nada.

Apesar de tudo é meu marido. Nunca deixou de ser, todas as noites vem

a mim, às vezes só se aconchega junto a mim e dorme, e é nesses momentos que me permito recordar como era tudo no começo. Como fomos felizes e o quanto nos amamos.

Não posso permitir que morra, com que cara vou olhar a minha filha se consentir seu assassinato? Ruspoli me ama, será incapaz de me fazer mal, ou pelo menos isso digo a mim mesma enquanto tento pensar em algo que o detenha.

Eu te amo, Aria. Eu sei que você não pode ouvir, mas para mim colocar isso neste papel é quase como dizer isso ao seu ouvido.

Capítulo 23

As palavras de Matteo ressoaram na cabeça de Alessandro. Haviam sido claras e diretas e ele sabia em primeira mão o que significavam. A ideia de a Aria ter de testemunhar provocou-lhe um mal-estar tão profundo que sentiu o estômago a decompor-se.

—Não creio que seja necessário que ela nos acompanhe. Afinal, é uma mulher e não fará outra coisa que incomodar, igual a todas fazem. — Comentou com fingido desdém.

—Em outra ocasião teria estado de acordo contigo, mas teu pai deixou claro que se requeria a presença de toda a Ordem, ao completo.

—Tens a certeza que isso incluía a Aria.

—Logo será sua esposa. Sim, estou certo de que também incluiu minha filha. Vamos nos apressar ou chegaremos por último. — Ele os pressionou saindo para andar.

—Deve ser algo importante, disse Alessandro sem sair de seu lugar na frente do quadro de Tiziano— hoje não é sexta-feira. A Ordem faz os julgamentos às sextas.

—Não é um julgamento, já foi condenada. Apresse-se! — pediu Matteo, ansioso para chegar.

Os dois jovens seguiram-no de má vontade. Aria havia notado a

reticência de Alessandro e adivinhava que a cena que estava a ponto de presenciar não ia ser agradável, mas seu noivo não havia conseguido lhe evitar o mal gole, seu pai estava determinado a cumprir o seu dever aparente com a Ordem.

—Posso perguntar quem vamos interrogar?

—Trata-se de Ivana Cavalli —explicou baixando a voz, apesar de que na galeria só se encontravam eles três.

Aria notou como Alessandro ficava tenso ao seu lado.

—A amante do Dux? — o espanto tingiu sua voz

—Parece que a dama perdeu seus favores, esperemos que esta noite não perca mais nada. — O tom de sua voz fez com que uma exclamação de surpresa escapasse dos lábios trêmulos de Aria que acabava de ouvir seu pai falar sem rodeios de tortura e assassinato.

—Achava mesmo que não era assim tão mau?

—De que é acusada? — Aria notou o tremor de sua voz.

A ideia de voltar àquela cripta a aterrorizava, de todas as pessoas de Veneza ela era a que mais devia temer à Ordem. A única coisa que a impedia de fugir era a mão do Alessandro entrelaçada com a dele.

—Feitiçaria. Pertence à família Cavalli, acusá-la de bruxaria é a única maneira de se livrar dela. Sobretudo porque seu irmão é um dos integrantes mais distintos da Ordem. Ele explicou friamente.

—E por que você precisa se livrar dela? — Alessandro fez a pergunta consciente de que, se não o fizesse, seria Aria quem o fizesse, e Matteo não teria tanta paciência com ela.

—Porque está grávida e o Dux não pode ter bastardos tão bem colocados. Não esqueçamos que sua mãe é uma Cavalli. Os bastardos sempre criam problemas, mas os bastardos Cavalli, são muito mais perigosos.

Aria afogou um grito.

—Vão matar a mãe? — perguntou assustada.

Alessandro a olhou tentando com esse gesto fazê-la calar. Matteo era um fanático da Ordem, não era correto questionar seus métodos diante dele.

—Será feito o que for necessário, minha filha. Acostume-se, agora faz parte disto e é seu dever acatar e aplaudir as decisões que tome a Ordem.

Aria tremia enquanto entrava novamente na misteriosa mansão que acolhia a Ordem. Na carruagem que os havia transportado, seu pai lhes ordenara que colocassem as capas douradas que havia escondidas debaixo dos assentos. O próprio Protetor lhes havia enviado sua carruagem para que pudessem abandonar o baile sem chamar tanto a atenção. Encolheu-se sob o manto, admirando-se ao verificar a aberta hostilidade que havia entre seu noivo e seu pai. Enquanto Alessandro o tratava como se fosse um ser inferior, Matteo lhe correspondia lembrando a cada minuto que seu pai era o Protetor

e que devia interessar-se por isso dado que algum dia seria seu sucessor.

Como da vez anterior em que esteve no palazzo, seguiu o laçao e começaram a descer as escadas que os conduziu até um corredor de pedra. A cripta onde se realizavam os rituais da Ordem era iluminada por centenas de velas. O mesmo estremecimento que sentiu na primeira vez que esteve ali, ao escutar os gritos dos encarcerados, ela estremeceu naquela noite ao ouvir o choro desesperado de uma mulher que estava consciente de que lhe iriam tirar o mais precioso que possuía.

Sentiu a mão de seu noivo sobre seu braço e se deixou envolver por seu calor. A cena que tinha diante dela era dantesca. Uma vintena de encapuzados com as mesmas capas, rodeavam uma jovem loira que calculou, devia ter dois anos mais que ela. A garota chorava e chorava sentada em uma espécie de altar feito de pedra, similar à pilha batismal que tão bem conhecia.

A mulher tinha cercado as pernas com os braços como se pudesse proteger-se assim daqueles que a ameaçavam sem palavras, ia coberta com um vestido sem forma da mesma cor dourada das camadas.

Uma voz ergueu-se acima do choro da jovem.

—Agora que estamos todos podemos começar. — Sentenciou com decisão.

Aria reconheceu aquele a quem tinha falado, era o Protetor, o pai de Alessandro, que com o gesto lembrava aos presentes que seu filho havia

chegado tarde a suas obrigações.

—Ivana Cavalli, está na presença da grande Ordem de São Marco, foi acusada de bruxaria. Com a ajuda do diabo você conseguiu gerar um filho, apesar de que nosso Dux colocou todos os meios para que não acontecesse. Você, fiel serva do maligno, conseguiu gerar.

—Não, por favor. " Salvatore, me ajude! — Gritou entre lágrimas.

Aria soube sem dúvida quem era esse Salvatore, já que o homem se mexeu nervoso sobre seus calcanhares. Uma olhada no rosto que pairava entre a capa dourada deu a Aria a resposta de quem era. Salvatore Cavalli, não havia dúvida de que era o irmão da acusada. Seus olhos brilhavam pelas lágrimas não derramadas.

—Ivana, ninguém quer te machucar. — A voz do protetor se tornou melosa—. Só precisamos que confesses a tua culpa e te submetas ao castigo que te vai ser imposto. Deus nos ensinou a perdoar e faremos isso com você, a única coisa que você precisa é se arrepender de seus pecados. Arrependa-se e poderemos absolvê-lo.

O Protetor tinha sabido manipular os assistentes, inclusive o próprio irmão da menina acreditava que sua irmã era culpada do crime do qual era acusada. Aria não entendia muito bem o que acontecia entre um homem e uma mulher, mas ao que parece o marido podia evitar que sua mulher ficasse grávida se assim o desejasse.

—Eu não fiz nada. Eu o queria

—Nega que nosso querido Dux se retirou sempre de você para não derramar sua semente dentro de seu corpo?

Os murmúrios de aprovação quebraram o silêncio, a Ordem em pleno apoio ao caminho que estava tomando o interrogatório. A Aria questionou-se se o Dux também estaria lá, ou se ele teria lavado as mãos e mandado a Ordem limpar os seus erros.

—Não —Negou a menina com a voz rasgada pelo medo

—Nega que está grávida?

—Não.

Com cada negação da jovem Aria ia-se sentindo cada vez mais doente, mas estava consciente de que seu pai a observava e de que Alessandro a segurava, não podia desabar.

Nesses angustiosos instantes enquanto contemplava a dor da mulher, desejou que seu dom também pudesse acalmar o sofrimento da alma. Com segurança a pobre estava sofrendo a dor mais cruel que podia suportar o ser humano.

—Então o que nega, Ivana Cavalli?

—Não sou uma bruxa. — As palavras eram apenas um soluço afogado pelas lágrimas e pelo medo.

—Como explica sua gravidez, Ivana?

—Bem, eu não sei.

—Ivana, renuncia ao bebê e viverá. — pediu seu irmão com a voz cascata.

—Salvatore... Não posso...

—Ouça o seu irmão, Ivana. É a sua única saída. Não podemos permitir que uma criança que foi gerada com a ajuda do Diabo viva entre nós.

Aria compreendeu naquele instante o que tinham pretendido desde o princípio.

Ivana, acenou com a cabeça.

—Precisamos ouvi-lo, Ivana. Renuncia a Satanás e a seu filho?

—Sim. —Havia desespero em sua voz. Tanto que Aria sentiu as bochechas quentes e descobriu que estava chorando. Alessandro apertou-a mais contra ele e com dissimulação enxugou-lhe as lágrimas.

—Eu renuncio.

—Suficiente! — exigiu Salvatore Cavalli com um rugido selvagem.

O Protetor assentiu com a cabeça ao mesmo tempo que se virava para sua direita, de entre as sombras surgiu um homem com uma maleta de couro. Não usava a túnica dourada, mas estava vestido como um cavalheiro.

—Doutor Gidé se livrará do problema e Ivana ficará livre de todos os cargos —anunciou seu sogro com certa solenidade.

Os soluços de Ivana multiplicaram-se, o medo e o desespero

apoderaram-se do seu pequeno corpo.

Ninguém se afastou, ninguém saiu, parecia como se quisessem assistir a carnificina que ia começar. Aria começou a tremer com violência, tanto que seus dentes começaram a bater.

—Aria, por favor. Controle-se! — rogou Alessandro, assustado com que Matteo descobrisse a empatia de sua filha. A sorte estava do seu lado, o Marchese estava demasiado concentrado no que acontecia à sua frente para se interessar pela sua filha.

O rugido do médico a tirou de seu horrível sonho.

—Preciso de intimidade! Pode ser uma condenada, mas não por isso deixa de ser um ser humano, uma alma de Deus.

Aria levantou de repente a cabeça, que tinha escondido com dissimulação no ombro de Alessandro fingindo que aceitava suas carícias, e se deparou com algo que nunca teria imaginado. Algo que a libertou das agonias sensações que a estavam a invadir.

O doutor Gidé exibia no dedo anelar de sua mão esquerda um anel dourado, dois dragões seguravam com seus corpos uma ametista. Uma pedra semipreciosa, sinal que tal e como lhe havia contado Francesca, na Ordem de São Teodoro, não somente os nobres contribuía com seu dinheiro e seu poder, mas qualquer que pudesse contribuir com ajuda, era bem recebido.

Aria lembrou a Enrichetta, a curandeira que estava ao serviço da

Ordem de San Marco, e deduziu que para manter em seu segredo... torturas, recorreram a pessoal alheio a sua patente. O doutor Gidé tinha conseguido infiltrar-se, Aria se perguntou quantas pessoas teria salvado das garras dos fanáticos que tinha diante de si.

Porque estava claro que o médico ia fazer mais do que salvar a vida da Ivana, tinha a certeza que ia salvar a vida do bebé.

Uma sensação de calor, misturada com orgulho se instalou em seu peito. Ela também poderia contribuir com seu grão de areia para a Ordem de São Teodoro, seu dom livraria muitas pessoas da dor, falaria com Francesca e lhe perguntaria sobre como oferecer seu segredo a uma causa tão nobre como a da contra-ordem. Não poderia merecer o apelativo do dom senão o usava para ajudar a seus semelhantes.

Capítulo 24

Passada uma semana Aria ainda não conseguia tirar da cabeça a imagem de Ivana aninhada sobre si mesma tentando proteger seu filho das implacáveis garras da Ordem. Voltou a tremer apesar do tempo transcorrido e dos quentes cobertores que a abrigavam em sua cama.

No entanto, consolou-se ao lembrar-se da intervenção do médico, e relaxou completamente quando lembrou que nessa mesma tarde, justo uma semana depois do incidente, tinha sabido que Ivana e Salvatore pensavam abandonar Veneza em poucos dias. O atraso deveu-se à necessidade de fingir que a jovem continuava indisposta pela operação. Aria tinha conhecido a notícia pelo próprio Alessandro, que tinha conseguido sussurrar-lhe a notícia sem que ninguém mais que ela o escutasse. Infelizmente, não pôde indagar mais sobre o assunto porque sua cunhada estava presente e atenta a sua conversa. De qualquer forma, achava que a viagem era a melhor maneira de contornar a Ordem e proteger a criança.

Obrigando-se a apagar de sua mente as tristes lembranças, centrou sua atenção nas flores que havia sobre a mesa do café da manhã, e que apesar dos protestos de Luz para que permitisse que as pusessem no salão onde todos podiam vê-las, se tinha obstinado em que se colocassem em seu dormitório. As flores haviam sido o primeiro presente de seu noivo e como tal queria

desfrutá-las em exclusividade.

A imagem de Alessandro inclinando-se sobre sua mão para depositar um casto beijo colidiu com a imagem que tinha tentado evocar. A dele beijando-a e acariciando-a na austera casa de Renzo.

Desde esse instante compartilhado de intimidade, no qual se conheceram mais do que teriam feito mil passeios, não tinham podido voltar a estar sozinhos de novo. Beatrice e Leo os acompanhavam em cada saída e se não o faziam, sempre havia alguém rondando-os.

Os bailes também não eram lugares onde pudessem conversar com intimidade. Suspirou frustrada e virou-se na cama, não havia maneira de desfazer-se de suas carabinas. Teria que usar a inteligência se pretendesse continuar a conhecer o seu noivo, mas, sobretudo, precisava de estar a sós com ele para lhe confiar o seu maior segredo.

Seu pai a tinha interrompido a primeira vez, devia conseguir que na segunda tentativa não houvesse ninguém que o impedisse de ser sincera com ele.

Com a clara determinação de encontrar um modo de estar a sós, tirou o diário de sua mãe, que mantinha escondido debaixo do colchão, e se dispôs a conhecer um pouco mais a mulher que jamais poderia estar a seu lado, dormindo com ele entre suas mãos.

Alessandro se sentia frustrado, por alguma maldita razão que não

entendia, sua irmã tinha se tornado como protetora da virtude de sua prometida. Beatrice tinha uma semana agarrada às suas botas, mas o pior de tudo era que não só lhes impunha a sua presença, como também arrastava com ela o Leo. Ambos tinham feito frente comum e passavam as horas conversando e impedindo a ele e a Aria a solidão que tanto ansiavam.

Ia ter que tomar cartas no assunto, se morria por estar com Aria, por voltar a saborear seus doces lábios...

Deu-se a volta mais uma vez no leito, por culpa de sua ansiedade mal dormia, disse-se que no dia seguinte conseguiria desfazer-se de Beatrice e desfrutaria de sua prometida como tanto desejava. Organizaria uma noite na ópera, não havia nada que sua irmã detestasse mais que a ópera, sem dúvida era sua única opção.

Alessandro sorria triunfal enquanto entrava no Teatro Santi Giovanni e Paolo, segurando pela cintura sua formosa noiva. Como havia planejado, sua irmã havia declinado o convite para acompanhá-los à ópera, apesar da carranca de seu pai, que a recriminava com o gesto que deixasse sem escolta seu irmão.

Feliz por seu sucesso, agradeceu a todos os santos, por permitir-lhe desfrutar de umas horas a sós com a mulher que amava.

A ópera estava muito lotada, e seu casamento estava iminente, por isso não era malvisto que viessem juntos e sem acompanhante. Sorrindo e

saudando aqueles que pararam para parabenizá-los por seu compromisso ou que simplesmente queriam ver de perto o espetacular vestido carmesim de Aria, chegaram ao camarote que os Ruspoli tinham no teatro. Alessandro havia se assegurado de que não havia convidados com os quais compartilhá-lo essa noite, pode ser que estivessem expostos aos olhares curiosos, mas ao menos poderiam falar sem medo de serem ouvidos.

A representação que iam ver tinha-se estreado com muito êxito, semanas depois ainda enchia as poltronas do teatro. Tratava-se de uma peça em três atos, portanto, longa o suficiente para alimentar seu desejo de estar com sua noiva que nessa noite ficava mais bonita que nunca, com um vestido que a fazia destacar-se acima de todas as outras damas do teatro.

Com cavalheirismo ajudou-a a acomodar-se no camarote, suas maneiras eram gentis, embora sua mente voasse por outros céus. A pele macia e cremosa que o vestido deixava ao descoberto na zona dos seios, os braços delgados que as mangas não chegavam a cobrir e seu cabelo, seu glorioso cabelo vermelho que o vestido fazia sobressair.

No primeiro ato Gualtiero, Rei da Sicília, que tinha casado com uma com uma pastora pobre, Griselda, tinha que renunciar ao fruto de seu amor, Costanza já que o casamento era bastante impopular entre os súditos do rei, fingindo que a tinha assassinado, mandou-a secretamente para outras terras para que fosse criada por Corrado, Príncipe da Apúlia.

—Oh! — exclamou Aria várias vezes durante a representação

Alessandro aproximou-se do seu ouvido para falar com ele num sussurro.

—Você gosta?

—Seu nome é o da minha mãe. — Disse com os olhos brilhantes pela emoção.

—Eu sei.

—Obrigada por me trazer, nunca tinha estado na ópera. —Ela confessou com um sorriso de felicidade.

—Então estou feliz que estamos aqui.

—Qual é a outra razão pela qual você se alegra? — a curiosidade ofuscava seu tom.

—Você não percebeu isso? Estamos sozinhos!

Ela riu de alegria enquanto as suas bochechas coravam num tom rosado que dava mais beleza ao seu rosto.

—Sim, eu notei isso.

—Isso é uma grande notícia.

Nesse instante os murmúrios cessaram, apagaram-se as luzes e subiu a cortina, o segundo ato estava a ponto de começar, e a nobreza aproveitou a pausa para abandonar os palcos e sair a fofocar sobre os mexericos de moda.

Sentia o joelho masculino pressionar contra a sua, percebia sua proximidade, o perfume a hortelã que emanava dele...Foi engolida pela mesma onda de calor que sentiu na noite do seu acidente no canal, notando em sua própria pele cada um dos movimentos de Alessandro, que nesse instante se afastava um tufo da testa, fazendo-a pensar que sentia os dedos a coçar-se na pele. Até a respiração dela acompanhou a dele.

Ávida por recuperar a compostura se levantou de repente.

—Desculpe-me, eu estou... Eu tenho que...

—Te acompanho —ofereceu, levantando-se também.

—Não é necessário. Retornarei em seguida.

—Claro que é necessário —a interrompeu. Não é apropriado que vagueie sozinha pelo teatro.

—Alex, eu prefiro... Se você vem eu não...

Não pôde protestar com coerência, de modo que a tomou pela mão, para tirá-la do camarote. No entanto, não chegaram a fazê-lo. A reação de ambos perante o inocente toque foi elétrica. Aria ficou petrificada pelas sensações enquanto levantava o olhar até Alessandro se deparando com seus olhos brilhantes e sua respiração acelerada. Foi ele quem reagiu, arrastando-a para as sombras do palco.

Com os sentidos à flor da pele e a necessidade a perfurar cada uma das suas terminações nervosas, colocou-a atrás das cortinas que mantinham o

camarote isolado, e apoderou-se da sua boca. Não se importou de provocar um escândalo entre a alta sociedade veneziana, que com certeza os estavam observando com seus binóculos. Também não estava interessado na reação de seu pai; só podia se concentrar na boca rosada e aveludada da mulher que amava.

Sentindo-se afortunado por tê-la encontrado, agarrou-se ao seu doce corpo e esqueceu-se de tudo o que os rodeava enquanto se voltava no beijo. Com a cabeça girando, Aria se deixou levar pela paixão que seu noivo despertava nela e atuou por instinto: cercando-lhe o pescoço com os braços e levantando uma perna envolta em seda para apertar com ela suas coxas. Alessandro gemeu em sua boca e a apertou mais contra si, enquanto uma mão aproveitava o inconsciente convite feminino e percorria a pele sedosa da perna que o envolvia. Com dedos hábeis soltou as ligas que seguravam as meias e as baixou com lentidão, deleitando-se em cada pedaço de pele que ficava ao descoberto.

Aria sentiu sua pele pegando fogo. Sua intenção era afastar-se dele para poder recuperar a compostura, estar tão perto havia sido mais que suficiente para que sentisse uma necessidade que a assustava por sua intensidade.

Desde o que aconteceu depois de cair no canal não podia pensar em outra coisa que não fosse na boca de Alessandro molhando sua pele.

Com a mão livre, Alessandro acariciou a curva perfeita de seu traseiro

sobre o vestido. Sentindo que a carícia não seria suficiente apertou o suave corpo feminino contra sua grande necessidade. Ela se separou de seus lábios com os olhos abertos pela surpresa, ainda com a respiração entrecortada por seus beijos.

Não teve tempo de descobrir até que ponto a tinha assustado, nesse instante a Marchese de Vurano e o Duca de Lido entraram pela porta.

Capítulo 25

Beatrice desceu as escadas com os sapatos nas mãos, sabia que seu pai não estava em casa, mas não podia arriscar que os criados a vissem. Podem ter sido protetores com o Alessandro, mas no que lhe dizia respeito, eram uns bisbilhoteiros e se alguma coisa precisava naquele momento era discrição.

Escondeu o seu cabelo dourado sob o capuz da capa e saiu às escondidas do palazzo, arrebetando-se ao calor da roupa de casaco, pôs os sapatos que ainda levava na mão e fechou a porta com cuidado. Foi então quando o viu parado no canto onde ela tinha marcado. Atrás dele um gondoleiro esperava para levá-los até seu destino.

Sentindo como o peso de seu peito se tornava mais suportável aproximou-se deles a passo rápido. Ela não queria encontrar o pai nem ninguém que pudesse especular sobre as ações. Não é que fosse a primeira vez que abandonava a casa de sua família em plena noite, era a nota, que tinha recebido essa manhã, o que a fazia estar nervosa.

—Obrigado por ter vindo – ela disse quando estava com ele.

O gondoleiro se afastou discretamente e subiu em seu barco.

—Parecia urgente, o que aconteceu?

—Eles estão me chantageando. E não posso enfrentar sozinha a pessoa que o está fazendo —explicou em um tom tão baixo que se não fosse pelo

perto que estavam o um do outro não teria podido ouvi-la.

—Pode contar com a minha ajuda, ofereceu-lhe Leo, sem hesitar um instante.

Na última semana Beatrice tinha sido quem tinha estado ao seu lado, quem tinha escutado sua silenciosa dor por ter perdido o que nunca teve. Em nenhum momento lhe falou de Aria, não queria prejudicá-la, mas Beatrice era muito inteligente para não ter suposto que se tratava dela.

—Não me vais perguntar nada sobre isso?

— Não

—Leo?

—Não preciso saber, Beatrice. Eu te ajudarei de qualquer maneira. Se você quiser me contar também te escutarei, mas não vou te obrigar a fazê-lo.

—É uma pena que Aria não perceba o quão maravilhoso você é. — Ali estava a certeza, se por acaso lhe restava alguma dúvida, de que Beatrice tinha adivinhado a verdade.

—Não, não é. As coisas estão bem como estão —lhe estendeu a mão e a ajudou a subir à gôndola.

Uma vez que ela estava confortavelmente instalada, subiu e sentou-se ao seu lado. Com cuidado estendeu um dos cobertores que havia no barco e os cobriu para tentar minimizar o frio da noite.

Beatrice aproveitou que o barqueiro estava concentrado para lhe relatar

o motivo de seu temor.

—Quando eu tinha 15 anos, o meu pai mandou-me para a Lido para aprender a gerir uma casa e a tratar daquilo que a filha de um Duca devia tratar. O meu pai sempre me mimou e lá compreendi o que é sentir-se sozinha, até que conheci o Filippo. Era o filho mais velho do barão Cathmor, ninguém com quem meu pai se oporia a que cultivasse uma amizade. Então deixei que ele me visitasse e acabei por me apaixonar por ele como a criança que era. Filippo tinha cinco anos mais que eu, ele já era um homem, me disse que tinha suas necessidades e, como a tola apaixonada que era, lhe permiti mais do que jamais imaginei que existisse. Durante estes dois anos continuámos a ver-nos. Da última vez, o meu irmão quase nos descobriu.

Filippo nunca teve intenção de casar comigo, com ninguém na realidade. O problema é que seu pai lhe retirou sua atribuição e eu sou rica...Há algumas semanas ele ameaçou contar tudo se eu caso eu não aceite ser sua esposa, meu dote faria com que ele continuasse a viver a vida a que está acostumado. Mas aceitar faria a minha vida miserável.

Não quero mentir...se Filippo ameaçasse meu pai não tiraria nada disso além de sua morte. O meu pai tem uma reputação a manter e fará o que for preciso para o fazer.

—E apesar de tudo o que te está a fazer queres salvá-lo , adivinhou Leo.

—É simples egoísmo, não quero ter sobre minha consciência uma morte. Posso ser uma Lido, mas não sou uma assassina como o meu pai, nem um salvador como o meu irmão. A única pessoa que me interessa salvar sou eu mesma.

—O que seu pai faria se descobrisse?

—Eu não sei. Como eu disse, ele seria capaz de qualquer coisa para preservar o bom nome da família. Mas não é isso que me preocupa, não quero que Filippo morra. Não por minha culpa, estar com ele foi minha decisão, não quero que outros paguem por minha estupidez.

—Para que precisa de mim, então? — perguntou, sem compreender para que havia pedido sua ajuda.

—Para que te passe por meu marido.

—O quê? Você está louca!

—É a única maneira de funcionar. Se Filippo acredita que já não pode tirar nada de mim, que não estou livre para me casar, ele me deixará em paz. Trouxe comigo algumas das minhas joias, vamos dá-las para que nos deixe ir sem brigas.

—Esse não é o problema, Beatrice, é a filha de um Duca, se estivesse casada toda Veneza saberia

—Já pensei, diremos que nos casamos em segredo e que estamos organizando nossa fuga. Filippo não é tão inteligente para desconfiar.

—Isto é uma loucura. Leo passou as mãos pelo cabelo, debatendo-se entre atirar-se de cabeça ao que Beatrice lhe propunha ou negar.

—Eu sei, mas é a única maneira.

—Está bem. Te ajudarei. Fingirei que sou seu marido. — Aceitou pouco convencido.

—Obrigado! Agora me beije.

Antes que Leo pudesse reagir a suas palavras sentiu os suaves lábios de Beatrice sobre os seus. Foi apenas um toque, um tato. Surpreendeu-se com a delicadeza do beijo, depois do que ela acabara de lhe confessar não esperava tanta ternura, mas paixão, desejo e uma pitada de loucura. Sentindo-se culpado por julgá-la, lembrou-se de Viola e se perguntou se sua irmã tinha sido tão parecida com Aria como ele sempre havia acreditado, ou se, ao contrário, tinha sido mais próxima de Beatrice.

Separou-se dele com um sorriso doce, e um brilho especial em sua íris.

—Estamos oficialmente casados agora.

Aria seguiu Alessandro e seus pais pelos corredores desertos do teatro da ópera. Encontrar-se com eles foi a cena mais humilhante que já tinha vivido. O olhar carregado de desprezo de Matteo o tinha profundamente calado, seu futuro sogro em troca, tinha olhado para ela com renovado interesse, mas não tinha dito nada.

Era o Duca que liderava a marcha, parecia que sabia com clareza para onde se dirigiam. Matteo ia atrás dele como o cão que segue o mestre, a poucos passos de distância.

Aria levantou-se para apanhar ar, entre as pesadas roupas e o rápido que caminhavam estava-lhe custando seguir o ritmo. Só Alessandro percebeu seu cansaço, parou ao seu lado e sorriu. Inicialmente foi uma careta quase imperceptível, então ela sorriu de volta e nenhum de nós pôde evitar o que veio depois. A situação era tão tensa e ao mesmo tempo tão cômica que explodiram em uma risada nervosa. No entanto, ao tentar fazer com que os seus pais não os ouvissem, as suas risadas intensificaram-se.

Quando finalmente se controlaram, encontraram os olhares de desaprovação dos pais.

—Entremos aqui! — exigiu o Duca, abrindo uma das salas.

A fazenda foi decorada como um salão próprio do gosto veneziano, tornou-se até mesmo muito barroco para a decadente cidade. Os tons dourados e esmeralda abrangiam toda a estadia: desde o papel de parede, até o rico tapete e as cortinas.

—Estou muito desgostoso com o que aconteceu esta noite. Estivestes a ponto de nos envergonhar ante toda Veneza. Compreendo que sois jovens e estão apaixonados, mas primeiro o decoro e o bom nome de nossas famílias.

—Sim, papai. A família acima de tudo —corroborou Alessandro, com

uma careta que contradizia suas palavras.

—Matteo e eu decidimos antecipar o vosso casamento. Será a única maneira de mantermos o nosso lugar na sociedade. Se continuar se comportando sem o menor traço de decoro não nos resta mais remédio que vos casar o quanto antes. — A cara do Marchese revelou que não era verdade que se tratasse de uma decisão consensual.

Matteo controlou o assombro de seu rosto, mas não o suficiente para que Aria não o tivesse visto. Seu pai era um fantoche nas mãos do Duca. Assim como seu filho.

—Em exatamente oito dias —proclamou o Protetor.

Aria sentiu um nó que apertou sua garganta, amava seu noivo, mas odiava que não se revelasse ante a tirania despótica de seu pai. Embora o pior fosse que se aceitasse o casamento, que instantes antes havia desejado, ela também entraria a fazer parte da longa lista de pessoas sob seu jugo.

Capítulo 26

Querida Aria,

Traço estas linhas do jardim, um lugar completamente diferente do habitual, porque cometi o erro de dizer a Maria, minha donzela, que ia te escrever.

Contenta ante a perspectiva de ter notícias tuas, referiu-o a Tomaso e desde então este não deixou de me pedir que te mande saudações de sua parte. Como deferência a você e ao carinho que sempre tiveram, ordenei que me tirassem uma mesa e uma cadeira ao jardim com a desculpa de querer tomar o sol, e aqui me encontro agora, o suficiente para Tomaso mostrar sua cabeça branca, a cada poucos segundos, para me observar enquanto escrevo. Parece tentado a vir ter comigo e pedir-me para te mandar lembranças, mas não o faz.

Por aqui estamos todos muito bem, Frei Manuel já não vem tanto como antes, posto que já não tem alunos para ensinar, o que me lembra te perguntar por Leo e por Luz, espero que estejam bem e que sigam mostrando seu apoio incondicional, da mesma forma que terás sempre o meu. Faça o que fizeres, decidas o que decidires, manterás sempre a tua casa em Torcello.

Não posso deixar de te desejar felicidade no teu casamento, uma

aliança matrimonial é para toda a vida, cuida-a como o tesouro que é.

Sua avó que te ama.

Lucrecia Pacelli.

Duquesa viúva de Sciasia.

Aria releu várias vezes a carta de sua avó, não era próprio dela escrever para não dizer nada, sempre havia sido uma mulher muito atenta em suas epístolas. Direta ao assunto que pretendia tratar. Seu olhar voou até as últimas palavras rabiscadas no caderno com a letra elegante e os traços firmes.

O que me lembra de perguntar sobre Leo e Luz, espero que estejam bem e que continuem te mostrando seu apoio incondicional, do mesmo modo que sempre contará com o meu.

Faças o que fizeres, decidas o que decidires, sempre conservarás o teu lar em Torcello. O último parágrafo era insólito, apesar do tratamento que Lucrecia dispensava a Leo, mas a alusão a Luz parecia como se quisesse desviar a atenção dela. Voltou a rever a carta desta vez com mais calma. A compreensão a fez sorrir, tinha que ler nas entrelinhas, Lucrecia tinha usado aquilo que tinha à mão para lhe perguntar sobre sua relação com o criado. Sabia com certeza que jamais havia enganado a ninguém e que todo o mundo em Torcello estava ciente do que sentia por ele, ou mais concretamente do

que tinha sentido.

“Não posso deixar de te desejar felicidade em teu matrimônio, uma aliança matrimonial é para toda a vida, cuida-a como o tesouro que é”

A referência à aliança era clara, nela lhe perguntava por sua relação com a Ordem e se se tinha visto na necessidade de recorrer ao anel que lhe havia dado.

A voz de seu pai do outro lado da mesa do café da manhã, a obrigou a levantar o olhar da carta.

—Que pouca distinção a de sua avó, perguntar-lhe pelos criados! — Criticou enquanto estendia manteiga em sua torrada.

—Eu não sabia que a carta era endereçada a você, pai —Cutucou, apesar de suspeitar que ele controlaria seu correio. Ter certeza era mais um golpe à sua dignidade.

—Não seja impertinente! Não vou tolerar isso. É meu dever cuidar de você.

Mordeu-se com força a língua para calar as repreensões, consciente de que uma réplica pioraria o mal-estar de seu pai, e com isso sua vacilante relação fraternal.

Desde o dia da reunião da Ordem em que se julgara uma mulher por ficar grávida, Matteo e Aria tinham mantido as distâncias. O que aconteceu uns dias antes na ópera tinha sido a ruptura definitiva. Desde então, todos os

esforços de Matteo foram encaminhados para se desfazer dela quanto antes melhor. Até lhe sugeri que fosse passar uns dias a casa da melhor amiga da mãe, Isabel Doglio, com a desculpa de que era a única mulher de Veneza suficientemente próxima para poder ajudá-la com alguns temas delicados que envolvia o matrimônio.

Aria tinha sido tentada a aceitar, mas seu lado rebelde se impôs. Ele não tinha se preocupado com seus sentimentos quando ele a forçou a deixar tudo e viajar para Veneza, razão pela qual ela não queria facilitar.

Em seus pensamentos, não percebeu a presença de Leo até que o teve a três passos de distância.

—Bom dia, Leo

—Aria. — Fez uma pequena reverência.

—Não precisa fazer isso.

—Desculpe-me, mas discordo —rebateu com dignidade.

—A Beatrice não se faz. A ela trata como a uma igual e tampouco o é. De fato, sua patente é superior a minha: seu pai é um Duca, o meu é um Marchese.

—O que você quer de mim, Aria? Você não é das que faz rodeios — comentou sem sutileza.

—Quero saber a verdade

—Como se eu soubesse qual é —disse com fingida indiferença.

—Como não sabe?

—A única verdade que importa é que você não deveria estar interessado em como eu trato Beatrice. Mas já que está tão afetada com o tema, te direi que ela não é como você, nem como Viola. Beatrice não é inocente nem delicada... É uma mulher.

—Eu não te entendo?

—É nisso que consiste a minha teoria. Você nem mesmo entende do que estou falando. Tenha um bom dia, Aria.

—Mas Leo... — chamou-o. No entanto, não se virou. Continuou a andar como se não a ouvisse, enquanto ela se perguntava a razão pela qual Leo tinha falado assim, a razão pela qual quando mencionou Beatrice o fez com uma mistura de admiração e de respeito que jamais, nos anos em que o conhecia, tinha-o visto sentir por ninguém. Nem mesmo por Tomaso.

A ideia a intrigou profundamente, tanto que nem sequer se deu conta de que não havia resto de ciúmes em seu coração.

Ainda não havia se recuperado de sua conversa com seu amigo quando Paolo, o mordomo de seu pai, que se dirigia a seu dormitório para buscá-la, encontrou-a no corredor e disse-lhe que o noivo e a irmã estavam à espera dela na sala de estar.

Antes de ser anfitriã, ele tirou alguns minutos para se acalmar. Por um

lado, precisava ver Alessandro, seu noivo havia conquistado seu amor: era atento, atrativo e a mistura exata entre educação e picardia. Ao seu lado sentia-se mais viva do que jamais se tinha sentido, era como se Alessandro tivesse despertado a outra Aria que dormia nela, uma mulher que não se conformava, que não queria querer a metade...Mas, por outro lado, ele também a havia desapontado. Por que não enfrentava seu pai? Por que permitia que fizesse sua santa vontade com ele, com ela, com todo o mundo?

Alessandro estava de pé diante da lareira, distraído em seus próprios pensamentos, não estava escutando nada do que Beatrice lhe estava contando. Quando ouviu os passos de sua noiva no quarto, virou-se e pregou seu olhar prateado sobre ela. Beatrice deixou de falar.

—Beatrice, poderia nos deixar a sós uns minutos? — pediu seu irmão.

—O nosso pai não vai concordar.

—Então não lhe diremos.

Diante da obviedade da afirmação sua irmã calou-se e saiu da permanência com toda a rapidez de que foi capaz. Alessandro não esperou um instante para descobrir o que era a tristeza que vislumbrava nos olhos de sua noiva.

—O que está acontecendo? Você está distante há alguns dias. Tenho a sensação de que vou te perder.

—Não há nada de errado comigo.

—Não me minta, é por ter antecipado o casamento? Preocupa-se com algo? Diga-me o que é.

—Não podemos continuar deste modo.

Antes de responder, sentou-se no sofá em que instantes antes tinha estado Beatrice.

—Sente-se, por favor —implorou a Alessandro.

Ela o fez, sem deixar de olhá-la nos olhos, pendente de cada gesto, de cada pequena pista que lhe permitisse adivinhar o que tinha mudado entre eles.

—Desde que te conheço tenho descoberto muito mais de mim do que nunca. Você me ensinou a arriscar, a querer mais... e de repente me deparei com um muro...um que você colocou na minha frente. Não sei como fazer para seguir sendo eu se você não me acompanha, e não o faz. Seu pai está muito presente em todas as decisões que não toma... Nas ordens que acatas sem questionar.

—Aria, meu pai não me importa o mínimo. Se não fosse porque temo por Beatrice faz muito tempo que eu teria deixado Veneza.

—Tem medo que seu pai machuque sua irmã?

—Ela é a moeda com a qual brinca comigo. Me entenda, minha irmã é... especial, estou ciente de cada um de seus defeitos, mas é a única coisa que me resta de minha mãe. Não posso falhar.

—Alessandro, eu não sabia.

De repente a verdade se descobriu diante dela. Tinha sido egoísta ao pensar só em seus sentimentos. Se tivesse sido justa, lhe teria dado o benefício da dúvida.

—Aria, não concordo com o meu pai em quase nada. E posso jurar-te que jamais ficaria de braços cruzados sem fazer nada permitindo que eu dirija minha vida. Mas também não posso opor-me publicamente a ele ou tudo pelo que temos lutado deixará de ser possível.

—Do que está falando? — Quanto havia atrás do homem que amava que desconhecia?

—Aria, preciso que me digas que tens a certeza de seguir em frente. Farei tudo o que me pedires, enviarei a Beatrice para longe do meu pai. Partirei de Veneza de maneira que fique livre e sem culpa diante dos olhos da sociedade. Abandonarei aquilo em que acredito.... Só peço que me diga a verdade. Quer se casar comigo? Ou prefere que quebrems o noivado?

Talvez precise de tempo para tomar uma decisão. — Aventurou, ante seu silêncio.

—Estou certa. Te amo e me casarei com você.

—Aria...

Não terminou a frase, a emoção de ouvi-la dizer que o amava prendeu-lhe as palavras na garganta, com delicadeza tomou sua mão entre as suas e a

levou aos lábios, percorrendo a parte interna de seu pulso com suaves beijos. Notou o estremecimento dela ante a carícia.

Ansiava por sua boca, mas não queria apressá-la, a mulher que amava acabava de confessar que sentia o mesmo e ele precisava se deleitar com isso. Com os dentes e a língua brincou com seus dedos, deixando um rastro úmido pela pele sensível de seu pulso, tinha em mente ir devagar, mas o suspiro que escapou dos lábios entreabertos de Aria lhe fez perder o pouco domínio de si mesmo que lhe restava. Rapidamente a levantou do sofá que compartilhavam e a sentou sobre seus joelhos, de maneira que sua boca ficava à altura perfeita para ser beijada.

Seus lábios se abriram para ele enquanto seus corpos se fundiam em um só, Aria deixou de pensar, concentrada em cada uma das carícias que estavam compartilhando, sua língua deslizava em sua boca com decisão e suavidade, conquistando e rendendo ao mesmo tempo.

Uma tosse insistente fez com que se separassem. Beatrice estava avisando-os de sua proximidade antes de entrar no salão. Aria se recompôs seu cabelo enquanto se sentava, com mais decoro, de novo no sofá.

—Te contarei tudo esta noite sussurrou, Alessandro.

Aria assentiu em silêncio. Ainda com os batimentos do coração acelerados.

Um segundo depois Beatrice entrava no salão ainda vítima do súbito

ataque de tosse.

—Lamento, mas não vos posso dar mais tempo.

—Obrigado, irmã. — O sorriso de Alessandro animou a jovem que se sentia culpada por ter que ficar sempre entre eles.

—Temos que ir à costureira para tirar as medidas da noiva para que possa ajustar o vestido de casamento de sua mãe.

A jovem se calou ao notar o gesto de surpresa de sua cunhada.

—Você não sabia disso? O teu pai me deu uns dias antes de chegares, para eu o enviar à Signora Trovarelli, para ela ter uma ideia do que precisamos. Vais ver, vais ser uma noiva preciosa. O vestido é branco e dourado, segundo ouvi dizer o dourado do vestido combinava com os olhos da tua mãe.

—Sim, minha avó os tem da mesma cor que ela. Parecem de caramelo fundido pelo sol.

—Não se preocupe, tenho certeza que o dourado ficará perfeito com seu cabelo vermelho e sua pele pálida.

Aria sorriu agradecida, pela primeira vez desde que a conheci, Beatrice soou sincera e preocupada com seus sentimentos.

Capítulo 27

Ir para tomar medidas para o vestido de noiva era quase como andar pelo corredor da igreja a caminho do altar. No entanto, voltar atrás, se os tiver tomado, torna-se o mais iminente possível.

Para sua surpresa, já que horas antes se mostrava indecisa se devia continuar com o casamento, naqueles instantes estava ansiosa por começar sua nova vida junto a Alessandro. Depois de esclarecer o mal-entendido, que a tinha tido dois dias preocupada, suas dúvidas sobre a atitude de seu noivo tinham sido resolvidas em parte, ainda restavam alguns segredos entre eles que deviam compartilhar, o mais importante deles a confissão sobre seu dom.

Tinha chegado à firme decisão de não se casar com ele sem lhe revelar seu maior segredo, não era justo havê-lo compartilhado com Leo, e não fazê-lo com o homem que muito em breve lhe daria seu sobrenome. Cismada em seus pensamentos não ouviu a advertência de Beatrice, para que se afastasse do caminho de uma carruagem. Um dos poucos que circulavam por uma cidade cujo maior tráfego passava pelo canal. O cocheiro, pouco habituado a conduzir carruagens, virou à esquerda com temeridade para esquivar-se, atropelando com isso um menino de uns cinco anos que jogava à bola na porta de sua casa.

O grito dilacerado do menino ao ser esmagado pelas rodas fez Aria

reagir, ela correu até ele com a alma em um punho. A culpa atentou seu peito e fez que as lágrimas de culpa arrasassem seu rosto.

Sem pensar em nada mais que o que havia causado com sua distração, deixou-se levar pela desolação e se agachou junto ao pequeno que tinha destroçada a perna esquerda pela roda.

A dor que sentia era atroz e seu pranto desesperado. A mãe do menino tinha saído de casa e gritava desesperada por não poder fazer nada para ajudar o seu filho. As vizinhas a tiraram de seu lado e mandaram chamar a curandeira. O cocheiro nem sequer havia parado para socorrê-la.

Sem pensar que não estava sozinha, Aria pegou a mão do pequeno com delicadeza, e seu dom atuou sem nenhum sinal prévio. O menino abriu os olhos surpreso, as lágrimas cessaram e sua respiração começou a se acalmar enquanto se deixava levar pela ausência de sofrimento.

Aria esqueceu-se de Beatrice, e de tudo o que os rodeava, não se importou que seu precioso vestido se tingisse de sangue, não se preocupou em expor-se nem se colocar em perigo. Nesse instante o tempo ficou paralisado. O silêncio foi tomado pelas pessoas do povo como um mau sinal. Foi afastada para verificar se ainda estava viva, e depois de descobrir que o estava, foi transportada por dois gondoleiros alertados pelos gritos.

Beatrice mal podia acreditar no que tinha visto, o menino tinha estado uivando de dor até que Aria tomou sua mão e o silêncio caiu sobre eles como

um bálsamo. Inicialmente, ele acreditava que a pobre criatura havia desmaiado, mas então o viu olhá-la com devoção, chegando até mesmo a sorrir através das lágrimas que embaciam seus olhos.

—Aria, vamos! — ordenou tomando-lhe a mão com certo receio. Queria crer que o que tinha visto não era mais que uma ilusão. Seria verdade, depois de tudo o que o Leo lhe disse, que a Aria era especial?

—A criança...

—Já não pode fazer nada por ele. Levaram-no. Ela a puxou para longe dos curiosos.

—Sim posso, eu...

—¡Cale-se! Ela disse com medo que continuasse falando. Voltou a puxá-la com força, ansiosa por afastá-la da multidão antes que dissesse algo inapropriado que as condenasse às duas.

Quando se afastaram o suficiente, Beatrice soltou sua mão, e parou na frente dela, disposta a obter respostas.

—Por que a criança parou de chorar assim que a tocou?

—Isso não é verdade, só o consolei.

—Não falou com ele, Aria. Não me tome por estúpida.

—Eu o consolei com o gesto, não procure o que não é.

—O que lhe fizeste? Diz-me ou contarei tudo a meu pai e será ele quem o averiguará.

Aria levou a mão à garganta para conter o grito de terror que lutava para sair dela sabendo-se encurralada.

—Pode falar! Não tenho nada a dizer-te.

—Tem certeza? Prefere que eu conte ao meu irmão o que vi? ela a ameaçou sorrateiramente.

Ela não podia fazer isso. Não podia ser ela a contar-lhe o seu segredo. Se Beatrice se adiantasse Alessandro se sentiria traído porque não tivesse sido ela a contar-lhe. Isso não podia permitir.

—Tenho um dom, quando toco em alguém que sofre posso lhe acalmar a dor que sente

—Desde quando pode fazer isso?

—Sempre pude fazê-lo.

—Alessandro não sabe. — Afirmou em voz baixa. Como se estivesse falando a si mesma.

— Não.

—Não diga nunca, de fato, não deve dizer a ninguém jamais. Mas agora deve ir.

—Voltarei para casa agora mesmo.

—Não. Saia de Veneza. Esqueça que nos conheceu. — A atitude de Beatrice era feroz.

—O que você está dizendo?

—Você tem que deixar Veneza, você não pode se casar com Alex. Se você fizer isso e meu pai descobrir o que você pode fazer, ele vai se livrar de você. Meu irmão não pode passar por isso. Minha avó acredita que meu pai matou minha mãe, não quero que ela mate meu irmão também por você.

—Matá-lo?

—Não pode fazê-lo enfrentar meu pai, acabaria com ele. Será meu irmão que morrerá se o confrontar.

—O que está dizendo? Ninguém precisa saber. E Alessandro jamais terá que enfrentar seu pai por mim. — Defendeu-se, embora parte dela soubesse que Beatrice tinha razão. Alessandro enfrentaria todos por ela.

—Eles vão saber, A Ordem sabe tudo. Sempre. Você não pode escondê-lo para sempre.

—Não quero ir, amo Alessandro, não posso perdê-lo. — As lágrimas resvalaram silenciosas por suas bochechas.

—Você irá ou eu mesma contarei a meu pai o que vi. Não vou permitir que meu irmão sofra por sua culpa. Ele sempre me protegeu, agora é minha vez de protegê-lo.

—Eu o amo muito.

—Sinto muito, mas o amor não é suficiente. Não lhe salvará a vida. Vá, Aria. Corra para sua casa e desapareça de Veneza. Vou dar-te tempo, é a única coisa que estou disposta a fazer por ti.

Quando Aria chegou ao palazzo dos Colonna, assustada e sem solução, não tinha a menor ideia para onde devia ir. Torcello não era uma opção, Lucrécia a acolheria disso não tinha dúvidas, mas não podia pôr a sua avó em perigo. Não era correto.

Desesperada pela sua situação precária, o que menos teria imaginado era que isso ficasse ainda pior. Luz estava esperando na porta, nervosa e chorosa para lhe contar que o moço de quadras tinha encontrado Leo gravemente ferido na parte de trás da casa.

Sem pensar em nada mais que em seu amigo, correu até a cozinha para topa-se com outra imagem igual de dolorosa que a do menino esmagado pela carruagem. O lindo rosto de Leo estava tão machucado que seus olhos não se distinguiam.

—O que aconteceu? — perguntou alterada.

—Ninguém sabe, a única coisa que chegou a dizer foi um nome: Filippo. Achamos que era o nome de seu pai —comentou Paolo.

—Não, seu pai se chama Antonio —acabou ela, tão perdida sobre o significado do nome como eles—. E nenhum de seus irmãos se chama assim.

Superando a dor e o medo pelo seu futuro, tomou a decisão de levá-lo consigo.

—Tenho que ir, surgiu um imprevisto e tenho que abandonar o palazzo.

E não posso deixá-lo aqui, tenho que levar o Leo.

—Seu pai lhe proporcionará uma carruagem, nobildonna. — Ofereceu Paolo.

—Não, não. Meu pai não pode saber que estou partindo. Eu o avisarei quando chegar ao meu destino.

—Então escreva-lhe uma nota a sua madrinha, eu me encarregarei de que lhe chegue de imediato. Tenho certeza de que a Contessa saberá como ajudá-la.

—Paolo, está se arriscando muito para me ajudar, se meu pai souber de sua intervenção...

—Nobildonna, todos nesta casa apreciamos muito a sua mãe, creia-me seu pai nunca saberá que a ajudamos. Além disso, devo a Dona Costanza, não pude ajudá-la, mas posso ajudar a sua filha.

—Obrigada.

—Escreva a nota, antes que chegue o Marchese. Ordenarei a Luz que prepare sua bagagem e a de Leo.

—Luz também vem comigo, por favor, diga-lhe que além de nossas malas, recolha suas coisas.

—Sim, claro que sim.

—Não sei quando voltaremos. Por favor, diga a Alessandro que sinto muito.

—Eu falarei, nobildonna, embora talvez possa escrever-lhe também a ele antes de partir.

—Não, não posso fazê-lo. diga-lhe só que o sinto e que não vou esquecê-lo, nunca.

Com essas palavras saiu da cozinha e subiu a seu quarto para recolher o único que não ia se ver obrigada a abandonar, o diário de sua mãe.

Veneza, outubro 1741

A Aria está em perigo e eu estou muito fraca para ajudá-la, nem sei se voltarei a vê-la no próximo verão. A única coisa que posso fazer é rezar para que a minha mãe a proteja e a eduque de maneira que saiba defender-se dos que procuram magoá-la.

Giuseppe Ruspoli ganhou, jurou que de um modo ou de outro me teria, e já começou a traçar seu plano para consegui-lo, derramou no ouvido de Matteo sonhos de grandeza ao lhe oferecer emparelhar com sua família.

Pode ser que eu não consiga ter você, Costanza, mas meu filho terá sua filha. Disse-me enquanto fingia perguntar por minha delicada saúde.

Não vou permitir isso.

Não vais estar aqui para isso.

Não sabia se o seu comentário era uma ameaça ou a constatação de

que minha gravidez acabará comigo. Depois de tanto tempo já não tenho medo por mim, é minha doce menina, a que ocupa cada um de meus pensamentos.

Capítulo 28

Beatrice soube que havia cometido um erro segundo depois de que as palavras saíssem de seus lábios. Seu primeiro impulso havia sido proteger seu irmão, afastá-lo de Aria, temerosa de que ela o enfrentasse a seu pai, e sabedora de quem seria o perdedor se tal enfrentamento ocorresse.

Instantes depois se deu conta de que ao pedir a Aria que se fosse embora tinha conseguido justo o que pretendia evitar: que Alessandro fosse ferido.

Tinha passado as últimas semanas como acompanhante do casal, de modo que não lhe havia passado por alto o afeto, era muito cedo para chamá-lo amor e mesmo então, não estava segura de que este existisse, que ambos se professavam.

Tampouco era uma loucura que pudessem manter em segredo o dom que Aria possuía. Ao fim e ao cabo, havia sido assim durante dezenove anos.

Apertou os punhos ao mesmo tempo que mordia os lábios para não gritar de frustração. As suas opções eram escassas e a única pessoa que podia ajudá-la era justamente aquela a quem menos desejava recorrer.

Com o sigilo para o qual tinha sido treinado, Dino Selvaggi aproximou-se tudo o que pôde até o salão da Marchessa do Alassio. Seu posto de secretário poderia lhe salvar se fosse descoberto atrás da porta, poderia se

desculpar com facilidade, mas, ainda assim, preferia não ser visto.

Interessado no que acontecia do outro lado prestou atenção a cada palavra. Desde que estava ao serviço do duque de Lido, na casa de sua sogra, onde se havia infiltrado para controlar seus movimentos e informar deles ao Protetor, a velha Marchesa jamais tinha recebido a visita de sua neta Beatrice Ruspoli. Razão pela qual Dino soube que tinha encontrado a oportunidade longamente esperada de ganhar o respeito de seu chefe, e medrar na Ordem, onde apesar de sua baronia não tinha podido passar do primeiro círculo de poder por seu escasso patrimônio.

—Imagino que sua visita não se deve a um interesse repentino por minha saúde, aventurou Francesca escondendo sua alegria depois do sarcasmo.

—Não.

-Nesse caso, em que posso ajudá-la?

—Surpreende-me que desta vez me ofereças a tua ajuda com tanta rapidez, Nonna. Nem sequer foi necessário que te suplique —atacou Beatrice, magoada.

—Você sempre pôde contar com minha ajuda. Pelo menos no que está ao meu alcance. Não entendo como pode guardar rancor por algo que nem é minha culpa, acha que não queria cuidar de vocês quando sua mãe morreu?

—Em qualquer caso, já não importa. O passado, passado está.

Dino se mexeu inquieto em seu esconderijo. Maldito seja seu azar! Tinha pensado que descobriria algo importante que pudesse contar ao Duca e topava com sentimentalismos que não conseguiriam nada mais que o desdém do Protetor.

Seguindo um palpite decidiu esperar uns minutos mais por se a conversa no final mudava de rumo:

—Claro que isso importa. Importa se essa é a razão pela qual não veio me ver desde que seu irmão deixou de te arrastar com ele em suas visitas — encerrou, com intenção de esclarecer a situação de uma vez por todas.

—Também não impediu que meu pai me enviasse ao Lido —acusou de novo.

—Também não estava em minha mão fazê-lo —Voltou a defender-se Francesca. É que sua neta não se dava conta do quanto seu pai a desprezava? Achou que eu teria em conta as suas recomendações?

—Como lhe disse isso já não importa. Estou aqui por outro motivo. Vim por Alessandro.

A pele de Francesca empalideceu de repente. Assustada por haver duas circunstâncias tão insólitas: que sua neta tivesse ido visitá-la e que pedisse sua ajuda.

—O que aconteceu a seu irmão? — interrogou-se levantando-se do sofá, como se pudesse com isso pressioná-la para que falasse. Foi o teu pai

que o magoou?

—Não aconteceu nada. Ainda.

—Buscas me torturar? — pretendia fazê-la sofrer prolongando sua incerteza? Perguntou-se a marquesa.

—A Aria fugiu de Veneza.

—Por que faria tal coisa? Brigou com Alessandro? Parecia que se davam bem quando vieram me ver há alguns dias.

—Ela se foi porque eu a obriguei a fazê-lo. Ameacei revelar seu segredo. Ela pode...

—Cale-se, menina! — exigiu sua avó, impedindo-a de falar mais da conta—. As paredes têm ouvidos. E tampouco é necessário dizer mais nada.

—Você sabe? Você está ciente do que sua futura neta pode fazer? — o assombro tingia seu rosto e sua voz.

—Sou velha. Sei muitas coisas, e uma delas é que devemos atuar com rapidez. " Cicero! — Gritou chamando o mordomo.

Dino Selvaggi amaldiçoou entre dentes e se afastou da porta para não ser descoberto quando se ouviram os passos rápidos do servo. Justo quando a conversa se tornava interessante, tinha que ser retirado para não ser descoberto.

As palavras da marquesa a ecoaram em sua mente: as paredes têm ouvidos. Não se lembrava de ter sido descuidado no seu trabalho, nem de

alguém o ter apanhado a espiar. Chegou à conclusão de que devia tratar-se de algo importante se a marquesa a tomava tantas precauções. O melhor seria estar atento.

—Chamou, marquesa? Perguntou Cicero, fingindo não estar interessado na presença de Beatrice.

—Traz papel e caneta, e pede a um laçao que venha agora mesmo. Tenho que enviar uma nota com urgência.

O mordomo assentiu e ia sair para cumprir o encargo, quando a voz de Beatrice o deteve na porta:

—Olá, Cicero. Alegra-me ver que os anos foram benévolos contigo.

—Obrigado, nobildonna. Estava seguro de que não voltaria a vê-la, estou feliz de haver-me equivocado, e espero que esta não seja a última vez que nos visite. — Comentou com seu costume de lhes repreender veladamente.

—Claro que não, Cicero.

—Desde quando se alegra de errar? — perguntou entre dentes a marquesa.

—A partir de agora, se me dão licença.

—Nos vemos em outra ocasião, Cicero —comentou Beatrice com um sorriso.

Francesca sorriu interiormente satisfeita com o comentário de sua neta,

no entanto, não ia lhe demonstrar o quanto lhe agradava a ideia. Com seu caráter imprevisível era capaz de voltar a desaparecer de sua vida, e exteriorizar sua alegria faria tudo mais difícil se ao final voltasse a acontecer.

—A quem vais escrever, avó? — perguntou Beatrice. Voltando a sua atenção à conversa.

—A Isabel Doglio. Aria não conta com ninguém mais a quem recorrer na cidade.

—Não vais criticar-me? A vociferar sobre a má pessoa que sou pelo que tenho feito?

—Pode-se saber, por que eu iria criticar que você se preocupa com o bem-estar de seu irmão? Quão bruta achas que eu sou? — A marquesa exaltou-se com as mãos nos quadris.

Como Paolo havia previsto, sua madrinha assumiu a situação, desde o instante em que chegou à sua porta com um baú como única bagagem, um servo, incapaz de se sustentar em pé, e uma donzela assustada.

Depois de acalmá-la e forçá-la a tomar uma infusão calmante de ervas, começou a mexer os pauzinhos necessários que converteram uma situação perigosa em uma circunstância necessária para que se realizasse o casamento. Que o Conte estivesse ausente em negócios e que Isabel fosse sua madrinha solucionaram grande parte dos problemas. Isabel não a pressionou para que

lhe contasse o que aconteceu, e Aria não lhe disse nada além de que tinha tido um desentendimento com sua futura cunhada, que não a considerava boa o suficiente para seu irmão. Manteve o seu dom em segredo, porque apesar de confiar cegamente na sua madrinha, não desejava que ninguém mais soubesse o seu segredo antes de Alessandro.

A Contessa começou escrevendo a Matteo Colonna para notificá-lo que sua filha havia aceitado sua oferta de ajuda com a finalidade de preparar seu enxoval de noiva. É por isso que iam passar uns dias a Lamarte County, onde Isabel contava com as melhores costureiras de toda Veneza.

O passo seguinte da Contessa foi encomendar a sua afilhada que escrevesse a seu noivo para lhe notificar sua viagem, justificando-o com as mesmas desculpas que ela havia usado com o Marchese.

Estavam finalizando os detalhes para abandonar quanto antes Veneza do modo mais cômodo para Leo, quando lhes chegou o anunciou através de uma breve nota, que a Marchesa de Alassio estava a caminho para conversar com sua madrinha.

Aria engoliu a vontade de gritar quando descobriu que Francesca chegava acompanhada por sua neta. A idosa não pareceu surpreender-se por encontrá-la na casa da Contessa, inclusive confessou que sua visita se devia a sua necessidade de falar com ela. Para sua surpresa as duas damas Carbone mantiveram em segredo o incidente e seguiram o jogo a Isabel quando

comentou o caráter apaixonado dos jovens. Durante a conversa eles concordaram que Aria iria para Lamarte com sua madrinha por alguns dias. Não obstante, os planos se abalaram quando Beatrice ouviu as novas sobre Leo, e seu ataque.

—Quem o fez? — perguntou preocupada.

—Não sabemos nada. A única coisa que fez foi repetir um nome: Filippo

O rosto preocupado da jovem se tornou cinza e Aria compreendeu que Beatrice estava ciente de quem era o homem.

—Quero ir com vocês e cuidar dele, sua voz soava como súplica.

—De maneira nenhuma, respondeu Aria, levantando-se como uma mola do sofá.

—Você não entende. Eu tenho que ir, ele está assim por mim... Por favor.

— Eu sabia — cuspiu Aria; danifica todos aqueles de quem se aproxima. Não permitirei que Leo pague por sua maldade.

—¡Aria! — gritou Francesca—, entendo que esteja zangada com ela pelo acontecido, mas não pode tratar assim a alguém que te pede ajuda. Não o fará se pensa continuar vestindo esse anel em seu dedo. — Encerrou a marquesa.

—Estou completamente de acordo com ela, Aria. O anel obriga-te a

ajudá-la.

—Pode vir a Lamarte, mas que não se aproxime do Leo.

—Tenta me impedir se puder. — A desafiou Beatrice.

Sua resposta implacável a fez sentir-se desconfortável. A sua quando lhe pediu que se afastasse de seu noivo tinha sido tão diferente.

Capítulo 29

Tinha acabado de regressar a casa do seu pai, depois de se encarregar de que se seguissem as suas instruções, onde em breve seria a casa que partilharia com a sua esposa: o palazzo Sinibaldi. A mansão unida ao título de Visconte que ostentava desde seu nascimento e que portaria enquanto seu pai fosse o Duca.

O Alesssandro gostou da ideia de partilhar o Sinibaldi com a Aria. Ela tinha passado grande parte da sua infância, certamente os momentos mais felizes. Era nessa casa onde sua mãe desfrutava da liberdade que seu pai lhe negava em seu próprio lar.

Na maioria das memórias que conservava dela, Serena levava um pincel nas mãos, as bochechas tingidas de tinta, e o olhar perdido nas grandes janelas de Sinibaldi de onde se via o canal e as cúpulas dos palazzos desde distintos ângulos.

Voltou ao presente quando o lacaio lhe estendeu uma nota que repousava sobre a bandeja de prata que este lhe oferecia. Não reconheceu a letra, polida, arredondada e sem dúvida feminina, razão pela qual lhe embarcou a curiosidade por descobrir seu conteúdo. O conteúdo da missiva o deixou atordoado por alguns instantes.

Sua primeira reação foi sair correndo para buscá-la para que lhe

confirmasse que o casamento continuava de pé, no entanto, se obrigou a confiar. Aria não tinha nenhuma mulher por perto para aconselhá-la sobre o casamento, seguramente as razões que lhe dava na nota para deixar Veneza eram certas. De qualquer forma, elas eram razoáveis, e ele tinha que acreditar nelas.

Não obstante, seu mal-estar não se apaziguou até o jantar, momento em que seu pai lhe informou de modo casual que sua irmã havia acompanhado sua prometida a Lamarte, para ajudá-la a escolher e encomendar o enxoval para seu casamento.

—Me parece bem, Beatrice tem muito bom gosto —respondeu, fingindo indiferença.

—Espero que, embora Aria não esteja na cidade, siga atendendo a suas obrigações —advertiu Giuseppe pregando o olhar em seu filho através da mesa do refeitório.

—As minhas obrigações?

—Você é o Visconde de Mon. Você tem responsabilidades —insistiu o Protetor com raiva contida.

—Suponho que te referes a ir a bailes, sorrir e apoiar-te quando decides torturar alguém. Não espera, está falando de caçar e ter amantes? Pai, estou confuso a qual de todas as atividades que te enumerei refere-se em particular?

— Sabia que estava agindo sem pensar, que devia manter sua fachada, mas os

últimos acontecimentos o deixaram muito alterado para pensar.

—Parece mentira que seja meu filho.

—Está tentando me elogiar? Porque devo confessar que me sinto lisonjeado.

Giuseppe apertou os dentes com força e fulminou a seu primogênito com o olhar, sem acrescentar nada mais. Com Alessandro as palavras não surgiam efeito, devia atuar, esse era o único modo de que compreendesse até onde chegavam os fios de poder que ele mesmo entrelaçava.

O baile dos Uggenti estava sendo um dos mais notórios dos últimos meses, mas Alessandro não estava gostando da noite. Num primeiro momento tinha-se proposto não assistir, mas era fiel à Ordem de São Teodoro, e devia manter sua fachada de nobre irresoluto e libertino, que lhe permitia saber em primeira mão de tudo o que acontecia entre a sociedade veneziana.

Ali no meio dos nobres mais influentes se perguntou como havia sobrevivido a tantas noites vendo as mesmas caras, falando com as mesmas pessoas, sobre os mesmos temas e escutando a mesma música. A aparição de Aria em sua vida havia sido um sopro de ar fresco, com ela tudo era intenso, apaixonado e novo. Era doce e inocente, mas também era valente e sensual, e vinha equipada com uma mistura irresistível de beleza e inteligência.

Uma mão tocou-lhe o braço com delicadeza, virando-se para descobrir o seu interlocutor, encontrou o belo rosto da baronesa Livia Benso, a antiga amante do seu pai.

—Lívia, como você está? — cumprimentou com um sorriso frio.

—Maravilhosamente, não me vê? — flertou com descaramento. E me diga, onde deixou a sua prometida? Surpreende-me ver-te por aqui sem ela pendurada no teu braço.

—Está com ciúmes, Lívia? Não deveria. Sabes que Aria é a única mulher que me interessa – comentou deliberadamente cruel.

Não entendia como apesar de suas contínuas rejeições a baronesa insistia em se aproximar.

—Antes não era assim —ronronou ela, não dando-se por vencida.

—Antes? Quando? Não lembro que nunca tenha sido de outro modo. Deve me desculpar.

Lívia riu-se falsamente, fingindo que suas palavras a divertiam mais que feriam-a, e agarrando-se a seu braço obrigou-lhe a caminhar pelo salão para que a gente os visse juntos, e tecessem uma nova teia de rumores sobre eles. Sabia que Alessandro era um cavalheiro e jamais a rejeitaria publicamente.

—Não respondeu minha pergunta, a futura viscondessa está indisposta?

—Está em Lamarte, encarregando-se dos últimos preparativos para

nosso casamento —explicou com educação, apesar de estar aborrecido porque o teria manipulado forçando-o a passear com ela, dando assim pasto aos fofoqueiros.

—Se foi sozinha? Te acreditava mais inteligente, querido.

Alessandro parou em seco.

—O que quer dizer, Livia? Não vou tolerar que questione a honra da minha noiva.

—Não seja perspicaz, querido. Só me perguntava se a tinha acompanhado o atractivo loiro que a segue a toda parte. — A isca obteve o efeito esperado. Os olhos acerados de Alessandro cravaram-se nela, brilhantes de ira e de inquietude.

—Para que fique tranquila te direi que minha irmã a acompanhou, e que não iam sozinhas, foram convidadas pela Contessa Isabel Doglio, que como você sabe é a madrinha de minha prometida, respondeu liberando seu braço do aperto feminino.

—Nesse caso você não tem nada para se preocupar. Está em boas mãos.

—Jamais estive preocupado —sentenciou com firmeza.

—Como são inocentes os homens com todo seu orgulho de gênero —se burlou.

—Não deveria generalizar, querida. Nem mesmo eu julgo às mulheres

segundo minhas experiências, Lívia. Todas não são tão dissipadas como você. Espero que gostes do baile!

—Não seja ingênuo, Alex —rio com estudada sensualidade—, pode me procurar quando se der conta. — O sorriso de triunfo brilhou tanto em seus lábios como em seus olhos, quando compreendeu que havia plantado a semente da dúvida. Mas apesar disso, o tratamento recebido tinha-lhe doído mais do que esperava.

Embora o Visconde tivesse agido com segurança diante da baronesa, de novo a sós já não se sentia tão seguro. O Leo seria sempre um risco para o seu casamento, a menos que fizesse algo com urgência para o impedir.

Paolo desceu as escadas à pressa, alertado pelos fortes golpes que haviam interrompido seu sono, descalço e ainda com os olhos velados pelo descanso. Fazia horas que o Marchese havia retornado ao palazzo, embora fosse em condições deploráveis, pelo que a visita, além de inoportuna, era estranha.

Abriu o portão apenas uns centímetros, temeroso do que pudesse encontrar-se ao fazê-lo, mas quem quer que estivesse ao outro lado o considerou insuficiente, e empurrou a porta dando um golpe na frente ao inquieto mordomo.

—Sinto muito, Paolo, você está bem?

—Visconde, sabe que horas são? — perguntou-se tocando a zona dolorida.

Preciso falar com Leonardo. É urgente que o faça esta noite! — pediu, decidido a esclarecer a situação.

—Não está em palazzo. Saiu esta mesma manhã de viagem.

—Viajou com a signorina Colonna a Lamarte? — perguntou com os punhos apertados nos lados.

—Sim, acompanhou a signorina junto com sua criada —explicou o servo.

—Obrigado, Paolo. boa noite.

—Boa noite, Visconde.

Aria foi encorajada a verificar que Lamarte estava suficientemente perto de Veneza para poder regressar à cidade em menos de uma hora. Tinha planeado ausentar-se, sem que ninguém soubesse, e procurar o Alessandro para lhe explicar, tanto o que aconteceu como o que podia fazer com as mãos.

A presença de alguém no quarto a tirou de seu sonho. Ela virou a cabeça para ver quem tinha entrado, esperando ver Luz ou alguma das donzelas com bandagens novas, e descobriu que era Beatrice a pessoa que tinha entrado e que estava parada na soleira observando Leo com genuína preocupação.

—O que está fazendo aqui?

—Eu vim para ficar com ele. Você precisa descansar. — As duas sabiam que suas palavras não eram mais que uma desculpa, para justificar sua presença. Ela queria estar com ele, parecia sentir-se culpada pelo assalto que Leo tinha sofrido, embora não tivesse explicado a ninguém o motivo.

—Pode ser que tenha razão —cedeu Aria, levantando-se da cadeira junto à cama, e abandonando a permanência.

—Aria —chamou sua cunhada, antes que abrisse a porta, —sinto muito, mas meu irmão é o único bem que há em minha vida. Tinha que protegê-lo.

—Não te culpo por isso. Inclusive posso te entender.

—Obrigada —disse com a voz rouca.

—Não me dê. Você ainda não gosta de mim, Beatrice. Acho que você é egoísta e até mesmo cruel —disse saindo sem esperar resposta.

Tremendo como uma folha pela clara oposição, sentou-se na cadeira onde instantes antes havia estado Aria, e se deixou levar pela pena que sentia por si mesma. Por causa dele, o seu único amigo estava na cama, dorido e dormente. O doutor Guidei disse-lhes que tinha várias costelas partidas e que, embora precisasse de muito repouso, ficaria bem. Não obstante, Beatrice não podia evitar sentir que todo aquele que se aproximava dela terminava ferido: Alessandro, Leo, sua mãe e até a Aria foi forçada a deixar tudo por causa

dela.

Sentiu uma mão pressionar com suavidade seu joelho, por cima das camadas de roupa que a cobriam. Rapidamente tirou as mãos dos olhos molhados, e descobriu que Leo estava acordado.

—Não a leve em conta. Está assustada —rogou em um sussurro, antes de voltar a cair na inconsciência.

—Oh, Leo! — murmurou com os olhos cheios de lágrimas.

Capítulo 30

Já tinham passado dois dias desde que enviou a carta a Alessandro e ainda não tinha recebido uma resposta da sua parte.

Por outro lado, sua escapada planejada a Veneza para falar com ele e lhe contar a verdade, tinha sido postergada pelos milhares de afazeres que um casamento importante como o seu trazia.

Para sua surpresa, tanto seu pai como seu futuro sogro lhe haviam escrito para lhe comunicar que não devia economizar em gastos para o casamento, que pagariam de bom grado qualquer soma para ver felizes seus filhos. Os dois se cuidaram de dizer a verdade, que quanto mais luxuosa fosse o casamento maior seria seu poder na sociedade.

Deixou-se cair no sofá do quarto, as últimas horas foram tão intensas que estava exausta, tanto física como emocionalmente. Leo estava a melhorar muito lentamente e a Beatrice não tirava um momento do seu lado, como se fosse o único a ter o direito de cuidar dele.

Fechou os olhos, deixando-se levar uns minutos pelo cansaço, e prometeu-se que assim que pudesse abri-los seguiria lendo o diário de sua mãe, que tinha ficado tão descuidado como todos os outros afazeres que não estavam relacionados com o seu iminente casamento.

Faltavam apenas dois dias para que retornassem a Veneza e que o

casamento ocupasse todo seu tempo.

Ela foi acordada por umas batidas suaves na porta, não sabia quantas horas tinha dormido, mas sentia-se descansada e muito mais animada do que quando se tinha retirado para o seu quarto para esse fim.

—Entra —Convidou com a voz ainda perdida na sesta.

—Luz entrou com passo decidido e um sorriso radiante no rosto.

—A Contessa me mandou avisar que seu noivo está lá embaixo, no salão rosa.

Sem esperar um segundo, Aria levantou-se de um salto do sofá em que estava meia deitada, sem se aperceber de que tinha o cabelo desfeito pelo sono nem pelo vestido enrugado. A única coisa que importava era que ele tinha ido vê-la. Poucos dias antes, ainda que fosse por poucas horas, havia conhecido o desespero de perdê-lo. Quando Beatrice lhe pediu que se fosse embora, acreditou que jamais voltaria a sentir seus lábios, a escutar sua voz ou a cheirar seu inconfundível aroma.

Desceu as escadas correndo para entrar como um vendaval no salão e se jogar nos braços de seu noivo. O decoro ficou relegado para uma ocasião mais propícia, uma em que os sentimentos que a embargaram fossem tranquilos e mais serenos.

Alessandro pareceu surpreso pela veemência de sua recepção, e sua madrinha, percebendo que sobrava na cena, abandonou discretamente seu

convidado, deixando-lhes a intimidade que requeria o reencontro.

—Alex! Por que não me escreveu? Quanto senti sua falta.

—Realmente senti minha falta? — perguntou com os braços dela ao redor de seu torso.

A jovem ficou surpreendida com a pergunta, mas não se permitiu pensar nisso. Colocando-se na ponta dos pés enlaçou seus braços ao pescoço de seu noivo e pressionou sua boca contra a dele, deixando-se levar pela necessidade de sentir-se perto, pela euforia de saber que seguia sendo seu.

Um gemido de surpresa escapou da garganta masculina, mas depois do breve gesto de desconcerto, correspondeu com paixão ao beijo que recebia. Mas logo recobrou a compostura e, desembaraçando os braços de seu pescoço, pôs fim ao beijo.

—Uau! Parece que você realmente senti minha falta —brincou, mas não havia nenhuma centelha de diversão em seus olhos.

—O que está acontecendo?

Alessandro viu a confusão em seus olhos, que se haviam tornado escuros.

—Fiquei surpreso com sua recepção... E eu também gostei. — Ele acrescentou, querendo apagar sua expressão compungida.

—Você não senti minha falta?

—Cada segundo murmurou, deixando por um instante que seus

sentimentos aflorassem—. Por que não me disse que pensava em ir embora?

—Não foi premeditado. O casamento está muito perto e não tínhamos nada preparado para o enxoval. Além disso, tampouco havia nenhuma mulher que pudesse me falar de... O que acontece na noite de núpcias.

—Entendo. Onde está minha irmã? — perguntou para levar a conversa a outro tema menos incômodo que a consumação.

O facto de ele não conseguir tirar da cabeça a imagem dela a tremer nos braços quando atingiu o clímax, graças aos seus beijos, não significava que a Aria fosse sentir o mesmo. Provavelmente, na sua inocência, a sua mente estava cheia de dúzias de perguntas e não havia ninguém a quem as pudesse dirigir.

—Ela está cuidando do Leo.

—Do que fala? — perguntou com a confusão pintada no rosto.

Fiel à sua firme decisão de não mentir ao seu noivo, Aria contou-lhe o que encontrou quando regressou a casa depois da sua visita à costureira. Alessandro ouviu em silêncio a narração. Mas sua íris brilhava perigosamente, como se não compreendesse a razão pela qual havia levado consigo uma escolta que não podia exercer seu trabalho.

—Minha irmã cuidando de alguém. Admito que estou surpreso.

—Não deveria. Eles são amigos.

—E a você parece bem? — olhou fixamente, ansioso por sua resposta.

—Claro. Parece ruim para você?

—Beatrice toma suas próprias decisões. Se for bom para ela é bom para mim —encerrou sem mais explicações.

Passaram mais meia hora conversando a sós no salão da Contessa, até que Alessandro se desculpou com que tinha compromissos nessa mesma noite e se foi de volta a Veneza.

Aria ficou com o sabor doce de sua presença, e o amargo de sua partida.

Dino conhecia perfeitamente o lugar onde podia encontrar o Duca de Lido. Durante os últimos quinze anos tinha feito o mesmo trajeto cada quarta-feira para lhe informar de qualquer ninharia ocorrida na casa da Marquesa de Alassio que considerasse que pudesse interessar ao Protetor. E naquela ocasião, por fim, dispunha de algo a contar além das indisposições da idosa ou a visita deste ou daquele nobre.

Entrou no local da Ordem com passo decidido, nada a ver com o andar farto de outras ocasiões. O destino fez com que a primeira pessoa que se deparasse fora o Marchese de Vurano:

—Boa tarde, Dino. Você ainda é babá da velha Marquesa? — perguntou com intenção de incomodar o antigo barão caído em desgraça ao mesmo ritmo que sua fortuna.

—Boa tarde, nobiluomo. — Não passou despercebido para Matteo o modo em que pronunciou a última palavra.

—O Protetor não está. Mas dada a informação que com segurança traz, eu mesmo posso atendê-lo.

—É por isso que você não pode me atender. Você está muito... Implicado em minhas novidades.—Segundos depois de tê-lo dito ele percebeu que não deveria ter feito. Um golpe perdia parte de sua força se se dava aviso dele.

—Implicado?

Dino virou-se, pronto para sair e evitar o choque que vinha a seguir, mas com um gesto rápido e firme, Matteo agarrou-o da jaqueta e o afastou com brutalidade até colá-lo na parede. De modo que não pudessem ser vistos do corredor.

—Como assim, envolvido, Dino? Estou certo de que dado o trabalho que lhe custou que lhe permita entrar de novo na Ordem, não tem interesse em ter um inimigo como eu. — Ameaçou, já que com gentileza não tinha conseguido descobrir nada.

—Não sei até quando poderá se gabar de ser a mão direita do protetor —se vangloriou empurrando-o com o ombro para ficar livre. Eu ficaria de olho na sua filha. Pode ter certeza de que ela será sua ruína.

Dino não virou a cabeça para olhá-lo, nem sequer para desfrutar da cara

de absoluto assombro que ficou pintada no rosto do Marchese.

Matteo não compreendeu a ameaça, no entanto, o tom desta foi inequívoco. Tinha cometido o erro de permitir que Lucrécia tomasse conta da sua filha, e essa era sem dúvida a ruína da qual falava o barão.

Não havia dúvida de que se referia ao pequeno escândalo na ópera, que se não fosse por sua rápida intervenção advertindo Giuseppe, com toda certeza teria terminado na desonra pública de sua filha.

Decidido a levar a bom porto o matrimónio, e cortar pela raiz qualquer possível imoralidade, abandonou a Ordem com a firme intenção de averiguar qual era a razão pela qual Dino tinha feito referência a Aria nesses termos tão pouco claros.

No outro lado da cidade Alessandro voltava a mergulhar entre as águas podres da sociedade. Seu próximo casamento e seu recente encontro com a baronesa foram os temas de conversa que dominavam as fofocas de salão dos últimos dias.

Enquanto, em seu interior, se debatia entre o alívio pelo acolhimento de sua prometida, e o desespero, fruto dos ciúmes irracionais que Leo despertava nele.

Consolou-se com a ideia de que em breve estaria casado com Aria, e uma vez que isso acontecesse se esforçaria em conseguir que ela o amasse, ainda que entretanto tivesse que compartilhar seu coração com outra pessoa.

Capítulo 31

Os dias passam velozes quando a mente e o corpo estão muito ocupados para dar-se conta do passar do tempo, e isso foi o que aconteceu a Aria Colonna, que sabia que a sua vida estava prestes a mudar no mesmo dia em que regressaram a Veneza. Os dias anteriores haviam passado sem muito ruído: a lenta recuperação de Leo, as telas, os desenhos e os testes de vestuário, haviam dominado até o último de seus minutos.

Só um pensamento havia sido capaz de entrar em sua cabeça, e apesar do que pudesse resultar natural, não estava relacionado com o evento que a tornaria uma mulher casada.

Na solidão de seu quarto, e antes de cair profundamente adormecida por puro esgotamento, a mesma dúvida surgia com insistência: quem era Filippo? Por que alguém agrediu Leonardo? Seu maior temor era que o ataque estivesse relacionado com a Ordem de San Marco, e que por tanto fosse ela a causa. Que sua futura cunhada tivesse insinuado que era ela a culpada do assalto a sua guarda pessoal, e que apenas se separasse da cama do enfermo, aumentava suas suspeitas. Beatrice estava ciente de seu segredo e a tinha ameaçado divulgá-lo se não abandonasse Veneza. Teria cumprido sua ameaça apesar de tudo?

Foi precisamente Beatrice e sua insistência em cuidar do doente, que o impediu de manter a conversa que esclareceria suas dúvidas.

Sua intenção era comentar com seu noivo, mas a visita de Alessandro em Lamarte foi breve, e tampouco havia sido capaz de pensar em nada mais que nele enquanto estiveram juntos e a sós na mesma sala.

Em qualquer caso, era ela que tinha de descobrir a verdade, e a principal fonte de informação ainda estava muito fraca para ser alterada pelas memórias da surra.

Dois dias depois do regresso à cidade, e depois de ver muito pouco o seu futuro marido, chegou o dia do casamento. O momento em que se tornaria a esposa do homem que amava e com isso na viscondessa de Mon, um título que exigiria dela sua contínua presença nos bailes da nobreza.

Durante o retorno a Veneza, mais uma vez, tinha sido sua cunhada quem lhe havia comentado, enquanto escolhiam um talheres, os planos que seu irmão tinha preparado para eles: em lugar de na mansão Lido, como ela tinha suposto, iam viver no palazzo Sinibaldi, propriedade do Visconde de Mon há gerações.

A descoberta esteve a ponto de arrancar-lhe um suspiro de alívio, ao saber que não teria a seu sogro no quarto contíguo, mas por educação se conteve.

O casamento teve lugar na Basílica de São Giorgio Maggiore, cuja

fachada em forma de templo clássico, contrastava com o desmesurado fanatismo cristão da Ordem de São Marco, à qual pertenciam a maioria dos convidados ao enlace.

Aria entrou de braço com seu pai na igreja, sentindo que o correto teria sido que fosse Tomaso quem a levasse ao altar, e a entregasse ao noivo, já que tinha exercido mais como seu pai do que o Marchese.

As ausências de sua avó e do chefe de quadras pesaram no coração da jovem. Nem mesmo Leo, que tinha por perto, havia assistido. Não obstante, apesar do amor profundo que lhes professavam, ficaram eclipsados pela presença do que logo seria seu esposo, que a esperava ao outro lado do corredor ataviado com uma jaqueta negra e um colete cinza que destacava a cor de seus olhos. Suas calças escuras cingiam os músculos de suas pernas.

Alessandro sentiu a garganta secar assim que a viu desfilar pelo corredor da igreja. Levava o cabelo coberto com um véu, mas, ainda assim, seus indomáveis cachos vermelhos brilhavam, através da tela, com o brilho das velas que iluminavam o altar.

Quando chegou ao seu lado, ficou tentado a dar-lhe a mão para beijá-la e confirmar que era verdade que estava prestes a tornar-se sua mulher. No entanto, ele se conteve para não alertar seu pai da profundidade de seus sentimentos por ela, sabendo que fazê-lo seria como dar-lhe uma nova arma com a qual ameaçá-lo.

Seguindo o ritual e em um gesto tão antigo como simbólico, Matteo Colonna colocou a mão de sua filha entre as de seu noivo e se colocou atrás dos noivos, no lugar que lhe correspondia como pai da noiva.

Depois disso Alessandro repetiu o que devia repetir e respondeu quando lhe foi perguntado, enquanto cada fibra de seu corpo e de seus pensamentos se centravam na mulher que estava a seu lado.

Minutos depois, o sacerdote lhe permitia beijá-la, já convertida em sua esposa, e recebia os cumprimentos dos convidados.

Como mandava a tradição organizou-se uma refeição no palazzo Colonna à qual assistiu a nobreza em pleno e os burgueses mais poderosos, inclusive o Dux se aproximou até ali para saudar os recém-casados, e mostrar assim o seu apoio e afeição à família Ruspoli.

Todo mundo parecia estar se divertindo, Alessandro havia abandonado o salão para acompanhar Francesca que já estava de saída. A marquesa tinha-lhe pedido que a visitasse o mais depressa possível, e Aria soube sem necessidade de acrescentar mais nenhuma palavra do que queria conversar sua nova avó; seu pai sorria triunfal com uma taça na mão e inclusive Beatrice tinha se mostrado amável:

—Estas preciosa, irmã —Ela disse-lhe com um sorriso que parecia sincera.

—Não é necessário fingir que você gosta de mim, Beatrice. Sei muito

bem que não é assim —a desafiou a negar.

Ainda sentia recentes as ameaças de sua cunhada para que se fosse e deixasse Alessandro.

—Quem disse que não gosto de você? Comecei a gostar de você desde que descobri que era você quem acompanhava meu irmão na noite do carnaval.

Demorou alguns segundos para que a confusão se pintasse em seu rosto antes de entender a que se referia.

—Eras tu. O casal...eras tu.

—Sim. Meu acompanhante se chama Filippo. — Aria piscou surpreendida—. Se te contar, é para que compreendas que o que aconteceu com o Leo é culpa minha e de ninguém mais —confessou, esperando que ela a esbofeteasse, que lhe gritasse ou que fizesse algo que tirasse o peso de culpa que sentia em seu peito.

—Suponho que te julgue mal. —aceitou com humildade sua cunhada, depois de tê-la olhado em silêncio uns segundos.

—Você me julgou mal?

—Eu acreditava que não tinha sentimentos. Que era uma harpia cruel e impiedosa.

Beatrice soltou uma risada, e a olhou com renovada admiração.

—Eu sou. Não se deixe enganar —avisou, muito assustada para

permitir que alguém soubesse de sua verdadeira natureza.

—Primeiro Alessandro e agora Leo... Ama os mesmos homens que eu amo: meu marido e meu melhor amigo. Não posso te odiar por isso explicou dando a volta e voltando a suas tarefas de anfitriã.

Os noivos foram os primeiros a sair da festa. Uma gôndola os esperava às portas do palazzo para transportá-los para sua nova casa. Durante o caminho aproximou-se de seu já esposo, buscando seu calor e ansiando seus beijos, mas ele manteve a compostura, e apesar de que Aria notava seus batimentos acelerados na palma da mão que tinha encostada sobre seu peito, não deu nenhum outro sinal de compreender o que sua esposa procurava dele.

Foi um caminho curto. Em poucos minutos encontraram-se em frente a Sinibaldi, e tal como Alessandro tinha esperado, Aria apaixonou-se pelo palazzo assim que pousou seus olhos nele. Ele se parabenizou mentalmente por ser capaz de antecipar as reações de sua esposa.

Seu novo lar era imponente, mas não ostentoso. Era fácil imaginar-se vivendo nele e formando uma família. A imagem de umas crianças correndo pelos salões lembrou-lhe que tinha uma conversa pendente com seu marido que não podia atrasar mais.

—Gostaria de falar com você, uns minutos.

—Falaremos, mas antes, permite que te mostre o dormitório para que possas mudar de roupa e descansar —ofereceu-se tomando sua mão e

colocando-a sobre seu braço.

—Está bem, mas não te esqueças, por favor.

Levaram-nos para o primeiro andar, e avançaram pelo corredor até parar na porta do que supôs, seria seu quarto.

—Quando tiveres descansada, mostro-te o resto da casa e apresento-te os teus empregados. Luz continuará sendo sua criada, a menos que queira que procuremos outra pessoa para cuidar de você —lhe ofereceu.

—Luz é perfeita. Muito obrigado.

—Só desejo a tua comodidade, que sejas feliz em Sinibaldi. Agora deves deitar-te. Levaras dias encarregando-te de tudo.

—Não estou cansada —se queixou. Queria contar com sua companhia, ele não se dava conta disso?

—Vai querer se trocar, pelo menos —a respeito desse ponto não teve nada que contrariar. O vestido de noiva era belíssimo e tinha o acréscimo de ter pertencido a sua mãe, mas, ainda assim, era muito incômodo e pesado.

Alessandro abriu a porta e se afastou para que ela entrasse primeiro: havia um tapete luxuoso em tons rosados, e enormes quadros com molduras de madeira que ressaltavam o empalado em tons de creme e rosa pastel da parede.

As cortinas das janelas eram da mesma cor rosada e estavam revestidas com fios de cor dourada. Havia um cavalete junto à janela maior, e

espalhadas sobre uma mesa suplementar a seu lado, estavam ordenados, os vasos de cor, as aquarelas e os pincéis.

Aria olhou para o Alessandro, surpreendida por encontrar material de pintura no quarto. O seu marido achava que era bom com as tarefas em que as mulheres ocupavam o seu tempo?

—Era de minha mãe —explicou com uma expressão indecifrável.

Sorrindo com autêntico alívio girou sobre seus calcanhares para contemplar o resto da estadia.

A lareira com a prateleira de mármore rosa era grande o suficiente para aquecer todo o quarto, de fato, ocupava grande parte da parede.

Os olhos de Aria dirigiram-se até a enorme cama de quatro demarcações que presidia no quarto.

—Troca-te e descansa. Voltarei mais tarde. — Disse o Visconde, virando-se para ir embora.

—Vamos dividir um quarto?

—Claro. Estamos casados Ele acabou com o olhar de aço.

—Eu sei. É que minha madrinha me disse que nem todos os casamentos fazem isso Se desculpou pela confundida reação.

—O nosso o faz —disse, antes de abandoná-la.

Ainda não tinha passado a hora de descanso, quando Alessandro entrou novamente como um vendaval. Parou assim que viu que a mulher não tinha

nada além de uma bela camisola e estava descalça. Engolindo saliva, estendeu-lhe a nota que levava nas mãos, e que o havia levado a toda pressa até seu dormitório.

A jovem a leu, mas continuou tão desconcertada como estava antes de fazê-lo:

—Não compreendo —disse, devolvendo-lhe.

—Um integrante da Ordem solicitou o ritual do tálamo nupcial —disse com os dentes fechados.

—Li, só não entendo em que consiste esse ritual.

—Deus, Aria! Você é tão inocente. Significa que haverá alguém presente quando consumirmos nosso casamento.

—Por que? — a cor havia abandonado seu rosto.

Não tinha a certeza do que era consumir o casamento, mas não estava disposta a fazê-lo em público.

—Eu não tenho certeza.

—Avisámos o teu pai —pediu. Disposta a qualquer coisa para evitar a humilhação.

—Não seja iludida. Na Ordem não acontece nada sem que meu pai saiba.

Capítulo 32

Depois de tanto desejá-lo no final tinha conseguido que seu marido a abraçasse. Os nervos e a notícia do tálamo nupcial tinham conseguido que toda a tensão acumulada explodisse, caindo inconsciente no tapete de seu dormitório.

Ao voltar a si, encontrou-se enrugada pelo aroma de hortelã-pimenta de Alessandro, e refugiada por seus fortes braços. Seu semblante inquieto lhe indicou que continuava dando voltas à carta que havia recebido da Ordem.

—Você está bem? Você me assustou. Eu disse que precisava descansar.

— Não havia sinal da frieza anterior no tom preocupado com que falava.

—Estou bem, talvez um pouco agitada, o que vamos fazer?

—Não vou permitir que lhe façam passar por isto. Averiguarei quem o tem solicitado e o obrigarei a que retire seu pedido.

Apresentou-se para lhe falar de frente:

—Quem faria algo assim? Mal conheço ninguém nesta cidade, Deus! Não conheço quase ninguém além do povo de Torcello.

—Não tenho certeza, mas acho que sei quem foi o autor — murmurou entre dentes.

—Meu pai? — se deu conta do tremor que tinha soado sua voz.

—Por que seu pai iria fazer algo que prejudicasse seu sobrenome? Não.

Estou quase certo de que é obra de Livia Benso.

— Sua amante?

—Não, Aria. Ela nunca foi minha amante. Foi a amante de meu pai, mas jamais a minha.

—Ouvi dizer que a roubaste de teu pai, e quando ele me atacou no baile, pensei que era ela.

—É verdade que flertei com ela para incomodar meu pai, mas não houve mais que isso entre nós —explicou, sem se mexer.

—Ela queria mais. — Adivinhou, Aria.

—Não foi mais que um flerte para mim. De qualquer maneira, irei vê-la agora mesmo para descobrir se minhas suspeitas são certas.

—Por favor, eu não quero que você a veja. Tenho certeza que essa tem sido a sua intenção desde o início. Que a procure, para pedir algo em troca de retirar o pedido do tálamo nupcial.

—Não creio que seja essa a razão. Tenho certeza que pretende vingar-se de mim através de você —especulou Alessandro.

—A que se refere? — perguntou confusa pela segurança que Alessandro mostrava.

—Ele quer que a tua primeira vez seja humilhante para que depois desta noite te recuses a deitar-te comigo. Não posso permitir que isso aconteça nem que passe por isto por minha culpa. Devo obrigá-la a se

retratar. — Aria notou a tensão de seus músculos.

—Marido, por favor. Não quero que esteja perto de você.

Havia tanta veemência na petição que não pôde mais que ceder a seus rogos. Podia compreender sua reação, os ciúmes, pois ele também os sentia.

—Não vou procurar a baronesa. Terei que conversar com meu pai, com a Ordem em pleno se for necessário, mas isso não ficará assim.

—Não deve enfrentá-los —deu-se conta de que não podia enviá-lo a defendê-la ante a Ordem sem que conhecesse a verdade que lhe escondia. Merecia escolher livremente—. Não pode fazê-lo sem conhecer tudo de mim...Embora também seja possível que depois já não queira fazê-lo.

—Do que está falando?

—Eu te amo, Alex. Não sei dizer-te exatamente quando comecei a amar-te, mas agora amo-te e preciso de ser honesta contigo.

—Me ama? — se maravilhou.

—Sim, mas pode não ser suficiente para você quando eu lhe contar a verdade. Desde que eu nasci eu possuo um dom —se calou para avaliar sua reação. Continuou falando ao ver que não parecia nem espantado nem enojado, mas interessado. Posso acalmar a dor das pessoas com minhas mãos. A Ordem a que pertences acabaria comigo sem remorsos se soubesse o que posso fazer. O fato de teres casado comigo é uma traição àquilo em que acreditas.

—A única coisa que acredito agora é em você —murmurou com sua boca colada à dela. —Desde que te vi pela primeira vez em Torcello soube que era especial, acaba de me confirmar que tinha razão.

Seus lábios pressionaram sobre sua boca que se abriu com ânsia. Ela se moveu em seus braços para ficar sentada sobre seu marido, que emitiu um fraco gemido quando sentiu a pressão do corpo de sua esposa sobre sua carne inflamada.

Sentindo-se poderosa enterrou suas mãos no cabelo sedoso preto e atraiu-o todo o perto que lhe permitiu a barreira da roupa. Podia sentir seu calor aprisionar seus seios, duros pelo contato. Com um grunhido gutural Alessandro agarrou um deles em sua mão enquanto desenhava círculos sobre o mamilo através da camisola. A mão livre subiu pela suave perna de sua esposa até alcançar o triângulo em que convergiam ambas as extremidades.

Sentiu seu respingo na boca, enaltecendo-se por ser o único em fazê-la vibrar desse modo, aprofundou o beijo, saqueando seus sentidos. Sua proximidade acendia seu sangue e sua resposta desinibida o fazia enlouquecer de desejo. Consciente do rumo que estavam tomando suas carícias, obrigou-se a afastar-se dela.

—Devemos parar antes que perca por completo a razão —pediu com a respiração entrecortada e o pulso martelando na virilha.

—Gostaria que me beijasse.

—E eu quero fazê-lo, mas se não for capaz de parar esta loucura do tálamo nupcial não quero que fique em dúvida sua honra. Além disso, confiaste em mim, devo-te o mesmo que me ofereceste.

—O que você não me contou? — adivinhou ela.

—Não pertenço à Ordem de São Marco —ante o cara dela, Alessandro se apressou a esclarecer, —quero dizer que não comungo com suas ideias. Espera, tenho uma coisa para ti que talvez te ajude a compreender.

Esticando o braço abriu a cômoda que havia junto à cama e tirou uma caixinha negra e dourada que lhe deitou:

—Abra, é meu presente de casamento.

Com as mãos trêmulas, Aria fez o que lhe pediu e encontrou o anel familiar da Ordem de São Teodoro, só que a pedra que os dragões seguravam não era um rubi, mas uma safira.

Era da minha mãe. Agora que você é da minha família você deve levar a pedra que nos representa.

—Nos representa?

—Estou em San Marco infiltrado, Aria. Eu jamais comungaria com as ideias da Ordem.

—Eu sei, e amo-te por isso.

—Também te amo, Aria. Pensei que ia morrer quando soube que tinhas deixado Veneza e que tinhas levado o Leo contigo confessou, envergonhado.

—Oh, Alex! Há tantas coisas que tenho que te contar.

E assim, ela contou-lhe o que tinha acontecido com Beatrice e como ela tinha sido forçada a sair sem escolha.

Durante duas horas falaram livremente de tudo o que se interpusera entre eles, sem que nenhum dos dois se atrevesse a confessá-lo por temor a ficar demasiado expostos um ao outro. Completamente apaixonados, e sem saber como lidar com o que sentiam.

Deixaram de falar quando foi necessário acender as velas para distinguir-se na escuridão de seu dormitório. Tinha chegado o momento de enfrentar a Ordem.

Era a primeira vez desde que Aria tinha visitado o berço da Ordem de São Marco, que não os recebiam na cripta do palazzo, mas os conduziam até um salão ricamente decorado em prata e azul. Apesar da beleza do lugar, Aria não prestou atenção a nada que não fossem as três pessoas presentes: o Protetor, com um olhar compassivo no rosto, seu pai, que fazia verdadeiros esforços para se manter de pé, devido ao álcool ingerido, e tal como havia deduzido seu marido, Lívia Benso.

—Quanto tempo demoraram! — comentou a baronesa com falsa alegria—. E eu que pensava que estaria ansioso por consumir seu casamento.

—Você é uma víbora vingativa espetou Alessandro com asco.

—Isso já você sabia, meu filho, e ainda assim decidiu cortejá-la. De

verdade pensou que se retiraria sem mais? — E acrescentou. — Querida, não tens de te preocupar que o teu pai não esteja em condições de te proteger. Faz algumas horas que faz parte de minha família e eu cuido dos meus.

—Obrigado, Protetor. Tendo você e meu marido ao meu lado, não preciso de mais ninguém, disse olhando de frente para seu pai.

—Não seja impertinente! — balbuciou o Marchese.

—Que surpresa! A gatinha tem garras —comentou a baronesa com estudada indiferença.

—Não só tenho garras, signora. Também tenho honra e conheço o significado da palavra lealdade. É por isso que estou disposta a cumprir com o tálamo nupcial, mas sob as minhas condições, não abaixo das suas.

—E quais são essas condições de que fala? — Não passou despercebido a ninguém que a Lívia lhe tinha dado o nome, como se fosse uma criada ao seu serviço.

—Não vou consentir que haja ninguém presente no quarto. Estaremos meu marido e eu, você pode nos esperar fora.

—Aria, não vou consentir que ninguém...—começou seu marido.

—E como saberei que a consumação foi realizada? Como terei a certeza de tua pureza? A Ordem é muito estrita nestes temas, o tálamo nupcial é um direito que pode solicitar qualquer de seus integrantes. Só exerci meu direito. — Ameaçou com sutileza.

—Você o disse, Livia. Por seus integrantes —lhe espetou Giuseppe, cravando nela um olhar ameaçador.

—Isso não será necessário. Eu o farei. Não há nada que me apeteça mais do que estar com o meu marido enquanto ela espera para confirmar o que todos sabemos, que me pertence.

Alessandro sentiu que o orgulho lhe invadia quando viu a sua esposa enfrentar Livia. Não havia dúvida de que Aria era uma mulher corajosa que o amava profundamente. Apesar de ter suas reticências sobre consumir o matrimônio no território da Ordem, não queria contestar a sua esposa, e muito menos diante de ninguém.

Algumas horas antes, ele a tinha explicado, sem entrar em muitos detalhes, o que significava consumação. O fato de ter vivido no campo rodeada de animais lhe havia evitado que tivesse que explicar-lhe os pontos mais delicados do encontro entre um homem e uma mulher.

—Vamos! — pediu a Viscondessa.

E tanto o seu pai como Livia ficaram surpreendidos com a sua postura. Matteo Colonna, por sua vez, havia adormecido em uma cadeira, em algum momento da conversa. O seu sogro estava tão bêbado que nem sequer tinha compreendido a humilhação a que Livia quis expor a sua filha.

Se não fosse a descrição do seu pai, toda a Ordem teria conhecimento de que o tálamo nupcial seria celebrado. Alessandro franziu a testa, estava em

dívida com o pai por proteger sua mulher.

—Não temos que fazer isso, Aria. somos só você e eu, ninguém nunca saberá, querida.

—Eu saberei, Alex. E o que disse antes é certo: te amo, e desejo estar contigo, não me importa onde. Mas a minha parte egoísta quer fazer mal àquela bruxa que me tentou humilhar, preciso que ela saiba que me pertences, que nunca lhe vais tocar do modo como me tocas, que...

Não pode terminar. Sua boca a capturou enquanto suas mãos subiam pelas costas, e se afanavam em desabotoar os botões do seu vestido, que segundos depois caiu em seus pés como uma piscina de seda azul.

Sem deixar de beijá-la, levou as mãos a seu cabelo e se desfez das presilhas que o prendiam em um recolhido. Foi deixando cair uma a uma sobre o chão.

Sem deixar de beijá-la tirou a jaqueta e a gravata, ia desabotoar a camisa quando Aria se separou de seus lábios e com a voz enrouquecida pelo desejo declarou que queria fazê-lo ela.

Devagar foi desabotoando os botões, com cada um ficava ao descoberto mais porções da dourada pele de Alessandro que ela regava com beijos. Apertando os dentes, para conter a vontade que sentia de deitá-la na cama e fazê-la sua, permitiu que continuasse descobrindo seu corpo com doces carícias. Quando a camisa estava no chão, Aria o empurrou delicadamente

para que se sentasse na beira da cama, e o ajudou a tirar as botas, depois levou suas mãos até o botão de sua calça com intenção de ajudá-lo também a desprender-se dele.

Consciente de que não duraria muito mais se ela se empenhasse em dedicar atenções a essa parte de seu corpo, Alessandro se levantou e a fez girar para desatar os laços de seu espartilho.

Coberta só por uma fina camisola e as meias, sentia-se mais acalorada do que quando tinha estado completamente vestida.

Fazendo recolhimento desse caráter decidido que a caracterizava livrou-se da camisola, ficando com os sapatos e as meias como traje. Os olhos de Alessandro se ampliaram pela surpresa. Sem afastar seu olhar de seus olhos aproximou-se e a arrastou com suavidade até a cama. Tinha chegado o momento em que as calças eram um estorvo, de modo que as tirou para deslizar com cuidado sobre ela.

Ele entreteve-se com os seios, tocou-lhes várias vezes, mas vê-los era muito mais erótico do que senti-los nas palmas das mãos. Inclinou-se e roçou-lhe um mamilo com os dentes, depois meteu-o na boca e sugou-o com delicadeza. A mulher agarrou-o pelo cabelo e colou-o ainda mais. Os sons que emitia, ligados ao calor da sua pele e do seu aroma, estavam a destruir o seu autocontrole.

Com o desejo varrendo em ondas em seu corpo separou-lhe as coxas e

se instalou entre elas, a pele de Aria era suave e cheirava a violetas. Percorreu o longo caminho de suas pernas até chegar ao ponto que tanto ansiava, sentindo seu respingo quando deslizou os dedos por seu centro, estava úmida, mas não o suficiente. Com suavidade deslizou um dedo em seu interior.

—Alex —sussurrou surpreendida pelo gesto—. Pensei que ia me beijar.

—Shhhh confia em mim, meu amor —pediu-lhe sem se aposentar. Eu te beijarei. Eu prometo.

Voltou a inclinar-se sobre ela, beijando e mordiscando a pele sensível de sua garganta.

—Alex, quero ver-te, pediu sem solução.

—Depois.

—Agora, quero te ver e te tocar.

Seu marido sabia naquele instante que nunca lhe poderia negar nada. Quando se levantou, ficou à frente dela, sentada à beira da cama, a olhar para o corpo nu do marido.

—Es magnifico —Disse em um sussurro.

Para sua surpresa Alessandro que sentiu envergonhado ao escutar o elogio. Jamais havia acreditado que nenhuma mulher lhe acreditasse atrativo, sua cicatriz sempre o tinha embaraçado. Mas com o olhar de sua esposa sobre seu corpo soube que a admiração dela era sincera.

Sem hesitar aproximou suas mãos até a suavidade de aço de seu marido

e curvo seus elegantes dedos sobre ele. O som que escapou da garganta de Alex, assustou-a e a fez sentir poderosa ao mesmo tempo, acariciou-o com delicadeza, com medo de lhe fazer mal, mas seu marido não procurava finuras, curvou sua mão direita sobre a dela e sem deixar de olhá-la lhe mostrou como devia lhe agradar. Aria ficou tão excitada como nunca sentiu.

—Suficiente —pediu com voz rouca—. Agora, signora esposa, vou cumprir seu pedido e vou beijá-la como me pediu.

Com desejo, deitou-a de costas e levantou a perna para a enroscar na anca e descer, lentamente, a meia que a cobria. A pele era tão suave e delicada que sentia que não podia suportar mais tempo sem estar dentro dela.

Com a cabeça a girar repetiu a ação na outra perna até que a teve completamente nua e à sua mercê. Foi quando cumpriu sua promessa e ajoelhando-se aos pés da cama afundou sua língua em seu corpo escorregadio. Seu sabor era tão irresistível que mal podia conter-se para não afundar-se nela e deixar-se levar pelo desejo. A necessidade estava deixando-o louco.

Quando sentiu o clímax de sua esposa soube que tinha chegado o momento de tê-la por completo.

Levantou-se com joelhos trêmulos e pôs as pernas de Aria sobre seus ombros para facilitar a penetração e minimizar as moléstias. Com mãos trêmulas colocou seu membro entre suas brancas coxas e pressionou com

lentidão para que fosse acostumando-se a tê-lo dentro.

Ela pregou seus olhos expressivos em seu marido que não havia deixado de olhá-la em nenhum momento. Pouco a pouco foi afundando-se nela, enquanto suas mãos e seus lábios beijavam e acariciavam suas pernas. Notou a barreira de sua virgindade e parou para respirar. Jamais havia desejado a ninguém tanto, nem havia temido tanto machucá-la.

—Te amo, Alex —disse sua esposa, como se tivesse compreendido sua hesitação.

—Eu também te amo, amore —exclamou enquanto se adentrava totalmente no acolhedor corpo de sua amada.

Aria pestanejou, surpreendida pela picada que sentiu entre suas pernas, mas a dor passou rapidamente, dando lugar a uma sensação agradável que se concentrou em seu ventre.

O Alessandro não se mexeu. Dando-lhe tempo para se habituar ao seu tamanho, mas ao ver o brilho nos olhos da sua esposa soube que a dor tinha passado. Começou a mover-se, lentamente no início e mais depressa depois. Até que finalmente os dois alcançaram o clímax num lugar que nenhum dos dois jamais pensou que lhes traria tal grau de felicidade.

Acha que a baronesa esperará toda a noite para que saíamos? pergunta, Aria sonolenta.

—Não sei. Quer que eu verifique?

—Sim. É o menos que merece.

— Esposa, estou orgulhoso de você, disse ele, beijando-a de tal modo que avivou os membros aleijados de sua mulher.

Veneza, outubro 1741

*Meu Deus! Como pude ser tão ingênua. Só agora percebi que coloquei
Aria em perigo, e que não estarei aqui para protegê-la.*

Que Deus me perdoe se puder. Eu não o farei.

Capítulo 33

Pela segunda vez em uma semana Beatrice Ruspoli voltava a se encontrar às portas do palazzo de sua avó, a Marchesa do Alassio. Embora o motivo que a levava nessa ocasião fosse de outra natureza muito menos perigosa que a da ocasião anterior, que tinha quebrado a promessa que fez a si mesma no dia em que a sua mãe morreu e Francesca se recusou a levá-la para viver com ela. Quando era criança, achava que a culpa era da avó, que não queria cuidar dela porque não era nada parecida com a mãe. Quando cresceu soube que seu pai era quem não tinha permitido que vivesse junto à única mulher de sua família que ainda vivia, mas o rancor acumulado durante esses anos em que se sentira abandonada teve mais lugar que a lógica e o senso comum.

Depois do casamento de Aria, e tendo em conta o estado em que se encontrava Leo, Francesca tinha-se oferecido para abrigar o jovem em sua casa, e com isso ganhara o respeito eterno de sua neta.

O marido de Isabel Doglio estava a ponto de retornar de sua viagem, e não teria sido muito acertado que encontrasse a Contessa ao cuidado de um jovem a quem não lhe unia nenhum laço de sangue.

A simpatia que Aria tinha sentido por Francesca e o fato de pertencer à Ordem de São Teodoro, tinham inclinado a balança a seu favor, e havia

aceitado sua generosa oferta. Decisão que tinha satisfeito Beatrice, que poderia visitá-lo sem levantar suspeitas ou fofocas sobre sua relação.

Aos olhos da sociedade o casamento do Visconde tinha limado as asperezas que separaram a avó e a neta durante tantos anos.

Para surpresa de todos os envolvidos, o Duca de Lido não se tinha oposto a que retomasse o vínculo com a sua avó, e ali estava ela de novo, esforçando-se por recuperar a sua relação perdida e estabelecer uma nova.

Cicero abriu a porta, impassível, fazendo honra a seu nome:

—Bom dia, nobildonna cumprimentou com formalidade, embora seus pequenos olhos brilhassem joviais.

—Bom dia, Cicero. Me alegra voltar a te ver.

—Obrigado, Signorina Beatrice.

A jovem sorriu com prazer.

—Parece que ganhei seu apoio de novo – desdenhou com um sorriso — pois voltei a ser Beatrice e não nobildonna.

—Se me permite dizer que nunca perdeu o apoio de ninguém nesta casa.

—Obrigada —respondeu com humildade. A emoção nos olhos do mordomo se lia clara e cristalina.

—Cicero, deixa de entreter a minha neta —pediu a voz da Marchesa que se aproximava lentamente pelo corredor—, muito temo que não veio a

nos ver nem a você nem a mim.

—Como está o Leo, avó?

—Vê, aí está a prova. Nem sequer se dignou a me dar bom dia.

O velho empregado assentiu com a cabeça e dirigiu-se em silêncio até a cozinha.

—Bom dia, avó. Como passou a noite Leo? O doutor o visitou?

—O doutor veio e disse que está muito melhor. O paciente insistiu em levantar-se, mas quando estava a ponto de conseguir que cedêssemos a seus desejos, chegaram seu irmão e sua esposa e se acalmou.

—Alex está aqui? — a incredulidade era fácil de reconhecer em seu tom.

—Sim. Aria e ele estão falando com Leonardo neste momento. Você parece surpresa.

—Bem, eu estou.

—Não deverias. Teu irmão está apaixonado por sua esposa, jamais se negará a seus desejos.

—E você acha que ela quer que ambos se deem bem —disse Beatrice.

—Claro. Está claro que sua cunhada gosta de Leonardo. Pelo que entendo são amigos desde crianças, é lógico que procure aproximá-los, do mesmo modo que é compreensível que seu irmão se sinta possessivo em relação a ela.

—Acho que quis dizer ciumento. E sim, é verdade que Aria e Leo são amigos desde pequenos —reafirmou, conhecendo o quanto se valorizavam um ao outro. —Espero que Alex seja muito feliz em seu casamento.

—Eu também. Seu irmão merece.

—Não espera que eu discuta isso? — bufoneou Beatrice, tomando-a pelo braço para acompanhá-la ao salão.

Aria abraçou-se mais nos braços de seu marido, sentindo-se segura e sabendo-se amada.

—Onde se reúne a Ordem de São Teodoro? — perguntou curiosa.

Tinham dedicado o dia a devolver as visitas recebidas, e durante todo esse tempo não tinham deixado de falar, tentando conhecer-se melhor agora que já não havia nenhum segredo ou meia verdade que se interpunha entre eles.

—Em nenhum lugar. Somos muito numerosos para habitar um espaço ao mesmo tempo. A Ordem de São Marco é muito elitista, mas nós aceitamos qualquer um que esteja disposto a contribuir com algo benéfico para o próximo. Qualquer um que acredita na justiça pode solicitar o ingresso na Ordem. — Explicou enquanto brincava com as fitas rosadas da camisola de sua esposa.

—Como sabeis que deveis agir? Que há alguém que requer de vossa

intervenção.

—Como te digo, cada um de nós faz o que pode, e isso inclui ter infiltrados em quase todos os âmbitos sociais de Veneza. De qualquer modo, há um pequeno convento no Castello a que recorrer quando se precisa da Ordem de São Teodoro.

—Eu gostaria de ajudar. Compartilhar meu dom com aqueles que sofrem. Sempre quis servir para algo e agora posso fazê-lo. — Comentou com certa timidez e temor que Alessandro se opusera.

—Você fará, eu prometo. Mas antes devemos nos assegurar de que não correrá nenhum perigo —ofereceu ele. Vamos falar com a minha avó e ela vai aconselhar-nos a melhor maneira de o fazer, sem que te magoes.

—De acordo.

—Incrível. Você nem sequer protestou. Parece que meus dotes de persuasão estão melhorando —brincou depositando um beijo no alto de sua cabeça vermelha.

—Não se trata disso. Quero te agradar.

—Isso você já faz —Ela disse rindo, interrompendo seu discurso.

—Não é tão engraçado como pensa, signore Ruspoli. O que quero dizer é que você aceitou o Leo por mim, e quero que saiba que também cederei por você sobre aquilo que te faça feliz. Além disso, gosto da tua avó e confio nela.

—A minha avó é maravilhosa, tal como tu.

—Quero que sejamos felizes. Não quero o casamento que meus pais compartilharam. Tenho o diário da minha mãe, e é tão difícil lê-lo e saber o quão horríveis foram os seus sonhos românticos.

—O dos meus pais tampouco foi muito idílico. Minha avó está convencida de que meu pai matou a minha mãe. Eu, não sei o que acreditar

—Como sua mãe morreu?

—Caiu no canal enquanto voltava para nossa casa daqui. Minha mãe vinha pintar nesta casa. Deve ter tropeçado e batido a cabeça, porque não houve gritos. Ninguém a ouviu nem pôde socorrê-la.

—Eu sinto muito. Você deve sentir muito a falta dela —disse virando-se em seus braços para abraçá-lo.

—Cada dia. Mas você não deve se preocupar com nada. Sou feliz porque estamos juntos. Sua única presença me alegra a existência. Quanto ao teu amigo, não o fiz só por ti, acho que a minha irmã gosta dele.

—Eu também acredito. E de todo coração espero que possa correspondê-la. Ao princípio não me pareceu boa para ele, mas a noto mudada, sua doçura é cada vez mais real...espero que descubram como são perfeitos um para o outro.

—Estou certo de que Beatrice acabará por lhe mostrar. Minha irmã não se dará por vencida com facilidade. — A diversão da sua voz disse à Aria que

se alegrava ao imaginar Leo sucumbindo sob os poderes de persuasão dos Ruspoli.

—Crês que Livia se deu por vencida contigo? — perguntou mudando de assunto.

—Não tenho dúvidas disso. Depois de ver sua expressão quando deixamos o dormitório em San Marco, estou convencido de que se manterá longe de nós para sempre. — E acrescentou com a voz mais séria. Além disso, por mais difícil que seja de admitir, o meu pai ficou do teu lado, tenho certeza que ele a vai pôr no lugar dela se ela te tentar magoar outra vez.

—Não suporto essa mulher! Acaba de voltar a me fazer a mulher mais feliz de Veneza.

—De Veneza, você diz? Nesse caso terei que me esforçar mais para te fazer a mais feliz da terra —murmurou com a boca colada em seu pescoço.

Capítulo 34

Veneza, julho 1741

Sinto o pulso bater violentamente contra minhas têmporas. As minhas mãos tremem tanto que não sei se vou poder escrever neste diário o horrível ato que presenciei esta noite, e que pesa sobre os meus ombros como se tivesse sido obra minha.

Tinha assistido com Matteo à ópera, mas devido ao meu estado me senti indisposta durante o primeiro ato. Consciente de que não ia suportar outros dois, meu marido dispôs que os lacaios me acompanhassem até em casa, já que não podíamos abandonar o camarote os dois e evitar as murmurações.

Estava a ponto de subir na carruagem quando Giuseppe Ruspoli, Duke de Lido se ofereceu a me acompanhar, alegando que lhe vinha de caminho e que um passeio ao ar fresco acalmaria meu mal-estar.

Não pude recusar, e não o fiz. Esse foi meu primeiro erro.

O segundo foi permitir que me beijasse, fato que desencadeou o inferno.

Serena Ruspoli nos encontrou às portas de minha casa e acabou flutuando no canal...

Um grito descontrolado escapou da garganta da Aria quando leu o último parágrafo. Levou as mãos à boca como se quisesse voltar a pôr nela o som dito.

Sua cabeça girava, repleta de interrogações. No entanto, não se sentia com forças para seguir lendo o diário.

Ele olhou para o seu colo quando ouviu a porta do quarto abrir. Nem sequer sabia que alguém tinha telefonado e ela tinha-o convidado.

Luz passou com uma bandeja de prata na mão. Nela havia duas notas a seu nome. A primeira delas era de seu sogro. Abriu a segunda, já que não reconheceu a letra e sentiu curiosidade. O conteúdo a deixou paralisada e pálida como o papel que sustentava:

Nobile, Viscondessa:

Permito-me o atrevimento de lhe escrever para lhe notificar a triste notícia de que seu estimado pai: Marche de Vurano, faleceu.

Peço-lhe que vá ao palazzo Colonna para que tomemos as medidas oportunas para seu enterro.

*Paolo Benetto
Mordomo de Palazzo Colonna.*

A nota escorregou de seus dedos trêmulos. Sentiu que Luz a tomava

pela cintura e a obrigava a sentar-se na poltrona de leitura junto à janela. Ouviu a sua criada chamar alguém e depois de um tempo que não soube estabelecer, deram-lhe uma infusão nos lábios para que tomasse.

A outra nota ficou na bandeja sem abrir:

Querida filha,

Espera-me em tua casa. Em meia hora estarei ali. Mandeí aviso a Alessandro para que volte contigo, há algo urgente que devo comunicar-vos.

*Giuseppe Ruspoli
Duca de Lido*

Uma semana depois, Aria ainda não tinha conseguido livrar-se da impressão daquele dia fatídico. A leitura do diário e a morte de seu pai tinham-na mergulhado num letárgico mutismo do qual apenas saía graças ao afeto de seu esposo.

A morte de Matteo Colonna tinha sido tão semelhante à de Serena Ruspoli que Aria não sabia o que pensar. Seu pai tinha caído bêbado no canal onde tinha se afogado.

Sentia-se tão confusa que nem sequer se atrevia a falar com seu marido de suas suspeitas. Por outro lado, o que menos pretendia era enfrentar Alessandro com seu pai, sobretudo porque se confirmassem suas suspeitas, colocaria o homem que amava em perigo.

Seu marido, por sua vez, preocupado com Aria estava se encarregando

de organizar uma viagem a Torcello para que ela pudesse desfrutar da tranquilidade do campo e da presença de seus entes queridos. Sabia que a relação com seu pai nunca tinha sido próxima, mas o estado de tristeza em que se encontrava o inquietava até o ponto de solicitar a ajuda de Leonardo.

Tal e como tinha esperado Beatrice seguia no dormitório do doente, quem se havia recuperado o suficiente para que lhe fosse permitido fazer uma vida de ermitão em palazzo.

—Alex! Como está Aria? — perguntou sua irmã com autêntico interesse.

—Não muito bem. Por isso vim. —Boa tarde, Leonardo.

O aludido respondeu à saudação, ainda perplexo pela visita.

Preciso de pedir-te uma coisa pelo bem da Aria, ele continuou a falar.

—O que está acontecendo? Você está bem?

—Não, esse é o problema. Está melancólica e preocupada. E não me conta o que lhe preocupa.

—Talvez esteja grávida —aventurou Beatrice—. Eu ouvi que algumas mulheres ficam melancólicas e choram frequentemente durante a gravidez.

O rosto de Alessandro se iluminou ante a possibilidade de que sua esposa fosse lhe dar um filho.

—Nesse caso, eu não lhe sirvo para nada —comentou Leo—, o melhor seria que fosse uma mulher a conversar com ela. — E desta vez olhou para

Beatrice enquanto falava.

Desse modo se estabelecera que fora sua cunhada a encarregada de averiguar o motivo da tristeza de sua cunhada. Apesar de nunca terem sido amigas, de o seu primeiro encontro ter sido um desastre, tinham algo muito forte que as unia: amavam os mesmos homens, ainda que de modos diferentes.

A Aria tinha um livro nas mãos quando a Beatrice entrou na sala da cunhada. Alessandro estava em seu escritório atendendo seus deveres de Visconde, com a nobre intenção de lhes deixar intimidade.

— Boa tarde, querida cumprimentou a morena, aproximando-se para lhe dar um beijo na bochecha.

—Que surpresa te ver! Avisarei a seu irmão. — Ofereceu.

— Gostaria de falar com você em particular.

— Claro – aceitou curiosa com o que Beatrice tinha a dizer.

—Não vou andar com rodeios. Sabe que eu não sou assim. Meu irmão está preocupado com você, e reconheço que eu também. O que acontece, Aria?

—Nada. Estou bem.

— Isso não é verdade, e como não acredito que a morte de seu pai tenha te afetado ao ponto em que está, imagino que é algo grave que por

alguma estranha razão não quer compartilhar com seu marido.

—Beatrice, eu...

—Sugeri à Alex que talvez estivesses grávida só para ela me pedir para falar contigo. E não vou sair daqui sem a verdade, podemos não ser grandes amigas, mas me importo com meu irmão, e sua melancolia o está destruindo.

—Não posso lhe contar. Não sem colocá-lo em perigo. Seu irmão não será capaz de ficar parado quando souber.

— Então conte para mim.

Aria esvaziou sua alma em sua cunhada, contou tudo o que havia lido no diário de sua mãe, que não havia se atrevido a voltar a tocar, contou-lhe suas suspeitas sobre a morte de seu pai, a amabilidade que o Protetor sempre teve com ela, e o medo de que Alessandro descobrisse a verdade e o enfrentasse.

Tinha prometido a si mesma nunca mais esconder-lhe nada, e de novo via-se na necessidade de ficar à frente dele e dizer-lhe que não lhe acontecia nada, que não havia nada que a preocupasse. Olhá-lo nos olhos estava a tornar-se uma tortura, e o pior de tudo é que ele não conseguia distinguir o que era verdade do que não era. Sua mãe estava doente, talvez acreditasse que tinha visto algo que na realidade não chegou a acontecer mais que em sua imaginação. Tinha escrito sobre sonhos que não conseguia recordar

—A tua mãe não estava a delirar. A minha avó sempre pensou que o

meu pai era o responsável pela morte da minha mãe, e eu sempre soube que era capaz de matar para atingir os seus objetivos.

— Acha mesmo que ele é...?

—Não é ruim, sabe? O problema dele é acreditar fervorosamente em convicções caducas e obsoletas. Mas sua família importa. — Um brilho delator olhou para seus olhos. —Vi coisas em minha casa que me fazem ser mais crédula do que você sobre o que escreveu sua mãe.

Aria se levantou do sofá e se aproximou até ela com a intenção de consolá-la. Posou uma mão sobre seu ombro com timidez.

— Não se atreva a sentir pena de mim, Aria —se levantou Beatrice.

—Não sinto pena, mas empatia. Meu pai não era melhor que o seu.

A morena assentiu. Durante alguns minutos permaneceram uma ao lado da outra, a mão de Aria no ombro de sua cunhada, compartilhando o silêncio.

Foi Aria quem falou primeiro.

— O que vamos fazer? Faz uns dias levei o diário a sua avó, pensava contar-lhe tudo, mas no final não tive coragem.

— Você fez bem. Ela não poderia lidar com isso, seremos nós que descobriremos a verdade.

— E como acha que faremos isso? Não quero que Alex se envolva.

—Não o fará. Falaremos nós com meu pai —sentenciou—. Amanhã depois do café da manhã virei te buscar.

—Não é necessário. Irei a sua casa eu mesma, direi a Alex que vou te visitar.

— De acordo. Mas até então atua como tem feito até agora, que Alex não se dê conta de nada.

—Que lhe dirá se lhe pergunta por nossa conversa? Ao fim e ao cabo te mandou ele para que falasse comigo.

— Uma história credível —aceitou admirada a capacidade de sua cunhada para improvisar.

— Obrigado, eu acho. Sempre fui boa em mentir, embora seja a primeira vez que eu faço isso para proteger alguém que não seja eu mesma.

— No final acabaremos sendo amigas —ofereceu Aria com um tímido sorriso.

—Suponho que não teremos mais remédio que sê-lo já que é a esposa de meu irmão, e, portanto, de minha família. Ele e a minha avó gostarem de ti é um ponto a teu favor, não podes ser tão má como pensei no início.

— Agora sou eu quem te agradece, suponho —disse devolvendo a brincadeira.

Capítulo 35

Abriu os olhos quando a luz do amanhecer começou a infiltrar-se no quarto e ao fazê-lo encontrou-se com o olhar concentrado do seu marido fixo nela.

O desconforto oprimiu-lhe o estômago, alarmada ante os últimos acontecimentos.

— O que está acontecendo, Alex? Você está bem?

— Muito bem, muito bem. Desfrutava das vistas — disse ele, cravando seus aceros íris no peito que o decote da camisola de sua esposa deixava quase ao descoberto.

Aria riu, libertina. Por um breve instante temia que soubesse a verdade que havia tentado esconder-lhe, que Beatrice tivesse quebrado sua promessa e tivesse contado a seu irmão suas suspeitas.

— Es um descarado, Visconde.

— E você uma provocadora, viscondessa. Me mostrando seus incontáveis encantos com tão pouco pudor — brincou com um sorriso predador.

— Devo adicionar lisonjeiro a sua lista de defeitos.

Não lhe permitiu continuar a falar, Alessandro atacou-lhe a boca, ansioso por a saborear de novo. Separaram-se com a respiração acelerada, em

busca de ar para encher seus pulmões.

—Onde você tinha ido, esposa? Eu senti sua falta —disse com os lábios sobre sua testa macia.

—Eu sei. Desculpe por ter te preocupado.

—Não volte a me deixar. Posso resistir qualquer golpe menos te perder —confessou com infinita ternura.

—Não o fará. Não vou a nenhuma parte.

— Ótimo, porque eu também não vou deixar.

—Terá que ceder de vez em quando, nem que seja para que sinta sua falta. Além disso, esta manhã fiquei em visitar Beatrice —explicou, sentindo-se mal por ter que ocultar-lhe a causa da entrevista.

—Você e minha irmã juntas? Por quê? O que estão tramando?

— Nada —Se desculpou com um nó de culpa na garganta.

Eram pouco mais de nove da manhã quando Aria saiu de sua casa acompanhada por Guido, o filho menor de Valentina, a antiga donzela de sua mãe, que tinha ido servir em sua casa como lacaio, a caminho do palazzo Lido.

Alessandro tinha-se oferecido como acompanhante, mas ela havia recusado sua oferta alegando que desejava caminhar e desentumecer-se dos dias que havia passado, seguindo o costume do luto, encerrada em casa.

Abril se abria trazendo consigo tênues raios de sol que esquentavam

com timidez aos venezianos que começavam sua jornada laboral, os artesãos tiravam à rua seus produtos enquanto os hoteleiros serviam o café da manhã.

Guido não chegou a bater à porta quando esta se abriu e apareceu nela Giuseppe Ruspoli, que saía nesse instante do palazzo para ocupar-se de seu trabalho de Protetor da cidade.

—Bom dia, minha filha. Estava a pensar em ir visitar-te a ti e ao Alessandro, para ver como estavas a lidar com a morte do teu pai, mas a fortuna pôs-te no meu caminho.

—Bom dia, Protetor. Muito obrigado por sua preocupação —disse oferecendo uma leve reverência.

—É meu dever, agora faz parte de minha família. Procura Beatrice ou desejava falar comigo?

— Tinha combinado com Beatrice para fazer umas compras —mentiu com soltura.

—Ele ainda está na cama. Acho que ouvi sua empregada comentar que estava indisposta, disse, e acrescentou dirigindo-se ao lacaio. Vá à cozinha e peça ao chef que te dê de comer, sua signora demorará em voltar para casa.

—Sim, Duca —disse o menino, indo para a porta traseira.

—Vou entrar para ver como está Beatrice, talvez precise da minha ajuda —comentou Aria, desejosa de se afastar o mais rápido possível de seu sogro.

—Então é verdade... — Ruspoli murmurou para si mesmo—. Dino estava certo e Costanza deixou-lhe um diário.

A jovem sentiu que as pernas iriam deixar de segurá-la de um momento a outro. Como podia saber da existência do diário? A única vez que o tirou de casa foi para mostrá-lo a Francesca, e nem sequer chegou a extraí-lo do ridículo¹⁰. E além de Cicero, ninguém mais tinha estado perto do bolsa.

—Perdão? perguntou fingindo não entender o que dizia.

—Acompanhe-me, querida —ofereceu, e ao ver que duvidava acrescentou com firmeza—. Não vou aceitar uma negativa.

Aria pensou em procurar alguma desculpa, mas soube por instinto que fazê-lo só pioraria sua precária situação.

Esperando o momento oportuno para escapar, seguiu seu sogro até a carruagem do Duca, que os esperava a poucos metros do palazzo.

Esperava que Beatrice visse Guido ou ficasse surpreso quando compreendesse que algo importante lhe havia acontecido que lhe impossibilitasse cumprir sua promessa de passar a vê-la naquela manhã, dada a importância da visita.

Acalmando os nervos fingiu que não entendia o que seu sogro pretendia e entrou na carruagem, aceitando sua mão para ajudá-la. Ruspoli foi egocêntrico durante o trajeto, de modo que não houve conversa até que o transporte parou em frente ao berço de San Marco. O Protetor arrastou-a para

a fila de dentes da boca do lobo.

—Falaremos em meu escritório, querida. Lá não seremos incomodados.

Como da última vez que esteve em San Marco, não desceram à cripta. O escritório do protetor situava-se no primeiro andar do palazzo. Aria não sabia se a razão era a hora ou a importância do Duca, no entanto, não se cruzaram com ninguém, o que deixou a jovem mais nervosa.

O escritório era muito sóbrio. Umas enormes prateleiras ocultavam as paredes que não estavam dominadas pelas grandes janelas de cristais de cores que dotavam de luz à permanência. Não havia cortinas, nem tapetes. A única peça ostentosa da mobília era a majestosa mesa de carvalho em que o Protetor trabalhava, dada a quantidade de papéis que repousavam sobre ela.

—Sente-se, minha filha —ofereceu com gentileza—. Dentro de uma hora virá uma donzela com café, mas enquanto chega falaremos.

— Do que quer falar, signore?

— Não seja tão formal, querida. Agora somos família, deve chamar-me Giuseppe ou inclusive pai, se preferir.

—Preferiria Giuseppe.

—Nesse caso que seja Giuseppe. — Aceitou com um sorriso frio.

— Por que estou aqui?

O Duca ignorou a pergunta e continuou a falar do tema que queria abordar.

—Aria, Aria... Que nome mais apropriado, não acha? No início, quando a tua mãe me confessou o que podias fazer, pensei que a fraqueza física também tinha afetado a mente. Durante anos desejei conhecer-te e verificar se era verdade o que a tua mãe me havia confiado sobre ti, mas Matteo não estava interessado em trazer-te a Veneza. Soube que devia oferecer-lhe um ducado. Por isso lhe propus a união de nossas famílias para que te trouxesse a mim.

Então veio a Veneza e verifiquei com meus próprios olhos que minha querida Costanza não estava tão louca como tinha temido. Na noite anterior ao teu batismo, cortei o meu braço, pronto a descobrir o teu segredo, até me ofereci como teu padrinho para te poder tocar, e assim que o fizeste, senti o ardor da ferida desapareceu como se fosse um coágulo.

—Sabia... Sempre soube. — A surpresa o impediu de fiar mais de três palavras.

— Não acontece nada em Veneza que eu não saiba, e deveria me agradecer.

— O que quer dizer com isso?

—Salvei-te muitas vezes, filha. Não só de Livia e a humilhação pública que tinha armado para ti, mas também de Dino e da sua ânsia por nascer, da Ordem e das suas reticências sobre a tua validade, mas sobretudo salvei-te do teu pai.

— Então é verdade? matou meu pai.

— Não exatamente. Digamos que acelerei o processo. Seu pai tinha muitos inimigos que não teriam sido tão misericordiosos como eu fui. Quando o empurrei para o canal estava tão bêbado que nem sequer se deu conta do que acontecia.

— E sua esposa? — perguntou tentando ganhar tempo para que chegasse a donzela com o café e tentar pedir-lhe ajuda.

— A morte de Serena foi um erro de cálculo, pensei que sua mãe sobreviveria, e que então poderíamos estar juntos. — Seu olhar ficou melancólico ao falar de Costanza.

— O que vai fazer comigo?

— Nada, querida. Você é a pessoa mais importante neste mundo para mim. Eu já disse que iria protegê-la e vou fazê-lo. Tu és a única coisa que me resta dela, por que crês que te casei com meu filho? Teus filhos serão meus netos como o serão de tua mãe. A vida nos separou, mas você nos unirá.

— E quanto ao meu pai e sua esposa? Você os matou.

— Apenas acidentes, minha querida. Os acidentes acontecem nesta cidade engolida pela água, mas se tem cuidado não tem por que acontecer nada — ameaçou, olhando-a com fixação.

— Acabou de prometer me proteger e agora...

— Você me interpretou mal, Aria. Não falava de você, mas de

Alessandro. No entanto, o meu filho não terá nada a temer se me aceitares como pai e te comportares como a filha que devia ter tido com a minha querida Costanza. Você não concorda comigo?

— Sim, pai —disse querendo sair de lá.

Os olhos do Duca se encheram de um brilho intenso ao ouvi-la chamá-la desse modo.

Capítulo 36

Beatrice soube que algo não estava bem quando ouviu uma das donzelas falar do encantador que era o lacaio da viscondessa. Quando cruzou o corredor a toda pressa e se aproximou delas para lhes perguntar de que falava as moças lhe explicaram que Guido, o lacaio em questão, tinha acompanhado a sua cunhada nessa manhã e que continuava na cozinha esperando para escoltá-la de regresso a Sinibaldi.

O alarme disparou de repente em sua cabeça quando compreendeu o que tinha acontecido, e dez minutos depois estava às portas do palazzo procurando a seu irmão, e sem saber até que ponto devia lhe contar a conversa que manteve no dia anterior com sua esposa.

O mordomo de seu irmão lhe disse que o Visconde não estava em casa, e assustada como estava se foi dali sem sequer lhe responder ou despedir-se, alimentando com isso a fama de orgulhosa que ostentava entre a servidão.

Seu novo destino foi a casa de sua avó, e quis o destino que não só encontrasse ali a Francesca, mas que também encontrasse com seu irmão, que tinha ido até o palazzo para gerir a venda de certas terras que a Marchesa queria repartir entre seus arrendatários.

—Alessandro! — gritou, assim que o viu.

—O que foi, Beatrice? Você está bem? — Foi a primeira vez desde a

morte da sua mãe que viu a sua irmã com aquela expressão assustada no seu lindo rosto.

—Aria —limitou-se a dizer.

Alessandro deixou de raciocinar quando se lembrou do encontro que sua esposa tinha marcado com sua irmã, que o olhava a cavalo entre o temor e a pena.

— Onde está a minha mulher?!

Irmão, você tem que se acalmar e me ouvir. Precisamos da vovó.

—A Nonna¹¹ saiu. Encontraram Dino Selvaggi, seu secretário, com o pescoço quebrado às portas de uma taberna perto do porto. Mas me diga, onde está Aria? Ela disse que ia te ver —disse, passando as mãos pelo cabelo, nervoso.

—Está bem. Sente-se, há algumas coisas que você precisa saber.

Impaciente por descobrir o paradeiro de sua esposa e o motivo pelo qual Beatrice estava tão alterada, tomou assento, e ouviu o relato que explicava a melancolia que havia invadido a Aria durante os dias posteriores à morte de seu pai, e que tal como tinha imaginado, não se deviam tanto à morte de seu progenitor como ao modo como o tinha feito.

— Para onde acha que ele a levou?

—Ao seu terreno —declarou Alessandro, pensativo—. Ao lugar onde se sente quase um Deus... O lugar onde dirige os destinos de todos nós.

—San Marco. — adivinhou Beatrice.

— Achas que ele quer magoar a Aria?

—Não sei. Devo ir já esperei demais e minha esposa precisa de mim.

A porta do gabinete abriu-se de repente, mostrando ao Leo, que tinha estado a ouvir a conversa através da porta entreaberta.

—Não irá sozinho —declarou este com firmeza.

—Leo, você ainda não está em condições! Suas costelas! — pediu Beatrice, assustada por sua segurança.

Seu irmão sabia se mover pela Ordem, conhecia os que a conformavam, mas Leo não seria mais que um intruso para eles, e o perigo se multiplicava devido a sua condição de servo.

— Não posso ficar aqui sem fazer nada, Bea.

— Agradecerei eternamente sua ajuda , declarou Alessandro.

—Conta com ela. Aria é muito importante para mim. Se fosse eu que estivesse em perigo ela não hesitaria em vir me buscar. Devo-lhe o mesmo.

—Te espero lá fora —disse o Visconde. deixando-os a sós para que falem. Não demore, não sabemos quanto tempo faz que a levou.

E dito isso saiu da sala com passos longos. Com intenção de deixar uma nota para quando a Marchesa retornasse, por se for necessária ajuda adicional.

— Leo, por favor, tenha cuidado—rogou Beatrice.

— Não se preocupe comigo.

— Não sei como não — confessou, pregando os olhos no verde dele.

— Desta vez não vou ser eu a mostrar-lhe o modo — respondeu, saindo depois de Alessandro.

Tal como tinha prometido o Protetor uma donzela entrou, uma hora depois de ter chegado, com uma bandeja com café. A garota se desculpou ao ver Aria e voltou para voltar quase imediatamente com uma xicara de mais para poder lhe servir a fumegante bebida. A conversa que tinha mantido durante esse tempo com seu sogro tinha sido marcada pela obsessão que este sentia por sua mãe, e por acontecimentos insubstanciais e inclusive frívolos que para ele resultavam importantes, como as amantes que tinha tido seu pai, ainda casado com Costanza, e os rumores que esses romances tinham provocado na sociedade.

Foi então que Aria compreendeu o grau de loucura e obsessão que seu sogro havia alimentado durante todos esses anos por sua falecida mãe.

—De certa forma você se parece muito com ela... Tão doce apesar de seu caráter decidido. — Disse, como se a conversa que mantinham fora do normal.

— Minha mãe também tinha muito caráter, foi capaz de renunciar a mim para me proteger da Ordem.

—Você não vai ter que renunciar a nada. Já te disse que eu te

protegerei. Ninguém mais ousará duvidar de ti ou pôr-te em perigo revelando teu segredo —Prometeu com solenidade.

—Você vai me proteger como você protegeu minha mãe? Você pode me dizer, quem vai me proteger de você e da morte que você semeou ao meu redor? Das intrigas que teceis deste mesmo lugar, estarão meus filhos, os netos de minha mãe, seguros com você como avô?

O rosto até o momento impassível do Protetor revelou seus pensamentos: surpresa e confusão primeiro e uma firme resolução depois.

Durante quase um minuto, ele apenas olhou para ela sem fazer nenhum som. Aria temia que suas palavras o tivessem transtornado de alguma forma. Ia levantar-se da cadeira para se aproximar e ver se estava bem quando finalmente falou:

— Eu, querida. Jurei defender-te e o Protetor de Veneza sempre cumpre com sua palavra. Custe o que custar. Valha o que valer...

Com naturalidade bebeu o último gole de sua xicara, e para estupor de Aria inclinou-se sobre suas pernas para tirar as botas, que deixou cuidadosamente colocadas debaixo de sua mesa.

Em completo mutismo levantou-se de sua cadeira e se aproximou até a janela situada ao leste, ou seja, o que não dava para o canal mas para a praça. Em um movimento tão rápido que impediu Aria de reagir, Giuseppe Ruspoli Duca de Lido, abriu a janela de cristais de cores e deixou-se cair aos

pés da Ordem de São Marco, levando até o final sua promessa de protegê-la de todo mal, Incluindo ele próprio a si próprio.

O grito da jovem rasgou a quietude da permanência justo no instante em que se abria a porta do escritório e Alessandro e Leonardo irrompiam nele com o temor de ter chegado tarde demais bombeando em suas têmporas.

As camadas negras do luto das últimas semanas tinham dado lugar às douradas próprias da Ordem.

Alessandro, o novo Protetor de Veneza, estava rodeado pela sua esposa, a nova Duchessa de Lido e a sua irmã. Suas principais aliadas em San Marco, embora não as únicas. Com o novo cargo haviam ingressado na Ordem, além de Beatrice Ruspoli, o Conte e a Contessa de Lamarte.

O novo Marchese de Vurano, filho de um primo distante de Matteo Colonna, seguia os passos de seu tio e pretendia assumir o cargo de Protetor que atualmente ostentava Alessandro Ruspoli, Duca de Lido e legítimo herdeiro da Ordem. Um Protetor cuja maior ambição era cortar a influência de São Marco e acabar com a hegemonia desta sobre a cidade que tanto amava.

Para isso, e pela primeira vez na sua história, contava com mais aliados nas suas fileiras do que jamais teria imaginado, mas todos os envolvidos sabiam que não seria uma tarefa fácil.

Seguindo o protocolo estabelecido Aria posicionou-se ao lado direito

de seu marido, enquanto Beatrice fazia o mesmo no esquerdo:

— Deus, honra et Vèneta. — gritaram os presentes—. Vivat Protec¹²

Queridíssima filha, minha querida:

Se o destino colocar nas tuas mãos este diário, só espero que compreendas como sempre me senti feliz por ser tua mãe. Amei-te desde o primeiro momento em que soube da tua existência, e amar-te-ei até ao último dos meus dias.

Gostaria de ter visto você crescer, te ouvir me chamar de mãe, te ver dar seus primeiros passos... Apesar de não ter sido assim, sempre estive presente em minha vida e em meu coração. Não tenho esperanças de viver muito mais, de modo que te rogo que sejas feliz, que desfrutes de cada momento que a vida ponha diante de ti, que respondas à adversidade com valentia, à felicidade com humildade, mas que antes de tudo sejas tu mesma: A menina especial que você era antes mesmo de nascer.

*A tua mãe que te adora.
Costanza Colonna, Marcha de Vurano.*

Epílogo

Alguns meses mais tarde.

O ar cheirava como Aria recordava uma mistura de especiarias, árvores e mar. A pedido da Duchessa de Lido, a família Sciascia não tinha sido informada da sua chegada, desejava que a visita fosse uma surpresa para a sua avó e amigos. Depois do seu casamento e da morte do seu pai, a correspondência com Lucrécia tinha sido constante, e até planeavam que ela os visitasse em breve em Veneza. Foi por isso que a Aria quis manter em segredo a sua viagem a Torcello, porque a avó não esperava vê-la tão cedo.

—Muito obrigado por me convidar, Aria —disse Beatrice, que olhava interessada a paisagem pela janela da carruagem que ambas compartilhavam.

—Nada de agradecimentos, fiz por puro egoísmo. Vou precisar de uma amiga quando a minha Nonna me contar tudo o que aconteceu na ilha desde que parti. Além disso, tenho a certeza que o Leo está feliz por te poder mostrar a casa dele, tenho a certeza que ele te vai levar à cidade para conheceres o pai e os irmãos dele.

—Eu não estou tão certa disso. Ele voltou a fechar-se comigo —explicou, Beatrice com tristeza.

—Ele sempre foi reservado. Dê-lhe tempo.

Como se soubesse que falavam dele, Leo que cavalgava junto a Alessandro e aproximou-se da carruagem para lhes anunciar que a mansão Sciascia já se encontrava frente a eles.

Um sorriso que nasceu do fundo de sua alma instalou-se no rosto de Aria, que quase sem se dar conta começou a acariciar-se o ventre em um gesto maternal e protetor.

Assim que a carruagem parou e quase sem esperar que colocassem a escada, desceu de um salto para ir correndo para dentro da casa. Alessandro estava prestes a correr atrás dela, preocupado que ela tropeçasse e caísse. No entanto, foi interceptada a meio caminho por uma donzela.

—Nobildonna, Aria, é você?

—Sou eu, Maria. Quanto me alegro de te ver. Onde está minha avó? Estais todos bem?

—Estamos todos bem e a duquesa está no jardim dos fundos, perto das cavalariças. Desde que você partiu abandonou o gabinete em favor do sol e da companhia de Tomaso —Ela relatou a menina.

— Obrigada, Maria. Por favor, acomoda os meus convidados, vou cumprimentá-los.

— Claro, nobildonna, Aria.

Virando-se para enfrentar a carruagem e seus amigos, estendeu a mão para seu marido.

—Alex, por favor, me acompanhe —pediu e acrescentou—. Leo, pode cuidar de Bea enquanto falo com minha avó?

— Será um prazer —respondeu com cortesia.

Como Aria pediu, Leo acompanhou Beatrice ao interior da casa e se encarregou de que lhe dessem um dos melhores quartos de hóspedes. Ele estava indo embora para cuidar de si mesmo quando ela pediu para mostrar os estábulos:

—Em que podem interessar à irmã de um Duca as velhas cavaliariças? — perguntou com autêntica curiosidade.

— Ouvi dizer que era uma espécie de casa para você, disse ela, ligando seu braço ao de Leo.

— Por isso mesmo, não entendo. Você é....

— Leo, basta —lhe cortou, aborrecida pelo conhecido discurso que sabia que viria a seguir.

—Sinto muito. Suponho que os velhos costumes tardam em desaparecer, só te rogo que não se renda comigo.

— Não o farei, Leo. Não poderia fazê-lo, mesmo que quisesse, e não quero fazê-lo.

— Nesse caso não vou ter mais remédio que te ensinar as cavaliariças, e pode ser que até te arrume algum cavalo e te mostre os prados mais bonitos que já viu —brincou, mais relaxado do que havia estado em muito tempo.

Aria passeava pendurada no braço de seu marido quando distinguiu ao longe duas formas que conhecia à perfeição: uma curvada e pequena, e outra majestosa e elegante. O desejo de estar mais perto a empurrou a soltar-se de Alessandro e a empreender uma carreira até eles. Seu estado ainda não a impedia de mover-se com agilidade, de modo que em menos do que qualquer um poderia supor por tratar-se de uma dama, se pôs diante deles deixando-os momentaneamente aturdidos e sem poder articular palavra. A duquesa foi a primeira a reagir:

—Aria! Gritou, aproximando-se para abraçá-la.

—Vovó, Tomaso! Como estou feliz em vê-la novamente.

Durante alguns minutos Alessandro permaneceu em segundo plano enquanto sua esposa se reencontrava com sua família. No entanto, uma vez passados esses primeiros instantes, a própria Aria virou-se à sua procura e pegou na sua mão para arrastá-lo até ao círculo da sua avó e do Tomaso.

— Vovó, Tomaso, este é o meu marido, Alessandro Ruspoli -lhes apresentou.

—Duquesa, é uma honra conhecer a mulher que criou a minha esposa e que fez tão bom trabalho —brincou com seu habitual encanto.

—Signore Tomaso, prazer em conhecer o homem a quem devo a minha felicidade atual. Você e seus conselhos sempre serão bem recebidos em Sinibaldi —ofereceu com sinceridade.

Conversaram até que Maria lhes anunciou que a comida estava pronta. Tomaso recusou o convite de Lucrécia para dividir a mesa com eles, não sem antes obter a promessa de Aria de visitá-lo mais tarde. Não obstante, a Duchessa de Lido tinha usado seu dom sem ser quase consciente quando tomou a mão do velho entre as suas e enquanto falavam tinha acalmado o clamor de seus velhos ossos.

Eles estavam voltando para casa quando um grito abafado, como se viesse de longe, fez a duquesa viúva se virar para olhar para sua amada neta, que sorria para o marido com um brilho especial nos olhos.

Fim

Nota da autora

Uma noite sob o céu não é um romance histórico, nem era minha pretensão que fosse. Trata-se de um romance ambientado num contexto histórico e político que tentei criar da forma mais realista possível. Embora a Itália não unificada destes anos de história tenha dificultado um pouco essa intenção, dada a pouca documentação que pude encontrar.

Por estas razões, tomei certas licenças para que a trama tivesse coerência, sem deixar de me adaptar à realidade do contexto histórico da cidade de Veneza, na qual a história se desenrola.

Tanto os títulos nobiliários como as ordens que aparecem são inventados, embora como disse anteriormente, estão baseados em fatos históricos reais ou em ilhas pertencentes à nação.

Em todo caso, minha única intenção ao escrevê-la foi que desfruteis de *Uma noite sob o céu*, uma novela que, depois de tudo fala de amor, o mais universal e atemporal dos sentimentos humanos.